



*Lídia  
jorge*

*a noite  
das mulheres  
cantoras*



D. QUIXOTE

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# Ficha Técnica

Título: *A Noite das Mulheres Cantoras*

Autor: Lúcia Jorge

Capa: Rui Garrido

Edição: Cecília Andrade

Revisão: Clara Boléo

ISBN: 9789722045414

Publicações Dom Quixote

[Uma chancela do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2011, Lúcia Jorge e Publicações Dom Quixote

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[www.dquixote.leya.com](http://www.dquixote.leya.com)

[www.leya.pt](http://www.leya.pt)

## SOBRE ESTE LIVRO

As páginas que me chegaram às mãos e me permitiram escrever este livro eram em número de trinta e quatro, não vinham acompanhadas por título, e alguns nomes e factos eram diferentes. Nesta versão alargada, é ainda de minha inteira responsabilidade tudo o resto e a sua imperfeição.

Também convém dizer que numa dessas páginas constava a indicação de uma epígrafe colhida de um livro de Nina Berbérova redigida da seguinte forma – «E aqui terminam as minhas memórias. Mas o meu monólogo, que ninguém ouve, continua.» Menção adequada, tratando-se de uma narração de voz única. Tomei, no entanto, a liberdade de não a utilizar. Em primeiro lugar, porque na história de um bando conta-se sempre a história de um povo, sendo esse o caso das páginas que me foram propostas. Em segundo lugar, porque não existem verdadeiros monólogos. Junto-me àqueles que pensam que narrar, seja lá de que modo for, é sempre uma forma de continuar a infância do mundo. E a sua orelha, que não se confunde apenas com a matéria sensível, por certo que será infinita.

## NOITE PERFEITA

Durante dois dias consecutivos, o vento fustigou as árvores da Praça das Flores, o solo ficou juncado de folhas e gravetos, e vários objectos que haviam sido escondidos para sempre no fundo de sacos de plástico mostraram-se por uma última vez, rolando pelo pavimento. Mas esta manhã a mulher da Câmara desceu do camião munida de uma vassoura comprida e varreu tudo o que encontrou à sua frente para dentro de um carrinho de lata. No momento em que nos cruzávamos, eu ouvia o som das suas passadas dando uma explicação ao mundo – Esquecimento, esquecimento.

No entanto, essa não é a única lei que nos rege. Há cerca de três meses, encontrava-me eu sentada na coxia de um cineteatro, de onde acabava de ser transmitido um longo espectáculo de Verão, quando um homem vestido de branco veio ao meu encontro, voando, de braços abertos – «Lembras-te de mim?» Perguntou. Abraçámo-nos. O seu corpo estava tão leve que dançávamos sem dar por isso, e essa leveza era de tal forma evidente que as câmaras fixaram-nos, pousando o seu grande olho minúsculo sobre as nossas costas, ora as minhas, ora as dele, enquanto rodopiávamos. Como tudo se passava simultaneamente, à nossa volta algumas pessoas gritavam – «Vejam, vejam! Olhem como o João de Lucena dança com a Solange de Matos...» E a acreditar no que diziam, sobre a imagem dos nossos vultos, projectados no ecrã, deslizava uma fina passadeira de letras. O homem leve perguntou de novo – «Lembras-te de mim?» Então Gisela Batista, a protagonista da noite, veio até nós e exclamou – «Que maravilha, toda esta gente se vai lembrar de vocês para sempre. Que lindos que são, que lindos! Não parem, por favor. Olhem como sobre as vossas cabeças a produção está a fazer

cair uma montanha de estrelas...» E retirando-se do centro da história da noite, onde ela e só ela deveria estar, Gisela Batista abriu os braços, com palavras de complacência e admiração – «Meu Deus! Que linda lembrança vamos guardar...» E muitos nos aplaudiam. Mas nós rodopiávamos indiferentes aos brilhos projectados sobre as nossas roupas, porque sabíamos que estávamos a celebrar um encontro no interior do império minuto, e havia vinte e um anos que na realidade não nos encontrávamos.

Então, perante aquela assistência, o que fazer da nossa lembrança privada? Para onde iríamos reconstituir os dias que nos tinham separado? Naquele momento, ao contrário das palavras que corriam à nossa volta, não nos importávamos com o tom de solenidade que os outros atribuíam ao nosso encontro. Tínhamo-nos transformado no centro das atenções sem que nada o justificasse. Aquela era apenas uma noite de Verão, a cena em que havíamos participado fazia parte de um programa como tantos outros, um concurso estival concebido sobre o impacto da emissão em directo, o frenesim do imprevisto a dominar a contingência e, já fora do palco, um dos participantes limitava-se a perguntar a uma adjuvante – «Lembraste de mim?» Por acaso esses dois éramos nós, Solange de Matos e João de Lucena. Haveria algum motivo especial para que os circunstantes se interessassem pelos nossos passos? Como tantos outros, nós apenas dançávamos entre a primeira fila e o palco.

Assim, quando as luzes mais intensas se apagaram, saímos para a rua como os demais, o largo passeio era estreito para o amontoado de gente que o ocupava, nós dois separávamo-nos por instantes, e nesse breve intervalo Gisela Batista abandonou o seu grupo e avançou na minha direcção. A sua inquietação era genuína. Enquanto me segurava nas mãos, os seus olhos devoravam a minha cara, perguntando-me – «Solange, estás bem?» Assegurei-lhe que sim, que estava bem, mas Gisela não acreditava no que eu lhe dizia.

Os seus olhos continuavam a devorar-me – «Não mintas. Tu bem viste o estado em que apareceu à nossa frente aquele sujeito. Mas ouve, Solange, juro que não fui eu quem o chamou, foi a produção. E não foi por mim que ele veio, foi por ti. Queres ouvir? Pergunta ao Fernando Santos...»

«Fernando! Chega aqui, por favor, conta o que te dizia o Lucena quando lhe ligavas para Amesterdão. Conta lá, meu amor...» E o produtor, remexendo as chaves no bolso, começou por dizer – «Pois é verdade, Gisela, sempre que o Lucena vinha ao telefone eu explicava que a concorrente era a Mimi, mas ele só perguntava pela Solange, queria saber se a Solange teria algum papel no espectáculo, se cantava, se dançava, se falava. Enfim, eu sempre dizia que não, que a pessoa convidada era Gisela Batista, a Mimi, mas ele fazia ouvidos de mercador...» E aquele homem chamado Fernando, movimentando as chaves, tinha muita pressa em retomar o automóvel que se encontrava guardado no subsolo da Avenida, e no entanto ia dizendo – «Grande noite, grande furo! Bem mereceste este triunfo, ó Gisela, bem o mereceste tu. Foi uma noite de arromba. Havia muito tempo que não acontecia um final de noite assim. Só que a tua vitória também se deve ao número do Lucena. Eu mesmo tive a ideia de o chamar, mas confesso que não sabia de coisa alguma. Quem poderia adivinhar o seu estado? Quem poderia? Grande coincidência, grande furo...»

As palavras do produtor surgiam de forma tão esclarecedora quanto rápida, eu tinha a ideia de que elas me rondavam à velocidade da luz. Sobre o passeio, Gisela Batista ainda se encontrava vestida de Cleópatra como se continuasse em cima daquele palco. Agora já havia feito dois passos atrás, já se preparava para dar meia volta, e eu aguardava que ela retirasse a sua conclusão. Iria ser a adequada, como sempre. E assim foi. Gisela apertou a minha mão, murmurando palavras em surdina, e de algumas delas era possível perceber o sentido – «Eu não te dizia?

Tudo se passou nas minhas costas. Como é que eu ia saber? É só para que vejas que não tive nada a ver com este assunto. Ele veio de sua livre vontade, e porque outros tiveram a ideia, não porque eu o tenha chamado...»

E como se acabasse de lavrar, assinar e datar um documento em que se declarava inocente, Gisela Batista, a antiga *maestrina*, a número um da nossa banda, voou na direcção do ruidoso magote que a aguardava na porta do cineteatro. Enquanto isso, do outro lado da rua, João de Lucena levantava a mão para fazer parar um táxi. Encontrava-se ao lado de dois homens vestidos de claro-escuro, e eu tinha a ideia de que os três me perguntavam, no meio da noite de um Julho escaldante como não havia memória –

«Lembras-te de mim?»

Corri na sua direcção, entrei pela porta do táxi e enrolei-me no banco de trás, junto a João de Lucena, com a ideia certa de que tendo nós penetrado inadvertidamente no reino do império minuto, teria sido preferível lá termos ficado. De contrário, uma vez saídos do interior do seu mundo suspenso, e entregues à naturalidade das horas, dali em diante tudo se resumiria a um deslizar devagarinho na direcção dos pavimentos rasos, um deslizar de mistura com folhas, gravetos, pedaços de papel com metades de frase, cascas de laranja, fotografias rasgadas, e nós dois dentro de um táxi, rodeados por estranhos, como sempre, vinte e um anos mais tarde.

Mas o que fazer, agora que tínhamos entrado num táxi?

Para dizer a verdade, a noite minuto havia sido comprida, durara duas horas e meia. Envolvera vinte e cinco técnicos, seis câmaras, um homem entretém, cinco cantoras distintas, meia hora de emissão para cada uma delas, mais a fila dos seus acompanhantes, mais uma cadeira em forma de barca a meio do palco e um palmómetro ligado às lâmpadas vermelhas da referida barca, onde ia parar o som

das palmas transformado em impulso cronómetro. Eu tinha ocupado a coxia lateral mas não sabia que poderia ser chamada quando Gisela Batista subisse ao palco, apenas me tinha sentado ao lado das irmãs Alcides, conforme combinado, sem outra qualquer expectativa.

E isso porque antigamente, quando o império minuto mal se desenhava, no final dos anos oitenta, Gisela Batista, Maria Luísa e Nani Alcides, Madalena Micaia e eu mesma, nós cinco havíamos formado um grupo que cantava e dançava, tendo chegado a gravar um disco, e era essa lembrança que a *maestrina* trazia a público, competindo com as demais concorrentes, de modo a transformarem a noite minuto numa sucessão de momentos carregados de nostalgia. Momentos de tal modo concentrados que, ainda que ocupassem mais de meia hora, na percepção da assistência, cada prestação deveria parecer não durar mais que um segundo. A explicação havia sido avançada pela própria Gisela. Como no passado, dois dias antes, ela mesma nos instruíra – «Não se admirem do que possa acontecer. Naquele meio, tudo o que for eficaz, para ser perfeito, não poderá deixar de ser extremamente rápido. Às vezes uma pessoa fala e nem sabe o que diz...» Tinha avisado Gisela Batista, habituada, ia para dois anos, ao ritmo rigoroso daquele império onde ela se movimentava como um peixe na água.

Resumindo, a meia hora que lhe dizia respeito passou-se do seguinte modo – Depois do concurso das quatro cantoras precedentes, e de um último intervalo que não demorou um instante, Gisela surgiu no meio do palco pisando o espaço ao som da canção *Afortunada*, e o pavimento à sua volta estremeceu. Estremeceu quando avançou juntando à música gravada as palavras que outrora nos identificavam – «Ah! *Afortunada, afortunada / Faz fortuna e não tem nada...*» Também estremeceu aquela espécie de aurora boreal sobre a qual, inscritos em jactos de luz, os nossos

antigos nomes apareciam e desapareciam, bem como as nossas caras de criança, lisas como de louça, vinte e um anos atrás. E exultava, sobretudo, o rapaz entretém, que depois de lutar com quatro cantoras medíocres, enfrentava finalmente uma concorrente digna desse nome. O momento era auspicioso. O animador estava rendido. Ainda Gisela Batista não lhe tinha estendido a mão, já ele se inclinava para os seus pés com dedicação de escravo. Agitavam-se ainda mais as mãos do público que enchia a casa até aos balcões. Para nós três, porém, colocadas nas coxias laterais, nada do que acontecia sobre o palco constituía surpresa. Conhecendo Gisela e o passado de Gisela, bem como o nosso contributo, com o qual ela concorria, nós estávamos em paz, julgando que iríamos assistir a alguma coisa sobejamente prevista. No entanto, os factos iriam partir numa direcção diferente. O rapaz perguntou –

«E que tal, como se sentia a Mimi, enquanto capitoa daquela banda de mulheres giras?»

«Ui! Uma epopeia, meu querido.»

E Gisela Batista, naquela noite de Verão, em vez de falar de si mesma, como seria de esperar, preferiu invocar, um a um, o nome das suas companheiras, apresentando-nos como um grupo sem mácula, elevando-nos a todas à categoria de boa gente, fazendo a sua pessoa dissipar-se no interior do conjunto, uma espécie de modéstia orgulhosa que agradava imensamente ao público. Recostada na poltrona em forma de barca, a *maestrina* descreveu-nos como cinco raparigas magníficas, com histórias e naturalidades distintas, atraídas em simultâneo desde várias partes de África pelo som de um piano. Cinco raparigas nascidas e criadas em regiões diferentes, e no entanto todas igualmente enlevadas pela mesma música. Fora o som de um belo Yamaha de cauda, um instrumento esquecido no interior de uma garagem diante do Tejo, fora seu o teclado que nos havia chamado, uma a uma, movendo a dentadura

mágica, noite e dia, sem parar. Um belo espécime brilhando como uma pérola negra no meio do entulho, sem qualquer mão que o tocasse. Um piano executando por si mesmo uma partitura cujas últimas notas só se teriam extinguido no momento em que nós cinco, vindo por caminhos diferentes, nos havíamos reunido à volta do instrumento. Passado todo aquele tempo, ela ainda se lembrava, como se tivesse acontecido naquela mesma manhã, do momento em que a última vocalista a chegar à garagem se tinha encostado ao corpo do piano, dizendo – «Aqui estamos nós. Eu vim caminhando por cima do Oceano...»

Tinha explicado Gisela, contra tudo o que era esperado. E assim, aquele público, tocado por uma história de transcendência, tão intrusa e tão bem contada, não dispensou a nossa identificação, e de um momento para o outro nós três emergimos das coxias para ocuparmos, a toda a largura, o quadrângulo do ecrã, sem que tal tivesse sido minimamente previsto. O que não era desagradável. Apresentadas por Gisela Batista como descendentes dos pedaços de um velho império perdido que ainda fazia doer por aqui e por ali, tivemos de nos levantar para agradecer o aplauso. O aplauso que ia bater no palmómetro, o palmómetro que enviava a mensagem mensurada às lâmpadas da barca, as lâmpadas que se acendiam, apagavam e voltavam a acender, fazendo justiça ao desembarço da concorrente, e a incandescência das lâmpadas que por sua vez se transformava em grandes números vermelhos. Uma corrente tremenda. O animador não sabia o que dizer, estava deslumbrado. O animador regressava ao assunto – «Um piano, noite e dia, a convocar cinco raparigas dispersas pela Terra?»

«Sim, a chamá-las, a uni-las, atraídas por uma ária interminável, executada por mão invisível...»

«Lindíssimo!» – Comentou o rapaz movendo-se, também ele, com a agilidade de um peixe, nas águas do império minuto.

Nesse instante, a canção gravada ressurgiu, todo aquele volume de som saiu do palco e bateu nos confins da sala – «*Afortunada / Tem morada, não tem casa / Tem amor, não tem amante / Tem valor e não tem fama / Por isso / Esta canção te dá tudo / E não quer nada...*» Depois, a retumbância abalou dos confins do salão, avolumou-se e preencheu a amplidão do palco. A concorrente não deixou que se encerrasse aquele momento. Apoiada no animador, com quem por certo deveriam estar combinados todos os passos, Gisela Batista introduziu um novo tema. Um assunto que se mantinha confinado ao nosso pequeno grupo, um segredo só nosso, guardado havia mais de vinte anos, e por qualquer razão cujo fundamento me escapava por completo, a concorrente tinha pressa em desvendar, naquele preciso instante. Era por certo o efeito do reino do efémero, a certeza de que o feito ocorrido em cada minuto não teria consequência para além dele mesmo. Gisela Batista não perdeu tempo, aproximou-se do limiar do estrado, com uma câmara atrás de si, e bradou na minha direcção – «Só agora posso dizer a verdade. Foi ela...» Designou-me com o braço. «Foi Solange de Matos, que além está sentada, quem escreveu todas as letras da *Canção Afortunada*. Todas, mas todas, desde a última à primeira, ainda que só passado este tempo o possamos revelar...»

«Meu Deus!»

O rapaz entretém mostrou-se siderado de espanto.

Então, afinal, Solange de Matos era a autora das letras e tinha usado quatro heterónimos? Quatro nomes para uma só pessoa?

– «Como assim?» Perguntou o rapaz como se apanhado de surpresa por uma revelação demasiado tardia, ali, diante de todos. Mas o mínimo que se poderia dizer daquela assistência é que se tratava de gente bastante sensível, um público habituado a lidar com a representação dos estilhaços da alma, pois ao escutar a palavra relativa a heteronímia, a sala enlouqueceu. O olho de uma das

câmaras atirou-se sobre a nossa fila, as irmãs Alcides foram entrevistadas, ao contrário do que estava previsto, eu tive de subir ao palco, e Solange de Matos surgiu durante um minuto como uma letrista entre grandes letristas. Na conversa cruzada que se seguiu, nomes célebres foram mencionados. Até mesmo nomes lendários, ligados a momentos não menos lendários, como os de Michel Vaucaire, Ray Evans e Vinicius, o grande Vinicius de Moraes, de mistura com Solange de Matos. Nessa condição, Solange, a letrista, transformada em adjuvante da concorrente, teve de reproduzir toda a letra de *Afortunada* e depois *A casinha em Nova Iorque*, e esse segredo das nossas vidas, durante tantos anos guardado, rendeu um minuto de epifania. Eu não sabia como proceder, estava feliz pela revelação e ao mesmo tempo angustiada pela forma como tal acontecia, mas para ser franca nem tempo tive de proceder ao balanço entre a alegria e o mal-estar. Pois ainda eu confirmava, diante daquele público, que de facto era verdade, que eu mesma havia escrito a maior parte daquelas letras, e já se abatia sobre a sala a música de *Onde vamos morar*, como se fosse uma ilustração de tudo quanto não fora dito. Melhor dizendo, ainda eu não me encontrava refeita daquela espécie de assalto ao meu novelo escondido havia duas décadas, e já a voz gravada de Madalena Micaia batia de encontro às paredes da grande casa, abaulando-as de intensidade, especialmente quando entoava a última palavra da interrogação *Onde vamos morar / Na paixão ou no mar*, e o compasso alcançava o balanço perfumado de um *blues*. Uma forte dor de cabeça. Ou por outras palavras, um dos passos íntimos da minha vida acabava de ser exposto em público, sem apresentação de causa nem de consequência e, passados dois segundos, já eu me encaminhava na direcção da coxia, ouvindo uma outra melodia estostrar nas minhas costas. Sentia-me assaltada. No entanto, de nada tinha que me queixar.

Dos escassos segundos de que era feita aquela meia hora dedicada a Gisela Batista, três deles haviam sido ocupados em saldar uma dívida que apenas a mim própria dizia respeito. Nesse caso, eu só tinha de agradecer a Gisela a menção daqueles factos passados, já que para si própria de nada servia tê-los invocado. Pura generosidade, a sua. Gisela não precisava de ter referido a minha história para que as lâmpadas acendessem, como naquele momento acendiam, somando incandescências que se transformavam em números de elevadas centenas. Outro qualquer episódio teria dado o mesmo resultado. O seu a seu dono. A sensação de ter sido assaltada num local inacessível da alma era autêntica e doía de uma forma difusa por todo o corpo, mas não se justificava. Afinal, eu acabava de ser ressarcida de uma dívida antiga. A prova é que as irmãs Alcides me olhavam, ali mesmo ao lado, e até elas se sentiam reconfortadas. Ouvia-as rir e cochichar de satisfação. «Correu bem, não correu?» – perguntava Maria Luísa, em voz abafada. Um segundo antes, e eu teria dito – Horrível. Agora que tinha reflectido, e deixado passar esse imenso segundo, eu só podia dizer – «Correu admiravelmente, claro que sim.»

Naquelas circunstâncias, o que poderia eu mais desejar?

Mas talvez ainda não tenha sido esse o momento mais surpreendente da noite. Pois quando a voz gravada de Madalena Micaia, a nossa voz mais grave, a voz verdadeiramente poderosa, terminou a última frase do refrão, acompanhada pelo trauteio de Gisela Batista e pelo coro do público, tanto eu quanto as irmãs Alcides percebemos que tínhamos entrado no território do império minuto para não mais dele podermos escapar. Foi assim – Gisela Batista, tratada ali por Mimi, instada pelo animador para que explicasse a ausência da intérprete daquele magnífico solo, começou a dizer que Madalena Micaia, a voz do grupo, a *nossa voz*, só não se encontrava naquele recinto porque havia muito tempo que tinha

regressado ao seu continente de origem. Gisela até acabou por dizer – «O chamamento da terra pode muito. Você sabe disso, não sabe?»

E disse mais.

Disse que a dona daquela bela voz *jazzística* vivia agora nos arredores de uma cidadezinha de África, num lugar sem água, sem luz, sem telefone, sem electricidade, sem antibióticos, sem alimentação condigna, sem nada desta vida, maleitas antigas e modernas a grassarem por toda a parte, e só por essa razão ela não se encontrava naquele palco. Vivia lá longe, distante de tudo. Então, como chamá-la? Como dizer-lhe vem, toma um avião, estamos à tua espera? Vem que não te arrependerás? Uma sala de mil lugares quer aplaudir-te? Como? Sim, como anunciar-lhe aquela noite que a esperava? Se a operadora telefónica nem funcionava daqui para lá? – Explicou Gisela Batista, pondo em evidência a impossibilidade de a voz se encontrar, naquele mesmo instante, ali, no lugar onde de facto deveria estar. O tempo voava. E o rapaz entretém, muito entristecido, clamou por que se aplaudisse a ausente, rodeada de peste e sida, lá numa escura cidadezinha distante, feita de latas, papelão e cascas de árvore.

A sua tristeza aumentava – «Palmas, então, para Madalena Micaia, que vive numa casota em África, sida e peste por toda a parte. Palmas para ela. Que até pode estar a ouvir-nos e a ver-nos, se acaso se der a feliz coincidência de haver um televisor por perto, pois estamos a emitir para o mundo.»

«Para o mundo» – disse Gisela Batista.

E a *maestrina* acenou para as câmaras, dirigindo-se a Madalena Micaia, já que o mundo era um espaço sem limites, incluindo a Terra redonda, e num lugar qualquer da sua superfície lá estaria a rapariga da voz magnífica a viver obscuramente. Era assim a vida da gente. Lá estaria. Mas como eu sabia que Madalena Micaia não estaria à superfície da Terra, não estaria nunca mais – nós quatro sabíamos-lo igualmente – a mim mesma me perguntava por que

razão teria Gisela Batista enveredado por semelhante enredo, vinte e um anos mais tarde. O que pretendia alcançar? Essa pergunta prendia-nos às cadeiras.

Sentadas nas coxias, tal como eu, as sopranos também não se moviam, estavam paralisadas, mas não valia a pena alimentar qualquer sentimento de estupefacção. Tudo se passava à nossa frente como se ali não estivéssemos. A barca de lâmpadas para onde era emitido o impulso síncrono do palmómetro tinha-se transformado num braseiro incendiado de vermelho. A corrente de solidariedade com África, desencadeada pela invocação da figura ausente de Madalena Micaia, assim o reclamava. Chegando ali, já todos sabiam que Gisela Batista, a mais conhecida de entre as concorrentes, a melhor apetrechada, aquela que vinha munida de um disco sentimental editado em oitenta e oito, a que era capaz de transformar a hora da nostalgia num vórtice de alegria e triunfo, a que sabia movimentar-se no território do império minuto como se esse fosse desde sempre o seu quarto de dormir, tinha excedido a soma acumulada das cantoras precedentes, e eu rendia-me por completo ao seu talento. Ultrapassado o primeiro impacto, a minha admiração pela nossa antiga *maestrina* era tão profunda quanto a do animador e a do público. E o mesmo deveria sentir a muda e paralisada Maria Luísa. O que já não se passava propriamente com Nani Alcides.

Sentada a meu lado, Nani mantinha-se em estado de irreverência. Era inacreditável como não tinha mudado em nada, a mais jovem das irmãs Alcides. Até àquele momento permanecera calada, mas agora, tal como no passado, ela pretendia intervir, pretendia provocar alguma coisa, gerar um movimento, um grito, uma interrupção qualquer. A vontade que certas pessoas sentem de fazer suster o que não se pode parar. Eu sabia como era. Naquele instante, Nani fazia contas de cabeça e chegava à conclusão de que

o filho de Madalena Micaia deveria ter agora vinte anos, e à medida que Gisela ia dizendo aquelas palavras, via-o sair pela porta da casinha de lata com uma metralhadora à cintura, duas asas escuras nas costas, via-o voar por cima dos continentes, e arrasar várias cidades a partir dos céus nublados. Por isso Nani, ali tão perto da coxia, falava com voz mais alta do que convinha. Exaltada, perguntava – «E se saltássemos para cima do palco, e se disséssemos a verdade? Se contássemos como tudo se passou? Se acabássemos de uma vez para sempre com esta hipocrisia?» Nani apertou-me a mão direita a ponto de me magoar. A soprano chegou mesmo a levantar-se, chegou a gerar até um certo burburinho à nossa volta, várias cabeças viraram-se para nos observar, os câmaras voltaram costas, o operador fez um sinal de que havia detectado um problema na assistência, e um moço começou a descer na nossa direcção, mas não valia a pena tomar qualquer tipo de providência. Eu conhecia o temperamento de Nani Alcides ia para mais de duas décadas, por conseguinte, conhecia os seus impulsos e as suas retracções, sabia que não correria qualquer risco de vir a dar um passo para além dos limites estabelecidos. Nani era desse jeito.

Mais uma vez o confirmava. Assim como Nani se levantou e esbracejou, e ameaçou romper com a compostura do momento, assim Nani se sentou, retomando o seu lugar.

Estava correcto.

Vendo bem, ao contrário do que a soprano tartamudeava a meu lado, Gisela não mentia, o passado é que era imperfeito, e para os seus factos se adaptarem ao entendimento do presente, o relato que dele se fizesse carecia de ser transformado. Apenas isso. Nem sequer se poderia falar de fantasia. Não, não era fantasia. Tratava-se tão-só de uma outra verdade. Afinal de contas, o relato de Gisela era uma outra verdade que trazia ao presente a coerência que lhe

faltava, enviando ao futuro a esperança que de outro modo poderia não ter lugar. E se aquela narrativa se adaptava perfeitamente ao que era necessário, para que iríamos desencantar do fundo do esquecimento a versão verdadeira? Invocados os factos tal como haviam decorrido, o passado poderia transformar-se numa ameaça. Doido seria quem o tentasse reproduzir. A razão ponderada é uma criatura poderosa. Resultava tão claro que assim era, a partir das palavras proferidas por Gisela Batista, que até Nani Alcides já deveria estar a pensar o mesmo que eu, naquele preciso instante. Que Gisela não era uma mulher, era uma maga. E assim Nani acalmou-se, sossegou, e ali ficámos, como vinte e um anos antes, de mãos dadas, apertadas, muito quietas nos nossos lugares, com imagens loucas a passarem pelo interior das nossas cabeças, os fragmentos da lembrança a ajustarem-se, a adaptarem-se à nova realidade, e a entrarem, pouco a pouco, na zona da estabilidade e do repouso. Não há inteligência que não conduza ao exercício do repouso. A própria prudência é já uma das suas instâncias. Os mortos não o contam, mas sabem. Aliás, foi isso mesmo, ou alguma coisa de muito semelhante, que eu voltei a concluir, logo no momento imediato, quando o rapaz entretém apresentou o último quadro da noite. O animador fez uma pirueta sobre os seus tacões e anunciou-o diante dos pequeninos grandes olhos das câmaras – «Ele aí está! E agora, senhoras e senhores?» Perguntou – «O que se irá seguir?» Sabíamos muito bem o que iria seguir-se. As concorrentes eram diferentes, mas as oportunidades eram iguais. O rapaz apontou para o topo da cena e nós confirmámos que havia chegado o momento da figura mistério.

Porque havia uma figura mistério.

Ainda não foi mencionado, mas a meio do palco vinham despenhar-se os últimos degraus de uma escada. Os degraus

superiores permaneciam encobertos, ou pelo menos não se distinguiam, até ao momento em que se preparava a descida da figura imprevista, mas uma vez iluminada de alto a baixo, a escada apresentava-se em forma de caracol como no tempo dos musicais de George Cukor e do Robert Wise, uma curva estratégica para dar vazão à grandiosidade do olhar. Tratava-se do último lance. De repente a escada opulenta transpareceu na luz, oferecendo-se por inteiro à concorrente Gisela Batista. Enquanto isso, na boca de cena, umas rapariguinhas cantavam uma letra que em tempos eu havia escrito – «*Não tem quem quer, tem quem pode / Uma casinha portuguesa em Nova Iorque...*»

Eram umas raparigas fininhas, quase nuas, cantando com solavancos inéditos a canção que nós havíamos cantado, até que desapareceram com uns passos de ginástica, mas nesse momento já tinha sido trocada prosa suficiente entre Gisela Batista e o rapaz entretém para eu saber quem iria descer pelos degraus da escada mistério. Das suas palavras resultava um nome – João de Lucena.

Não havia dúvida, eu tinha a certeza de que ao som dos últimos acordes de *A casinha em Nova Iorque*, agora prolongados em versão instrumental, iria começar a descer a figura de João de Lucena, aquele que fora em tempos o coreógrafo do nosso grupo. Eu sabia, era tão claro, tão previsível. Ali vinha ele em pessoa, deslizando à frente da música – «*Existe, existe / Levaste para lá a casa portuguesa / Onde tu vives, dormes / Fazes arte, ressuscitas, morres / Todos os dias...*» Ali vinha ele. Houve quem o não reconhecesse. Gisela Batista, tão próxima da escada, de braços estendidos à espera da revelação da figura mistério, não o reconheceu. As irmãs Alcides não o reconheceram. Eu reconheci-o. Vi-lhe os sapatos compridos, as roupas largas, demasiado largas, dançando-lhe no corpo, que por sua vez também dançava, via-lhe o casaco demasiado longo. Quem tinha comprado semelhante indumentária para João de Lucena? Quem? – perguntava eu. Era a minha vez de querer levantar-me do

lugar, mas não me movi. As irmãs Alcides, muito surpreendidas, também não se moviam, o que viam sobre o palco dizia-lhes respeito. Por fim, em peso, todos se levantaram. As minhas companheiras também conseguiram sair do seu lugar. Eu fiquei sentada. Era inútil fazer fosse o que fosse. À minha volta a festa era completa, o palmómetro dava a vitória esmagadora a Gisela Batista, e a alegria estival juntava vencidos e vencedores, ora sobre o palco, ora em tropel ao longo dos corredores. As câmaras corriam para além dos espaços convencionais, perseguiram os calcanhares das pessoas, trotavam às arrecuas adiante de Gisela Batista, e de súbito, como já disse, aquele voo de João de Lucena na minha direcção – «Ainda te lembras de mim?» E o nosso abraço, o nosso rodopio, a nossa deslocação dançando até à porta, e a chuva de brilhos e de letras a passar sobre as costas das nossas roupas projectadas, e o grito dos circunstantes – «Olhem o João de Lucena a dançar com a Solange de Matos! Olhem só!»

Depois é que veio a Gisela, e eu não tinha palavras, as irmãs Alcides não tinham palavras. No reino do império minuto as leis acabavam de ser promulgadas e nós ainda não as conhecíamos, ainda estávamos analfabetas em relação a esse estado de espírito. Desorientadas, separámo-nos, cada uma para seu lado, já sobre o passeio da Avenida da Liberdade.

«Solange, estás bem? Não mintas...»

A preocupação de Gisela Batista era genuína. Já o disse. Não me posso queixar. Em seguida ela abalou definitivamente na direcção do seu grupo, tendo antes lavrado, datado e assinado o seu termo de irresponsabilidade em relação ao assunto. Gisela não tinha chamado João de Lucena. Não fora ela quem havia ligado vezes sem conta para o Het Muziektheater até o encontrar no telefone. A responsabilidade tinha sido da produção. Jurava com a mão no peito, e a sua perna esquerda saía pela abertura do vestido comprido, enquanto o fazia. Jurava que jamais poderia ter

imaginado que seria o coreógrafo a pessoa que iriam fazer descer pela escada mistério. Nunca tal lhe passara pela cabeça. Jurava, sim. Gisela despedia-se, com pena, com dor, com alvoroço, com lágrimas nos olhos, com a emoção própria dos vencedores que sabem que perderão alguma coisa se ficarem dois minutos para trás, para darem uma palavra aos vencidos. Não o devem fazer, Gisela não o fazia. A minha admiração por Gisela permanecia intacta. Aliás, a minha admiração pela sua pessoa aumentava à medida que a via afastar-se passeio fora na direcção do seu grupo bem gárrulo. Todos poderiam ir em paz. Aquela noite não era uma parte do dia, era uma estação na hora da chegada. Táxis amontoavam-se em frente do Tivoli, chegavam e não partiam, porque ninguém atinava com o restaurante onde pudesse ser servida tão tarde uma ceia condigna. Proveniente de uma rua lateral, eis que surgia, por milagre, um táxi livre. Dois homens vestidos de branco e *blazer* preto conseguiram detê-lo. Eu vi um braço a acenar. Quando soube, estava acocorada no banco de trás. Fazia bem. Havia dentro do táxi uma alegria extraordinária. O hotel ficava em frente, mas os três homens não tinham vontade de se recolher, tencionavam atravessar Lisboa, se possível, gritando para o ar. Um deles, o mais jovem, falava português, sotaque sul-americano, e queria que o taxista avançasse buzinando, tal como faziam os carros que levavam a comitiva de Gisela Batista a caminho da ceia. O jovem disse – «Apita, irmão, que não te vais arrepender!» E colocou um punhado de euros sobre o *tablier*.

Não me lembro se o taxista accionou a buzina ou não. Fôssemos para onde fôssemos, a noite minuto perseguia-nos, era lá dentro que nos encontrávamos. Se dela saíssemos, começaria a noite dos dias, dos meses, dos anos. Começaria a noite imperfeita dos séculos. Lembro-me que já de madrugada atingimos a Praça das Flores, descemos do táxi, eles não queriam regressar ao hotel e eu não desejava entrar em casa. Estávamos diante das tílias, dos

plátanos, da magnólia intensamente verde sob a luz da iluminação pública. O momento de hesitação era tão decisivo que o inglês, sendo cirurgião, disse na sua língua – «Há momentos assim, quando mal sabemos, ficamos entre a vida e a morte. Não há lâmina que as possa separar...»

Alinhados, os prédios olhavam para nós à espera que decidíssemos. Como quebrar o impasse?

«Eu queria mas era espreitar a tua casa, ocupá-la, mesmo contra a tua vontade, e a oposição da polícia...» – disse João de Lucena, a quem não faltava o bom humor de outrora.

Assim foi, mas quando entrámos pelo rés-do-chão adentro, ainda nos encontrávamos no interior da noite minuto. Poucos poderão gabar-se de terem vivido um momento assim. Olhássemos para onde olhássemos, à nossa volta, tudo era perfeição e harmonia.

*O Conto de Solange*

Lisboa, 16 de Novembro de 2009

## UM

A janela pode continuar aberta, a mesa deve estar livre, a música poderá atravessar o soalho, a resma de papel deverá manter-se disponível ao lado da máquina que a usa. Entretanto, passaram três meses sobre aquela noite inexplicável, e quando dou por mim esqueço a coerência do seu relato e regresso vinte e um anos atrás. Não o desejaria, pois, como disse, passada a primeira ventania, a mulher da Câmara empurrou a varredura para dentro do carrinho de lata e a quietude voltou. Afinal, o Outono ainda não enviou o seu comando definitivo de despedida às árvores, os peixes ainda nadam dentro do pequeno lago no centro da Praça, e o ocupante do rés-do-chão, que saiu logo pela manhã, ainda não regressou a casa. Tudo está no seu lugar. Eu deveria ficar por aqui.

Mas a verdade é que penso nos vários passos da nossa suposta vida, tal como os descreveu Gisela Batista, penso no piano invocado ao longo daquele fantástico serão, na artimanha das suas teclas movendo-se sozinhas, na força do seu timbre de prata a chamar por cinco raparigas, e em vez de permanecer dentro desse relato encantado, onde tudo foi tão verdade, regresso ao tempo em que eu era uma estudante universitária a viver num quarto alugado, na zona do Campo Pequeno, acabada de regressar de umas férias de Verão passadas no Sobradinho. Não o posso negar. Em vez de permanecer no interior daquela bela lembrança, com todos os factos tão fechados, tão definitivos, tão prontos a serem usados pelo futuro, regresso às insignificâncias do passado e nelas me prendo ao seu uso. Insignificâncias, como seja aquela manhã de finais de Outubro em que recebi uma carta do meu pai com o pedido de que me dirigisse a um certo restaurante, para me encontrar com

determinadas pessoas. Sem o desejar, penso nessa carta, uma carta como tantas outras, um restaurante comum, uma missão insignificante. Nada que anunciasse o que quer que fosse. É aí que regresso. Confesso. Quando dou por mim, esqueço a harmonia da noite estupenda criada por Gisela Batista para regressar a esse dia, último trimestre de oitenta e sete. O tempo era outro.

Não me lembro do tempo.

Calculo que por essa altura a cronologia andaria a engravidar dos factos que em breve iriam resultar numa aceleração da História, por certo que esses prenúncios deveriam fazer-se sentir pelas ruas e nas vozes da discussão pública, mas eu era uma rapariga do campo a viver num quarto alugado, tinha apenas dezanove anos de idade e não dava por nada. Eu vivia sobre a pele do mundo. Na minha ideia, toda a paisagem humana era uma extensão da família, e o narrador da minha vida ainda era o meu pai. O papel de admoestador, desempenhava-o a minha mãe. Nessa época, a duzentos quilómetros a norte de Lisboa, eles viviam como rústicos não o sendo, era tudo o que havia para dizer. Nunca falávamos de nós. De resto, do seu exemplo eu tinha recebido a ideia de que o destino é uma oferta que o presente faz ao futuro, e não o seu contrário. Mas agora, passados vinte e um anos, como disse, em vez de pensar naquela noite maravilhosa que nos reuniu diante dum palco, com o brilho das luzes a correr sobre as nossas costas, regresso ao quarto da hospedaria, àquele dia em que fui encontrar a carta no meio do soalho, e por aí me fico. Murilo Cardoso, um dos hóspedes da casa, já me tinha dito à entrada – «Recebeste uma carta, acho que é do teu pai. Meti-a debaixo da porta. O que te dirá?»

Por esses anos ainda se trocavam cartas.

A minha mãe expedia-as à sexta-feira para que eu as recebesse na segunda, de modo a iniciar a semana envolta nos seus conselhos – Filha, tem vergonha, tem juízo, não desperdices o teu tempo, olha que os anos não voltam para trás, não gosto nada desses gandulos para quem escreves os versos, não desperdices o teu tempo andando pelos cafés, toma cuidado com o trânsito nessa Avenida da República onde os carros passam que nem relâmpagos. Que saudades que eu tenho de quando tu eras pequenina. O teu pai prometeu escrever umas linhas, mas deixou-se dormir. Adeus, minha filha. E assim terminava a escrita. As cartas da minha mãe não eram cartas, eram esconjuros. Se havia algum assunto urgente ou importante a tratar, nesse caso, os meus pais faziam telefonemas que não demoravam um minuto. Vinham os dois ao telefone, um falava, o outro ouvia – É só para te dizer que vamos, que venhas, que tragas. Estás bem? Adeus, não te esqueças do que é mais importante, minha filha. Mas naquele dia tratava-se de uma carta do meu pai.

Diria antes, um recado. A meio de uma folha sem linhas, pedia-me que fosse escrever o seu nome e o da minha mãe num abaixo-assinado, o que implicaria participar de um jantar, num determinado restaurante, que ficava numa determinada rua, num determinado número, o que iria acontecer no sábado seguinte. Tratava-se de um protesto contra o Estado. Ele não acreditava nem no protesto nem no Estado, mas tinha confiança em certas pessoas se acaso se moviam, e quando isso acontecia, mesmo que fosse para nada, ele não achava bem que se movessem sozinhas. Seria muito triste. A forma como terminava a carta definia a personalidade do meu pai – «Muito triste, minha filha, deixar o senhor Botelho a esbracejar sozinho. Ainda que seja para nada. Vai lá, e assina por nós. Escreves os nossos nomes, um em cada linha, e colocas entre parênteses a indicação de que és nossa filha e estás mandatada para tal.» – Conhecia o meu pai. No seu modo de descrever, que parecia ser total,

residia a sua forma de acreditar. Acreditar que cada um devia buscar nas suas próprias forças a única resposta para enfrentar os obstáculos. Semelhante estoicismo costuma criar cínicos ou totalitários. Em relação ao meu pai, não era esse o caso.

Passado todo este tempo, invoco a sua pessoa e não preciso de rasurar o épico que nasce da perda, quando rememorada. Nem preciso de colocar na boca de outrem a ideia preciosa de que o destino é uma dádiva que só o presente faz ao futuro. Repito. Era ele quem o dizia e a ninguém mais caberia essa verdade. O nosso passado era a sua ilustração. Basta dizer que depois de uma longa viagem de regresso de África, havíamos reconstruído a nossa vida tomando por alavanca cinco cabeças de gado. A certa altura, nós três, o meu pai, a minha mãe e eu, apenas possuíamos umas malas que abríamos à noite e fechávamos de manhã, à medida de um corredor de hotel onde ficámos alojados durante seis meses. No final desse atribulado percurso, não nos tinham sobejado meios de subsistência de espécie alguma, apenas o dinheiro suficiente para tomarmos um comboio, comprarmos cinco vacas mal nutridas e alugarmos uma ramada sobre um campo que não nos pertencia.

Era o que nos restava de um tremendo erro de cálculo, um apego extemporâneo do meu pai a uma fábrica de chá nos campos do Gurué. Um erro inexplicável. Semelhante circunstância tinha-se-me ficado colada ao corpo de forma tão renitente quanto a imposição física de um membro, ou de uma víscera. Eu não falava do assunto, mas essa travessia vivia comigo de manhã à noite, marcava o meu ritmo e a minha crença, pintava de cores impressivas a minha reserva e a minha juvenil brutalidade. Na aluna que eu era, sentada sobre os bancos da Universidade, não se acumulavam teorias ou ideias vagas sobre os ciclos fechados dos impérios. Antes pelo contrário. No lugar onde deveriam alinhar-se abstracções escolares, em vez das palavras proféticas de Spengler e Toynbee, alojavam-se

concretos apanhadores de chá vergados sob os cestos, o cheiro das folhas delidas sob o efeito da secagem, seguidos do ruminar das vacas, e do estampado preto e branco do seu lombo gordo, almofadas ambulantes que davam leite, como eu tinha descrito numa redacção em criança. Também morava uma espécie de cautela, uma lentidão qualquer, a ensinadela demasiado temporã de que a vida é levada por dois carros e um deles não o conduzimos nós. Um cocheiro encapotado leva metade da nossa vida para onde ele próprio entende. Soubera-o demasiado cedo. Essa reserva dividia-me em duas, e uma parte vigiava a outra, puxada por dois cocheiros adversos. Um deles proibia-me de falar desse passado. Esse mesmo condutor fazia com que eu dissesse a Murilo Cardoso que não havia nada de especial naquela carta. O estudante de Sociologia dava passadas largas pelo corredor, enquanto eu relia a correspondência do meu pai – «Então, boas notícias?» Eu respondia – «Muito boas, sim. Em breve virá de surpresa ver como me comporto por cá. Este meu pai...»

Murilo costumava falar meias horas seguidas a meu lado sem que eu ouvisse metade das suas palavras. Por fim, o cocheiro vigilante dizia por mim – «Adeus, Murilo.»

Foi o que aconteceu naquele dia. Despedi-me do Murilo, empurrando a porta até o trinco fechar, enquanto os seus passos no corredor continuavam cá e lá. Mas Gisela Batista, simplificando, vinte e um anos mais tarde, apenas contou ao mundo que um piano nos havia chamado, noite e dia, e que nós tínhamos obedecido à sua voz inflexível.

Era nessa chamada que eu deveria pensar.

Deveria pensar nessa caminhada, um percurso feito sem ondas nem mágoa, uma levitação de fadas ao longo do Oceano Atlântico, conforme a invenção perfeita de Gisela, mas em vez dessa leveza

mágica, lembro-me da maçadora incumbência dada pelo meu pai. Foi a sua carta que me levou, naquele sábado de Outubro de oitenta e sete, até um restaurante onde havia uma centena de pessoas, e duas delas conduziram-me até ao piano, junto do qual iria decorrer um episódio decisivo que seria vivido por nós com a consciência ligeira de uma brincadeira de crianças. Em tudo isso, a carta do meu pai não foi propriamente uma causa, apenas uma condição.

É verdade que por vezes a contiguidade se confunde com a causa. Pois o que fazer, quando os objectos se alinham no espaço, e não dispomos de outra interpretação que não provenha dessa proximidade? Passados todos estes anos, a carta é uma espécie de tiro de partida para a corrida dos cem metros que eu iria fazer sozinha. Coisa privada, rápida, doméstica, só minha. E dela a minha lembrança. Dizem que a lembrança é a mamã da História. É mentira, só o registo é o pai da História, e também o seu filho. De resto, lembrança é lembrança, fica e mora connosco, mais nada. Tão longa e tão curta quanto a nossa vida. A nossa vida, se bem vivida, não é da História, é do seu sentido. O Murilo andava de cá para lá, no corredor, como era seu hábito, e eu ia pensando – Está bem, está muito bem mesmo. Que remédio, sábado à noite, lá irei, e vou escrever os vossos nomes para nada. Nenhum de nós acredita no Estado nem no protesto. Mas vamos porque acreditamos naqueles que fazem o protesto. Vamos lá.

Fui. A sala do restaurante abria para um pátio coberto onde vinham assomar trepadeiras. Por fora, chamava-se *Ritornello*, mas lá dentro, sobre a parede do fundo, caminhava a representação de uma pacaça em tamanho natural e um caçador furtivo apontando-lhe ao lombo, enquanto os filhotes corriam até às margens do quadro. Era muito claro que a pacaça lançava para o meio da sala um olhar humano. De resto, todo o ambiente era extraordinário. As mesas estavam totalmente ocupadas por pessoas de várias idades, mas a mim parecia-me uma assembleia de velhos regressados de

um tempo de que não havia retorno. Alguns dos presentes tinham vistosos anéis de curso, pesadas pedras vermelhas e amarelas cobrindo-lhes os dedos, e apesar de ser noite, duas senhoras usavam vestidos brancos e grandes capelinas como se estivessem a ponto de assistir a uma corrida de cavalos. À volta das mesas também se sentavam pessoas pobremente vestidas, mas mesmo essas pareciam fazer um esforço para se colocarem fora do tempo. Umas quantas, sobre a lapela de casacos coçados, transportavam lenços coloridos do tamanho de couves lombardas. Eu estava habituada a olhar rápido, mas a decidir lento, e não sabia onde me sentar. O senhor Botelho achou que eu deveria ficar por perto. Era nítido que estimavam que ali estivesse em nome do meu pai. Só depois reparei na alvura das toalhas.

O senhor Botelho disse – «São as toalhas da saudade.»

E foi servido o jantar. Enquanto era servido, reparei que a saudade se transformava em dor, sobretudo no momento em que o senhor Botelho começou a ler uma lista de nomes de pessoas que haviam falecido em consequência do regresso forçado e o silêncio paralisou todos os movimentos. Entre a sobremesa e o café, o dono do *Ritornello* enumerava a longa lista de ausentes e, depois de cada nome, explicitava a causa da definitiva ausência. Falecimento por depressão, suicídio, tumor não benigno. Dizia ele, sem querer referir a palavra exacta. Quando chegou a vez do nome da sua própria mulher, fez-se um minuto de intervalo para recolhimento. Tumor. Depois surgiu o café, as toalhas transformaram-se em panos de ódio. Entre as mesas voavam os nomes alvejados pelo ódio, e todos esses causadores estavam vivos, todos viviam tranquilos e, que se soubesse, a nenhum deles havia falecido um só familiar que fosse, por suicídio, depressão ou cancro. No entanto, entre os regressados, casos havia de acidentes nas estradas que só se explicavam pelo estado depressivo em que viviam os condutores. Os regressados. O senhor Botelho não queria reivindicar recompensas pelas mortes, o

senhor Botelho tinha bom senso, era um homem lúcido, mas baseando-se nos pressupostos de semelhantes perdas, pretendia apenas que o Estado assumisse as suas responsabilidades, que lhes pagasse com urgência o que lhes era devido. Que os indemnizasse pelos bens materiais que lá haviam deixado, que os outros não tinham retorno. «Meus amigos, escrevam aqui...» – disse o viúvo, e o abaixo-assinado começou a circular.

A linguagem das cores está muito simplificada. Só por si a cor branca apresenta um arco-íris interminável. À medida que a petição ia sendo preenchida, as toalhas de ódio transformavam-se em toalhas de esperança. O mais curioso de tudo é que, ao assinarem, muitos sabiam que o faziam sem esperança, e por isso as toalhas se iam transformando em mantos de ironia e sarcasmo. Por vezes até de humor. E de riso. Os circunstantes só não riam mais porque existia o rosto triste do senhor Botelho, vestido totalmente de escuro, a dirigir as assinaturas. Tão solene, tão solene, o senhor Botelho, que a certa altura fomos instados a passar à zona do restaurante, onde se poderia ouvir duas sopranos, as filhas do Dr. Alcides e da senhora Alcides, desaparecidos pouco anos antes, na recta de uma estrada, quando se dirigiam para a sua antiga cidade, em África. Em fila, passámos à sala para escutar as sopranos, e só então percebi que se tratava das irmãs Alcides, duas figuras que eu bem conhecia dos corredores da Universidade Nova, e dos bancos do *Anfiteatro Um*, duas pessoas com quem eu mantinha uma ligação subterrânea, privada. Uma ligação invisível, unilateral, como costuma acontecer entre o artista e o público. Ali estavam elas, em pessoa, diante dos convidados. Percebia-se que o senhor Botelho havia encomendado uma ária triste de morrer. Elas assim fizeram. As irmãs Alcides eram duas morenas magrinhas, uma mais magra do que a outra, e também mais alta, no que era acompanhada pela extensão e agudeza da voz, uma soprano aérea, filigrana. Naquele sábado, porém, foi a mais encorpada quem cantou uma ária em

toada de morrer, arrastando-a rente ao chão. A certa altura ouviu-se cantar – *O Dio, vorrei morire!* E o som extinguiu-se. Os comensais pareciam esculpídos, não se moviam. Em seguida, as duas irmãs, pedindo desculpa ao senhor Botelho, e desafiando a fé de que a vida nunca terminaria, quiseram desanuviar a escuridão em que a sala se encontrava mergulhada, e muita gente lhes apreciou o gesto.

A esta distância não sei dizer o que interpretaram as irmãs Alcides, sei que as ouço gargantear alguma coisa a roçar o cómico, ou o lúdico, diria que terão tentado interpretar uma Papagena/

/Papageno em dueto, ou algo assim semelhante. No final, havia pessoas muito tristes, mas também havia outras muito bem-dispostas. As senhoras das capelinas meneavam as cabeças, riam. Tinham colares brancos que lembravam dentes, e os seus dentes lembravam pérolas. Tanto elas como a maior parte daquelas pessoas, tristes e não tristes, parecia ter vindo do outro mundo só para assinar o documento do senhor Botelho e partir. Entretanto, no pátio que ficara deserto, dois empregados levantavam as toalhas. No meio das trouxas em que se transformavam esses panos brancos, iam as nódoas do jantar e ia a saudade, a dor, o ódio, a vingança, a esperança, a desilusão, a ironia e o riso. Sentimentos suficientes para gerarem uma Batalha de Austerlitz. Mas já ali não estavam. Tinham-se transformado antecipadamente no pacífico sentimento da derrota que a todos unia nuns abraços longos. No meio dessa mansa efusão, sobressaía a figura comovente do viúvo vestido de preto até aos colarinhos, confiante em que se identificara um culpado, e a resposta às principais questões já havia sido dada pelas vozes harmoniosas das irmãs Alcides. Desta forma terminava aquele jantar.

Mas não terminava a noite, pelo menos no que me dizia respeito. Pois no final daquele segundo canto, as irmãs Alcides passaram por mim, pararam por um instante, disseram que se sentiam contentes de me encontrarem sem mais nem menos naquele lugar, e se eu estivesse de acordo, por certo que nos veríamos na segunda-feira

seguinte, no pátio da Universidade, junto ao banco lateral, pelas onze horas da manhã. Precisavam de falar comigo. Sem falta. Uma vez agendado o encontro, as irmãs saíram na direcção do automóvel das senhoras de colar e chapéu capelina, chamando-lhes tias. Entravam no interior do carro que as vinha buscar, e ainda se despediam com um aceno familiar, prometendo esse encontro. Aquela era a surpresa da noite. E assim, dois dias depois, eu viria a reunir-me com as irmãs Alcides.

## DOIS

As irmãs Alcides não me eram indiferentes. Nem precisaria de as ter escutado no restaurante do senhor Botelho para existir uma história em comum. Eu não as conhecia, elas não me conheciam, mas havíamos estado num mesmo local, e sem que elas soubessem, eu tinha-as acompanhado mais do que alguma vez poderiam imaginar. Fora no ano anterior. Eu havia participado numa sessão em que as duas tinham cantado a convite da Associação de Estudantes, e já na altura corria o boato de que nas suas vozes começavam a notar-se os efeitos gravosos das experiências que andavam a fazer pelas bandas *jazz*. De resto, esse canto correria mal. A minha história com as irmãs Alcides, unilateral e invisível, começara aí.

Até então, eu apenas via as irmãs passarem pelos corredores, e achava que não eram raparigas como as outras. Ao contrário da maioria, ambas caminhavam direitas, de pescoço esticado e ombros descidos, aparentando uma espécie de estado de prontidão dirigido a uma entidade invisível para a qual estavam sempre a sorrir. Normalmente falavam baixo, piscavam os olhos amiúde como as crianças, constava que treinavam três horas por dia e jamais bebiam água fria ou comiam gelados. À sua volta corria uma espécie de lenda e ouvia-se pronunciar, com notório exagero, o nome de Callas e Caballé quando eram referidas. Lembro-me como se fosse hoje. O anúncio de que iriam cantar ópera no *Anfiteatro Um* tinha excitado a imaginação dos estudantes, e à hora marcada muita gente acorreu, mas diante da multidão insubmissa que ocupou os assentos a trouxe-mouxe, elas mal tinham conseguido mostrar as habilidades de que as suas vozes eram capazes. Entaladas em vestidos clássicos de alcinhas finas, e chinelas de ponta em bico de pássaro, as suas

figuras surgiram naquele ambiente de tal modo deslocadas, que ao segundo vocalizo, de ridículas, se tornaram comoventes. Por duas vezes foram interrompidas durante o canto. No final, acabaram por ser alarvemente aplaudidas e pateadas, mas sobretudo suficientemente troçadas para passarem, no dia seguinte, a ser designadas pelas *irmãs oó*, e pelas paredes as suas figuras deram azo a pichagens bem ordinárias. O seu canto, diante daquela população juvenil deserdada de música, havia acordado o processo da criação das lendas negras. Sobre a sua família, regressada em setenta e seis, contaram-se durante quinze dias episódios inomináveis, incluindo um desastre numa estrada onde haviam ficado espalhados vários sacos de pedras preciosas, de mistura com pneus, corpos e uma capota virada. Já durante a sessão, um estudante tinha retirado o boné da cabeça e berrado a plenos pulmões – «Vão cantar para o Huambo. Lá, no meio dos garimpeiros, é que vocês estavam bem...»

«Desandem, vão-se embora daqui!»

O desencontro era impressionante. Ainda que na altura o não quisesse reconhecer, fui tomada por uma emoção estranha quando, no final da última tentativa de levarem a récita até ao fim, as vi descer do estrado, muito direitas, muito solenes, a olharem em frente, na direcção de um ponto invisível que deveria ser a dignidade. Não era meu hábito. Eu costumava ser bem segura, bem contida, trocista quanto baste, mas naquele momento, encostada a um canto, de costas viradas para o meu grupo, comecei a chorar à socapa para dentro de um lenço. Até que os meus ombros me traíram chorando também. Provavelmente, chorava por elas em mim, como acontece em semelhantes casos. A minha ideia, porém, é que chorava de vergonha de todos nós na pessoa das sopranos, ainda que não quisesse admitir o que nisso havia de lástima. E a admiração que eu nutria pelas irmãs fez-se tão elevada, que as suas figuras chegaram a ocupar o lugar vazio destinado aos seres

inacessíveis, aquele pedestal que sempre temos preparado para preencher pela beleza, e raramente encontramos objectos à altura de semelhante culto. Nesse lugar reservado, durante uns dias, eu coloquei a elegância e a coragem das irmãs Alcides. E ali foram ficando por um tempo. Era este o episódio que nos ligava, e elas não sabiam. Porque haveriam de saber? As irmãs eram mais velhas do que eu, ou pelo menos o suficiente para serem finalistas. Constava que eram más alunas, ambas repetentes, e para dizer a verdade, desde aquele dia em que assistira à arruaça, nunca mais as tinha visto de perto. Via-as passar ao longe, a olharem para o tal ponto que deveria ser a dignidade, para logo desaparecerem, ficando por aí o nosso contacto, unilateral e anónimo. E assim poderia ter ficado para sempre, não fora termo-nos cruzado no restaurante do senhor Botelho. Mas cruzámo-nos e marcámos encontro. Essa é a razão pela qual, em vez de pensar na Noite Perfeita, aquele serão em que tudo passou a correr como num sonho, a noite do império minuto, eu regresso atrás, ao tempo da imperfeição, e como se fosse hoje, vejo-me sentada num banco, no pátio da Universidade Nova, à espera das irmãs Alcides.

São onze horas da manhã.

Conforme combinado, elas aproximam-se, sentam-se, ladeando-me, começam a falar, e no meio do muito que falam, percebo que a palavra-chave do seu discurso é *lyrics*. Referindo-se ao jantar, dizem que no que lhes respeita nada aconteceu como contou o senhor Botelho, mas elas pouco se importam que o dono do restaurante altere a realidade. Afinal, no seu entender, é tudo equivalente. Dizem também que detestam os olhos da pacaça e aquele ambiente mórbido, e que só vão ao restaurante assistir àqueles jantares porque gostam do senhor Botelho. Uma das irmãs acaba por explicar – «Desta vez, ainda bem que lá fomos. Só assim nos encontrámos. Sabíamos quem eras, víamos-te passar por aqui, mas ainda não nos

tínhamos decidido. E de repente, tu estavas lá. Eras uma das nossas. Temos uma proposta a fazer-te...»

«*Lyrics*» – diziam elas, em inglês.

Passado todo este tempo, lembro-me de umas nuvens brancas no céu, das nossas sombras no chão, de nós três a defendermo-nos da luminosidade ajeitando os óculos de sol, lembro-me sobretudo de que as irmãs Alcides me faziam uma proposta séria, como se estivéssemos a tratar entre adultos, e também me lembro de pensar que era preciso tomar cautela. Eu era apenas uma principiante, uma aluna estudiosa que não gostava de apontamentos, e por experiência de vida sabia que para aplicar a coragem precisava de conhecer os perigos. A pergunta justificava-se. Como poderia eu escrever *lyrics* para as irmãs Alcides? Eu, que apenas escrevia frases soltas para uns sovadores de instrumentos, que as cantavam aos solavancos, repetindo-as como estribilhos até os músculos se cansarem? Não podia aceitar, nem comprometer-me, seria dum ridículo a toda a prova. Ia levantar-me. Só que as irmãs Alcides reservavam-me novos argumentos. Maria Luísa, a irmã mais velha, disse-me – «Senta-te, não é o que tu pensas...»

E Nani, a mais nova, a mais delgada das irmãs, perguntou-me se eu já tinha ouvido falar em determinada pessoa, mostrando-me um nome impresso, e ambas ficaram muito admiradas que eu lhes dissesse que não. Ao mesmo tempo, a outra irmã estendeu-me dois *singles*, dois quadrângulos de cartolina, por sinal de muito bom desenho, sobre um dos quais se encontrava representada a cara de uma mulher de perfil e de frente, mas eu continuava a não reconhecer nem o rosto nem o nome. De quem se tratava? Nani Alcides explicou, então, que a pessoa que cantava naqueles *singles* tinha apreciado uma letra que lhe chegara às mãos, e eu havia escrito, uma tal que dizia – «*Tu na cama e eu na lama / Olha só o que fizemos*». E a soprano, aérea e filigrana, entoou aquelas palavras, repetindo-as conforme a aperreação própria dos sovadores

de instrumentos que me pediam aqueles simulacros de letras para canções, mas não o fazia como uma soprano. Nani ergueu os braços, esticou-os, entesou-os, e ali mesmo onde nos encontrávamos, reproduziu aquelas palavras, o rosto a mover-se, hirto, dando a impressão de querer levantar-se para ir espancar alguém. Durante um momento, as duas irmãs gingaram sobre o banco como se já tivessem treinado aquele estertor cantado e dançado. Eu queria ter dado um salto para trás, mas em vez de fazer qualquer movimento, permaneci imóvel, incapaz de me mexer ou pensar. Seriam mesmo as irmãs Alcides, as duas raparigas que me ladeavam?

O que pensar daquela encontro?

Sentadas a meu lado, ambas falavam, falavam, e quanto mais falavam menos se pareciam com as cantoras que eu tinha ouvido interpretar Puccini de forma estóica, no *Anfiteatro Um*. As sopranos queriam que eu respondesse, e eu não me sentia capaz de lhes dizer fosse o que fosse. Paralisada. Como muitas vezes sucedia, a imagem dos campos enlameados do meu pai vinha ter comigo, prendia-me ao chão, os seus ruminantes conduziam-me para os sítios da prudência, o tempo dilatava-se na minha frente em todas as direcções e eu pensava em vários dados em simultâneo, e estando preparada para responder, pronunciava apenas umas palavras inconclusivas, enquanto elas porfiavam para que lhes reproduzisse outra letra qualquer, uma só passagem que fosse. Pois da minha lavra só conheciam aquelas frases, aquela espécie de estribilho que as duas cantoras líricas diziam apreciar sem reservas. Também apreciavam quem os cantava, os Bijavós, e até elogiavam o nome da banda, uma designação, como muitas outras da altura, que pareciam ter saído do frontispício de um manicómio. Ambas falavam rápido, como eu nunca imaginara que pudessem falar, explicando

que recentemente tinham passado a ser vocalistas de um grupo de quatro elementos em que a figura principal era a pessoa que interpretava os *singles*, usando agora o seu verdadeiro nome, Gisela Batista. Uma mulher extraordinária. Admiravam-na sem restrições. Para ela não havia dificuldades, bastava levantar um braço e a vida obedecia-lhe. Por isso lhe chamavam *maestrina*, e ela não se importava, não tomava por ironia. Pessoa formidável, pessoa incrível, diziam. E embaladas por essa admiração, puseram-se a resumir as suas próprias trajectórias, com palavras que me surpreendiam.

Sem que eu lhes pedisse, explicaram-me que eram sopranos, sendo uma delas *mezzo*, mais grave e mais flexível, a outra mais subtil, mais aguda e mais rívida, mas em ambas os registos eram suficientemente amplos para interpretarem de Vivaldi a Puccini. Haviam dedicado perto de dez anos das suas vidas a um persistente combate com a voz, uma carreira lírica. Agora, sim, estavam arrependidas dessa entrega, e tinham decidido partir numa direcção diferente. «Muito arrependidas...» – disse a mais magra e mais alta.

É que ultimamente sentiam-se definhar, dia após dia, garganteando contos antigos, dramas alheios aos costumes contemporâneos, escutados por pessoas soturnas, embevecidas por histórias e enredos que já não aconteciam. Nada tinha a ver com a questão do canto. Apenas se imaginavam acorrentadas a um mundo passado, e elas queriam ser deste mundo, do mundo da vida presente. Queriam utilizar uma linguagem compreendida por toda a gente, sem implicar qualquer esforço de decifração. Desejavam actuar para públicos mais vastos, pessoas que não tivessem vergonha de dançar na cadeira desde que empurradas por uma boa sacudidela de som. Bem sabiam como era. Em determinadas situações, bastavam duas, três batidas, duas, três explosões, para se fazer mover um mar de gente, um oceano de público. Elas queriam

partir para esse novo mundo. O mundo tal como agora se oferecia, cada vez mais ligeiro, cada vez mais veloz, menos exigente, menos comprometedor. Sobretudo, muito mais rápido, diziam ambas, agitando-se no banco como se tivessem pressa de partir para esse outro lugar onde amplificadores do tamanho de prédios emprestavam uma nova vida à música, enquanto elas, cantando no meio de palcos despidos, se sentiam umas pobres cigarrinhas murchas. Diziam.

«Compreendes?» – perguntou Nani.

Desapontada, eu encontrava-me colada ao banco e não conseguia perceber porque me contavam as irmãs Alcides os seus propósitos, desnudando diante de uma pessoa desconhecida uma parte tão significativa dos seus anseios. Até que uma delas esclareceu a situação. Nani disse – «Nós queríamos pedir-te que nos escrevesse uma história ao mesmo tempo fortíssima e ligeira. Compreendes? Uma grande letra que inspire uma grande música. Uma coisa solta, desprendida, uma coisa fantástica, como as da Donna Summer. Uma coisa bem distinta da mediocridade que nos cerca. Inventa uma história forte que nos faça correr, voar, explodir no meio de um palco, tal como um pneu rebentando em andamento. Um impacto de fazer ranger o público. Assim, coisa de morrer. Pahf! Compreendes? Queremos uma letra contemporânea, escrita para o mundo de hoje. Nada de igual ou semelhante a ontem, estamos cansadas de amores soturnos, estamos fartas. Queremos cantar para as pessoas de agora, as pessoas vivas que encontramos nas ruas, todos os dias. Pessoas normais, como eu, como tu, como nós. Compreendes?» E ambas me olhavam com uma insistência completamente desajustada ao meu caso.

Via-se que existia entre nós um desencontro profundo.

Grande lástima. Eu acabava de perder as irmãs Alcides que tanto me haviam emocionado. Por sua vez, elas esperavam da minha pessoa uma espécie de proeza cujo alcance eu ainda desconhecia qual fosse, e contudo sabia muito bem não poder corresponder, nem sequer pretendê-lo. Desejava apenas que aquele sobressalto passasse, que ambas se calassem, deslizando pelo pátio adiante, sem deixarem rasto. E eu sem deixar rasto nelas. Pela minha parte, nada tinha feito que justificasse semelhante expectativa. Meia dúzia de palavras rimadas que os meus colegas pronunciavam ao som da pancadaria que infligiam aos instrumentos, sobre palcos pouco mais do que escolares, andavam a iludir aquelas pessoas. Eu só pretendia que o final do encontro fosse rápido, que as irmãs abalassem do meu banco sem deixarem vestígio. Mas não foi isso que aconteceu, já que naquele momento uns passos largos se aproximavam. Eram os passos de Murilo Cardoso.

Como se fosse hoje, ainda estou a ver o estudante de Sociologia, nessa manhã de Outubro, a aproximar-se carregando a pasta que o fazia vergar. Ainda estou a ver Murilo a observar os dois *singles*, a examinar um deles, a virá-lo, a retirar a redondela de vinil de dentro do encarte, a ler em voz alta, fingindo soletrar o que lia, e a sublinhar em silêncio, apontando com o dedo, o título e a autoria – *EmCantos, Pela Cantora Mimi Batista*. Estou a ver Murilo a devolver os pequenos discos a Nani Alcides com a repugnância de quem atira um animal morto para o meio de um monturo. E não ficou por aí. Murilo reconheceu nas duas raparigas as cantoras que interpretavam Vivaldi e Puccini, e não escondeu o seu desapontamento por vê-las envolvidas com uma artista de terceira categoria como deveria ser aquela Mimi Batista. Isso disse Murilo, explicitamente. Ainda estou a vê-lo a apontar para os pequenos álbuns e a ouvi-lo denegrir quem emprestava o nome e o rosto àquelas capas, olhando para a minha pessoa e para as duas sopranos, repugnado, como se nos tivesse

surpreendido a caminho de um escândalo. Mas as irmãs Alcides deveriam estar habituadas à aspereza de forma continuada. Como se o recém-chegado não contasse, Maria Luísa perguntou-me se, afinal, eu queria ou não queria escrever letras para Gisela Batista. *Lyrics*, disseram elas.

Então, o que decides?

À distância de vinte e um anos, penso que se o Murilo ali não estivesse, e se a sua reacção não tivesse sido tão intensa, eu teria rejeitado o que me era proposto e esperado calmamente que as sopranos desaparecessem pelo pátio adiante. Mas Murilo havia surgido, espalhando mais uma vez a sua secura, e tinha querido decidir por mim. Eu não o iria permitir. Murilo e a sua sombra recortada no solo reforçavam o meu desejo de contradição. Sob o efeito do seu exagero, comecei a descontar na minha má vontade. Afinal, o que se tinha passado? Nada de dramático, nada de definitivo. Eu não tinha ascendido ao mundo das irmãs Alcides, elas é que haviam descido ao meu mundo e diziam-me que eu era imprescindível. Naquele instante, bastaria desmontar o palco da admiração que nos separava e passar à proximidade que junta os iguais. Elas ali estavam, em pé, na minha frente, ambas a sorrirem, tão concretas, tão comuns, mostrando-se amáveis, agora a sua proposta parecia-me credível, e aquele pátio afigurava-se-me ser uma boa paisagem com muito sol e algumas árvores.

«Mas porquê? Não me dirás, Murilo?»

Desafiando o estudante de Sociologia, respondi que aceitava, que me agradava aquele convite, que iria imaginar umas quantas frases para essa pessoa chamada Gisela Batista. Porque não? Quem era eu para rejeitar semelhante desafio? Lembro-me de me ter despedido das irmãs Alcides com promessas de ir, de fazer, de escrever. «Fica combinado» – dizíamos as três, com os braços no ar. Murilo tinha-se

deixado cair sobre o assento. Eu também. Ainda hoje eu vejo as duas irmãs a saírem pelo portão da Universidade e a virarem-se para trás, a rirem de nós dois, eu e o Murilo, que ficávamos sentados, cada um na sua ponta do banco, separados pela minha decisão. É esse momento que invoco.

Sim, eu deveria circunscrever-me ao relato perfeito daquela noite espectacular, mas em vez de pensar na fila de lâmpadas vermelhas e nos efeitos numéricos do palmómetro, penso em realidades bem simples. Penso no pátio da Universidade, em Murilo Cardoso e na sua pasta, penso também na linha azul do Monte Namuli, e nas terras verdes do Gurué com as celebradas fábricas de chá e a sua labuta calma, e as suas portas abertas diante das estradas. Era numa dessas fábricas que o meu pai trabalhava. O episódio que me acompanhava, enquanto Murilo me seguia à distância, no regresso à hospedaria ao Campo Pequeno, depois de eu ter assegurado que me iria encontrar com Gisela Batista, ocorreu em setenta e dois. Apenas aconteceu. Neste momento, estou diante da janela aberta sobre a Praça das Flores, a música do rés-do-chão atravessa o tabique e instala-se neste recinto, as árvores parecem imóveis, e eu regresso lá ao fundo do nosso tempo, àquilo que parecia ter sido apenas um pequeno acidente sem consequência.

Regresso ao acidente de caça.

A princípio nada de importante. Depois o meu pai coxeou durante seis meses e não quis mais voltar a embrenhar-se na mata. Todos sabiam. O Matos não gostava de atirar, a mão faltava-lhe no momento da pontaria, e para nada lhe interessavam as fotografias com a bota alçada sobre o cadáver de um animal selvagem. Entretanto sobejava-lhe tempo. Então, ele e a minha mãe penduraram uma ardósia na parede do pátio e resolveram ensinar a

ler aos apanhadores de chá. Calculo que tivessem mais vontade do que método. Faziam-no nas horas livres e nem sempre com muito êxito. Eu tinha quatro anos e lembro-me, vagamente, de uma fila de meia dúzia de homens em calções, sentados no chão do pátio, com as pálpebras descidas sobre umas páginas. Uma toada de leitura em coro como se estivessem a rezar uma ladainha. Fosse como fosse, parece que a dada altura se estabelecera entre os aprendizes uma certa hierarquia, e de entre todos o meu pai tinha encontrado o seu aluno dilecto. Num domingo de manhã, um dos apanhadores do chá surgiu entre portas com uma folha impressa nas mãos pedindo que lhe ensinasse a ler o *x*. O aluno trazia a algibeira da camisa abaulada e o papel nas mãos. O meu pai mandou-o avançar até junto da mesa. Era o aluno dilecto.

A questão é que o aluno dilecto não vinha só, trazia um problema com ele. O aluno lia todas as letras, lia até o próprio *h*. Até compreendia porque não se lia o *h* em certas palavras, e em casos especiais passava a ser um associado de outras letras, criando um som, mas aquilo que não era capaz de decifrar era o valor do *x*.

Mostrou a folha onde estava escrita uma certa frase – *Expulsá-los-emos até à sua última pegada*. E o apanhador de chá tinha começado a ler do fim para o princípio, mostrando a sua invulgar perícia – *pegada, última, sua, à, até...* Mas o que dizer de *Expulsá-los-emos*? O meu pai leu em silêncio, depois soletrou em voz alta, sílaba a sílaba, sublinhando o *ex*. E o rapaz repetiu – *Expulsá-los-emos*. O rapaz releu várias vezes a frase, com êxito, e no final, para compensar o seu mestre, despejou sobre a mesa uma algibeira cheia de caju torrado. *Expulsá-los-emos*, repetia o aluno dilecto, muito agradecido. Lá adiante ficavam os picos azuis do Monte Namuli a desafiarem os limites da beleza do céu. Com que então, *Expulsá-los-emos*, repetia o meu pai – «Com que então...»

Nesse mesmo dia, o meu pai cobriu-se de solenidade para dizer à minha mãe que não havia maneira de contrariar uma vaga de

expulsão tão determinada. Falaram durante horas, no terraço da casa, e por fim concordaram que o melhor seria começarem a pensar num regresso urgente. O meu pai era um regente agrícola, percebia o que se passava, tinha pressa. *Expulsá-los-emos*. Mas essa pressa não correspondia à sua urgência. Pretexto atrás de pretexto, fomos ficando, dilatando o prazo até ao último momento. Viemos pela rota de Joanesburgo, já depois dos últimos contingentes. Eu tinha seis anos quando regressámos. Por fim, voltámos à terra do Sobradinho, onde nos venderam as cinco vacas malhadas e nos alugaram um campo de lama vermelha. Já o disse. Não estava relacionado mas, naquele dia, no pátio da Universidade, lembrava-me dos mugidos, da ordenha manual, das crias caídas no chão às tantas da madrugada, e também das rações, do esterco, das limpezas que ambos faziam, a princípio à mangueirada, depois por esguicho mecânico. Eu tinha assistido à compra do terreno emprestado, à construção duma casa, e estava lá, na tarde em que o pai e a mãe a inauguraram e resolveram dançar no terraço. Nessa altura, eu já tinha doze anos. Aí, apercebi-me de que eles deviam ter tido um mundo colorido antes da minha chegada. A minha mãe, adaptando uma toada da Milva, dizia para o meu pai, a cabeça encostada ao seu ombro – «*Era pobre e fiquei rica / De te ouvir o tempo inteiro / Estes campos não são campos / São a casa do chazeiro*». Nada de mais embaraçoso de surpreender do que uma história de amor que nos deu origem. Uma história desse tipo deve ficar a pairar sobre os lugares como uma aparição, sem nunca se referir. A sua filha nunca a si mesma se permitiu emocionar-se com essa *Balada do chazeiro*, como eles lhe chamavam. Fazia parte duma reserva que só a eles pertencia. A Solange de Matos, a filha de dezanove anos, bastava-lhe pensar na passagem de cinco para duzentas e cinquenta vacas, em quatro anos, para ter a ideia de que é possível inverter o percurso do destino sem precisar de nomear a sua contradição. Mas já agora é preciso referir um outro dado. Muita

coisa se esfumou do que se passou à sombra dos Montes Namuli, e no entanto nem tudo desapareceu.

Esfumou-se o caminho entre a nossa casa e a fábrica, esfumou-se a imagem da fábrica, não me lembro do nome gentílico dos cestos que os apanhadores traziam aos ombros, quase não me recordo das lições de alfabetização do meu pai, nem da forma como então coxeava, ainda que saiba que em setenta e cinco arrastava uma perna. Mas lembro-me da nossa saída em fuga pela estrada do Gurué afora, e do camião de caixa aberta onde transportávamos as malas cobertas por um oleado verde. Lembro-me que à saída do Gurué o meu pai descobriu que não fugíamos sozinhos, que o aluno dilecto se tinha instalado entre o oleado e as malas. Lembro-me de ver o meu pai saltar da cabina, de se dirigir à carroçaria e de expulsar o aluno que não sabia ler o x. Lembro-me de retomarmos o caminho e de vermos que duas mãos continuavam penduradas no taipal traseiro. Lembro-me de o meu pai pisar com a ponta das suas botas os dedos do aluno dilecto, de as mãos do aluno resistirem ao impacto das solas, de o meu pai reentrar na cabina e pegar na catana que levávamos sob o assento, disposto a cortar as mãos do aluno dilecto agarradas ao taipal, e depois só me lembro de ver, através do óculo, um homem a correr no meio da estrada atrás do nosso camião, e de a sua figura ir minguando, até que se fez uma curva e o homem e a estrada desapareceram de todo. Mas nada sei concluir sobre esta circunstância a não ser que ela se incorporou no meu corpo, que ficou atada a ele, presa por nervos e ligamentos, como uma perna, um braço, um órgão. Levei-a comigo quando entrei para a escola e depois para a universidade, fez comigo todo o tipo de provas e exames finais, viajou com a minha pessoa por onde quer que eu fosse, e ali estava comigo no momento em que o Murilo colocava um dos *singles* da Mimi Batista na geringonça que o fazia rodar, na pensão ao Campo Pequeno, ameaçando-me de um perigo

qualquer – «Tu não te metas com esta gente. Olha que são do piorio...»

Ah! O que eu me ria de Murilo Cardoso.

Eu calculava que o estudante Murilo só falava desse modo porque não dispunha dos meus elementos. Se dispusesse, seria outro. Como ele haveria de relativizar os factos se caminhasse como eu, com duas imagens contraditórias ao ombro. Numa delas, os meus pais rodopiavam abraçados, e era de júbilo, na outra estavam dispostos a cortar as mãos a um homem, e era trágico. Prova de que é tão impossível gerir o amor quanto o ódio, quando tomados em absoluto. E o estranho é que tão pouco se possa fazer com essa sabedoria. Como poderia eu expor semelhante questão a uma pessoa tomada de tantas certezas como Murilo Cardoso?

## TRÊS

E agora, em vez de pensar na Noite Perfeita, principalmente naquela passagem do seu conto magnífico, no momento em que cada uma de nós, segundo as palavras da concorrente, se ia aproximando do piano, em vez de tudo isso, e só isso, eu regresso aos dias em que Murilo se sentava a meu lado, na sala de jantar da hospedaria, para desacreditar a pessoa de Gisela Batista.

Regresso a esses dias, e penso que Murilo Cardoso foi o responsável pela expectativa criada em torno da sua figura. Não era em vão que se lhe referia como uma devassa, pintando-a como uma cantora de cabaré ardilosa, capaz de ir desencantar jovens sopranos às salas do Conservatório para tentar limpar o seu percurso mundano e ganhar a credibilidade que não merecia. Conhecendo Murilo como conhecia, eu ia fazendo os meus descontos mas, ainda assim, quando descii do autocarro 49 e comecei a subir a rampa que conduzia à Avenida do Restelo, levada pelas irmãs Alcides, imaginava ir ao encontro de uma pessoa estroina, com olhos pisados e bafo a vinho. Droga, talvez umas pitadas de droga, talvez um cheiro a prostituição e cama. Um mistério de sujidade que, na minha curta experiência de dezanove anos, eu sabia existir mas não deslindar. Supunha uma qualquer actividade obscura, sem disciplina nem regras, um deboche. E na melhor das hipóteses, imaginava uma Billie Holiday portuguesa, nascida num bordel, uma cantora destinada a transformar-se num mito que, só por injustiça, ainda não se tinha revelado.

Era assim que eu pensava, e no entanto, todas as indicações que as irmãs me iam dando funcionavam em sentido contrário. As irmãs Alcides não só a admiravam como depositavam na sua pessoa uma

esperança sem limites. Uma das sopranos, quando nos aproximámos do local, referiu mesmo uma certa excepção no seu comportamento, o que revelava até que ponto seria uma figura casta. Nani disse – «Gisela só tem um problema. De vez em quando, saca do seu cigarro e fuma-o diante de quem quer que seja. Não o devia fazer...» E quando atravessámos o jardim que conduzia à garagem da Casa Paralelo, as irmãs manifestaram até uma espécie de veneração que me parecia amedrontada. Reparei mesmo que Nani colocava o dedo na campainha e retirava-o, como se receasse que o impulso se prolongasse de mais. O que significava que eu dispunha de dois tipos de informação distinta, ou mesmo contraditória, e no momento em que a porta da garagem começou a correr e não havia ninguém que a abrisse, compreendi que tinha vindo ao encontro de uma figura, no mínimo, intrigante, ou até mesmo misteriosa.

Passado todo este tempo, regresso a esse momento como se tivesse ocorrido esta manhã. Diante de nós, a porta da garagem deslizava por si. Quem fizera desencadear o comando tinha desaparecido, ou pelo menos não se encontrava à vista naquele primeiro instante, mas quando avançámos pelo recinto adiante e os olhos se adaptaram ao espaço, percebi que alguém se encontrava sentado, de costas, diante de um piano. A pessoa rodou o corpo, tinha um braço apoiado sobre o rebordo do instrumento e nitidamente esperava por nós. Encontrávamo-nos paradas a alguns passos de distância. A luminosidade de uns janelins incidia sobre a sua figura. A pessoa que inspirava aquele temor reverencial estava vestida com um fato-de-treino esbranquiçado, e naquela hora já adiantada da manhã mantinha o fecho-éclair corrido e o capuz pela cabeça como se tivesse acabado de fazer exercício físico. Fez-me sinal para que me aproximasse. Assim procedi. Aproximei-me, deixando as irmãs para trás. Ela não se levantou, e também não me mandou sentar. Falou de baixo para cima, submetendo-me a esse

clássico estatuto de menoridade do mandado em face do mandador. Sem se desviar um milímetro da sua pose hirta, aquela a quem as irmãs se referiam como *maestrina*, perguntou-me – «És tu a Solange? Consta que escreves letras. Fizeste uma para mim?»

Tudo se passava demasiado rápido, mas eu tive o vislumbre de que poderia tratar-se de um processo pensado para me surpreender e não de um simples acaso. Porém, se era para me testar, em relação àquela espécie de encomenda que me havia feito, ela não me encontrava propriamente desprevenida. Tinha-me preparado e não me iria conceder a mim mesma qualquer tipo de folga em face daquela pessoa que eu imaginava estroina, e me recebia envolta numa redoma de gelo. Sem lhe dar tempo a que me intimidasse, comecei a recitar de forma ritmada, carregando nas vogais, abrindo-as, sacudindo-as, procurando transmitir a noção daquilo que eu mesma pretendia. Tinha aprendido a fazê-lo. Recitei, agitando o meu punho, à medida que prosseguia nas frases – «*Esmola, esmola / Paizinhos / Alguém em casa / Quando eu voltar / Da Escola...*» E fui por ali adiante. Quando terminei, Gisela Batista desencostou-se do piano e mostrou ostensivamente o seu desgosto – «Ah! Andaste a ler as coisas do Roger Waters. Andaste, andaste. O que escreveste para aqueles rapazes é bem mais interessante. Mais íntimo, mais forte, mais desafiador. Tem outra história. Queres repetir o que disseste?»

Eu não ia ficar calada. Perguntei – «Mais desafiador, como?»

«Repete» – disse ela.

Obedeci. Gisela Batista fazia questão de conhecer a letra por inteiro, e eu repeti-a. Quando cheguei ao refrão, ela concluiu – «Andaste, sim. Andaste a ler as coisas dele, e eu não vejo como se possa fazer o que quer que seja com isso.» Depois acrescentou – «Só que cada um é como cada qual.» E sem retirar o capuz, como se estivesse transida de frio, atacou o piano e fez tan tan tan! Tan

tan tan! Martelou as teclas com força como se batesse numa bigorna. Repetiu. Quando se virou, olhou-me de frente pela primeira vez e eu confirmei que estava diante de uma mulher mais velha do que nós, grande, segura, mas se era formosa de rosto, naquele momento, não o parecia. Nem se parecia com a imagem que fora impressa na capa dos discos. De entre o capuz surgiam uns lábios demasiado desenhados, e alguma coisa era incomum no seu olhar. Queria saber se eu precisava de ouvir de novo o tan tan do piano. «Estudaste música?» – perguntou. «Então aí tens, senta-te ali, naquele banco, e tenta escrever qualquer coisa...»

Sentei-me. Seguiram-se momentos extraordinários.

Ela estava sentada ao piano e de vez em quando desencadeava aquele tan tan tan! de modo a guiar-me, enquanto as duas irmãs permaneciam atrás, em pé, encostadas a um armário. Semelhante procedimento seria um método? O que seria então? Precisava de me desviar daquele impacto. Passei os olhos pela garagem. Tinha pouco de garagem. Além do estrado para o piano, toda a divisão parecia ter sido assoalhada recentemente de madeira laminada. A ladear a entrada caíam as abas de um reposteiro, do tecto liso assomava um projectador, à volta do estrado sobre o qual nos encontrávamos, havia cadeiras dispersas. Ao fundo, pendia um cortinado cinzento, e sobre uma pequena mesa, uma cafeteira eléctrica com seu aparato completo. Um telefone de grande corpo preto estava pousado directamente no chão, e o seu fio provinha de uma tomada distante, sobejando, enrolado a um canto. Na parede lateral, uma fotografia doméstica, de grão bastante mau, aí umas cem vezes ampliada, mostrava uma criança diante daquilo que parecia ser uma casa de clima quente. A criança parecia correr na direcção de quem a fotografara, e atrás da casa térrea, por cima do telhado em forma de chapéu, sobressaía um molho de palmeiras, pronunciadamente

vergadas. Não havia dúvida, a criança era ela, e tinha vindo de longe para estar ali. Eu também. As irmãs Alcides também. Havia então um elo de distância que nos unia. Era a única coisa que nos unia, pensei. Depois pensei com rimas. A pessoa que tem a fixação das rimas vive com milhares de combinações na cabeça. Tem listas de palavras na cabeça, passa a vida a rimar palavras, a função mais elementar da poesia, a função mais adventícia da música. Tinha dito o professor Castilho. Escrever palavras para a música, a vocação dos servidores, dos imbecis. A cabeça dum poeta abaixo dos poetas, aquele a quem chamam letrista. Solange, uma aspirante a letrista, uma imbecil, segundo o professor, e era assim que eu me sentia naquele cenário que ia escalpelizando num golpe de olho, enquanto três pessoas, uma sentada e duas em pé, esperavam por mim. E agora? Agora, eu havia guardado algumas rimas de reserva, mas não havia nenhuma útil que me acudisse à mente. Era uma aluna, não passava disso. Se não fosse apenas uma aluna, não estaria ali, feita criança, com uma mestra sentada ao piano, à minha espera. Sim, porque Gisela esperava, e eu esperava não sabia por quê. E as sopranos esperavam também. Lembrei-me do meu pai. Quando olhava para ele, costumava dizer-lhe – «*Era um porto, era uma gare...*» O processo da grande criação não se explica. O da pequena também não. A massa é a mesma, só a velocidade a que se move é que é diferente. Acrescentei – «*Não esperes por quem vai partir / Espera por quem vai chegar*». Nada de importante, era apenas uma solução que me salvava daquela humilhação. Aproximei-me com essa solução escrita no papel e entreguei-lha. Gisela Batista recebeu-a com a indiferença com que um burocrata olha para uma certidão. O capuz pela cabeça. Ela fez tan tan tan! de novo, agora de forma suave, e tentou encaixar a letra naquele andamento circular. Encaixava. «E mais?» – perguntou, sob aquele capuz. «Como desenvolves a história? O que repetes? O que fazes avançar?» Lembro-me. Ela própria parecia procurar uma forma de

continuar as minhas palavras, e de as adaptar ao seu andamento. Pediu-me que fosse ligeira, que saltasse sobre os pés, cuspsisse nas biqueiras, que esmagasse alguma coisa no chão. Eu disse – «*Quero que o bicho / da saudade / Tenha uma morte feliz / Uau, au...*» E assim por diante, tentando corresponder ao seu pedido. Não era bom nem mau, era o possível, mas ela ia entalando as palavras no tan tan produzido pelo piano. Conseguiu entalar as várias frases. Só nessa altura Gisela retirou o capuz. O cabelo descomprimiu-se e começou a espalhar-se à volta da cabeça. Recostou-se para trás e sacudiu a grande trunfa liberta. Crespa. Fez uma volta sobre o banco do piano, com os joelhos erguidos, perto do queixo, e perguntou-me – «Cantas?» Disse-lhe que não. Mas ela dirigiu-se-me de novo, insistindo – «Tu cantas, não mintas.»

Porque haveria eu de mentir?

Não sabia responder mas compreendia que semelhante episódio não estava terminado. Mal acabava de ultrapassar uma humilhação, caía no alçapão seguinte. «Canta qualquer coisa...» – repetia Gisela Batista. «Vamos, vamos! O que sabes tu de cor?» Era de facto humilhante que eu não fosse capaz de voltar as costas àquela mulher vestida de fato-de-treino branco e de um halo de frieza. Sem me olhar, Gisela Batista insistia – «Canta qualquer coisa. Canta uma cantiga portuguesa, uma canção irlandesa, até uma da Françoise Hardy tu podes cantar se quiseres. Ou o *Yellow Submarine*, por exemplo. Também podes cantar uma música de igreja. É só mesmo para ouvir o teu tim tim...»

Gisela Batista troçava, por certo, da minha pessoa, eu era uma aluna, ela era a torturadora. Virei-me e encontrei as duas irmãs ainda em pé, junto ao armário, mas de nenhuma delas provinha o mais leve sinal de socorro. Mantinham-se impassíveis. Eu ia dizendo para mim mesma – Liberta-te desta situação, Solange, e que te

fique de emenda. Porque eu iria libertar-me, sim. Iria fazer qualquer coisa que me permitisse pôr-me a andar definitivamente dali para fora, e para sempre. Tudo o que eu desejava naquele momento, era voltar para o meu quarto, abrigada daquela insistência e da pessoa que a provocava. Mas porque exercia um poder tão extraordinário aquela mulher, sentada no banco dum piano, trajada com uma indumentária asséptica? Porque emanava da sua figura uma força de sedução tão imperiosa, tão inexplicável? De súbito vinham-me à cabeça as frases mais improváveis. Pensei em salvação. A pessoa que estava na minha frente deveria odiar os cantos chilros da igreja. Salvação. Pensei. Olhei para o lado e entoei em surdina, como no coro de que fazia parte a minha mãe, na capela do Sobradinho – «*Engrandece o Senhor e o meu espírito se alegrou...*» E fui por ali fora, às voltas com a voz, louvando Deus e as suas benfeitorias, pensando que a desgostava, que me arrastava a seus olhos para o limiar do ridículo. Mas ela escutou-me em silêncio e pediu-me que repetisse. Repeti, à espera que de um momento para o outro me fizesse sinal para me calar e me mandasse regressar a casa, e mais uma vez ela deixou a minha cantilena escorregar até ao fim, e quando o silêncio se interpôs entre nós, Gisela perguntou-me – «O que queres tu da vida?»

Olhei de novo para trás e verifiquei que as irmãs Alcides, até então encostadas a um armário, se encontravam agora sentadas sobre um banco corrido. Estavam sérias, e provavelmente aquilo em que eu me havia envolvido era uma audição, só que eu nunca tinha assistido a nenhuma audição, muito menos participado, e sem querer tinha-me transformado em candidata a alguma coisa que não sabia o que fosse. Talvez ninguém ali estivesse a troçar de mim. Ou então, aquele formato consistia numa troça mútua e recíproca, e nesse caso estaríamos todas no mesmo plano, quatro mulheres, muito sérias, em estado de solenidade, a troçarem umas das outras.

De qualquer modo, eu não sabia responder à questão. Gisela Batista perguntou-me de novo – «Sim, o que queres tu da vida?»

Balbuciei umas palavras – «Nada, isto é, acho que muito pouco, acho que quase nada.»

«Não percebi muito bem. Disseste nada ou quase nada? Define lá esse *quase*, isso é que me interessa. A menos que esse *quase* seja alguma coisa, e o que tu realmente queres, e se bem entendo, é nada...»

Desorientada, respondi que sim, e fiquei à espera, mas quando eu pensava que Gisela me tomava por uma inerme minhoca da terra que se contentasse com um pouco de pó e lama, ela disse-me – «Ambiciosa, quem nada quer, tudo quer. Queres uma coisa que não é deste mundo, não é verdade? Compreendo. Pois olha, nós, eu e elas...» – E apontou para as irmãs – «Nós sabemos o que queremos e trata-se de alguma coisa bem concreta, bem identificável, uma coisa bem deste mundo. Sabes o que queremos?» – A vestal olhava-me nos olhos. «Queremos encantar. Queremos vencer encantando, seduzindo. Tão simples quanto isto, não to escondemos. Queremos encantar pessoas, milhares, milhões de pessoas. Queremos ser maiores do que cada uma delas e do que todas no seu conjunto, queremos ter uma habilidade que elas não têm. Queremos entrar-lhes pelos ouvidos, pelos olhos, pelos nervos, pelo corpo todo. Entendes? Por isso, elas vão ficar paradas, à espera, e nós na sua frente, seduzindo-as, colando-as aos seus lugares, hipnotizando-as, desvairando-as com o nosso talento. Plateias, salas inteiras, recintos repletos de gente submetida por encantamento à nossa música. Queremos o mundo. Queremos fazer amor com o mundo, entregando-lhe a nossa música e recebendo em troca tudo o que o mundo tem para nos dar. Só isso. Nós não temos medo das palavras. A música serve para isso. É isso que queremos, quem não o entender não serve para esta função. A pergunta que eu te faço é a seguinte – Queres sair desse local absurdo, onde te escondes feita

um bichinho mudo, para te mostrares e vires connosco? Para vires à luta e encantares pessoas? Responde.»

É possível que as palavras não tenham sido propriamente estas, mas se não eram idênticas, pelo menos equivaliam-se, e produziam sobre mim o efeito que Gisela anunciava querer exercer sobre o público. Eu estava paralisada, e deveria dar-lhe a imagem de uma criatura em plena desorientação, uma rapariga afundada em silêncio e estupor, já que a *maestrina*, a certa altura, pareceu desistir daquele raciocínio rocambolesco para onde me levava, e onde eu me perdia, e à terceira tentativa de obter uma resposta, desistiu de se esforçar. Mudou de tom. Endireitou-se no banco, olhou-me de baixo a cima e fez um gesto rotativo com a mão – «Dá lá uma volta.»

Eu continuava desorientada, não compreendia que tipo de volta ela pretendia que desse.

«Uma volta sobre ti, para eu te poder ver.»

Dei uma volta, duas voltas, conforme o seu comando, enquanto ela ia comentando – «Rabo magro, peito largo, linha andrógina. Move-te para ali, caminha na direcção da porta. Regressa... Ponham-se as três em fila...» As irmãs Alcides também pareciam surpreendidas, seguramente que não me tinham trazido até à garagem da Casa Paralelo para me ouvirem cantar, muito menos para assistirem ao meu desfile entre parede e parede, incluindo uma volta em torno do piano. Mas as sopranos avançaram e colocaram-se a meu lado. Gisela pediu que nos mostrássemos de perfil, que nos virássemos de costas, que déssemos as mãos e nos balanceássemos. Plac, plac. Ela bateu as palmas em simples ritmo binário, e nós acenámos com as cabeças. Eu movia-me entre as irmãs, incapaz de sair daquela onda de movimento, incapaz de perceber para que lugar extravagante me levava aquela inesperada cena de coordenação, mas era fácil de seguir o comando. Levada

pelo som, obedecia sem esforço, a ponto de as irmãs Alcides me sorrirem, e fosse para onde fosse que aquele movimento em conjunto me conduzisse, lá deveria estar um dragão enroscado numa árvore à minha espera. Eu iria até ele. Sabia que o dragão não era ela. Era um destinatário, ou mesmo um destino escondido do nosso ângulo de visão. Um destino que eu estava a criar sob os meus passos. Passámos nessa deambulação um bom quarto de hora, durante o qual eu ia ouvindo dizer – «Muito bem, muito bem!» Decorrido esse tempo, Gisela concluiu – «OK. Já chega. Minha querida...» E parecia satisfeita.

Sim, eu queria ir ter com o dragão cuja senda me era franqueada por Gisela Batista. À medida que via os olhos daquela *maestrina* poderosa, agora já pacificados, inclinarem-se na minha direcção, melhor compreendia que estava a ser escolhida por uma pessoa soberana, e sentia-me honrada e sentia-me feliz. Leva-me, leva-me contigo, diziam todos os meus sentidos. De facto, ela caminhou pela garagem adiante, e era mais alta do que nós, mais velha, mais ágil, mais sábia. Os cabelos tinham inchado, tufado, eram crespos e rebeldes, rasavam-lhe os ombros, as feições redesenhavam-se na sua moldura natural e fisionomicamente faziam todo o sentido. Um olho desviava ligeiramente. Bela? Não conseguia perceber se era bela. Aliás, nada do que acontecia se destinava a ser percebido por inteiro, pois a *maestrina*, agora, estava a dizer às irmãs sopranos que eu iria ser o quinto elemento da sua banda, o elemento que lhe faltava. Eu, o quinto elemento. Era surpreendente. Já tinha ouvido dizer que na vida poderia haver momentos assim, entrar-se morcego e sair-se anjo, mas nunca pensei que semelhante metamorfose me pudesse acontecer. Teria eu escutado bem? O que significava isso? Ser o quinto elemento? Ela tinha retomado o banco do piano, um Yamaha de um quarto de cauda, tão novo que o seu polimento funcionava como um espelho.

Um piano espelhado.

Gisela Batista fechou-o, recostou-se sobre ele como se a tampa fosse a sua secretária, e começou a fazer-me perguntas de natureza pessoal e a colher dados concretos acerca da minha vida. Como falava pausadamente, percebi que ela procedia a uma espécie de acto de matrícula no seu arquivo de memória. Um registo biográfico que não registava, apreendia. E pareceu ficar feliz quando lhe disse que demoraria cerca de uma hora e um quarto a regressar a casa. Há vinte e um anos, era um tempo razoável. Por essa altura, os transportes públicos eram um pedregulho de Sísifo bem pesado, empurrado diariamente, de manhã e à noite, pela população da cidade. A condenação individual media-se pela dimensão das filas obscenas que cada um tinha de enfrentar na hora de regressar a casa. Gisela ainda disse – «Não é tão longe assim. E depois, é bem possível que de vez em quando alguém, nos dias de chuva, nos dê uma mãozinha. Compreendes? Não temos uma frota...»

Eu compreendia.

A minha vida ia tomar uma direcção com a qual eu não tinha sonhado. As próprias irmãs Alcides partilhavam a minha surpresa. Dali saímos em direcção a um café a partir de onde se via chegar a humidade do rio, avançando, persistente e silenciosa como um soldado armado. Havia serradura pelo chão. Mas se toda essa realidade vinha até nós, nós não prestávamos atenção a mais nada que não fosse o nosso próprio assunto. Também Nani estava surpreendida, talvez até escandalizada com a decisão de Gisela, via-se no entanto que as irmãs aceitavam o que quer que fosse que viesse daquela pessoa cujo ascendente era incontestável. Enquanto os autocarros não vinham, Gisela foi exaltada pelas irmãs de várias formas. Ela era a *maestrina*, a rainha, a mentora, a mestra, a capitã da nossa barca, a primitiva do grupo. A que sabia de olhos fechados até onde iríamos chegar. As irmãs Alcides queriam um

horizonte desimpedido, vivo, contemporâneo, uma multidão cada vez mais volumosa avançando aos gritos, de braços no ar, na direcção do golfo sem medida que se lhes abria no peito. Nesse golfo sem fundo, chegavam a entrar os nomes das grandes salas de Paris, de Berlim e de Tóquio, surgindo em concreto nomes de locais mágicos como fosse o estádio de Wembley ou o Frankfurt Arena. Ou o Olympia, quiçá. Sonhavam em voz alta. Para as irmãs Alcides, a realidade tinha-se transformado num dado secundário.

Regressei às aulas com a pele do rosto fria, a alma unida à pele. Arderia a minha pele? Brilharia?

Murilo Cardoso compreendeu que alguma coisa de muito particular se tinha passado. Mal nos cruzámos no restaurante, soltou a ironia – «Já sei que foste ter com as devassas, e o que mais me admira é que tenhas voltado. Eu até fui espreitar o teu quarto para ver se ainda lá tinhas os teus pertences...» Em seguida, passou ao aviso – «Não te esqueças, Solange, que a felicidade entra às polegadas mas, quando abala, sai às golfadas. A infelicidade faz o caminho oposto. Se eu fosse a ti, tomava cuidado...» Porém, quando à noite me encontrou no corredor da hospedaria, o estudante de Sociologia procurou que eu contasse espontaneamente o que se tinha passado, e depois tentou intimidar-me. Pegou-me pelo pulso, levou-me até junto do aplique onde duas lâmpadas iluminavam a partir de pescoços de pássaro, inspeccionou-me, olhando-me nos olhos, e em seguida largou-me, sem me dizer nada. Murilo Cardoso não tinha o direito de me intimidar.

Vendo bem, éramos apenas hóspedes da mesma casa, partilhávamos a salinha de entrada, o corredor, o telefone e o resto acontecia a caminho da Universidade. Habitualmente, ele esperava por mim junto da porta, saíamos os dois rua fora até à Avenida de

Berna, e passávamos junto aos quiosques, onde ele sempre parava para ver os títulos e comentá-los em voz alta, querendo que eu comentasse os seus comentários. Eu não tinha gosto por semelhante exercício, limitava-me a escutar e a concordar, muitas vezes distraída das suas palavras. Então ele irritava-se. A pasta que levava consigo estava sempre pesada, ele curvava-se no sentido oposto, e a sua longa silhueta parecia uma árvore. Em Murilo, eu gostava da vírgula que o seu corpo fazia, provocada pelo peso da pasta. De resto, detestava que se zangasse. Os seus olhos azuis ficavam vermelhos, e a pele, muito branca, transparente, avermelhava também, sobretudo junto à raiz do cabelo. Mesmo que estivéssemos na rua, perguntava – «Para onde estás a olhar, enquanto eu estou a falar-te de coisas sérias? Para onde? Para o meu penteado?»

Eu dizia-lhe que não, e voltava a escutar o que tinha para me dizer até que me distraía de novo. Em oitenta e sete, Murilo ocupava todo o seu tempo a escrever uma tese cujo tema pronunciava vezes sem conta, tema que também era título – *A Grande Mentira do Ocidente*. Quando especificava, dizia que se tratava de subsídios para uma reformulação da teoria sobre a mentira. Se eu perguntava de que mentira se tratava, respondia – «Refiro-me à grande mentira que um certo inglês pôs a correr e nunca mais ninguém conseguiu parar. Inventou que todas as noites vais ter um urso a espiar o teu jantar, e a meter-se na tua cama. Um inglês que apanhou um tiro na Guerra Civil de Espanha e a partir daí ficou a falar fino como uma mulher. Essa distorção deve ter-lhe dado inspiração para inventar fábulas e chamar mentirosos aos outros. E a efabulação vai pegando. Até que um dia a mentira passe a ser uma diversão, toda a gente se queira divertir, a mentira se transforme na única regra do jogo, e então o mundo estoira...» Dizia o Murilo.

Por vezes, passávamos pela 5 de Outubro, dirigíamo-nos ao quiosque e ficávamos parados junto da imprensa para o estudante

de Sociologia poder escalpelizar os títulos. Murilo tinha algum dinheiro, ganhava-o embora não me dissesse como. Comprava dois e três jornais e sublinhava-os com gritos de júbilo, demonstrando os truques da propaganda dos países que se diziam livres. Na sua óptica, até a palavra liberdade, na sua implicação estelar de irradiação ilimitada, incluía uma mentira. Se eu olhasse bem, todos os títulos e manchetes não passavam de grossas mentiras. Como conhecia muito bem o homem que vendia os jornais, falava com ele, interrogava-o, e era sempre no mesmo sentido. Ambos estavam de acordo. Não era propriamente veneno, mas tudo o que o homem dos jornais vendia estava envenenado. Assim, passávamos pelo quiosque para ver a mentira em colunas e aos quadrinhos. Depois, Murilo cansava-se e íamos até ao Galeto comer gelados. Quando as taças ficavam a meio, costumava interrogar-me – «E tu, o que queres fazer da tua vida?»

Mas agora, que eu já tinha conhecido a garagem da Casa Paralelo, quando íamos a meio da taça *Capricciosa*, Murilo pousou a colher e perguntou – «Percebo que já falaste com essa gente. O que decidiste? Não me digas que te meteste na aventura de escrever letras para aquela mulher...» E sem que eu lhe pedisse conselho, nem ele possuísse elementos suficientes para sustentar a opinião que desejava impor, avançou pelo insulto gratuito – «Cuidado com essa prostituta que é a Mimi Batista. Cuidado. Junto dessa gente, qualquer pessoa sólida se arrisca a desfazer-se em pó. Porque não te sentas no teu quarto e não escreves só para ti, como toda a gente? Porque se te meteu na cabeça escrever letras para os outros? Compreendo, queres ouvir os teus versos, queres que façam barulho, queres anunciá-los com um tambor. Mas isso não é bom para ti. Deverias ter mais recato...»

Muito agreste, o Murilo.

Uma vez que o Murilo me ofende, tenho de lhe dizer que me deixe ser livre, que me deixe experimentar a minha vida, que do bem e do mal que eu fizer só eu mesma serei a destinatária, mas ele não sabe nada sobre mim, nem eu lhe conto, nem ele sequer pergunta. Murilo está apenas interessado em que o mundo seja interpretado segundo a sua lógica, e vê perigos apocalípticos se uma certa mudança que se anuncia, à semelhança de uma epidemia que ande pelo ar, se instalar nas mentes de forma definitiva. Murilo desenha dois cenários possíveis, enquanto comemos gelados – Ou os homens se tornam irmãos e a Humanidade se salva, ou a desigualdade campeará, a mentira vencerá, e a Terra irá começar a desintegrar-se, as calotas derreterão, e os oceanos galgarão a terra firme, e os gelos andarão à solta, e as aves andarão perdidas, e os animais morrerão, e outros surgirão de tal modo estranhos que irão tragar os últimos homens. É Outubro de oitenta e sete. Estamos sentados ao balcão do Galeto, e a minha mão não consegue raspar a taça onde derretem os aromas, e as frutas amornecem, e o mel vai ao fundo, e o *chantilly* desintegra-se, e já passou uma hora, e metade do gelado atingiu um ponto tal de desintegração que me sabe ao que imagino que possam saber as fezes apodrecidas. Murilo de súbito imagina que lhe levaram a pasta que ele colocou entre os pés, dá um salto no banco, encontra-a deitada no chão, repesca-a e mostra-ma, corado do medo já ultrapassado. Agita a pasta – «Grande susto! Estão aqui cem páginas escritas sobre a grande mentira do Ocidente...» Já na Avenida, ele não pergunta, ele afirma – «Não voltas lá mais, agora já sabes que essa Mimi não presta.» Eu tenho de explicar, mais uma vez, que a pessoa em causa não se chamará Mimi. Ela agora assumiu o seu nome verdadeiro, Gisela Batista. Vai gravar um *Long-Playing* e eu estou ao seu lado – «Desculpa, Murilo...»

Murilo parado, curvado para o lado, um ombro mais levantado do que outro – «Mas vais?»

«Vou sim, Murilo. Depois de amanhã vou encontrar-me de novo com Gisela Batista.»

Regressamos à hospedaria. Eu caminho adiante, Murilo, atrás. Ouve bem, Murilo. Eu hei-de ir sim, porque Gisela Batista e as irmãs Alcides esperam por mim. Eu durmo no quarto ao fundo, Murilo ocupa o quarto junto ao telefone. Ele não dorme porque está a escrever na máquina ruidosa que faz clap clap clap pela noite fora. Eu não durmo porque Gisela Batista vai fazer da minha pessoa a quinta figura do seu grupo. Encontramo-nos na cozinha à volta do frigorífico, são quatro horas da madrugada, e nem nos falamos. Está entendido. Moramos na mesma casa, mas cada um de nós vive em seu mundo.

## QUATRO

Penso no corredor da hospedaria ao Campo Pequeno, no som da máquina de escrever de Murilo Cardoso, na impossibilidade de conciliar o sono, e avalio quanto o meu mapa geográfico por esses dias havia mudado. Agora eu tinha comigo os telefones das irmãs Alcides para quem poderia ligar sempre que quisesse, o autocarro tinha o número 49 e o local para onde me dirigia ficava ao cimo da Avenida da Torre de Belém. Na minha agenda mental, havia fixado que entre a garagem e a Pastelaria Restelo, a descer, conversando animadamente, demorava dez minutos. Entre a paragem do autocarro e a porta da garagem, a subir, não demoraria mais de quinze. Durante meses, essa iria ser a minha rota de navegação.

Mas no dia do primeiro ensaio, esse controlo de minutagem não funcionou.

A ligação que eu mantinha com os espaços abertos bem que poderia ter-me proporcionado uma relação lânguida com o tempo, esse desfasamento comum entre a hora mecânica e a hora solar, tão próprio dos camponeses e, contudo, contudo, não era esse o meu caso. Em vez de uma relação lassa com o relógio, eu mantinha uma relação tensa. Tinha o hábito de chegar pontualmente aonde quer que fosse que houvesse uma hora marcada, e naquele início de tarde de Novembro, exagerei. Cheguei com três quartos de hora de avanço, o que não era pontualidade, era um desgoverno. Uma ansiedade de antecipação que mais não deveria ser do que a manifestação de um resto da imprecisão infantil. Fosse como fosse, eu não iria ficar ali, diante do portão, a olhar para a fachada da casa, à espera que me surpreendessem no excesso de cumprimento.

Resolvi dar uma volta pelas ruas próximas, caminhando rápido, mas à medida que me afastava do local, e ia reproduzindo a fachada da casa com a porta da garagem em relevo, era como se uma parte daquilo que ia ficando nas costas se esclarecesse na minha frente.

Penso nessa vivenda, que ainda hoje se ergue na minha frente com a nitidez de uma paisagem filmada.

A Casa Paralelo era uma sólida construção dos anos cinquenta, a única daquele renque semicircular cujas janelas se encontravam trancadas. A pintura estava desfeita e a gaiola onde, porventura, décadas atrás, teriam palrado aves vistosas, era apenas uma silhueta de arame enferrujada encostada contra uma pérgola. Colocada em face do Tejo, há muito que a grande mansão deveria esperar o momento para ser reparada, ou mesmo demolida, e no meio desse abandono, só a garagem fora refeita e modernizada. Era esse o caso que me fazia parar no passeio. A meus olhos, tornava-se muito claro que a reparação havia sido levada a cabo, de propósito, para albergar aquele piano e aqueles ensaios. A porta verde, pintada de fresco, a calçada recomposta, o cheiro a tinta, tudo indicava que assim fosse. O pátio ajardinado onde se perfilavam um cedro, uma tília e um grande plátano, num aviso de que a vida continuava, também havia sido recentemente tratado. Na relva espontânea ainda se encontrava a marca arranhada da gadanha, e uns montes de folhas secas incluíam ramos cortados das mesmas árvores. À medida que eu ia caminhando pelas vias circundantes e unia esses dados, alguém se delineava na minha frente a traço forte. Cada vez mais forte. Não havia dúvida, a ocupação da garagem era por certo obra e resultado das relações e do engenho de Gisela Batista. Às três horas em ponto toquei, a porta da garagem abriu-se. Nessa altura eu já tinha a certeza de que aquela iria ser uma das moradas importantes da minha vida.

Aquela a quem chamavam de *maestrina*, trajada de branco tal como no dia em que a tinha conhecido, sobressaía no amplo vão da garagem. Na sua frente encontravam-se as irmãs Alcides. O recinto enchia-se de vocalizos, e a atenção que as três mulheres prestavam aos seus próprios sons conferia um ambiente de compenetração que me parecia entrar na esfera da solenidade. Percebi que também tinham chegado antes da hora, que também sofriam da minha própria excitação, e senti-me em família, de tal modo que nem me julguei preterida, ao ter de ficar uns largos dez minutos a assistir ao treino das três cantoras, como se eu não existisse. Mas existia, sim. A dado momento, Gisela consultou o relógio e mandou-me despir o casaco.

«Põe ali» – disse-me, economizando as palavras.

As duas irmãs sentaram-se a olhar para uns papéis e a pronunciarem ditongos e vogais muito abertas. Eu fui conduzida até ao fundo, perto de uma mesa, fiz os exercícios que habitualmente fazíamos no coro da igreja, e depois Gisela, sempre a olhar para o relógio, acendeu uma vela, colocou-me na sua frente e mandou-me expirar de modo a fazer a chama inclinar-se até à horizontal, tomando o cuidado de nunca a extinguir. A cada expiração, ela contava de um até dez. Completamente concentrada na direcção da chama, Gisela disse-me que o ar teria de descer até ao fundo do tórax e daí regressar sob controle, e deu-me outras indicações do mesmo género. Disse-me que dali em diante eu iria fazer aqueles exercícios sozinha, e que para tanto poderia chegar mais cedo, se quisesse. Gisela tinha-se tornado amável. Aquela impressão de que havia alguma coisa de brutal na sua pessoa desvanecia-se sob a forte imagem da sua eficácia. Olhou de novo para o relógio e comentou, referindo-se a alguém ausente – «Vão ver, um dia destes, ela chega tão atrasada que nunca mais chega...»

Nesse momento, a campainha tocou, Nani correu a premir o comando, e no vão da porta que deslizava lentamente no carril, surgiram, um após outro, vários sacos de plástico. Atrás deles, a pessoa que os colocava no chão tinha a cabeça em baixo e falava sozinha. Quando se ergueu, mostrou-se e era uma rapariga negra. A rapariga elevou a cabeça na nossa direcção e disse – «Olá, minha gente. Eu já cá estou!»

Depois, a recém-chegada atravessou a garagem, arrumou os sacos atrás do cortinado cinzento, limpou o rosto num lenço e dirigiu-se ao estrado onde repousava, sobre os três pés, o Yamaha pretíssimo. As duas irmãs tinham terminado os exercícios, Gisela podia falar baixo que se ouviria em qualquer parte daquele recinto. A rapariga colocou-se na sua frente – «Madalena Micaia» – disse a *maestrina*, pausadamente, como se se dirigisse a um surdo ou a uma criança de tenra idade. «Diz-me, se fazes favor. Porque te chamam *The African Lady*, lá no restaurante onde trabalhas? Não é um elogio, pois não? Ou será?» – A recém-chegada não parecia intimidada, e começou a dizer que sabia muito bem que não era um elogio, que lhe chamavam assim porque chegava sempre atrasada.

Gisela insistiu – «E por que motivo chegas sempre atrasada?»

A rapariga encolheu os ombros. Parecia divertida. De tal modo displicente e divertida que eu tive a sensação de que assistia a um ritual criado de propósito para punir quem chegava tarde, uma espécie de inquérito pueril feito para nada. Gisela Baptista insistia, enquanto a rapariga a quem tratava por Madalena Micaia, ia explicando que tinha em casa uma montanha de pessoas de família, e que se a um lhe doía um dente, a outro lhe doía o baço. Na sua casa, havia sempre alguém com uma dor qualquer. E acabou por dizer – «Uh! A culpa, Mimi, foi daquela maldita calema que lhes levou a casa, naquela maldita costa do lado de cá. Quiseram mudar

de terra, mudar de mar, e mudaram muito mal. Maldita a hora em que mudaram...»

Gisela exasperou-se. «E não podes esquecer isso quando vens ter connosco?» – A *maestrina* continuava a falar a partir do estrado, enquanto a rapariga despia uma peça de roupa na sua frente.

«Porque não deixas lá fora esses teus cuidados? A partir daquela porta, não há mais cuidados, eles têm de ficar lá fora, além...»

A interlocutora não respondeu, fechou os olhos e soltou um som grave, um som harmonioso que subia e descia na escala, sem intervalo, exibindo uma extensão formidável, uma potência de voz quase intimidante, quase estentórea. Quando terminou, a rapariga riu muito – «Olhe que não me chamam só *The African Lady*, Mimi. Ali as irmãs Alcides chamam-me outros nomes feios, até me chamam Mahalia Jackson da Amadora, mas eu não me importo. Não é assim? Olhe aqui, como me pareço com ela.» – E bateu com as mãos no rosto.

Gisela nem olhava, por certo que semelhante luta deveria ser habitual, pois a rapariga recém-chegada movia-se com todo o à-vontade, falava cheia de satisfação, ria-se diante do estrado, envolvendo nessa alegria o corpo todo. A saia tinha-lhe ficado de esguelha, e agora procurava abotoar-se. Mas Gisela ainda não tinha terminado – «E quanto te paga o teu patrão, para cantares no bar? Aposto que nem te dá cem escudos por noite. Mas isso vai ter de acabar. Tu tens de ser responsável, tens de escolher entre nós e eles, e a escolha tem um prazo bem curto, como tu muito bem sabes. Demais sabes tu que é assim. Agora vai, vai lá para o teu lugar, e logo decides...»

A rapariga obedeceu. Aproximou-se da parede, fechou os olhos, moveu o corpo, estalou as pontas dos dedos e cantou para si mesma – *Aleluiah! Aleluiah!* Desceu na escala, subiu, fez a voz reverberar, desfez a reverberação, fê-la e desfê-la repetidas vezes, e no final, quando abriu os olhos, encarou Gisela Batista – «Então por

onde vamos começar? Leia lá o seu papel, se faz favor, para uma pessoa perceber como vai ser...»

Começou assim o primeiro ensaio.

Revejo esse primeiro ensaio, em que eu entrava a medo e a medo me calava. Calava-me com razão. À medida que ia participando dos vários episódios daquele início de tarde, a convicção de que semelhante grupo não precisava de mim reforçava-se. Naquele naipe, eu sentia-me totalmente prescindível. Sobre a minha voz pouco afinada poder-se-ia dizer, quando muito, que apresentava um timbre razoável e uma textura acetinada. De resto, nem extensão ampla, nem uma boa espessura, e a própria projecção era reduzida. Porque me tinham chamado? Para dizer a verdade, naquele momento, em que pela primeira vez ficámos lado a lado, eu não cantava, eu apenas murmurava uns sons junto das outras raparigas. Inclina-me para o local de convergência das várias vozes, mas enquanto elas entoavam na posição certa, eu emitia uns leves sussurros, que por vezes saíam agudos. Com que fim estaria eu ali? Pensava.

Pensava e não compreendia porque me tinha chamado Gisela Batista. Por que razão tinha sido incorporada como quinto elemento daquele grupo, se apenas me havia predisposto a escrever umas letras. Em termos de voz, as irmãs Alcides, uma soprano ligeiro e uma *mezzo* de belo timbre argentado, procuravam dismantelar o formato de precisão para que haviam trabalhado durante doze anos das suas vidas, saindo do seu leito minuciosamente cultivado, simplificando os registos, procurando regressar ao tom natural, tentando aproximar-se do canto lasso das amadoras de música, e a amadora que eu era apenas procurava encontrar uma colocação minimamente digna, seguindo-lhes a ondulação e o tom. Mas quem mais me atraía a atenção era Madalena Micaia. Ela sim, ela tinha

uma bela voz, quente e profunda, aveludada, dramática, uma voz que apetecia deixar isolar e desprender, deixar ouvir a solo, uma voz que voava acima de nós, quando se levantava e abafava por completo o fluxo lírico das irmãs Alcides, transformando tudo o mais em puro ruído de fundo. «Calma, Madalena Micaia» – dizia Gisela, agitando a folha de música na sua frente, e impondo-lhe uma página pautada a que a rapariga africana não ligava importância nenhuma. «Calma. Voltamos atrás, mas tu não sais da nossa atmosfera, precisamos de ti aqui e não além...» E apontava para o cimo e para o largo.

«Não te controlas, será?»

Eu continuava a emitir uns sons sem que ninguém fizesse qualquer comentário, embora o sentido da minha inclusão, que a princípio me parecera um mistério, acabasse por ser decifrado ao longo daquele primeiro ensaio. Dizia respeito directamente a Gisela Batista, a própria, a líder, a *maestrina* de quem tudo e todas dependiam, e tinha a ver com a figura da sua própria voz. Não foi sem emoção que o descobri.

Passada uma hora de ensaio, eu já tinha compreendido que a sua voz apresentava um timbre aceitável. Se cantasse para crianças adormecerem, serviria, se apenas murmurasse palavras, por certo que encantaria pessoas, mas na realidade apresentava pouca extensão, pouco brilho, uma vibração fraca. Gisela Batista não conseguia elevar a voz acima de um trauteio normal. A partir de certa altura, transformava-se numa emissão vocal aquosa com um fiozinho de seda à mistura, mais nada. É verdade que ela tinha gravado dois *singles*, mas fora almofadada por bons coros e amparada por outras ajudas, porque Gisela, sem o suporte de um bom amparo, jamais cantaria só. O seu canto produzia-se com naturalidade mas não era acompanhado pelo instrumento do peito. Quando falava, a sua voz era potente e persuasiva. Quando cantava,

as vibrações não passavam para os espaços corporais em volta, os seus tecidos não pareciam de substância carnal, funcionavam como uma espécie de esponja, que as recebia mas não as multiplicava. Antes as amortecia. Uma coisa era a voz que ela mentalmente idealizava, outra, a voz que ela emitia. Eu podia dizê-lo porque a voz de Gisela era semelhante a uma outra que eu bem conhecia. A sua voz era idêntica à minha. Quando Madalena Micaia se calava, e ficávamos só as quatro, essa semelhança tornava-se evidente. Era nesse momento que as nossas duas vozes se aproximavam e uniam, e ambas formavam um fundo baço contínuo, uma espécie de coro surdo sobre o qual as outras vozes se desenhavam, criando volume, levando o conjunto até um local de expressão aceitável.

Eu diria que a minha voz e a de Gisela Batista formavam em conjunto um fluxo descolorido, cuja única consistência provinha de ser multiplicada por duas. Uma espécie de coro líquido. Difícil. Ensaiávamos, de pé, um tema designado por *Ckeck-in*, e para sublinhar o movimento de partida e chegada num balcão de aeroporto, era preciso controlar Madalena Micaia, descontrolar as irmãs Alcides e atapetar as suas vozes com a nossa fita dupla, frágil mas unida. E semelhante jogo, que passado todo este tempo demora a deslindar, na altura, não demorou mais do que uma hora a compreender. Sem palavras. Nesse dia, o dia do nosso ensaio inaugural, eram tantas as revelações que a emoção me calava. A principal era a descoberta de que Gisela Batista jamais seria Billie Holiday, nem Edith Piaf, nem sequer uma Gloria Gaynor ou uma Donna Summer qualquer ela seria. Como me tinha chegado essa ideia? Aliás, agora compreendia por que razão Gisela não desejava ser uma solista, apenas queria fazer arrancar do nada um grupo de mulheres cantoras como tantos outros havia, e para isso ela desenvolvia uma espécie de esforço de superação sobre si mesma, e sobre as suas companheiras, que estava bem à vista. Aquele esforço ordenado comovia-me. Eu não dizia nada. Se dissesse uma palavra

que fosse, fora do meu sussurro estrangulado, ter-me-ia desfeito em lágrimas. Lágrimas de emoção por ter encontrado, dentro daquela garagem, gente da minha raça, gente que tudo aquilo que desejava em abstracto procurava alcançar no concreto, nem que para tanto fosse necessário espancar o corpo e a alma. No entanto, o objectivo que se perseguia poderia nunca ser alcançado. Eu sabia disso. Mas não o dizia. Nessa tarde, os episódios da travessia desde África várias vezes me visitaram, desde o *Expulsá-los-emos* até ao camião conduzido pelo meu pai e um homem correndo atrás, sem hipótese de nos alcançar. Desde os ruídos dos animais do estábulo aos versos da minha mãe. Essa mistura distanciava-me, colocava-me no meu lugar. Assim a tarde passou. Só no final Gisela me apresentou a Madalena Micaia, anunciando-me como letrista – «Se te descuidas, ainda ela, um dia, escreve umas trovas só para ti, tu vais ver, *African Lady*, tu vais ver...»

«Boa!» – disse a rapariga, sem me ligar importância nenhuma. E despedimo-nos.

Eu só pensava na travessia.

Mas ainda aconteceu alguma coisa de muito particular, nesse primeiro dia, que na altura me chamou a atenção. Já depois do ensaio, Gisela acendeu um cigarro e foi fumá-lo enquanto falava ao telefone. Ao serem discados, os números daquele telefone faziam um ruído demasiado alto. No silêncio em que se encontrava mergulhada a garagem, cada um dos números, girando no mostrador, parecia reproduzir ali dentro o rodado de um carro. A nossa capitoa fumava e falava baixo, a boca junto ao bocal. De vez em quando sorria. À sua volta, Gisela espalhava cinza. Então aquelas três raparigas saíram da garagem sem se despedirem e eu imitei-as. Saí, pé ante pé, passei pela porta apenas aberta numa frincha, sem pronunciar uma palavra. Eu era apenas uma espectadora aprendiz,

não era uma companheira de pleno direito, compreendia que ainda não conhecia os laços que atavam aquele grupo.

## CINCO

À distância destes anos, calculo que não me deva ter apercebido de muitos outros detalhes, durante essa primeira sessão, mas a minha ideia é de que ela foi de tal modo impressiva que tudo o que viria a acontecer depois se concentrou em torno dessa tarde inaugural. Os nossos ensaios iriam prolongar-se pelos meses de Novembro e Dezembro, e esse tempo funcionaria como uma espécie de preâmbulo, sendo todo ele a ampliação daquele encontro. Na minha lembrança, esses dois meses arrumam-se como sequências de uma única sessão contínua, quando nada era ainda determinante, tudo era preparatório. Arrumam-se em quadros fixos.

Lembro-me do gravador e das duas bobinas a rodarem diante de nós, dois novelos que se enrolavam e desenrolavam à vista, oferecendo-nos a música de ensaio, enquanto as primeiras chuvas de Outono caíam sobre Lisboa. Lembro-me da maquete para o LP, que elas sempre referiam como *Long-Playing*, colocada sobre a tampa do piano, e da discussão sobre os nomes. O nome do grupo, o nome do álbum, o nome da grande sala de espectáculos onde iria acontecer aquilo a que chamávamos a nossa estreia absoluta. Por aqueles dias, que me parecem ter sido um só dia, a minha percepção era de que alguma coisa de extraordinário estava a erguer-se em torno daquela mulher admirável que era Gisela Batista, algo de grandioso e sem nome, e eu tinha a sorte de fazer parte desse movimento imparável. Lembro-me da força da sua convicção quando teve a ideia de chamar *ApósCalipso* ao grupo. Aproveitando o atraso de Madalena Micaia, Gisela reuniu-nos à sua volta e explicou por que razão era aquele o nome que nos convinha, e não poderia ser outro. Se reparássemos bem, ele convocava a libertação

de Ulisses e o seu regresso à morada de Penélope, ao mesmo tempo que atraía ressonâncias do texto de São João de Patmos. Por isso a palavra desencadeava dois efeitos distintos. Quem apenas escutasse, ouviria *Apocalipse*, um jogo que reverteria a nosso favor, conferindo-lhe um tom atemorizante, próximo do religioso. Num segundo momento, porém, esse primeiro sentido desfazia-se, a solenidade esfarrapava-se, a convenção esmigalhava-se em pequenos cacos. Pois uma vez soletrado, o que sobressaía era apenas um nome, *calipso*, uma dança, um ritmo. Assim, a palavra com a qual Gisela nos nomeava não tinha dois, tinha três sentidos. Entretanto Madalena Micaia chegava arrastando os sacos molhados e Gisela repetia as duas palavras sentada ao piano, sem o abrir, apenas apoiada, como se ele fosse o seu abrigo e o seu objecto de inspiração. *ApósCalipso*. Segundo a nossa *maestrina*, aquele nome de sentidos múltiplos distinguir-nos-ia, levar-nos-ia longe. Era uma ordem para fazer rebentar com tudo aquilo que estorvasse e estivesse em frente. O nome acabaria por vir a ser outro, bastante distinto, mas a discussão em torno da hipótese *ApósCalipso* fora tão reveladora, que intimamente esse, e não o outro, ficaria impresso entre nós como a nossa palavra-chave, aquela a que associávamos a ideia de triunfo e alegria. Aliás, ao longo desses dois meses, sempre que Gisela falava, o futuro transformava-se numa sala iluminada que pretendíamos tomar de assalto, mesmo que viéssemos a ter de deixar parte do corpo entalado nas portas por onde passássemos. Numa das últimas sessões de Novembro, em clima de plena euforia, já algumas das minhas palavras estavam na boca das cinco. As palavras que se destinavam a uma certa faixa tinham sido substituídas por *Era um porto, era uma gare*, letra que Gisela, agora, amava. Apreciava em particular os versos em que se demolia a saudade – «*Quero que o bicho / Da saudade / Tenha uma morte feliz / Uau, au*». Cantávamos contra o animal com tal convicção que os últimos acordes nos deixavam esgotadas. Pelo contrário, quando

ensaiávamos o tema *Minha alma*, Gisela levantava os olhos para longe e repetia em voz alta a letra composta pelo próprio compositor da música, «*Canta, canta, minha alma / Dá-me febre e dá-me calma*», e não gostava. A *maestrina* detestava a letra, pedia-me que a modificasse. Depois, revia a maquete, telefonava para o compositor, o maestro Francisco Capilé, um homem de cabelos espalhados pelas costas que tocava cinco instrumentos, entre os quais o piano, e pedia-lhe uma adaptação da estrutura melódica, em função das alterações da letra.

«É para ontem» – dizia ao telefone.

Outras vezes, pegava em pedaços de frases que eu lhe trazia e requisitava uma nova composição. O maestro surgia na porta, entregava a gabardina e o guarda-chuva pingante, uma de nós corria a recolhê-los, e as cinco, expectantes e compenetradas, ficávamos a ouvi-lo e a vê-lo. Muito atarefado, o artista precisava de um intervalo para se concentrar. Finalmente debruçava-se para o piano, e depois de martelar durante algum tempo e encontrar soluções que nos pareciam razoáveis, avisava que nada do que fazia era gratuito. O dedo que tocava piano também sabia estalar no ar o som do dinheiro. Virava-se só para Gisela como se nós ali não estivéssemos – «Minha amiga» – dizia ele. «Tudo isto tem um preço, e não é baixo!» E ainda tinha mais um aviso a fazer envolvendo a questão financeira – «Também não se esqueçam de que, durante o mês de Janeiro, os ensaios têm de ser no Estúdio Nepomuceno. Mais dinheiro...» Avisava o mesmo dedo que tocava cinco instrumentos, as mãos erguidas do leito dentado do piano. Então Gisela Batista avançava para o Capilé, questionava-o, queria saber até que ponto ele se sentia prejudicado, perguntava-lhe se alguém lhe devia um escudo que fosse. Se acaso o Senhor Simon não tinha feito contas com ele até ao último tostão. Gisela revoltava-se, devolvia-lhe a

gabardina e o guarda-chuva, interpelava-o – « Diz-me, Francisco. Deve-te alguma coisa, o meu pai? Então se não te deve nada, porque estás a amedrontar as pessoas, a retirar-lhes confiança? Diz lá!»

«Eu só estou a avisar.»

Depois o maestro abalava e nós retomávamos os exercícios de aquecimento, regressávamos à chama da vela, aos treinos de controle sobre as vogais, e partíamos para o ensaio das treze canções do álbum a ser gravado no início do novo ano. Não sem que antes Nani confirmasse que o abutre se tinha ido embora. Nós quatro ficávamos em volta do piano, e ela saltava sobre um banco para espreitar pelo janelim lateral a saída do compositor. A soprano gritava – «Lá se vai o abutre, graças a Deus! O que tinha de bom deixou cá, o que não presta vai com ele...»

E eu, o que era eu para Gisela?

Ao longo desse primeiro tempo, que sempre se me afigura ter sido uma só tarde, a minha relação com Gisela Batista continuava a ser singular. Ou pelo menos inqualificável. Terminados os exercícios preliminares, a *maestrina* colocava-nos em fila, baixava os olhos se acaso se me dirigia, e nunca sorria para mim. Mas de vez em quando entreolhávamo-nos e eu tinha a convicção de que nos compreendíamos. Ela chamava-me para lhe mudar palavras, substituir corações que ardiavam nas letras do maestro, letras a que ela chamava trovas quando não as tomava a sério, ou simplesmente lhe desagradavam. Por vezes ela mesma encontrava o que pretendia, mas parecia ficar segura tendo-me por cenário diante de si. Uma estrutura arcaica sobre a qual a natureza havia feito duas pessoas distintas, com dez anos de diferença, unia-nos no subterrâneo desses dois primeiros meses. Sem que nos pronunciássemos, desenhava-se entre nós um arrebatamento

qualquer que dispensava a fala. Eu procurava não me aproximar, colocando-me atrás das irmãs Alcides, atrás de Madalena Micaia, atrás do piano, ou do que quer que fosse que me permitisse afastar. Mas todas elas sabiam que eu havia conquistado um lugar especial na vida de Gisela Batista. Durante os intervalos, ela sentava-se ao piano e dizia frases como esta – «Minhas queridas, encontrámos aqui dois ou três temas importantes. Tenho para mim que um deles pode vir a ser a nossa canção fatal. Porque eu sei, eu sei, está aqui entre nós uma daquelas canções que uma vez escutada nunca mais se esquece, e sem ela não se pode viver em paz. Vamos encontrar aqui o nosso *Waterloo*, o nosso *Staying alive*, *Don't cry for me*, *Argentina*, ou algo de semelhante...» E nem olhava para mim.

Eu imaginava o mesmo, e pensava que uma delas poderia conter palavras que eu tivesse escrito. Uma ambição semelhante à de Gisela Batista tinha-se apossado da minha vida.

Aliás, uma ambição de dimensão inexplicável havia tomado conta de nós todas por igual. A prova é que as irmãs Alcides não eram apenas vozes seguras e pessoas fiáveis, elas continuavam a ser as mais entusiastas do grupo. Não se desviavam um milímetro que fosse dos propósitos que haviam anunciado, sentadas no pátio da Universidade. Nunca faltavam, nunca chegavam atrasadas, nunca se indignavam, nunca reclamavam pelas repetições, aplicavam-se porque tinham pressa em queimar metas, queriam estar aptas a fazer-se explodir no palco como pneus de carro rolando a alta velocidade, quando o momento chegasse. Queriam dar tudo por tudo para atingirem o que pretendiam.

Pouco depois das duas horas, já lá estavam em cima do estrado. As duas morenitas, quase iguais, muito exercitadas, de tal modo bem afinadas que por vezes não sabiam o que fazer com a afinação. Como descompô-la, como subvertê-la. E ambas namoravam, mas

ambas diziam que jamais permitiriam que o amor estorvasse a rota das suas vidas. Quando se aproximavam as seis da tarde, um ruído de carros em marcha lenta indicava que alguém se encontrava à espera das irmãs Alcides. Maria Luísa perguntava – «Já cá estão eles? Pois que esperem sentados...» As duas sopranos continuavam impassíveis – «Que fumem, que vão fumando...» E em frente do jardim, viam-se dois homens, à chuva, sem dizerem nada um ao outro, cada um deles a fumar para seu lado, encostados aos carros. Por vezes, atroando os ares, passava uma Kawasaki montada por um blusão negro e Nani suspendia o ensaio.

Gisela inquietava-se – «Aquilo ali em frente não deveria acabar?»

Maria Luísa respondia – «Desculpa, Mimi, mas nós estamos aqui, e eles estão lá fora. Se eles quiserem esperar que esperem, se não quiserem, que se vão embora pelo mesmo caminho por onde vieram...» E ambas prosseguiam como se nada fosse.

Também Madalena Micaia, *The African Lady*, conforme lhe chamavam no restaurante, nunca faltava. Chegava atrasada, carregada de sacos que logo pousava atrás do reposteiro cinzento e, num abrir e fechar de olhos, ficava em estado de prontidão. Aliás, todas nós estávamos em estado de prontidão. Bem como o Yamaha, o gravador, o telefone preto pousado no chão, os bancos, a cafeteira, o pequeno espelho por cima da mesa. A fotografia ao fundo parecia estar em estado de prontidão, suspensa acima do tempo. As próprias paredes se encontravam nesse estado. Todos os materiais que nos rodeavam, seres humanos e não humanos, se encontravam em estado de prontidão para alguma coisa que iria acontecer. Quando os ensaios terminavam, as irmãs seguiam nos carros dos namorados, Madalena Micaia partia a correr na direcção do seu transporte, e eu descia para tomar o autocarro que me haveria de levar até ao Campo Pequeno. Só Gisela ficava. Gisela ficava na garagem à espera do carro enviado pelo pai.

Mas numa manhã de sábado chegou a realidade.

Era final de Dezembro. Decorria o ensaio quando três homens apareceram à porta sobraçando guarda-chuvas. Não os esperávamos. Três homens, três nomes. O Capilé, o Julião e o Saldanha. Era um momento importante, tratava-se da primeira vez que a produção tinha acesso ao material propriamente dito e eles vinham de surpresa. Porquê de surpresa? Gisela não gostou mas acabou por aceitar. Afinal, dos treze temas que iriam compor o *Long-Playing*, à data, poderíamos cantar oito. Colocámo-nos no meio do estrado e cantámo-los. Demorámos quarenta minutos. Enquanto isso, os três homens mantiveram-se impassíveis. Três homens de aspecto muito diferente. Tão diferentes de aparência que as suas almas também tinham de o ser. Nesse dia, o maestro Capilé estava particularmente sebento. O seu rabo de cavalo, atado por uma fita, visto de perfil, parecia a cauda de um gatinho doente. O Julião, forte, alto, redondo, vestido de preto e vermelho, tinha alguma coisa de mefistofélico. O Saldanha, em fato clássico e gravata, pasta e sobretudo, parecia ter-se deslocado de um outro planisfério para vir tomar apontamento sobre o que se passava neste. Os três, sentados no banco corrido, tinham permanecido imperturbáveis ao longo da audição, mas no final vieram até junto do piano e não se pouparam nos elogios. Felicitaram-nos. Disseram que havia uma nova poesia salpicando as letras, novas soluções harmónicas, que viam grande melhoria no objecto, grande avanço na concepção, surpresa na interpretação. Julião e Saldanha diziam-se maravilhados. De facto, um belo objecto. O Capilé era mais parco, naturalmente, porque ele mesmo tinha intervindo, as novas harmonizações eram suas, e por outro lado, as letras substituídas eram suas também. O duplamente comprometido ficava calado. «Agora, sim, temos obra!» – disse o Julião. «No entanto...»

No entanto, havia um problema com o *objecto*.

Os três homens começaram a andar à volta do estrado e a olhar para o lado dos janelins. É que mau grado todas aquelas melhorias, no plano prático eram obrigados a concluir de forma diferente. Quem primeiro o fez de viva voz foi o Saldanha. Pousando a pasta sobre o próprio piano, concluiu que iríamos ser obrigadas a trabalhar muito mais, pois tendo sido alterada a composição, só havia dois temas prontos para passar a estúdio quando eram treze ao todo. Uma questão de tempo. Mas para o Julião o problema era outro, e bem mais grave. Tratava-se de um problema de fundo.

Segundo o Julião, nós precisávamos de movimento, de alegria, não havia dança nas nossas interpretações, não podíamos apenas sacudir os ombros e abanar o traseiro como avestruzes no deserto, paradas no mesmo lugar, anca para aqui, anca para ali, desencontradas. Era preciso sacudir os traseiros ao mesmo tempo. Requebrá-los em conjunto como se fossem só um. O mundo tinha mudado, e o que nos propunha era mais antigo do que o *cancan* francês, com o qual deveríamos aprender alguma coisa na arte de ocupar o palco. Embora adaptado à nova realidade, o princípio era o mesmo. Música para ver. Música para impressionar, sentir e ouvir, uma sensação conjunta que pouco ou quase nada tinha a ver com afinação mas com expressividade. Não estava propriamente a pedir-nos que nos puséssemos nuas enfeitadas com uma flor na orelha e uma malinha na mão, mas ele achava que era necessária uma outra história, que cinco mulheres no palco teriam de parecer um belo rebanho, a música teria de surgir como uma bela barulheira, com ritmo fundo, uma boa cama de som, e a impressão geral teria de ser de uma euforia muito mais próxima do efeito de uma bebedeira do que doutra coisa qualquer. E ali, o que acabava ele de ver? Via as Alcides, imóveis, de pernas grudadas ao chão como se fossem Turandots desterradas. A *African Lady* a mexer-se como se estivesse

a agitar um caldeirão. O corpo, o belo corpo de Gisela Batista ainda nem tinha aparecido em nenhum enquadramento que o realçasse. Um desperdício. O que desejávamos fazer da vida? Era preciso alguma coisa mais, uma componente que permitisse que o lançamento do *Long-Playing* fosse acompanhado de uma boa actuação, numa boa sala de espectáculos, muitas salas, salas aqui, ali e além, salas por toda a parte. Ele, Julião, não era o homem do dinheiro, era a pessoa da arte, e a pessoa da arte não pode ter contemplações. Tem de ser um oráculo, tem de falar verdade, mesmo quando está errado. A arte é acima de tudo verdade, e só se alcança um bom desempenho lidando com a verdade. Resumindo, concluiu o Julião, cada vez mais vestido de negro e de vermelho, era preciso mais tempo, mais entrega, mais dedicação, mais custos. Era preciso um coreógrafo que pegasse em nós e começasse por nos dar uma valente sova nos corpos lerdos que ele estava a ver na sua frente. Não nos podíamos esquecer que, àquela hora, uns trinta ou quarenta grupos portugueses ensaiavam como nós, cada um em sua garagem, e todos com a mesma ambição. E pelo mundo fora, nem se falava. Em cada canto da Terra, havia uma garagem com música e uns tipos aos saltos lá dentro. Era preciso compreender a paisagem. A que estava parada e a que se deslocava à nossa volta, e essa circunferência era cada vez mais larga. – Nesse momento, o Saldanha pegou na pasta e disse uma frase curta – «Assim, é um tiro no escuro...»

O Julião pronunciou, na direcção do Saldanha, uma frase longa – «Por mim, só para o final da Primavera elas estarão preparadas, com gravação no final de Abril e espectáculo em Maio...» – Continuavam a falar entre si.

O Saldanha voltou a dizer, mas na direcção de Gisela – «Telefona-me, meu amor. Preciso de saber com o que vamos contar. Ou sim, ou não.»

O Capilé nem falou. Limitou-se a estalar os dedos, rebolando os olhos e anunciando a grande soma de dinheiro que estava em jogo.

Então os três homens acenderam os cigarros e começaram a abandonar o recinto, sempre a conversar sobre nós, sem nos incluírem, como se ali dentro, além deles, ninguém fosse ninguém. A nossa ideia era de que havíamos sido visitadas por três caricaturas de vícios que andassem à solta pelo éter, e tivessem encarnado, por um momento, naqueles corpos. Madalena Micaia fez menção de cuspir no chão e raspou com o pé, como se enterrasse um escarro – «Desculpe, Gisela, mas isto é demais...» E raspou outra vez. «O que querem eles de nós?»

Quando os três homens desapareceram de todo, levando consigo os guarda-chuvas debaixo do braço, entreolhámo-nos, aterradas. Gisela encontrava-se no centro da questão, tudo dependia dela, mas o assunto a todas dizia respeito. Ela, porém, no seu fato-de-treino branco, uma *écharpe* da mesma cor em volta do pescoço, andava de um lado para o outro, e pensava. Tinha chovido estupidamente e fazia frio ali dentro. E ela continuava a pensar. Só pensava. Aquela visita tinha produzido o efeito de um relâmpago, fora intensa, esclarecedora, terminara. Agora não sabíamos se iríamos continuar o ensaio, ou abalar e ir pensar para casa. Gisela entrançava e desentrançava o cabelo, e pensava. Maria Luísa Alcides acabou por manifestar-se – «O que vamos fazer? Mais tempo? Mais dinheiro? Mais atrasos? Não estávamos tão bem como estávamos? Não estávamos a cumprir a grelha que nos fora entregue? Estávamos...» Gisela pensava. Dava voltas sobre voltas em torno do piano e regressava sempre ao mesmo local, diante do telefone preto. Baixou-se para o telefone que continuava no chão, discou um número e ouviu-se o fluxo duma voz que ela deveria escutar na perfeição, e a nós nos parecia ser apenas uma pergunta que vinha do além – «Estás? Estás?»

Então, Gisela, a grande Gisela, a bela Gisela, a forte, a conhecedora, a que nos agregava com a força da sua determinação e a coerência do seu projecto, a que tinha defendido que o grupo se chamasse *ApósCalipso*, a que nunca tinha vacilado, e queria encher estádios de gente que desejava aniquilar por encantamento, como uma equipa de futebol esmaga toda uma nação com a trajectória de um golo mágico, Gisela começou a soluçar ao telefone. Do lado de lá alguém deveria continuar a falar, porque ela interrompia os soluços para abanar a cabeça como uma criança a quem roubaram alguma coisa preciosa, e depois de algum tempo de pranto, entrecortado de breves silêncios, a *maestrina* disse com voz embargada as únicas palavras que proferiu ao longo do telefonema – «Vem buscar-me?... Hoje, sim, agradeço. Eu espero um pouco...» Gisela pousou o telefone, sempre a chorar. As irmãs Alcides saíram mal os carros dos namorados resfolegaram em frente da garagem, depois saiu Madalena Micaia carregada de sacos de plástico, e eu ia a sair também, mas ela chamou pelo meu nome.

«Solange?»

– «Sim, sou eu, e ainda aqui estou» – respondi, e ao responder apercebia-me da solenidade despropositada que punha naquelas três palavras, *ainda aqui estou*. Mas Gisela Batista encontrava-se lavada em lágrimas e talvez a solenidade lhe dissesse respeito. Eu aproximei-me dela, tinha medo e consideração por ela, e aquela cena muda ao telefone levava-me a imaginá-la mais rica, mais misteriosa, mais poderosa e mais magnânima do que já alguma vez eu tinha suposto. Como nos momentos importantes, as terras do chá vinham ao meu encontro e abriam-se altas montanhas no meu horizonte, palavras saíam dos cumes e da base das terras e, se tinham terminações paralelas, eu juntava-as em frases que, pronunciadas em situações correntes, pareceriam ditadas por loucos.

Ela veio ao meu encontro e estendeu-me as mãos. Abraçou-me. Atrás das minhas costas, eu ouvi Gisela dizer – «Tudo isto só porque tu apareceste com estas letras, e nós melhorámos mesmo, e fomos para diante, e estamos agora no caminho certo. Por vezes, é muito sinuoso o caminho que conduz ao êxito. Se é que a pessoa alguma vez fica a saber como se alcança o êxito. Ouviste, Solange?»

Não deu tempo para continuar.

Lá fora um carro buzina. Eu saí ao mesmo tempo. Ainda vi o grande automóvel cinzento, com a estrelinha da marca alemã a brilhar no frontão do *capot*, e depois a mesma estrelinha atrás. Gisela sentou-se no banco da frente, e um homem de chapéu, alguma coisa então bastante desusada entre nós, conduzia o carro devagar, com a imponência dos carros do Estado ou dos milionários quando não disfarçam a sua condição de abastança. Naquele caso, o grande carro era conduzido por um homem com chapéu de abas bem pronunciadas. O homem era seu pai. E eu tive a ideia de ter entrado no mistério de Gisela Batista e, ao mesmo tempo, de ele se ter adensado atrás de uma nuvem espessa.

## SEIS

Então os dias precipitaram-se na direcção do Natal, com todo o cortejo de actos preparatórios que trazia consigo, mas eu não dei pelos seus sinais. Apenas me lembro das ruas de Lisboa enfeitadas de lâmpadas e da mesa do Sobradinho iluminada por dois candelabros, à luz dos quais o meu pai e a minha mãe me entregaram pacotes forrados de papéis resplandecentes, e mal dei pelo estábulo. Visitei-o como sempre, mas em vez de aí ficar durante algum tempo entre os animais malhados, apenas os vi de longe e no seu conjunto. Nada se tinha alterado. A ração ainda era a mesma e surgia na hora exacta, debaixo dos seus focinhos. As rotinas tinham a hora marcada. O campo surgia-me como uma distância em vez de uma paisagem. O mesmo é dizer que fui à casa da ramada só para cumprir um dever, e regressei, apressadamente, no próprio dia 29 de Dezembro, porque me esperava um ensaio na garagem do Restelo.

Viajei durante a manhã.

Mal depusitei os sacos no quarto da hospedaria, corri para lá. Eram três horas da tarde. A porta deslizou no carril. Entrei. Gisela encontrava-se à espera das nossas companheiras, mas esperaria em vão, pois além de Solange de Matos, o quinto elemento, ninguém mais iria aparecer para o ensaio. Tanto as irmãs Alcides como Madalena Micaia acabariam por avisar que não iriam estar presentes. Explicaram que não tinham conseguido desembaraçar-se do alvoroço da época e por isso telefonavam, à última hora. As justificações foram longas, as promessas de Gisela de que poderia mandar buscá-las de carro, também, mas o resultado foi nulo. Gisela

sentou-se diante do piano fechado, completamente decepcionada – «São os fracos no seu melhor. Refiro-me sobretudo às fracas, sempre de serviço aos banquetes e às ninharias impostas pelos outros. E tu, Solange, podes ir-te embora.»

Mas depois reconsiderou – «Espera, não te vás ainda. Vem cá. Olha só como a troco de um bom adiantamento, aquele interesseiro do Capilé compôs isto para mim...»

E em vez de nos despedirmos, Gisela ligou o gravador, o registo do som surgiu muito alto, rugiu, finalmente a banda útil começou a correr e do aparelho desprendeuse um andamento entre tango e fanfarra que incendiou o espaço, um ritmo sincopado que fazia vibração nos ouvidos e criava uma espécie de batida contra as paredes, um som de tal modo envolvente que Gisela Batista deixou que o seu corpo se entregasse a uma espécie de agitação compulsiva. Parecia enfeitiçada. As voltas daquela trilha com três instrumentos sobrepostos inspiravam-lhe piruetas rápidas, uns lances de cabeça para trás e para diante, uns movimentos sacudidos como antes nunca lhe tinha visto. Até que a *maestrina* foi ao piano, tocou uns acordes e a aceleração do fraseado ficou diferente. «Assim, ganha outra luz, não ganha?» – perguntou.

De facto, uma vez saída da entranha daquele instrumento, a composição ganhava outro impulso. A fanfarra desaparecia para dar lugar a um ritmo dinâmico, um médio rápido alternado, um compasso de *swing* bem sacudido, bem travado. Então Gisela sentou-se no banco e pediu-me que imaginasse uns versos que falassem duma viagem até ao fim do mundo. Ela própria tinha uma ideia e ditava-a. Imaginava uma espécie de percurso na direcção da lua que fosse uma viagem à casa do amor. Lua, lua, lua derradeira, hotel dos meus sonhos, *flash* de luar. Ela ia dizendo, eu anotava. Passado algum tempo, sobre um papel branco, eu tinha escrito de novo umas linhas rimadas, umas ideias mornas que Gisela tartamudeava em voz alta, projectando as vogais, enquanto

ensaiava os movimentos de dança. Experimentava dançar aquelas palavras ao mesmo tempo que se auto-inspeccionava no pequeno espelho pendurado junto à máquina do café, assim que entrava a frase travada. Movida pelo compasso entre atraso e aceleração, a *maestrina* esbracejava diante da máquina. Quando a versejaria saía dos impulsos dissilábicos e entrava na parte lânguida, ela reclinava-se no solo e o seu cabelo espalhava-se sobre o *parquet*, aberto em leque como a cauda de um pavão. Então Gisela pediu-me – «Poderias, por acaso, ir buscar o outro espelho?»

Claro que eu podia ir buscar o espelho, eu encontrava-me em puro estado de prontidão. Tudo à nossa volta se encontrava nesse estado. Além disso, começava a perceber que um elo de confiança e cumplicidade se tinha estabelecido entre nós de tal modo forte, ou cego, que Gisela podia proceder como se eu ali não estivesse, ou como se eu mesma fosse um prolongamento da sua pessoa. Era difícil entender a razão, mas naquela tarde Gisela confiava à aluna letrista aquilo que de mais íntimo se pode confiar a alguém, a expressão íntima da sua fantasia. Eu estava comovida com a entrega que me fazia daquele seu devaneio que em princípio deveria permanecer secreto. Despreendi o espelho do lavabo e transportei-o para junto do piano. Já aí, Gisela pediu-me que o segurasse pela base e o elevasse à sua altura, o que eu fiz, com as mãos trementes do esforço, e diante dele, ela voltou a interpretar a canção, por si mesma intitulada *Até ao fim do mundo*, agitando os braços e o cabelo, e sempre que podia, procurava ver-se reflectida. Lá fora tinha escurecido. As árvores do pátio ofereciam à penumbra ramos desgarrados de onde as folhas haviam desaparecido. Mas esse sinal não importava. Já era perto das seis quando ela abandonou aquela tarefa, estava ainda o dia longe de terminar. A *maestrina* baixou-se para o telefone, discou os seis números como se puxasse à vez por seis carruagens, e falou como se eu ali não estivesse. Disse em voz

alta – «Sou eu, sim. Quem haveria de ser? Afinal acabou por não vir ninguém...» Em seguida, fez-se silêncio. «Como iria eu adivinhar? Estamos só nós duas. Trabalhámos o novo tema do maestro Capilé. Sim, é para substituir...»

Do outro lado, alguém perguntava alguma coisa, por certo, porque ela respondia – «Não, não é isso que eu lhe queria dizer. É que também seria necessário um espelho.» O silêncio do outro lado foi breve.

«Pois, um espelho...» Ainda mais breve.

«Sim, um espelho aí de uns três metros de largura por um e meio de altura, no mínimo. Se possível uma peça única, para não cortar a imagem. Bem sabe que somos cinco. E como? Não me dirá? Mas posso dar-lhe as medidas? As medidas definitivas? Quer já?»

Gisela desligou o telefone. Quando se virou, o seu semblante reflectia um entusiasmo reservado, mas à medida que ia passando o olhar pela parede em frente, o seu rosto ia sendo tocado pelo halo duma esperança sonhadora. A pele da sua face ia ficando mais branca, a sua boca mais vermelha, Gisela falava alto como se eu ali não estivesse. Deslizava diante da parede. Dizia que talvez fosse conveniente haver ali um espelho, um espelho a toda a largura da zona de ensaio. Sonhava alto. Sim, um dia no futuro, talvez ali houvesse um espelho enorme, um espelho de estúdio, assim, desta largura. Estávamos sós. Ela abria os braços rente à parede e estendia-os pela zona que poderia vir a ser coberta por esse vidro imaginado. Um espelho, um grande espelho. Ah! Se houvesse aqui um belo espelho, como tudo seria diferente.

E assim foi. Entre o que Gisela desejava e a sua satisfação não havia distância. Passados vinte e um anos, lembro-me da instalação do espelho como se tivesse sido suspenso esta manhã naquela parede.

Como não me lembrar?

Era o último dia do ano de oitenta e sete. Lá fora, o mundo fundia-se em discursos de chefes de estado recitados diante delareiras, com os cachorros de raça dormindo-lhes aos pés. Por toda a parte se fazia o balanço de sonhos colectivos, libertações, bandeiras, e assassinatos, prisões, tumultos, mas para a aluna letrista, emoldurada pelo projecto da música, nada interessava além da imagem de um espelho e do rosto radiante de Gisela Batista que de novo a esperava, quando ela atravessou as árvores do jardim e entrou pela garagem adiante. Lembro-me sobretudo das palavras de comando de Gisela. Lembro-me da sua gestão sobre os seis homens que acabavam de suspender da parede um imenso espelho. Seis operários comandados por um mestre português, ainda de lápis atrás da orelha, a língua a roçar a comissura dos lábios, em fato-de-macaco azul, acertando os últimos detalhes. Sobre o piano ficava uma factura em nome de *Simon&Associados*, e a conta ali estava. Ali estavam, desenhados à mão, os números do vidraceiro. Gisela deixava-me entrar na intimidade dos números, na sequência da intimidade dos seus gestos secretos. Sobre o papel estava escrito um número terrível para a época, setenta mil escudos, um espelho. Um espelho talhado, transportado e colocado na parede em menos de dois dias, entre o Natal e o Ano Novo. A rapidez da execução e a natureza da época justificavam semelhantes custos. Setenta mil escudos. Quando os funcionários saíram, ela disse – « É uma prenda do meu pai, o Senhor Simon. O que pensas, Solange, de uma oferta deste montante? É tão amável o Senhor Simon...»

Mas Gisela consultou o relógio e por momentos pareceu esquecer-se do espelho. Acordada para outra realidade, a *maestrina* precipitou-se na direcção do telefone. Discou um número e depois outro, e à medida que os discava ia ficando exaltada. Olhava em

volta pela garagem – E elas? Onde estavam as outras três? Nani, Maria Luísa e Madalena Micaia? Era a segunda vez que faltavam, entre o Natal e o Ano Novo. E porquê? Porque faltavam? Acaso não conheciam a situação delicada que ali se vivia? Possuindo o telefone com as duas mãos, Gisela chamava muito alto – «Maria Luísa? Nani?» Uma vez que ninguém atendia, não poderia haver resposta do outro lado. Mas a *maestrina* interpelava as irmãs como se estivessem a ouvi-la – «Vocês não vêm, porquê?» Até que desistiu. Encontrávamo-nos agora diante do espelho que tudo engrandecia. Engrandecia o espaço, engrandecíamos nós, lá reflectidas, engrandecia o desenho das grades dos janelins, a sombra dos ramos do plátano ondulando suavemente, a cafeteira, as cadeiras e o gravador das duas bobinas. Engrandecia o piano, pois agora havia ali dois pianos Yamaha, naquele recinto. E também engrandecia o drama de Gisela Batista por ninguém atender – nem as irmãs Alcides nem Madalena Micaia. Nenhuma das três. Era inacreditável que do restaurante onde trabalhava a africana, alguém respondesse que ela se encontrava de serviço na copa, e ninguém a chamasse para atender o telefone. E assim, a terrível falta de três elementos em cinco, pela segunda vez, também engrandecia diante do espelho. E o fumo do cigarro de Gisela Batista, pendurado da sua mão, balouçando na ponta de dois dedos movidos pela decepção, também engrandecia. Também engrandecia o meu próprio fumo e o meu próprio cigarro. Gisela tinha-me estendido um, já aceso. Gisela deu uma volta, agora multiplicada por duas, e decidiu – «Não importa. Vamos aproveitar, então, para rever a sequência toda. Vamos a isto!» Passámos a tarde debruçadas sobre as partituras e as letras, entre o gravador e o piano.

Vamos!

E assim, projectadas pela extensão que o espelho conferia ao espaço, arrastámos versos do seu lugar, modificámos outros, encontrámos palavras que haviam perdido o sentido, procurámos desesperadas por substitutos de vocábulos como *grandeza*, que não fosse *beleza* nem *fortaleza*. Ao fim do dia, último dia do ano, encontrávamos *tua mesa*, mas já havíamos modificado três linhas e o sentido era outro. Os meus animais herbívoros andavam por ali, vinham lentos, partiam lentos, ajudavam-me, mostrando-me, com as suas quatro patas fincadas no chão e a cabeça em baixo, como se exercita uma paciência sem limites, entre palavras. Palavras e palavras. E de súbito, um redemoinho de palavras, e de algum lugar inominável emergia o termo que no momento eu julgava exacto. Pois então eu era tão ignorante que pensava que o nome encontrado seria não só o definitivo, como estaria predestinado a ocupar um espaço que lhe fora reservado num mundo de palavras previamente associadas a que eu tinha acesso. Mas eu não falava desses meus caminhos a ninguém, muito menos a Gisela Batista, sentada diante do enorme espelho, onde a nossa imagem agora se perdia, pela inadequada iluminação daquele recinto, à medida que o dia findava. «Terminámos?» – perguntou Gisela, quando já passavam largos minutos das sete.

Sim, na prática tínhamos terminado, mas Gisela ainda iria dirigir-se ao telefone preto. No interior daquela garagem, havia agora dois telefones pretos, dois pianos, e duas Giselas Batistas curvadas para o telefone, ambas a falarem a propósito do espelho. Grande alegria, grande contentamento, ela não sabia como agradecer. Diziam as duas Giselas. Elas e eu, eu também, desdobrada em duas, sem nos olharmos, preparávamo-nos para terminar o nosso dia de ensaio. Mas passado algum tempo, alguém abanou a porta, abrindo-a do lado de fora. Alguém possuía um comando que fazia a porta deslizar a partir do exterior. A porta deslizava sem ruído e na soleira da garagem surgiu aquele por quem Gisela não esperava.

Senhor Simon?

Voltarei a avistar o Senhor Simon, mas nunca como daquela vez. Eram as últimas horas do ano, e esses sentimentos de fim e início de ciclo podem muito. O pai de Gisela Batista era um homem corpulento. Avançou pela garagem adiante, colocou a mão sobre o piano e olhou para o espelho. Poderosa imagem. Conto manter essa imagem viva durante muito tempo, pelo menos durante tanto tempo quanto existir a simulada eternidade de uma página. Há imagens que estão sempre presentes. Assim, o homem de quem falo examina a forma como foi pregado o espelho à parede, tem o chapéu na cabeça e mantém-no, olha bem à sua volta, dobra a factura em dobras muito pequeninas e mete-a no bolso do casaco largo, abaulado pela curva pronunciada das costas, apalpa o lugar onde guarda a factura como se não fosse uma factura mas uma prova, e começa a examinar os caixilhos, o *parquet*, o reboco, a electrificação, provavelmente encontra problemas na electrificação, desenrosca lâmpadas, retira lâmpadas, e uma delas guarda-a na algibeira. Tudo isso sem dizer uma palavra. Eu sinto-me fascinada. Estou sentada num banco, e não gostaria de ali estar, naquele preciso instante. A autoridade do pai de Gisela é exercida de modo tão esmagador que não consigo respirar. Gisela, ela mesma, está sentada no banco do piano. Ela só dirá – «Faz escuro, Senhor Simon. Não acha?» O pai não responderá nada. Ainda fica uns segundos diante do espelho, de braços colados atrás das costas como os patrões e os capatazes, e depois, em silêncio, tal como entrou sairá. Muitas imagens passarão por ali, mas a sua figura permanecerá colada àquele espelho, e àquele dia. E depois, nós duas despedimo-nos secamente.

Mas nessa noite Gisela ainda iria dar-me notícias. Seriam umas nove horas quando ligou para a hospedaria.

## O Senhor Simon.

Já o disse. No meu quarto ao Campo Pequeno, não há telefone. Só há dois telefones na grande casa de estreito corredor transformado em hospedaria. Um deles encontra-se na mesa-de-cabeceira da proprietária da casa, o outro sobre uma mesinha em meia lua, perto da porta de entrada. Tão perto da porta que eu tenho a ideia de que, quando o telefone toca, a rua inteira acorda. No entanto, por vezes, eu não o ouço no meu quarto. Quem costuma chamar-me é o Murilo. Naquela noite, também. Claro que o Murilo está muito admirado que eu me encontre na hospedaria numa ocasião daquelas. Que ele tenha ficado a trabalhar na sua tese sobre a grande mentira comunicacional do Ocidente, é compreensível. Agora, que eu tenha voltado do Sobradinho três dias mais cedo, isso não se compreende. Eu sou para ele a prova de que a irracionalidade anda à solta e não escolhe sexo nem idade.

«Andas, andas, ainda caís numa armadilha que te deixa desfeita em pó...» – Tinha-me avisado no dia anterior, quando me encontrara sem esperar, a meio do corredor. Depois de um breve momento de alegria, em que os seus olhos azuis haviam brilhado com a intensidade serena própria da mansidão, tinha vindo a desconfiança. «O que vieste tu fazer para Lisboa? O que se passa na tua cabeça? Porque não falas comigo, Solange? Regressaste e não me dizes nada?» Mas naquele momento – e são nove da noite – neste lado do mundo, o ano já só tem três horas para usar e uma parte da Humanidade está impressionada com o facto, ele tem o auscultador na mão e estende-mo, de cara virada – «É aquela pessoa outra vez. Nem tu deverias atender, nem eu deveria chamar-te. Sou um cretino. Toma lá...» – E entregou-me o aparelho com a repugnância com que se entregaria um pacote de droga a uma pessoa de família.

Tomei o telefone. Tinha razão Murilo Cardoso, era a voz de Gisela Batista. Do lado de lá, ela tossiu, tossiu mais, e depois limitou-se a dizer – «É só para te lembrar que terça-feira há ensaio. Estou a fazer uma ronda para que ninguém falte. Faltamos tanto, não é? Nós, os fracos, somos assim...»

Mas o fio da conversa estava suspenso, Gisela nem falava nem se despedia. Eu achava que ela ainda queria acrescentar qualquer coisa mais, umas palavras do género – «Viste o Senhor Simon? Que bom é o Senhor Simon, o meu pai. Mandou-nos aquele espelho, e agora vai iluminar convenientemente a garagem da Casa Paralelo para prosseguirmos com o nosso projecto. Vamos ficar com todo aquele recinto bem iluminado, como deve ser...» E no entanto não dizia nada. Percebia-se que Gisela desejava falar ao mesmo tempo que desistia. E eu esperava que ela continuasse no ponto em que estava, ao menos que continuasse a referir-se aos melhoramentos da garagem, mas nem sobre esse assunto neutro ela avançava uma sílaba. Eu sabia também que tudo aquilo que ela não dissesse naquele instante, nunca mais diria. Nunca mais iríamos ficar sozinhas durante duas sessões, nunca mais eu assistiria à montagem dum espelho, nunca mais veria a figura majestosa do Senhor Simon entrar no recinto para dobrar uma factura entre os dedos, entrar em silêncio e sair em silêncio daquela garagem, com um comando que abria a porta por dentro e por fora. Nunca mais. E assim foi.

Ao despedir-se, ela só disse – «Não te esqueças, terça-feira que vem. Ver-nos-emos, e entretanto, bom Ano Novo.»

## SETE

Neste momento eu deveria voltar a pensar na Noite Perfeita, no seu ambiente festivo, nas suas palmas cruzadas, no rapaz entretém a dizer *Lindíssimo!*, no seu espanto por eu ser uma letrista, o disco *Canção Afortunada* ser histórico e o meu nome, de súbito, se cruzar com o de Vinicius, Michel Vaucaire, Tim Rice e os demais. Como assim?

Aliás, para ser coerente, eu deveria pensar no relato completo de Gisela Batista, na sua urdidura perfeita, no encontro perfeito que se deu no final da gravação, no anúncio de que milhares de estrelas passavam por cima do meu vestuário, mas em vez de pensar nesse momento inesquecível, regresso ao corredor da hospedaria, à última noite do ano de oitenta e sete, e revejo Murilo Cardoso com uma garrafa e dois copos na mão, à espera que eu pouse o telefone. Era irrecusável a oferta que me fazia. Sentámo-nos na mesa da sala comum, e ali esperámos os dois pela hora tremenda. Com alguma surpresa, acabaria por ser, entre nós, um momento de trégua.

Recordo que nessa noite os outros hóspedes andavam pelas ruas, só nós dois tínhamos ficado diante de um televisor para o qual nem olhávamos, mas de onde provinham mensagens sobre cidades em festa e factos extravagantes, que Murilo comentava sem grande alarde, criando uma pausa na nossa contenda, e talvez por isso mesmo esse tenha sido um momento revelador. Direi que foi a primeira vez que eu compreendi quem era Murilo Cardoso, a magnitude do seu carácter e o tipo de papel que estava disposto a desempenhar. Essa revelação não surgiu sob a forma de uma aparição súbita, foi-se dando ao longo da noite, enquanto a garrafa

se ia esvaziando, ele ia ficando alegre, nós dois íamos ficando alegres, e eu ia descobrindo que Murilo não era apenas um estudante de Sociologia, Murilo Cardoso era uma espécie de carteiro do mundo.

Como é que eu nunca tinha compreendido?

Nessa noite de fim de ano, Murilo era um rapaz que me estendia espumante e sólidos a condizer, como qualquer um, quando na verdade ele era uma pessoa outra, ele tratava os continentes e as várias regiões do Globo como se fossem ruas e praças de um bairro por onde habitualmente fizesse o seu giro e tivesse cartas urgentes para entregar em todos esses destinos. E ele tinha-as de todos os géneros. Ao Continente Africano entregava telegramas de condolências, à América Latina cartas diversas de incitação à resistência contra o suborno do Norte, para a Europa Ocidental, a sempre torpe Messalina, envelhecida e enrugada, destinava envelopes lacrados com avisos de recepção, contendo sérias ameaças, todas elas falando de um colapso iminente, e assim por diante. Um carteiro afadigado. Mas naquela noite de tréguas, não. Naquela noite, Murilo Cardoso estava a ser mais do que amável, fazia uma pausa no serviço de distribuição, tinha deixado a estudiosa pasta das mentiras no quarto fechado à chave, e agora, já perto da meia-noite, estávamos os dois à janela a ouvir os estoiros na rua e não enviava carta nenhuma. Fazia esse intervalo pelo nosso entendimento momentâneo. Murilo foi tão generoso que apenas disse, ao aproximar-se a meia-noite – «Se entretanto não morrermos, veremos. Do casamento entre o Reagan e a Thatcher, resultou uma cria muito feia que só vai mostrar as garras lá para o ano dois mil. Nem o Polanski seria capaz de imaginar um filhote assim, com semelhante focinho...» E no momento bebeu um trago de espumante, tossiu, serviu-se do meu lenço, desejou-me sorte nos

estudos e acrescentou – «Olha, e já agora, que este bando de gente a que chamamos europeus ganhe algum juízo...» Era Murilo a mover-se na sua grande casa. A deambular pelo mundo feito sua morada. Durante um instante, pensei que esse tipo de casa imensa e abstracta era um bom lugar para viver. Achei que um dia esse território suspenso ainda poderia ser a minha casa também. A minha casa num futuro muito distante, mas naquele momento, não. Naquele momento, a minha vida estava tomada por um espaço que nunca viria a constar de qualquer mapa. O meu mundo tinha o seu endereço na porta de uma garagem. O próprio Murilo sabia. A nossa relação tinha-se estreitado com o meu afastamento, e a sua corte revestia-se, agora, de uma outra delicadeza. Entendíamos-nos sem palavras, sem precisarmos de qualquer tipo de retórica, e assim, cada um de nós foi dormir para o seu quarto, já perto das cinco horas. Mas pelas oito da manhã, ainda havia grupos na rua celebrando o novo ano, e restos de bebedeiras, quando Murilo me chamou com o telefone em punho e não fez comentários, só mo entregou. No seu olhar que fugia, havia uma admoestação muda. Tínhamos começado definitivamente a crescer, era o que era. Ele, na direcção dos grandes espaços, eu na direcção dos miúdos. Eu pensava para mim – Entrega as tuas cartas, Murilo, combate as grandes mentiras, que eu fico por aqui. De facto, do outro lado, surgiu a voz inconfundível da *maestrina*, marcando a agenda, como se aquela fosse uma manhã qualquer – «Solange? Na próxima terça-feira traz um vestido *flou*, um tecido leve que te deixe os movimentos soltos, que não te cubra muito. E vem bem cedo porque esperamos uma pessoa muito importante no nosso estúdio. Uma pessoa que veio de Nova Iorque.»

«Sim, Gisela» – disse eu. Oito horas da manhã do primeiro dia do ano. O que era isso de um vestido de tecido *flou*? Do lado de lá da porta eu sabia que se encontrava o carteiro do mundo. Talvez ele

estivesse a ouvir. Eu tinha vergonha que ele ouvisse as minhas perguntas. Encostei a boca ao bucal, e usei um mínimo de palavras.

«*Flou?*»

Dizer que fiquei na expectativa é pouco, ao longo de quatro dias transformei-me na própria expectativa. Num quadro vago, imaginei cenas precisas. Pois aquele iria ser o primeiro dia em que iríamos ensaiar diante dum espelho e em que teríamos a visita de alguém que precisava de nos ver em vestido de tecido *flou*. A forma como iriam reagir as minhas companheiras ao depararem com o espelho também tomava conta de mim. Mas nada iria passar-se como eu imaginava. Ao lado da expectativa, a realidade criava o seu próprio programa, há muito que eu sabia que assim era. Também sabia que a parte que nos decepciona pode ser recompensada pela parte que nos surpreende. Atravessei o jardim da Casa Paralelo, na primeira terça-feira do ano, com uma hora e um quarto de avanço. Gisela já lá se encontrava. A porta da garagem correu e eu pude ver que ela envergava um *jersey* de seda, por sinal, um trapo mole que lhe ficava mal. Nos pés, tinha umas pesadas botifarras. Eu observava involuntariamente. Era meu hábito. A *maestrina*, porém, não me prestou atenção.

Não era para admirar.

Na rua havia nevoeiro, sobre o Tejo caíam umas fumarolas brancas, e na sombra dos prédios projectava-se uma humidade baça, enquanto ali dentro havia luz por todos os lados. Gisela experimentava novas lâmpadas dispersas pelos vários ângulos do recinto, penduradas aqui e além de uns braços metálicos. Também havia novos radiadores junto às paredes. O telefone preto ganhara uma mesa e o seu fio fora encurtado. Era tudo muito recente. Fora o Senhor Simon quem por certo tinha enviado os novos aparelhos,

talvez durante aquela própria manhã. E o espelho, o grande espelho, lá estava – Dois pianos, duas Giselas, duas cafeteiras eléctricas. Como previsto, Gisela não parecia loquaz, mas eu não me importava, eu esperava, eu já sabia que a cumplicidade também poderia passar pelo silêncio e pela margem. Estávamos ainda com uma hora de avanço.

Então o dia começou a tecer-se de forma inesperada.

Não por Madalena Micaia. *The African Lady* entrou, pousou os sacos no chão, abriu os braços, dirigiu-se ao espelho e dançou na sua frente – «*Aleluiah! Aleluiah! I zee God!*» Quando parou de entoar a sua tabela de aquecimento, foi arrumar o carregamento, mas não parava de comentar – «Todo este luxo só tem um senão. Põe as minhas misérias à mostra. Olhem só aqui, para estas almofadas de sumaúma...» E Madalena Micaia, radiante, mirava-se diante do espelho. Ainda a rapariga se contorcia de riso ao ver-se reflectida, coberta por um vestido de tecido mole que lhe punha as formas em relevo, quando Nani surgiu na porta. Vinha só. Porque vinha só? Nani não conseguiu conter-se – «Gisela, um desastre!» E a mais nova das irmãs Alcides, bastante alterada, sentou-se na beira do estrado e começou a contar como tinha perdido a irmã pelo caminho.

Mal conseguia falar – «Foi aquele estupor...»

E a soprano explicou que vinham ambas a dirigir-se para a garagem no meio do nevoeiro, caminhando a pé, quando haviam sido alcançadas pelo carro do namorado da irmã. Então, o Eugénio, aquele estupor, aquele jacaré de palha, ao vê-la vestida de forma diferente, tinha saído do carro, tinha-lhe dado umas sacudidelas, agarrando-a pelo pulso, depois a irmã havia entrado para o carro, e a última vez que lhe vira o rosto, através do vidro, já levava cinco dedos estampados numa das faces. De modo que a irmã,

provavelmente, não viria ao ensaio, ela nem sequer imaginava onde a irmã, naquele instante, poderia encontrar-se. Estariam naquele momento a espancar-se, dentro do carro? Perguntava Nani. E contava-nos que dois anos antes, numa substituição de emergência, a Maria Luísa tinha cantado Bizet numa récita do Trindade em que faltara a meio-soprano italiana, a irmã fora mais do que soberba em «*L'amour est un oiseau rebelle...*», e o Eugénio lá tinha estado a ouvi-la, e a vê-la. Tinha-lhe até oferecido rosas. Pois agora, a ela, Nani Alcides, apetecia-lhe voltar para o meio da rua para matar aquele Dom José de plateia, aquele Dom José de *mierda* que não queria deixá-la olhar para lugar nenhum. «Uma bomba naquele carro, era o que ele merecia» – disse a soprano. Mas a desmentir as previsões alarmistas de Nani Alcides, a campainha soou, a porta correu no carril e Maria Luísa entrou. Vinha imperturbável.

O lado direito da sua cara tinha um vermelhão que ela não procurava ocultar, ao mesmo tempo que mostrava uma natural presença de espírito, de tal modo que foi ela e não a irmã quem deu pelo grande espelho onde o mundo da garagem se mostrava reflectido. Era uma profissional. Pediu desculpa pelo atraso e apenas perguntou – «Haverá por acaso, lá dentro, uma pedra de gelo, para eu pôr na cara?» E já em frente do espelho, não se cansava de gabar o seu belo brilho, o seu belo formato – «Muito belo, belíssimo. Uma boa surpresa. Que agradável...»

Era provável que a conduta de Maria Luísa proviesse da força das grandes heroínas trágicas de quem tinha cantado árias ao longo da sua aprendizagem. Ou seria apenas uma extensão dos seus nervos? Fosse como fosse, naquele dia em que esperávamos por alguém, aquele passo de serenidade reforçava a convicção de que ali, na garagem da Casa Paralelo, se iniciava um destino. Era muito bom que assim fosse. O rebanho estava reunido. Ainda não eram três horas quando Maria Luísa pôde segurar um pacho gelado junto ao rosto. Gisela pediu, então, que nos sentássemos no banco baixo.

Lembro-me desse momento.

Maria Luísa continuava a não querer referir a pancadaria de que a sua cara tão vivamente oferecia a prova, mas Gisela não permitiu que o episódio fosse ignorado. A nossa *maestrina* não só se referiu ao que acabava de acontecer, como ainda se regozijou por ter acontecido naquele dia, e não noutro. «Ainda bem» – disse Gisela. «Olhem para o rosto da Maria Luísa. Estão a ver?» Apontou para a cara meio encoberta pelo saco do gelo – «Aproveito para anunciar que chegou a hora de se pôr de parte tudo o que for supérfluo...»

E Gisela começou a dizer que a relação que determinadas pessoas mantinham com outras não poderia ser qualificada a partir de um só acto isolado, mas essa relação deveria ser evitada sempre que impedisse a realização do próprio. Em sua opinião, pessoas havia que tanto nos amavam quanto nos impediam. Essas, deveríamos evitá-las para nos concentrarmos em exclusivo naquilo que é importante. Ora, precisamente, o que ali se iria passar, dentro de escassa meia hora, seria de grande importância. Estávamos à espera de alguém que iria entrar pela porta e marcar a diferença entre um antes e um depois, separados por aquele encontro. Gisela tentava desanuviar o ambiente, mas não conseguia. As suas palavras pareciam acender fósforos inapagáveis – «Por acaso não sentem uma aragem? Um movimento no ar?»

Como de costume, mantínhamo-nos em silêncio, ouvindo a nossa mentora falar das suas expectativas. Enquanto quem era esperado não aparecia, Gisela passava-nos para a mão as folhas brancas onde estavam escritas a letra e a música de *Até ao fim do mundo*. Esse tema iria substituir o *Check-in*, um tal corridinho saltiteiro, com agitação mas sem lume. Ainda que ela andasse à procura de um outro, um terceiro, um especial, um tema daqueles capazes de fazer ressuscitar os vivos e enterrar definitivamente os mortos, um *Que*

*sera sera*, um *La vie en rose* um *Staying alive*. Um daqueles temas que acontece de vinte em vinte anos ao longo de um século inteiro. Uma daquelas toadas inexplicáveis que ficam a vibrar pelo mundo fora, independentes de quem as lançou, com a sua trajectória própria, como a vida dum planeta ou o brilho duma estrela. Uma boa letra de canção, um trato de civilização mais importante do que um grosso tratado de Filosofia. Lemos os versos em voz alta. Depois, espalhámo-nos pelo recinto e iniciámos os vocalizos. Lá fora continuava um nevoeiro cerrado. Espreitava-se para fora e não se via nada. Em dado momento, sentimos que alguém se aproximava – «Há gente na porta!» – disse Nani. Gisela foi abrir e deixou passar um grupo de quatro pessoas. Conhecidas, entrava o Julião e o Capilé. Desconhecidas, entravam um homem e uma mulher.

Mas só uma interessava.

A pessoa a quem Gisela se referia, era obviamente o homem que não conhecíamos. Julião designou com o braço estendido o homem desconhecido, anunciando-o com falsa simplicidade – «Este é João de Lucena. Ele trabalhou na Companhia da Martha Graham. Agora só coreografa. Fará convosco um excelente trabalho...»

«Aqui está.»

O homem, ainda jovem, fez descer a cabeça sobre o peito e levantou-a no ar. Nesse gesto reconhecia-se de imediato a sua relação de intimidade com as tábuas dos palcos. Depois Julião indicou a rapariga, e percebia-se que não sabia como designá-la. Mas ela designava-se por si. Puxou dum cigarro, começou a batê-lo sobre a unha do polegar, acendeu-o entortando a boca para a chama do fósforo, e cuspiu o fumo para o lado. A mulher tinha o cabelo muito curto, quase rapado, as orelhas eram grandes, sem adereços, e ria entre as baforadas. Não tinha pedido licença para fumar, ainda que quase todos ali dentro fumassem, mas eu achava,

pela forma como ria de olhos fechados, que aquela mulher deveria ser cínica e *snob*. Ou frágil. Entretanto, todos falavam do adiamento, da gravação para Abril e de um espectáculo que viria em final de Maio, início de uma temporada que não mais iria ter fim. Tudo o que o Capilé e o Julião diziam era definitivo, sério e importante, mas eu tinha-me entregado à combustão lenta de adivinhar quem estava atrás das aparências. A *snob* já eu tinha despido e vestido. Agora a vítima ia ser o homem.

Reparava que era mais baixo do que o Julião e do que o Capilé, e eu não devia comparar, não tinha nada com isso, mas não podia deixar de observar que o pescoço, esse sim, o pescoço era alto. O cabelo, uma escova de cabelo liso, castanho português. E a boca? A boca anunciava uns dentes salientes, bem alinhados, e mal se ria, mostrava-os. Como se toda a dentição estivesse na frente. Eu conhecia a raiz do meu vício de observação, uma certa crueldade, tinha-a trazido do fundo dos campos, dos tempos imemoriais da desconfiança comandada pela aparência dos forasteiros que batiam à porta sem aviso. E eu bem podia ser cruel ao anotar todos esses dados no meu *carnet* pessoal, porque, naquele momento, a pessoa de quem eu os recolhia pagava-me bem, estava mesmo junto de mim e media-me com o olhar, mandava-me virar de costas, olhava-me para a barriga das pernas, para a cova da minha cintura. Aliás, todas nós cinco estávamos em fila diante dele, em vestidos de tecido *fou*, ele movia-nos, estudava-nos, procurando uma ordem entre nós. Por certo alguma medida exacta, uma conjugação de dados concretos que ele deveria estar a introduzir numa equação matemática. Uma tabela qualquer onde deveríamos encaixar. Até porque o Julião, com a finura que lhe era reconhecida, ia dizendo, suficientemente alto para se ouvir no amplo vão da garagem – «Umas boas peruas! Ah! Cinco bons assados de Natal...» Depois, ele e o Capilé falavam baixo. Mesmo assim, ouvia-se da parte de Julião a frase que já dissera ao Saldanha -«Oh! Um grande tiro no escuro!»

Mas aquele rapaz, ou homem – parecia mais uma pessoa entre rapaz e homem – deveria estar a lidar de facto com realidades numéricas. Esse, disse a meia voz – «Três, quatro, zero, cinco, um...» E riu para o Julião. «Que exagero! Afinal são só uns doze quilos de manteiga que elas têm de perder. Nada de muito grave...» E começou a distribuí-los. «Nada de grave, nada de muito grave, ainda que só esta se encontre bem» – disse, separando Nani. O que significava isso?

Significava que a única que poderia permanecer tal como estava seria a mais nova das irmãs Alcides. Cabia-me a mim perder um quilo, Gisela três, Maria Luísa, ainda com um vermelhão na cara, quatro, e Madalena Micaia cinco. Só Nani, zero. Mas João de Lucena não ficaria por ali. Ele fez um gesto qualquer, e nós pusemo-nos imediatamente em guarda. Deu uma segunda volta, e imitámo-lo. Estávamos todas em vestido *frou*. Ele disse – «É preciso começar a andar cinco centímetros acima do chão. Vocês não vão querer pisar o que está no chão. Agora vamos subir subir, andar andar, temos de aprender a andar acima do chão para podermos movimentar-nos à vontade. Menos corpo, menos corpo. Vá, caminhem, caminhem. Vocês não têm peso, não têm corpo, abaixo do coração, não têm nada. E agora, presença, mostrem-se, avancem, vocês têm corpo, ofereçam-no a quem está na vossa frente...» E ia marcando o ritmo com palmas, um, dois, três, quatro. Um, dois, três, quatro. Passados uns minutos, fez-nos parar no meio daquele recinto, onde três pessoas trocistas olhavam para nós, entre eles a mulher desconhecida, e eu senti que poderíamos estar a viver, de facto, um momento decisivo. Estava demonstrado que o aliado de Julião Machado tinha chegado. Era aquele o *alguém*. João de Lucena encontrava-se descalço e ainda não tínhamos dado por isso. Nós também. Eu só reparei, quando ele bateu as palmas e disse, em sinal de vitória – «Sim, minhas queridas, é possível fazer qualquer

coisa por vocês!» E eu vi a sua feira de dentes brancos, todos expostos num riso rasgado.

Então Gisela dirigiu-se ao telefone preto e falou em surdina.

Falou ajoelhada. Nós fingíamos que não sabíamos de que se tratava, mas sabíamos. Nós quatro estávamos sentadas no estrado, e sabíamos muito bem que tudo dependeria do semblante de Gisela quando se levantasse de novo. Ergueu-se do telefone e o seu rosto estava mais luminoso e os seus lábios mais vermelhos. Dirigiu-se para os três homens e falou com eles. No final, trocaram papéis e apertaram as mãos. Não era preciso acrescentar uma palavra que fosse. Sabíamos que do outro lado se encontrava o Senhor Simon. Percebia-se que ele estava de acordo até ao ponto que era indispensável que estivesse de acordo. A certa altura, o maestro Capilé esfregava o polegar contra o indicador e fazia-o de forma expressiva.

Agora, sim, íamos começar. Até àquele instante, apenas tinham acontecido preliminares. João de Lucena acabava de entrar no caminho da nossa vida. «Finalmente...» – dizia Maria Luísa, com a cara macerada pelo gelo. «Finalmente, sim...»

O nevoeiro adensou-se e a tarde entrou pela noite. Tínhamos dificuldade em sair da garagem. «Meu Deus!» – Era ridículo que falássemos com semelhante solenidade sobre uma pessoa que mal acabávamos de conhecer. Nos dias que se seguiram, várias vezes tentámos desmontar o clima de admiração que aquele primeiro contacto havia desencadeado. Mas apenas conseguíamos disfarçar o nosso entusiasmo usando expressões corriqueiras. O melhor seria não saber nada sobre a sua vida. Nem quem era, nem de onde vinha, nem para onde ia. E até nessa desistência de saber colocávamos uma certa emoção.

## OITO

Mas ainda não havia decorrido uma semana e já as irmãs Alcides se tinham informado sobre o passado de João de Lucena. Sabiam qual fora o seu tipo de formação, onde havia estudado, com quem tinha dançado, que peças havia interpretado. Podiam confirmar que tinha andado pela Juilliard School e pela Companhia da Martha Graham, e que esses costumavam ser os seus bons cartões de apresentação embora houvesse muitos mais. Constava que dançara com o próprio Baryshnikov. Com o Misha Baryshnikov, ele mesmo? Espantávamo-nos. Ah! Sim, bem poderia ter sido, mas nada disso nos interessava a nós. A figura de João de Lucena e o seu ascendente desencadeavam só por si uma revelação que dispensava vasculhar os gavetões do passado. O presente era tão forte que só ele nos bastava para preencher o espaço da nossa curiosidade. Ao fim do primeiro dia de ensaio, João de Lucena tinha-se sentado na nossa vida para não mais dela ser removido. De facto, *alguém* tinha chegado. Por essa altura eu percebi como o carisma pode ser um fluxo que ao mesmo tempo ofusque e seduza. Provoque esquecimentos e paragens no tempo, hiatos irrecuperáveis, como se conta das aparições benignas. Aconteceu a partir do primeiro ensaio.

Revejo o primeiro dia de ensaio com João de Lucena.

João de Lucena despiu a camisola, sentou-se no chão e pediu que interpretássemos os temas, um a um, conforme a maquete do *Long-Playing*, enquanto ele iria tomar notas no seu bloco de bolso. Perfiladas na sua frente, nós atirámo-nos às canções, cantámos o melhor que pudemos e gingámos tanto quanto era possível. Treze temas seguidos, alguns deles ainda mal estruturados. Para João de

Lucena, porém, encontrávamo-nos em posição bastante razoável. A parte vocálica, agradável, a concepção musical do álbum, boa, simples, ligeira, um *pop-swing* inovador que bastasse. Na parte que lhe competia, para já, apenas aconselharia fazermos alguma coisa pelos nossos corpos. Uns pequenos esforços, coisa de nada. Descontracção, libertação de movimentos. Nani, por exemplo, até nem precisava de perder peso, precisaria apenas de ganhar plasticidade. Pois Nani era elegante, e no entanto parecia varrer folhas numa calçada enquanto cantava *Era um porto, era uma gare*. Todas nós estávamos ainda na casa dos vinte anos, havia mesmo quem ainda não os tivesse, era tão fácil um corpo jovem tornar-se ágil. O coreógrafo achava que tínhamos os esqueletos tesos que nem placas de madeira prensada. Querendo nós, seria só libertar os esqueletos. Querendo. E nós entregámo-nos a João de Lucena.

Desses primeiros dias de Janeiro de oitenta e oito, guardei a memória de um homem às voltas com cinco mulheres a pretender que elas usassem o corpo, ora para voarem, ora para se deslocarem esmagando o chão. Lembro-me como se fosse hoje. O que ele diz é que depois haverá uma segunda etapa em que teremos de voar e pisar em conjunto, e uma terceira, em que juntaremos o canto ao movimento. E exemplifica como se pode voar e se pode pisar. Sacudir o corpo, triturar o terreno. Da languidez ao impacto no solo. Nós estamos sentadas no chão. O desígnio daquele homem que salta como um fauno, e nos conduz aonde não julgávamos que fôssemos capazes, é extraordinário. Ele assegura-nos que, se nos entregarmos ao impulso de sair do solo, em conjunto, e ouvirmos o comando interior do movimento, aí à vigésima sessão, a nossa sincronia será tão perfeita que qualquer uma de nós que se mova ao fundo da sala, fará as restantes moverem-se onde quer que estejam. Ouço a voz de João de Lucena – «Vocês vão ver. É exactamente como os pássaros num bando. Nunca observaram os

pássaros em bando? E um rebanho? Um cardume? A regra é esta. Manter a distância com o animal mais próximo equivale a manter a visão de conjunto do bando. Se obedecermos a esse princípio, saberemos sempre onde estamos. Seremos uma peça animal de um grupo é sermos o próprio grupo...» Outras vezes dizia – *Até ao fim do mundo* nunca vos fará viajar se vocês mesmas não forem até esse local, ao fim do mundo. Vamos, então, até lá...»

Nós escutávamos em silêncio, presas dos seus gestos largos. Como autómatos, íamos atrás da ponta dos seus dedos nodosos, até ao local para onde ele apontava – «Vêem além a tampa do piano? Olhem todas nessa direcção. Acima da ponta da tampa. Naquela direcção, está a lua. É para lá que devem olhar. E vocês sabem que têm de a alcançar. Dançando...» À medida que Lucena falava, aquele ritmo entre tango e fanfarra ganhava um sentido corpóreo cuja descoberta nos emocionava muito – «Viagem! Alegria! Meninas!» – dizia ele. «Vocês estão muito alegres, vocês vão a caminho do fim do mundo lá onde alguém está à vossa espera para vos amar, e o vosso corpo estremece só de pensar em tal. Vocês têm de estremecer. Vocês estão a dirigir-se para lá, mas não andam, voam, e voam com o corpo todo, mesmo quando ele está parado, e estremecem. Agora ofereçam o corpo...»

João de Lucena exemplificava com o seu próprio corpo, e um campo de ordem, atracção e poder desenhava-se em torno daquele homem, o seu ascendente sobre cada uma de nós exercia-se como um chicote de força e de graça. Compreendia-se que Gisela o tivesse anunciado como *alguém* e nos tivesse perguntado, ainda antes de o vermos, se não sentíamos a agitação no ar. Era um mestre. Onde teria ele aprendido? Teria nascido assim? Nós cinco bebíamos-lhe as palavras. Gostávamos particularmente do momento em que fazia calor dentro da garagem e ele retirava a camiseta. Um fauno. João de Lucena dizia – «Agora vocês precisam de se entregar ao trabalho,

de tratar desses corpos sem música. Vendo bem, vocês só têm a música nas cordas vocais, na traqueia, no diafragma, mas têm de ter música no corpo inteiro, e mesmo no corpo que está à volta do corpo, na alma. Quando isso acontecer, vocês nem vão sentir que estão a interpretar música, vocês serão a música...»

A prelecção demorava dois minutos, e logo nos entregávamos àquelas deslocações fantásticas. Passávamos pelo espelho e víamos cinco pessoas estranhas, metamorfoses de nós mesmas, em corridas, esbracejamentos e saltos. Madalena Micaia, a mais pesada, por vezes deixava-se ficar para trás, chegava a sentar-se por terra, uma perna para cada lado, completamente estafada. Maria Luísa também se deitava no chão, exausta. O coração aos pulos. Transpiradas, sufocadas. Mas se era necessário, não havia outro remédio senão ir em frente.

«E agora, como temos de proceder?» – perguntava Gisela.

Ele delegava-lhe o processo – «Agora vocês bem sabem o que têm pela frente. Vocês têm metas que são as vossas próprias metas, elas não são minhas. Em princípio, metas de qualidade, não de quantidade. A quantidade neste campo é apenas um bom indício mas não o indício definitivo. Nada de mais palpável, nada de menos mensurável. Pensem nas vossas metas. Até à próxima quinta-feira, entretenham-se com isso.» Em frente ao jardim, sobre o passeio em curva, já lá estavam dois carros à espera de João de Lucena. Então, ele vestia a camiseta, atava a camisola à cintura e partia.

Quando João de Lucena partia, levando consigo a notícia daquele novo mundo, deixando os nossos corpos desfeitos, mas a nossa alma leve, voando na direcção de um espectáculo a que iriam assistir, no mínimo, mil e quinhentas pessoas, e cuja imensidão de rostos vibrando ao nosso compasso haveria de produzir o som de um oceano, atacávamos então a parte vocálica. «Lá vai ele!» – dizia Nani. Era um entusiasmo novo, cuja lembrança seria inesquecível como o futuro o demonstrou. Mas nem tudo o que é inesquecível

deve ser descrito. A maior parte da nossa experiência inesquecível pode permanecer para sempre indizível.

Assim, quando imagino esses dias do mês de Janeiro, penso na invisibilidade das coisas.

Às vezes pergunto-me se choveu. Sem dúvida que choveu, mas não me recordo. E fez frio? Por certo, o frio picante de Janeiro, varrendo a Avenida da República e a Avenida da Liberdade, sobretudo quando os autocarros passavam formando comboios e não paravam. Nada disso conta, não me lembro. E se havia filas de gente carregada de sacos, entornados pelos passeios, horas a fio, esperando regressar a casa? Sim, havia, e os percursos que eram feitos diariamente, entre o fumo e a sinuosidade das ruas, deveriam ter a marca de um castigo antigo. Embora eu fosse um desses passageiros, não me lembro. Penso no mês de Janeiro desse ano e dele retiro as ruas de Lisboa dos anos oitenta, e delas apago os transeuntes entalados em roupas pobres, esqueço a cor local das fachadas desfeitas e do tempo que passou, e dele retiro também o vulto da hospedaria. Penso na hospedaria e o seu interior fica reduzido a um corredor, um telefone e um quarto. Eu chegava a casa pelas dez horas da noite, transida de frio. Murilo aparecia na porta do seu quarto e conduzia-me até ao meu. Murilo achava que eu poderia ficar desfeita em pó, mas isso não iria acontecer enquanto regressasse a casa, ao fim do dia, trespassada de chuva e frio. Murilo esperava-me – «Vieste sozinha, ninguém te veio trazer? E vais lá para cantar ou para compor letras?» Tudo isso é verdade, mas de facto não me lembro. Tal como então, eu apenas penso na garagem para onde íamos às terças, quintas e sábados, enquanto não passávamos ao Estúdio Nepomuceno. Penso no piano, na sua tampa preta, no seu bastão vertical e no molho das páginas de música. Catorze temas, porque ainda não se tinha decidido sobre a

substituição de *Check-in*. Penso no espelho e na garagem, dia e noite à nossa espera. Isso sim, revejo-a bem. Como dizer?

Na garagem, o espelho é grande, como é grande Gisela Batista e é grande o seu pai. É grande o carro que a leva no final dos ensaios, mesmo quando não é o Senhor Simon que o conduz. É o motorista da empresa. Nesses dias, ela senta-se atrás. Seja como for, Gisela nunca volta a cabeça para se despedir. Aprendi, ainda que não saiba bem quando, a evitar essa situação. Terminado o ensaio, desço rápido pela calçada antes que ela saia, o meu rumo é o autocarro 49 e a sua fila ao vento gelado. Não me lembro do vento gelado. Entro e saio da garagem como os anjos na igreja. Na minha memória, entro pelas portas fechadas, e saio sem ninguém me ver, pelo telhado do prédio. Não há dia nem noite. Curioso. O tempo passou e nós estamos sempre lá, as cinco, diante do espelho. O que não admira. Aquele coreógrafo veio trazer-nos um recado. É nossa convicção de que em breve saberemos qual é o recado, mas ainda não sabemos. Duas vezes por semana, cerca das quinze e trinta, há um rumor de carros, uma caravana ruidosa, e de um dos carros sai João de Lucena.

Curioso, sim.

Passados todos estes anos, só me lembro do que então me lembrava. Uma euforia separava-me de um mundo, atava-me a um outro, e nesse estado, entalava palavras entre a realidade e a compreensão. Não dormia. Em aí chegando, pensava – «Calma, é melhor guardares as tuas rimas para escreveres letras, quando tas pedirem, Solange de Matos. *Lyrics*, dizem as irmãs Alcides...» À saída da hospedaria, Murilo Cardoso perguntava-me – «O que te aconteceu? Também não dormiste?»

«Também não» – dizia eu.

## NOVE

Penso no clima de entusiasmo extravagante criado no interior daquela garagem, e continuo a não encontrar palavras ajustadas à intensidade do seu rumor. Na altura eu não passava de uma estudante vulgar com o hábito incomum de folhear dicionários. Para aquele tipo de realidade, pretendia encontrar uma designação exacta. Comecei por pensar em *igreja* e rejeitei. Depois pensei em *harém*. O significado original da palavra, entre escondido e sagrado, aplicava-se ao caso, mas a deriva do seu sentido comum acabava por ir ter às margens da concubinação e da devassidão. Não tinha nada a ver com o que ali se passava. Rejeitei. Não encontrei as palavras. Passados estes anos, substituo-as com vantagem pela cadeia dos actos. João de Lucena costumava aparecer pelas três e meia da tarde, Nani estava à espreita e gritava – «Aí vem ele!»

Às vezes, não vinha só.

Trazia consigo a rapariga fumadora do primeiro dia, a quem chamavam Foggy, e bem abraçado a ela vinha o Nascimento, um moreno que tratava João de Lucena por amigo. Acompanhavam o coreógrafo até à garagem, chegavam a entrar, e se acaso não chovia, esperavam lá fora, encostados à parede do jardim, a fumar, enquanto nós cinco nos movíamos ao ritmo das palmas de Lucena e da música gravada. Nessas situações, não cantávamos, apenas deslizávamos em linha recta, ou volteávamos em torno de eixos idealizados, colunas, portas, seres amados, objectos imaginados que se transferiam das histórias contadas nas letras para pontos físicos do espaço. Tinha de ser para ali, para *aquela* ponto concreto que deveríamos olhar. Lucena apontava com elegância de pássaro e

determinação militar – «Mais corpo, mais corpo! Agora, deslizar, voar para ali! Tentem agarrar o ser amado, e agora ele foge para longe, vocês vão atrás, voando. Agora parar, suspender, espantar...» Mas voar era a palavra que mais se ouvia. Mesmo quando não voávamos e ficávamos só a rodar sobre nós mesmas, era a voar que nos sentíamos. Voando, deslizando, movendo-nos em simultâneo, sob o comando do fauno. O fauno. Por esses dias, era desse modo que eu representava João de Lucena. Um ser entre carnal e divino saltando entre mulheres disponíveis. Até onde iríamos? Eu observava, anotava. Sentia-me suficientemente livre para perseguir os enredos dos outros. Compreendia que havia uma teia que se tecia e alargava e ao mesmo tempo se fechava sobre si. Eu não me encontrava enredada, colocava-me no lugar marginal de quem espreita, tinha a curiosidade própria do *voyeur* infantil. Era uma espectadora tão ávida quanto paciente. Chegava cedo demais para observar, partia tarde o bastante para poder ver.

E Gisela?

Verificava que o comportamento de Gisela se tinha alterado com a chegada do coreógrafo. Via-o pela forma ansiosa como a *maestrina* se submetia ao menor dos seus gestos. De certa forma decepcionava-me. Tinha-me habituado a vê-la decidir e comandar sem contradição nem conselho, mas em relação a João de Lucena, ela submetia-se-lhe como se alguma coisa que dele emanava a cegasse, e na sua ausência Gisela transformava-se numa ampliação dos seus actos. Até repetia as suas palavras. Lucena tinha dito – «Podemos quanto podemos. Entre o céu e a terra a única distância somos nós.» No dia seguinte, mesmo que fosse por outras palavras, ela dizia-o também. Por vezes ele tinha os seus arrebatamentos didácticos – «Meninas, se nos levantarmos da terra não seremos dela, se rastejarmos sobre ela, sem o sabermos, já seremos

antecipadamente lama.» Na primeira ocasião, ela repetia a frase como se a tivesse encontrado escrita no santuário de Delfos. E ficava a falar com ele, muito entendida, separada de nós, quando o ensaio terminava, sugerindo uma certa parceria ou mesmo certa intimidade.

Mais transparente era Nani, gritando na direcção da porta – «Aí vem ele!», entregando-se de olhos fechados às mãos de Lucena quando ele lhe corrigia os movimentos, lhe pegava nos braços, ou a tomava pela cintura. Nani olhava-o, deslumbrada. Maria Luísa, por sua vez, comparava permanentemente a personalidade brutal do seu namorado com o carácter delicado daquele homem que nos ensaiava, e cujos únicos gritos que se lhe ouviam destinavam-se a sublinhar palmas, ritmos, andamentos. Nani gritava – «Aí vem ele!» Mas Maria Luísa cantarolava baixinho – «*Hum, hum... que nul ne peut apprivoiser...*» Madalena, à parte, dizia em voz alta – «Esta criatura veio pôr o mundo de pernas para o ar. Parece que o homem fez macumba com a gente...» «Aí vem ele!» – gritava Nani, correndo para o seu posto. Perto do seu posto, por vezes, estava eu. Nas formações em que tivesse de ficar bem explícita uma parelha, os nossos corpos assemelhavam-se em questão de estatura, e quase sempre nos encontrávamos. Mesmo sob o impulso do movimento, Nani avisava-me – «Ele aí vem!» A soprano entortava-se de propósito. E ali estava ele, João de Lucena, a passar-lhe as mãos pelo corpo. Os cabelos cortados em escova, o pescoço alto, a cara um tanto cavada, os dentes salientes e brancos, um olhar inexplicável. Madalena dizia – «É um olhar de águia. Vocês nunca viram uma águia? Eu já tive uma bem perto. Lá no restaurante, uns benfiquistas levaram a águia para jantar com eles, ficou poisada numa cadeira como se fosse mulher...» Nani, muito impressionada – «Não me vais dizer que a ave de rapina tinha os olhos do Lucena...» Madalena tentava explicar – «Não a cor do olho, não o tamanho do olho, mas o jeito da arcada, o feitio do olho. Aquela sua mirada...»

Nani revoltava-se – «És um bocadinho estúpida, não és, *African Lady?*» O espaço electrizava-se. E no meio dessa excitação, na terceira semana de Janeiro, surgiu uma balança.

Curiosa a sua função.

À primeira vista, a balança era um instrumento de pesagem destinado a ocupar um lugar discreto no meio das nossas manobras, mas não foi só esse o papel que lhe coube. Colocado sob a grande fotografia de Gisela, o instrumento de pesagem iria ocupar a primeira volta duma senda em espiral que iríamos começar a percorrer, dia após dia, sem darmos por isso. Era a nossa brincadeira de crianças a construir-se a partir da engrenagem duma Krups branca. Um instrumento de vigilância para além do corpo.

Ficámos depois a saber que a ideia não partira de João de Lucena, mas da própria Gisela por inspiração directa de Julião Machado. E soubemos mais. Soubemos que a nossa mentora, desde a reunião de Dezembro, tinha passado a incorporar noções que só a ele ouvíamos. De um momento para o outro, antes dos exercícios de aquecimento, ela chamava-nos até junto do piano e dizia-nos, nomeando-nos uma a uma, como se fôssemos colegas de dez anos – «Metam isto na vossa cabeça. Vamos interpretar música para ser vista.» Um sobressalto tomava as sopranos – «Achas, então, Mimi, que uma canção não é para se ouvir?» Gisela respondia, com paciência – «Acho, Nani, que é para ver e para sentir. É preciso perceber o significado dos termos que usamos. Ouvir é sentir.» – Não havia dúvida, Gisela havia aderido à concepção defendida por Julião naquela infeliz tarde de Dezembro. Mas Nani fazia associações irónicas – «Óptimo, gostamos muito. Todas as coisas devem ser deslocadas da sua função. Música para ver, pintura para ouvir, comida para ler, roupa para cheirar, dança para roer. Não é assim, Mimi? Um dia, o mundo vai estostrar...»

Era por certo a longa mão do Julião Machado a funcionar. Compreendia-se que Gisela tivesse introduzido o instrumento de pesagem no meio daquele cenário, e que a imagem da agulha da balança, esse objectozinho de nada, nos perseguisse por todo o lado, desde o acordar ao deitar. A obsessão incluía rondas pelas farmácias bem como a decifração, para Madalena Micaia, das bulas que acompanhavam os diuréticos que entravam agora nas nossas vidas. A meta era que a agulha rodasse para a esquerda, cada vez mais para a esquerda. No início de cada tarde de ensaio, lá estava Gisela com a balança aos pés e uma folha pautada na mão. Os nossos nomes encontravam-se inscritos numas linhas cifradas, e o nosso peso também. A respectiva altura também. Iríamos ou não iríamos ser um ágil corpo de baile? Canto e dança, em conjunto? Iríamos. Toda a gente procurava o mesmo à volta do mundo. Gisela depositou a balança diante do espelho e fez-nos avançar uma a uma, incluindo Nani, porque Nani, sentindo-se excepção, poderia abusar. «Abusaste, Nani?» – Nani saltava para a balança, com triunfo antecipado. De modo nenhum, Nani mantinha-se impecável. A tragédia acontecia ao lado de Nani. Juntámo-nos para ver. Gisela tinha dificuldade em acreditar. Havia decorrido três semanas desde o veredicto, e o que estava escrito na balança é que nenhuma de nós, à excepção de Gisela, havia perdido um grama. Não estávamos iguais, estávamos mais pesadas, e com responsabilidade acrescida para a *African Lady*. Nós três, em pé, alinhadas por ordem decrescente, Madalena Micaia, Maria Luísa e a minha pessoa a comprová-lo. A decepção de Gisela Batista não tinha limites. E contudo, pelo aspecto, ela até teria pensado que havíamos emagrecido. Mas não, a balança ali estava, repleta de números, setas e rodízios escondidos para atestar que não. Porém, não nos podíamos iludir. O que a máquina infalível anunciava, mais do que um peso, era um carácter. A balança estava a dizer que éramos

umas dribladoras, umas fracas, umas pessoas com sonhos mas sem causas.

Gisela, naquela tarde de fim de Janeiro, fitou-nos nos olhos e disse que não se admirava que assim fosse. Disse que afinal a maior parte das pessoas eram seres sem causa, e de entre esse vasto número de entes vivos que vagueavam dum lado para o outro, sem plano nem projecto, incluíam-se sobretudo mulheres, e se acaso julgávamos que a tendência era para esse princípio se inverter, a ela ninguém iludia. Ela andava de olhos bem abertos a observar a realidade e via como tudo parecia indicar o contrário. No que dizia respeito às mulheres, registava-se uma estagnação, e até um recuo, mas a culpa não caía do céu, nem a causa era uma entidade abstracta. A culpa era de cada mulher em concreto, e de todas no seu conjunto. A causa estava na nossa abulia. Não tínhamos a noção da palavra dada, nem sentido de cumprimento, nem força, nem coragem, porque as mulheres não tinham outro objectivo para além de entregarem o corpo, cumprirem o ciclo da reprodução e por aí ficavam, ainda que muitas fingissem o contrário. Ah! Iria demorar muito, sim, iria! A prova éramos nós três ali especadas, com doze quilos a mais em conjunto. Gisela, indignada – «Digam o que querem fazer da vossa vida, digam, antes que eu arruíne o meu pai, para nada. Digam já...»

Eu mantinha-me silenciosa, compreendia perfeitamente a posição da *maestrina* e Madalena Micaia também compreendia, mas a meio-soprano começou a protestar. Em sua opinião, a sua irmã Nani estava cheia de razão, toda a música era feita para escutar. Não arredava pé do lugar que nos competia, mas revoltava-se contra João de Lucena, que tinha vindo dar suporte a Julião Machado. Sem se mover, a mais velha das irmãs Alcides perguntava – «Quem é que ele pensa que é? Algum Diaguilev? Algum Balanchine? Algum Bédart? Pois que volte para a Juilliard e faça lá um menino...» E Maria Luísa

Alcides, que havia cantado Vivaldi e Puccini, e Bizet por substituição, desfez-se em invectivas contra aquele homem que ela mesma costumava elogiar por comparação implícita. Gisela mostrava-se vexada. À exceção de Maria Luísa, todas tínhamos os olhos baixos. Eu também tinha os meus bem colocados no chão. O momento era tenso. Mas Gisela, que mantinha uma cumplicidade com a minha pessoa verzejadora, ou com alguma coisa mais que não era definido, perguntou-me – «E tu,

Solange? Não dizes nada?»

Não, eu não tinha nada para dizer. Eu pensava nos animais mansos do Sobradinho, e pensava na sombra lilás dos montes do Gurué. Só me vinha à ideia o que o meu pai costumava dizer – «Se estou bem contigo, estou bem com as montanhas.» Pois a causa de toda aquela belicidade provinha de uns gramas de gordura que não tínhamos perdido, e essa desproporção entre a fragilidade do motivo e a solenidade da zaragata, numa outra situação, tornaria o momento ridículo. Mas não era assim que o sentíamos. Respondi – «Não tenho nada para dizer, Gisela...» E acrescentei a frase do meu pai. Gisela foi até ao piano, regressou do piano, e depois olhou-nos como se nos fosse comunicar um aviso derradeiro.

A *maestrina* disse – «Compreendo a Solange, é exactamente tal como ela diz. Quem está bem consigo mesmo está bem com as montanhas, por mais altas que elas sejam. Meu Deus! Havia muito tempo, mas mesmo muito tempo, que eu não escutava uma verdade assim. Em paz com as montanhas. Pois bem, a porta está aberta. Quem não for capaz de aguentar, que saia e não volte cá mais...»

E Gisela dirigiu-se para a porta da garagem e fê-la deslizar sobre o carril. Senti que tudo poderia desfazer-se naquele instante. O tempo não passava. As três árvores que ladeavam a calçada pareciam entrar por ali dentro, um frio avançou até às nossas pernas e retirou-lhes calor, mordeu os nossos tornozelos e atormentou as plantas dos nossos pés, julgava eu que pensava por todas. Como era

meu hábito, meu triste hábito, as palavras desprendiam-se do seu sentido e vinham fazer-me ninhos atrás da orelha. A porta continuava aberta, eu via a gadanha, que na nossa ausência arranhava a relva, levar os nossos sonhos pela avenida abaixo. Tudo isso, enquanto Gisela se tinha sentado de costas para que fôssemos livres de sair pela porta da garagem a caminho das raízes e dos troncos. Pois o que nos restaria, se tínhamos vinte anos e não aguentávamos o simples desafio de perder um quilo? Eu pensava. Se não éramos capazes de ultrapassar o primeiro obstáculo, o que nos restava senão enveredarmos para o fundo da terra, para sermos antecipadamente nada? – O meu coração batia nas fontes. Depois percebi que Madalena Micaia se tinha sentado no banco, mas não abandonava o recinto, ainda que o seu rosto de cor escura tivesse ficado pálido. Não saía. Nem Nani, nem Maria Luísa. Nenhuma de nós saía. Pelo contrário, Maria Luísa pedia desculpa. Pedia mesmo perdão a Gisela Batista, que não era responsável pelos desastres pessoais, que a ela, em particular, lhe aconteciam. Foi assim que ficámos as cinco, imóveis, cada uma em seu sítio da garagem, de costas viradas para a porta que entretanto se fechara. No grande espelho, duplicavam-se as nossas imagens. À nossa volta não havia mais mundo. A balança era apenas um símbolo, mas havia que respeitá-lo se queríamos pensar nos grandes palcos que nos esperavam. A matéria não era nobre, mas envolvia montanhas.

Sim, a matéria não era nobre.

Não vale a pena referir as pesagens que fazíamos ao chegar à garagem, durante esse mês de Fevereiro, a cena grosseira que é assistir a cinco raparigas a subirem para uma balança, a contarem quilos e gramas, a tomarem nota em papéis parecidos com guias de marcha. Ou a vigilância que Gisela Batista exercia sobre Madalena Micaia, as revistas que lhe fazia aos sacos, os conselhos, as ordens,

as poções, os aditivos que nos punham eufóricas. Quando João de Lucena chegava estávamos aptas a entregar-nos a todo o esforço e a toda a evasão. No fundo, éramos um bando de cinco mulheres amadoras, tentando ocupar um espaço que não nos competia. Obedientes. A própria Gisela atravessava a garagem produzindo fugas e saltos, fazendo vibrar o *parquet* e por vezes o próprio estrado onde assentava o piano, sem que fosse necessário. Todas nós acabámos por viver um momento entre o religioso e o bárbaro, um misto de delícia e tortura, tendo como meta o inalcançável. Era isso mesmo. Se acaso passavam uns minutos das três e meia, ficávamos inquietas. «Será que não vem? E não disse nada?» – perguntava Gisela, em voz alta, olhando para o telefone preto. Nani gritava – «Já aí vem ele!»

Ao fim de três semanas e meia, eu tinha perdido bem mais de um quilo, e Nani, que não precisava de perder nenhum, também ela tinha perdido um. Gisela ia a caminho de atingir a meta que lhe fora imposta. Mais lentas, Maria Luísa e Madalena Micaia ainda iam a meio do processo. Madalena, sobretudo, sentia-se mal. Por vezes ficava sem forças, à beira de desmaiar. Gisela não lhe dava nem um pouco de açúcar, não queria que o remédio laborasse no sentido oposto do efeito desejado. Estava visto que *The African Lady* precisava de um pouco mais de tempo, tantas vezes se sentia desfalecer. Gisela pegava em Madalena e virava-a de cabeça para baixo. Mahalia Jackson da Amadora, a da voz de bronze e de veludo, ficava com os cabelos a roçar pelo chão, mas em pouco tempo recuperava o alento. Depois, aí vinha ele, João de Lucena. «Aí vem ele!» – gritava Nani. Quando a porta corria, já o gravador emitia a gravação que nos fazia saltar, voltear, esbracejar. Corríamos de canto a canto, com um exagero que Lucena tinha dificuldade em conter. Por fim, juntávamos a voz. Uns carros lá fora faziam-se ouvir. Lucena partia.

Então, num desses dias de sábado, Maria Luísa Alcides não chegou à hora da pesagem, e quando apareceu trazia o braço direito pendido e amolgado como se tivesse levado uma forte pancada. A meio-soprano aproximou-se devagar, a andar de lado, como um peixe de aquário quando vai morrer, o braço parecia uma barbatana desligada, mas não lhe doía. Queria ensaiar como se nada tivesse acontecido. Tinham sido manobras do Eugénio, desta vez confessava. Esse homem quisera prendê-la dentro do carro, fechara-lhe a porta sobre o braço, e ela tinha conseguido desenvencilhar-se mas agora não podia levantar a mão nem mexer o pulso. E no entanto, não lhe doía nada. Só pensava na gravação em Abril, no espectáculo em Maio. Não queria prejudicar o ensaio. Até porque não lhe doía nada. Quando Lucena chegou, Maria Luísa quis levantar o braço e não conseguiu, e ainda assim, estava disposta a ensaiar, não lhe doía nada.

«Como é que não te dói nada?»

Lucena estendeu a meio-soprano sobre o banco, examinou o braço que não parecia partido, apenas com uma luxação, mas a verdade é que não se movia. Debruçado sobre a cantora molestada, o coreógrafo espalhava pequenos beliscões pelo braço, e mesmo sob essa compressão destinada a provocar dor, ela não sentia nada. Também nós quatro estávamos inclinadas sobre a sinistrada, unidas em torno daquele colapso que nos fazia sair do curso normal do ensaio. Não doía nada a Maria Luísa? Madalena Micaia pôs-se de cócoras a chorar para dentro dum lenço. Gisela, no fato-de-treino branco, soprava o braço estendido. Eu tinha a ideia de estar a assistir à cena confusa de um Génesis. Sobretudo quando as irmãs Alcides começaram a explicar a causa do sinistro a João de Lucena, e a causa era o namorado Eugénio, o Dom José de *mierda* que malvadamente atormentava a irmã, no operático dizer de Nani. Mesmo assim, Maria Luísa estava preparada para o ensaio, a ela não lhe doía nada. A soprano pôs-se de pé, o braço esquerdo

funcionava. Mas João de Lucena deu meia volta e saiu. Ia dizendo pela garagem fora – «Extraordinário, extraordinário...» A atitude de Lucena surgiu de forma tão rápida e inesperada, que cada uma de nós ouviu palavras diferentes. Eu tive a ideia de o ouvir dizer «Por hoje, não há ensaio», mas Madalena Micaia ouviu João de Lucena pronunciar – «Assunto de polícia.» As irmãs só tinham escutado «Extraordinário», e Gisela Batista, por sua vez, tinha tido a impressão de que o coreógrafo havia dito – «Não volto cá mais...» A verdade é que lá fora os carros que tinham trazido João de Lucena ainda ali estavam, com gente a fumar encostada às portas, e agora podiam partir levando de volta o coreógrafo de Gisela Batista.

Maria Luísa, disse muito baixinho – «Tudo por minha culpa. E no entanto, não me dói nada...»

Fez-se um silêncio de morte. Gisela sentou-se, puxou de um cigarro e acendeu-o. Concentrou-se. Sim, naquele dia não haveria mais ensaio, e ainda bem. Tínhamos de parar para reflectir. Talvez, no fundo, estivéssemos mesmo loucas e não tivéssemos consciência disso. Fosse o que fosse que Lucena tivesse dito, teria sempre razão. Deveríamos parecer-lhe repugnantes. Bem o merecíamos. Ele, um homem que tinha passado pela Juilliard School e pela companhia da Graham, habituado a meios onde se entregava tudo, o corpo, a alma, a vida, por vezes a própria honra, para já não falar na família, vinha ali, duas vezes por semana para perder o seu tempo com um rebanho de mulheres que se apaixonavam pelo primeiro que lhes abria a porta de um automóvel. Não sabia o que cada uma de nós pensava, mas, para já, ela concluía que era preciso acabar com os arroubos emocionais ali dentro. Todos e de qualquer espécie. E talvez mais. Talvez fosse necessário acabar em definitivo com todas as histórias de amor, tanto ali dentro quanto lá fora. Contra si própria falava. Esmagou o cigarro no cinzeiro, soprou o último fumo

– «Minhas amigas, queridas irmãs. As histórias lá de fora nunca são apenas histórias lá de fora, elas acabam sempre por vir parar aqui dentro. Acabou-se de uma vez por todas...» A certa altura disse-nos mesmo que entre nós não haveria mais amores, nem pancadarias, nem acasalamientos, nem sonhos. Sublinhou. Nem sonhos. Disse que todos os nossos sonhos teriam de estar colocados nas pautas que estavam pousadas sobre a tampa do piano. Daquelas folhas saíam os nossos sonhos e a elas os nossos sonhos deveriam regressar. Não poderia haver mais contemplanções. Precisaríamos de ser radicais, de uma vez por todas. E disse mais. Disse que não era cega nem surda, que bem tinha entendido o que ultimamente ali se passava, naquele recinto. Um desvario em torno de João de Lucena. Um bando de mulheres delirantes, arrulhando de um lado para o outro que nem rolas turcas. Mas agora, naquele espaço, não iria haver mais amores, nem partidas, nem chegadas, nem zangas, nem reconciliações. Só existiria o entusiasmo que pudesse provir da música que estava inscrita naquelas folhas. Fora da vida proveniente de lá, não haveria mais vida. A nossa vida teria de estar toda ela concentrada no local para onde agora se dirigia. E Gisela levantou-se e agitou as folhas brancas, os papéis do Varela, vários papéis de que desconhecíamos a origem e os meus rascunhos também. Ela agitou-os. Ela não gritava, apenas falava alto, e era mais alto e mais agudo do que se gritasse – «Não há alternativa. Ou tudo ou nada, não há meio termo possível. É o que eu vos digo. Vocês acabem com a tibieza, façam essa oferta a vocês próprias...» Dizia Gisela, mas o objecto que procurava nas suas palavras ainda não era suficientemente preciso.

Eu estava habituada a procurar as palavras exactas, e também sabia que a realidade, traduzida por palavras, empalidece e desmaia. Ela deve ter procurado nas suas categorias abissais a mais abissal de todas para nos impressionar e convencer, mas não chegaria lá, esse local aonde ela queria chegar era um local sem designação, nem

palavras. Usou o gesto. Com a mão em lâmina passou-a em frente do pescoço, numa menção clara de separar do corpo a sua própria cabeça. Gisela disse o que não disse. Gisela só disse – «Por mim, o género da divindade é-me indiferente...» Como Nani mostrasse sinais de grande agitação, Gisela mudou de assunto – «Sabem quantos ingressos se vendem para um espectáculo num estádio como o de Wembley? Cem mil, cem mil pessoas, cem mil cabeças, duzentas mil mãos. Um mar, um oceano de gente...» E Gisela deixou cair o cinzeiro no chão, a cinza espalhou-se, e não se importou. Madalena Micaia fez menção de apanhar o cinzeiro e ela não deixou. A *maestrina* sentou-se na nossa frente, empunhando o molho da papelada, enumerando os grandes palcos e falando das suas capacidades, das suas enchentes. Mas nós permanecíamos presas ao assunto anterior. Nani agitava-se.

«Metes medo. Não tens esse direito.» – Quem falava era Nani.

Gisela olhou para mim – «E tu, Solange, tens medo?»

«Eu não tenho. Eu não tenho medo nenhum.»

«Jura.»

Era mais do que verdade, eu podia jurar, não tinha medo. Medo de quê? De quem? Éramos mortais, podíamos oferecer a nossa vida a quem quiséssemos. Medo era para as irmãs Alcides. Eu não tinha medo, e Madalena também não tinha medo. Nós duas não tínhamos medo nenhum. Madalena Micaia até disse, referindo-se às duas medrosas – «Vocês não precisam mais de se prantearem, nós já compreendemos. Aprenderam a ter medo nesse sítio do Conservatório. Ó minha mãe, o tempo que perdemos com isto tudo...» Eu não precisava de acrescentar mais nada. Para mim era tão lógico o que Gisela dizia. Tão lógico, tão claro. Eu estava sentada no chão a beber as suas palavras, eu achava que as palavras de Gisela seriam as minhas palavras se acaso fosse eu a proferi-las.

Nani ainda se lembrou duma história que conhecia das aulas de composição, ainda tentou inverter o assunto, dizendo que Gisela queria transformar-nos numas Donas Galaazes que tivessem trocado a cota de malha pelo fato-de-treino. Ainda tentou fazer desmoronar a arquitectura sobre a qual assentava aquele projecto de renúncia. Mas a Gisela pouco lhe importava que a sua exigência fizesse lembrar a Nani Alcides as figuras que achasse por bem lembrar. A sua determinação era inabalável. A dona daquela garagem, dona daquele piano e daquele espelho, a filha do Senhor Simon, não mudou o seu grau de firmeza, ainda que tivesse diminuído o seu tom. Ela respondeu a Nani o que eu mesma teria respondido naquela situação. Já de noite, eu regressava a casa, entalada no tumulto do autocarro, sem ver a cidade a deslizar, e ouvia as palavras de Gisela como se fossem minhas – «Já o disse, Nani. Agora, não há como voltar atrás. A porta já não está aberta, encontramos-nos as cinco cá dentro, do lado de cá, com um despesão em cima das nossas cabeças de tal ordem elevado que daria para nos afundarmos até sermos velhinhas. Isso, se acaso recuássemos. Mas nós não vamos recuar.»

## DEZ

Não sei quantos dias passaram, sei apenas que Gisela esperava por nós, sentada na mesma cadeira sobre a qual a havíamos deixado.

Aparentava o ar de não ter saído da garagem. Fazia tanto frio na zona do fundo que foi necessário colocar os quatro radiadores junto à balança. Despimo-nos. Ela mesma nos pesou, preenchendo uns gráficos e de seguida pediu que nos dispuséssemos em volta do piano. De repente, pressenti o que se iria passar. Eu estava completamente submetida à sua ordem mental, amava o que ela amava e detestava o que ela detestava, mas antevi o que iria acontecer e pareceu-me excessivo. Senti, pela primeira vez, rondar um perigo cuja face eu não distinguia mas sabia olhar-nos a partir de algum dos cantos daquela sala. Uma dúvida assaltava-me – Como era possível que a música fosse uma arte tão libertadora, de tal forma unida ao impulso da liberdade que ambas se confundiam, e entre nós a música, o canto e a dança se tivessem tornado motivo de uma tensão quase intolerável? Sim, como era possível? Eu ainda quis fazer a pergunta, quis dizer umas palavras, mas já estávamos em fila, caladas, como se todas soubéssemos o que iria acontecer e nos tivéssemos preparado. A tarde continuava sombria. Gisela não tinha ligado as luzes e uma mancha de penumbra estendia um cone de indefinição sobre nós, à volta do piano. Eu tinha a ideia de que a voz não partia de Gisela de tal forma falava baixo, sem olhar para quem interpelava. Creio mesmo que não cheguei a compreender as primeiras frases, só ouvi distintamente a pergunta que dirigia a Maria Luísa – «Mas juras?» Ouvi a resposta da interpelada, que jurou. De novo, Gisela – «Juras pela tua vida, pelo êxito da tua vida?

Juras pela integridade do teu corpo? Juras?» Gisela ficou à espera. «Juro, Gisela, juro...» – respondeu de novo Maria Luísa, completamente submetida à lógica da *maestrina*. E à medida que Gisela ia enunciando os objectos da nossa renúncia, eu compreendia a pertinência desse acto, e encontrava razão no seu procedimento. Eu também ia ficando do seu lado, também me ia submetendo ao argumento que pairava atrás da sua inquirição sobre nós. Aquela era a minha vez. Gisela dirigiu-me as mesmas perguntas e, quando chegou ao fim, eu não sabia como poderia ter tido um laivo de relutância, minutos antes, no momento em que o interrogatório tinha tido início. «Juras, Solange?» – perguntou-me. «Juro» – respondi eu, rente à lógica de Gisela, perto dela, como a inscrição e a pedra.

«Juro, Gisela, juro...» – disse também Nani. «Juras, Nani, que já despediste o tipo da mota? E o pedestre? Já puseste a milhas o triste do pedestre?» Nani, encandeada, assegurou – «Juro, Gisela, eu juro. Podes ir ver à saída como eu mesma vou a pé para casa. Vou sozinha, Gisela, podes ir espreitar, se quiseres. Desde anteontem que não tenho ninguém na minha vida, a não ser a minha irmã e as minhas tias. Compreendi o que me quiseste dizer...» Gisela virou-se para Madalena Micaia – «E tu?»

Madalena tinha as mãos abandonadas no colo – «E tu, Madalena, tu, juras pela tua família, que não andas por aí com ninguém?» Madalena cobriu o rosto com as mãos e começou a rir. Logo compreendeu que não era momento para rir – «Jesus, que é santo nome de Jesus, Gisela, eu juro, sim.» «Está bem, Madalena, está muito bem...»

A primeira que tinha sido interrogada fora Maria Luísa. Ela é que tinha desencadeado aquele episódio cujos efeitos nos haviam conduzido até ali. A mais velha das irmãs Alcides continuava com o braço esticado, pendido, como uma asa partida. Quando o colocava no suporte, parecia morto. Gisela designou aquele braço para nos

comunicar que João de Lucena tinha dito que não viria mais aos ensaios enquanto houvesse gente de braço ao peito. Não era por haver um braço ao peito, era pela causa do acidente, a causa é que ele achava repugnante. Ele via naquele episódio um puro caso de polícia.

E havia mais.

Falando agora em voz alta, Gisela comunicava que João de Lucena tinha afirmado que bastaria mais um namorado lembrar-se de entalar um outro braço na porta de um carro, para ele não assegurar nem o primeiro espectáculo nem os seguintes, todos aqueles que estavam na mente e na agenda de Julião Machado. Indignado com o que havia acontecido, ele próprio aguardaria notícias. No interior da garagem, corria um frio que os quatro aquecedores a gás, trabalhando na potência mais alta, não conseguiam diminuir. Tomávamos chá. Gisela, sentada no banco do piano, não tomava o seu. Parecia ter recebido os resultados de uma análise clínica que confirmasse a iminência de uma doença grave e estar feliz por poder evitá-la. Agora, havia até alegria no seu olhar. E ia dizendo – «Eu sabia. Nunca duvidei que fosse justo o que tinha para vos pedir. Mas a opinião do coreógrafo ajuda-me muito. Claro que ajuda...»

A nossa *maestrina* tinha a certeza absoluta do que dizia, e aquele espelho formidável, onnipresente e mudo, forrando a parede da garagem, multiplicava a certeza. A certeza, diante do espelho, transformava-se em fé. Revejo cinco jovens mulheres sentadas, no meio de uma garagem, a avaliarem os resultados de uma análise. E volto a ouvir, como se fosse hoje mesmo, o brado de Gisela Batista, mudando de tom. Ela chamava por nós, nós pousávamos as chávenas – «Agora vamos a isto! Vamos àquela do Capilé?»

«Sim, vamos!»

Uma das letras do Capilé dizia – «*Chuva / Estou aqui / Perto de mim / Deserto / E eu tão perto / Perto de mim / E eu de ti / Estou aqui*». E assim por diante. Madalena Micaia fazia os baixos, nós avançávamos, sacudíamos-nos, afinávamos-nos, e passada meia hora, o momento da renúncia parecia ter acontecido um século antes. Música e letra deslizavam, a canção do Capilé resultava fluida. Estrelas de primeira grandeza apareciam a rasgar o mundo sombrio. No final, era preciso sair para a rua e encarar a realidade.

Nem sempre era fácil.

De regresso a casa, já por duas vezes eu havia tomado o autocarro errado, e naquela noite voltei a deixar que duas paragens passassem sem descer. Quando dei por mim, estava no Campo Grande. Foi necessário regressar a pé até ao Campo Pequeno, para rumar à hospedaria. Atravessava a zona dos plátanos, quando senti que alguém se aproximava a grandes passadas. Murilo Cardoso bateu-me no ombro e perguntou – «O que se passa contigo? Vi-te na porta do autocarro, e não desceste. Porquê?»

Claro que eu não podia contar a verdade. Não iria dizer que marchava agora trinta centímetros acima do solo, e que isso me provocava uma falta de aderência em relação aos objectos, uma distância em relação à superfície das coisas. Mas encontrar o Murilo, às nove horas da noite, depois daquele dia tão intenso, até não era mau de todo. Ele continuou – «E porque faltas agora às aulas? Por que razão nem foste à prova de agregação do Professor Castilho? Diz-me o que se passa contigo. Será um amor? Será?» A primeira hipótese que alguém coloca quando uma rapariga falta à prova de agregação do seu professor, e a meia dúzia de aulas, logo surge associada à inevitável figura do amor. Fazia bem perguntar-me, eu tinha um amor, mas não era convencional. Eu não podia explicar o meu amor ao Murilo. Ele perguntou – «E não tens fome?» Ali estava

uma boa pergunta para a qual havia uma boa resposta – «Sim, claro, Murilo, tenho fome. Ia entrar ali à frente para tomar um *snack*. E tu?» «Eu também, eu estava à tua espera para podermos tomar um *snack*.» Era incorrigível o Murilo, ou então era incorrigível o amor do Murilo. A sua voz tinha um timbre cantante, quando dizia – «Eu também...»

Então entrámos no bar e eu quis explicar-lhe por que razão ultimamente não ia às aulas. Eu andava a escrever uns versos desligados, palavras que rimavam umas com as outras, fios de histórias que não tinham princípio nem fim, cenas, apenas cenas, todas elas inconsequentes, se resumidas por palavras dignas. E no entanto, elas viviam em mim com naturalidade e saíam-me pelos dedos com a simplicidade com que a saliva sai da boca, a bÍlis do fÍgado. Era uma secreção biológica, uma substância carnal. Agora eu não ia às aulas porque tinha vergonha de fazer confrontar essa função primitiva das minhas palavras com a ciência perfurante das aulas, e ainda por cima, mesmo que eu interrompesse os círculos de Dante ou o pássaro de Poe para falar da minha experiência, eu não podia, o que eu vivia não era explicável nem transmissível. Naturalmente que eu apenas disse ao Murilo – «Murilo, sabes, ando ocupada com a composição para o *LP* do grupo. Tu sabes como é...» Murilo pegou-me nas mãos, levou-as até à sua cara e pousou-as nela. «Eu só só só penso nisso» – enfatizei.

Ele segurou as minhas mãos fortemente entre as suas, e eu sentia os seus joelhos a florarem a minha saia. «Solange, querida Solange, pensa em mim. Por favor, se pensares em mim, nunca vais pensar só em mim...» Os seus olhos deram a volta pela minha cara, desenharam um círculo para me abarcarem na totalidade – «Querida Solange, se pensares em mim, também vais pensar no mundo e na transformação do mundo. Comigo, a teu lado, tu sabes que nunca te deixarei perder em projectos vãos. O mundo vai mudar, Solange, a Grande Ursa vai lançar um ataque ao Ocidente, aquele grande

colosso não vai desmoronar-se assim, sem mais, Solange. Anda qualquer coisa no ar. Prepara-se uma guerra química, uma guerra bacteriológica, os laboratórios estão cheios desse arsenal, isto vai mesmo acontecer. Vai acontecer, e tu, em vez de estares preparada para assistires ao desmantelamento da ordem do Ocidente, vives metida na sua lógica entregando-te a essa gente sem escrúpulos que te aliena da existência, Solange. Solange, olha para mim, não baixes os olhos, levanta-os, encara-me...» A sua mão fez tal pressão sobre o meu queixo que me magoou. «Desculpa» – disse ele, arredondando a sua mão de encontro à minha face. «Amo-te tanto, Solange, tu numa das minhas mãos, e o mundo na outra, com os cinco continentes e os oceanos, e eu não saberia qual escolher. Mas felizmente que não preciso de escolher. Tu nesta mão, a Terra na outra mão, eu junto as duas, uno-as e, assim, a vida fica coerente e boa e eu sou feliz. Diz, Solange, diz que me amas...» E ele estendeu as duas mãos nuas. Estendeu-as mostrando as palmas viradas para cima, com os riscos da vida, da morte, da sorte, do coração, da inteligência e da cabeça, expostos à luz. Eu gostaria de lhe dizer. Não estou aí, no teu mapa do destino, não estou não, Murilo. Mas as suas mãos estavam tão oferecidas, tão sem nada de nada, pois não tinham nada sobre a pele rosada, e além do mais não tinham tudo aquilo que era sabido que ele mesmo iria perder, essa Terra por ele imaginada, a desfazer-se desde há muito entre os seus dedos, que eu tive a tentação de lhe dizer que sim, que o amava também. Além disso era tão tarde, e eu tinha tanto frio. Porque não dizer-lhe? O que custava dizer-lhe? Acaso eu tinha algum compromisso com alguém? –

«Murilo, querido Murilo...» Comecei por lhe dizer mas, de súbito, uma palavra salvadora vinha em meu auxílio. Compromisso. Pois não era verdade que desde aquela tarde eu tinha um compromisso?

«Murilo, querido Murilo, eu tenho um compromisso. Agora eu sou o quinto elemento de um agrupamento de música, tu sabes. Cinco

mulheres. Querido Murilo, prometemos umas às outras que não manteríamos ligações de amor de espécie alguma com ninguém, enquanto o grupo durar. Nem um simples devaneio. E isto é sagrado, sagrado. É metapsíquico. O que eu estiver a fazer aqui repercutir-se-á lá. Nem te vou dizer mais uma palavra sequer sobre este assunto. Juro-te pela felicidade dos meus pais que é verdade.»

«Mas isso é tão estúpido, Solange! Isso é tão absolutamente idiota. Ah! Aquela depravada da Mimi Batista, aquele grande coirão exigir uma coisa dessas de vocês. Ou melhor, explica lá bem o que ela quer de ti, explica lá bem...»

E os seus olhos, que habitualmente ficavam grandes e avermelhados, ficaram pequenos e untados de uma lágrima dura que devia ser de ódio. Era preciso explicar-lhe – «Não, Murilo, não. Gisela é uma mulher muito forte, muito bela, muito decente, uma mulher ganhadora, uma mulher de liderança, uma pessoa formidável. Eu admiro a Gisela. Eu quero trabalhar com ela, escrever para ela, estar com ela. Estou de alma e coração com este projecto, não quero perder esta oportunidade. Pois o que é a vida senão uma simples oportunidade? Aproveita-se, não se aproveita a oportunidade, acabou-se a vida. Sim, entre uma coisa e outra, quase não há diferença, mas eu quero aproveitar a oportunidade, Murilo. Afortunada, ela, porque existe como existe, afortunadas nós, que a encontramos. Murilo, desculpa, eu tenho este compromisso...»

Nem eu nem ele comíamos o *snack*. Não era possível. Murilo tinha recebido uma carta importante e tinha passado o fim do dia a rondar as paragens do autocarro para me falar do seu conteúdo, mas agora dobrava o papel timbrado. Tinha um carimbo, era uma carta oficial. Já estava dobrada, metida na algibeira do seu casaco de cabedal. Então, a caminho da hospedaria, sem saber como, e contra tudo, eu deixei que ele me beijasse. Beijou-me o alto da cabeça, coçou-me a cabeça, empurrou-me suavemente para dentro do meu quarto. Murilo não entrou no seu, saiu para a rua. Ouvi os seus passos

perderem-se na calçada. Foi da rua que telefonou. Eram duas da manhã quando o telefone do corredor tocou. Fui atender e era o Murilo que me dizia a partir de uma cabine – «Solange, eles vão desfazer-te em pó. Mas eu vou regressar a casa. Se quiseres reconsiderar, deixa a tua porta só no trinco. Estás a escutar-me, Solange? Alô, Solange...»

É das passagens mais intensas da minha vida. Não a posso recordar. Recordando uma parte, recordá-la-ia por inteiro. Teria de reproduzir vários incidentes dessa noite, como são os passos de Murilo no corredor, o silêncio abafado antes de rodar o manípulo, a tentativa de abrir, o rodar uma, duas vezes da maçaneta antiga e a resistência da chave. Ele ainda embala a porta, ainda chama pelo meu nome. Depois eu espero por ouvir os seus passos de regresso, mas não os ouço. Durante algum tempo fico sem saber se Murilo ainda se mantém junto à porta, se já ali não está. E a seguir, na dúvida, fico acordada até de madrugada. Eu não durmo durante essa noite a avaliar as razões pelas quais não deixei o Murilo entrar no meu quarto. Ainda havia, por certo, naquele tempo, duas Terras, uma onde vivia Solange de Matos, e outra onde vivia Murilo Cardoso.

## ONZE

Agora dou por mim a pensar que entre a Noite Perfeita, tão rápida e tão próxima, e o clima de expedição que se vivia naquele final de Fevereiro, há mais semelhanças do que diferenças. Une-as o mesmo tumulto. Por essa altura, a garagem da Casa Paralelo está transformada num estúdio. O tecto está semeado de lâmpadas, algumas delas penduradas de uma corrediça. Cinco projectores são fixos, seis dirigidos, e em vez de um gravador, há dois. É um ano bissexto. O penúltimo dia do mês cairá a um domingo. Nesse dia, pelas quatro da tarde, fomos visitadas, pela primeira vez, por uma figurinista.

A figurinista é uma mulher baixinha, alegre, que entra aos saltos pela garagem adiante carregada de tecidos e apetrechos. Vem estudar os nossos corpos e a cor da nossa pele. Sem perder tempo, pousa os seus objectos, puxa de uma almofada e ajoelha-se no chão. O espelho reflecte-nos na perfeição e a figurinista pode ver-nos de todos os ângulos. Ali estamos as cinco para que nos estude. A figurinista sobe a uma cadeira, tira-nos as medidas, calcula-nos as diferenças, estuda-nos os tacões dos sapatos. Tem indicações do maestro Capilé para nos colocar à mesma altura. Muito difícil. Gisela Batista sempre se destacará, ela sempre será a cabeça de cartaz. O seu porte é o de uma rainha. A figurinista parece estar feliz por ter encontrado aquele corpo, ali dentro numa garagem. Os seus dedos percorrem com amor artístico as espáduas de Gisela. «*Quelle élégance!*» – diz a figurinista, como se nós outras não estivéssemos presentes.

Nós sabemos que ela pode dizê-lo, ainda que pelo meu lado só naquele dia eu faça a prova por inteiro. Apesar de já se ter apresentado uma vez em roupa de movimento *frou*, é naquele

domingo que ela desvenda os benefícios do seu corpo grande. Envergando um vestido justo, amarrado por um cinto alto, a gola levantada, Gisela é de facto uma rainha. Tem tudo para ser uma grande figura de mulher cantora. Tem cabelo escuro, indomável, a escorregar-lhe pelos ombros, tem testa larga, olhos claros, pestanas reviradas, ombreiras largas, cintura estreita, pernas fortes, tornozelos finos. Tem uma forma de fechar os olhos inconfundível, tem um modo de estender os braços como a Nana Mouskouri e a Ella Fitzgerald, uma forma ampla e única de os entregar ao espaço, cada vez que os abre nasce um planeta azul. Tem tudo para ser uma grande cantora. Só não tem voz. A sua voz, quando canta, transforma-se numa fita de água esgarçada que precisa de ser duplicada por dois para ganhar espessura. Nós sabemos. A figurinista, porém, não sabe desse detalhe, nem isso lhe interessa. A figurinista sairá daquele lugar com as medidas exactas para Gisela Batista, e com umas medidas aproximadas para as outras figurantes da cena. Em relação a Madalena Micaia, a figurinista chega mesmo a perguntar – «E você entra igualmente no grupo? Talvez para si um fato à parte...» Não é essa a indicação que tem do maestro Capilé, mas ela interpreta a realidade à sua maneira. Na sua ideia, ela já viu tudo – e nessa altura até se encontra de pé, sobre uma cadeira – por isso está a pensar em fatos vermelhos para as quatro, e num fato rosa-pálido para a menina Micaia. Gabando-se da sua própria sagacidade, diz que compreende tudo, percebe que aquela rapariga é indispensável por causa da sua voz. A figurinista sabe que por vezes há vozes maravilhosas encerradas em corpos inacreditáveis. Pois claro, está na cara. Que bela voz deve ter a menina Madalena Micaia.

*«Que vous êtes fortunée, madame!»* – diz a figurinista.

Sim, Gisela Batista é uma mulher afortunada. Ela tem tudo ou quase tudo, e o que não tem, procura e acha. Naquele encontro suplementar de domingo 28, está bem patente a sua fortuna. Tem uma garagem apetrechada como um estúdio de ensaio, tem à sua disposição uma voz de soprano ligeiro e uma *mezzosoprano*, e uma voz funda, jazzística, aveludada e redonda que lembra a da Mahalia Jackson, do tempo dos primeiros *blues*. Tem um compositor, um coreógrafo, uma figurinista, tem a maquete de um *Long-Playing* sobre o tampo do piano de cauda, e o caminho aberto para os ensaios com cinco instrumentistas no Estúdio Nepomuceno. Ainda por cima, naquele domingo, tem um envelope dentro da sua carteira e agita-o. Nós não assistimos ao telefonema, mas calculamos como tenha sido negociado o montante. Terá fumado para dentro do bucal? Ou terá sido uma conversa mantida no interior do enorme carro com estrelinha alemã? Não importa. Agora o envelope ali está. Gisela chama Madalena Micaia para lhe entregar o envelope e pede-lhe que o aceite sem discussão. Já lhe disse que não é compatível um horário completo, num restaurante do Bairro Alto, com a dedicação à música que lhe será exigida. Não só a *African Lady*, dali em diante, vai ter de chegar a horas como terá de deixar de fazer graçolas com a voz para os clientes que gostam de a ouvir cantar aos fins-de-semana – «Minha amiga, de agora em diante, aqui é que tens de estar...» Mas Madalena Micaia acha que o patrão não vai permitir semelhante folga, que a poderá despedir, e avança com vários argumentos todos eles de peso para não aceitar o envelope. Gisela olha para o telefone preto, agora já colocado sobre a mesa, e não desarma – «Se tens problemas com o teu patrão, dá-me o seu número de telefone que eu peço ao Senhor Simon que lhe dê um toque. Tão simples quanto isso...» A Micaia ainda hesita, ainda olha para lá da porta da garagem, está a magicar alguma coisa e até tem uma ideia a propósito. Uma proposta diferente. Talvez ela possa convencer o patrão prometendo recompensar o tempo perdido,

depois do mês de Maio. Assim, ela faltaria durante os meses mais próximos, mas reperia ao longo dos meses seguintes. Como assim? Gisela Batista sente-se vexada e até ofendida – «Depois de Maio? Mas tu não entendes que o teu compromisso é para sempre, Madalena Micaia? Para toda a vida, Madalena Micaia?» E assim, bela como está, rainha e imperatriz, Gisela dirige-se a todas nós, mais do que vexada, incrédula – «Como é possível? Vocês ainda não entenderam o alcance deste projecto? Não entenderam que estamos a trabalhar sob a direcção de uma pessoa chamada Julião Machado? Que o nosso coreógrafo se chama João de Lucena? Que acaba de sair daqui uma das melhores figurinistas da cena portuguesa? Vocês não entendem? Minha querida Madalena, mete isto na tua cabeça. O problema do talento em toda a parte do Mundo, é que uns não o sabem comprar e outros não o sabem vender. Meu Deus, mas que desperdício...»

E Gisela Batista enfiou o envelope no bolso de Madalena Micaia.

E depois Gisela ficou em silêncio, desceu os olhos sobre a biqueira dos seus próprios sapatos, sem pronunciar uma palavra, e nós também. Estava trajada com aquele vestido de talhe perfeito que nunca lhe havíamos visto, e havia alcançado um cinzeiro, havia acendido um cigarro, e não falava. Nós quatro encontrávamo-nos sentadas em semicírculo, à sua volta. Ninguém falava. O ambiente era irreal, nem calor nem frio, nem luz nem sombra, apenas final de domingo. Se ao menos se conseguisse pensar na gaiola enferrujada que o vento lá fora fazia bater contra a pérgola. Mas não, não era possível pensar em mais nada que não fosse na cena circundante. Seríamos de cera? De barro? Seríamos sombras saídas das paredes animadas de uma remota inteligência? Seria que todas nós estaríamos a pensar o mesmo? Sim, estávamos vivas. Quem iniciou a prova de existência foi a *mezzosoprano*, Maria Luísa. Ela é que disse – «Confesso.» Todas compreendemos a importância daquilo

que iria dizer. Ela disse – «Eu ainda estive para descer, mas não o fiz. Fiquei na sala onde estava, imóvel, a ler. Ele não parava de fazer accionar o cláxon mesmo junto da porta do prédio. Uma e outra vez. Não desci... Estás a ouvir-me, Gisela?» Gisela parecia não ouvir. Maria Luísa foi mais precisa – «Juro-te, Mimi, agora, só de imaginar o cheiro a gasolina do Citroën Pallas, sinto umas náuseas...» Diante de nós, Gisela mantinha as pernas elegantemente cruzadas. Não dizia uma palavra. «Juro, Gisela, assim eu não me chame Maria Luísa.»

A *maestrina* desviou os olhos na direcção de Nani. Nani sobressaltou-se. Ela não tinha nada para dizer. «Sim, tens.» Nani jurou que não tinha. «Sim, tens.» Não tinha. E não tinha porque ela havia cumprido escrupulosamente o que fora proposto. O tipo da Kawasaki encontrava-se a milhas da sua vida. Nos últimos dias, Nani até imaginava os acidentes trágicos que ocorriam com as motas pesadas, e via membros decepados, cabeças partidas, vidas ceifadas na flor da idade. Desastres que ela por certo evitaria não dando nem mais um pouco de atenção àquele sujeito. Ainda na noite anterior Nani se tinha entretido a rever umas árias de Vivaldi. Chegava-lhe Vivaldi. A sua vida tinha mudado. Agora Nani Alcides tinha bem mais que fazer do que andar atrelada a pessoas que não a conduziram a nenhum lugar. O fulgor expositivo de Nani era um pouco excessivo. Gisela acabou por desviar o olhar numa outra direcção.

No extremo oposto da fila, encontrava-se Madalena Micaia, ainda com o envelope entalado na algibeira. A princípio a africana não se sentiu interpelada. Depois começou a sorrir, a sacudir a cabeça. A rir abertamente, e era a primeira de entre nós que ria. Ria alto, fazendo acordar o recinto. Ouvindo-a dava vontade de rir também, dava vontade de aproveitar os movimentos do seu corpo para sacudirmos o nosso. Quando conseguiu falar, disse – «Oh! Que Deus me valha, santo nome de Deus!» É que ela, além da exclamação, não tinha mesmo mais nada para contar. O que queria Gisela que ela

contasse? Gisela parecia um tanto desarmada. «Está bem, está bem, *African Lady*, já sei como é a tua vida. Deixa isso para lá.»

A *maestrina* virou-se para mim e perguntou – «E tu?»

Eu tinha esperado por aquele momento desde que Gisela entrara naquela espécie de recolhimento. Fechei os meus olhos e disse – «Confesso. Na quinta-feira passada, tranquei a porta do meu quarto, o Murilo tentou abri-la, depois rodou o manípulo, depois enfiou a chave, mas a porta não cedeu, e eu não cedi. Cobri a cabeça com o cobertor e esperei que se fosse embora, e ele acabou por ir. Juro por tudo o que há de mais sagrado neste mundo...» Gisela não deveria estar à espera da história que eu lhe contava e pediu que repetisse. Eu repeti, tal e qual, explicando pela primeira vez que morava numa hospedaria com vários estudantes, e um deles, o de Sociologia, chamava-se Murilo. Entre mim e o Murilo nunca se tinha passado nada de muito importante. Éramos amigos. «Tu juras?» – perguntou por fim, ainda surpreendida. «Juro, Gisela, claro que eu juro...»

Fazia escuro lá fora. Naquele Inverno, o dia passava a noite demasiado cedo, em Lisboa. Era estranho experimentar uma sensação de escuridão tão cerrada, numa cidade tão clara. Não estava tudo completamente esclarecido? Gisela tinha acabado de fumar o cigarro, agora esmagava a beata no bordo da peça de vidro, pousava o cinzeiro. O seu olhar tranquilo passava pelos nossos rostos, ia e voltava de um para outro, era um agradecimento. O momento difícil tinha passado. Compreendíamos isso. Levantámo-nos do banco, sem peso de espécie alguma. Gisela mandou acender todas as luzes, e ainda ensaiámos duas canções. O espelho devolvia-nos uma imagem tão real que, por vezes, para nos concentrarmos sobre a coabitação das nossas vozes, precisávamos de nos virar de costas para não nos vermos. Deveríamos dançar sem olhar para o espelho. Leves, coordenadas, sacudindo-nos ou balouçando, pedalando no mesmo lugar, a figura da marcha parada do militar

bêbado, na gíria de João de Lucena. Em Maio, quando o concerto acontecesse, diante de nós só haveria pessoas, não haveria espelho. Então era preciso acreditarmos em quem?

A resposta era só uma – Em nós mesmas.

Quando aquele ensaio de domingo terminou, eu não tinha vontade de sair. Apetecia-me permanecer ali mesmo, ficar a viver dentro daquelas quatro longas paredes, cada vez mais próximas e familiares. Como não podia acontecer, eram quatro longas paredes que vinham atrás de mim e me acompanhavam pela cidade fora. Naquele final de domingo, já no Campo Pequeno, desci do autocarro vazio e comecei a dirigir-me para um snack-bar da Avenida da República, mas na verdade não passei do propósito, pois a toda a largura da avenida estava escrita, acima da cumeeira dos prédios, uma palavra – *Afortunada*.

A palavra ia e vinha sozinha, acabava e terminava pela mesma letra, não tinha início nem fim, era só mesmo uma palavra que se tornava reversível. Mas eu tive a ideia de que poderia esquecer-me dela. Já me havia sucedido. Quem ma havia dado fora a figurinista, e havia-a perdido. Agora reencontrava-a. Desembaracei-me do saco, dele retirei um caderno e escrevi – *Afortunada*. O que tinha dito, certa vez, Julião Machado? Que um dia não seriam necessários versos nem rimas, uma palavra só seria suficiente desde que bem declinada, para sustentar uma canção. Já havia exemplos às dezenas. *Cheesecake, cheesecake*. Um som bastaria, e assim seria o futuro. Ali mesmo, pus-me a escrever sobre uma folha de papel uma frase antiga, ainda com sujeito, predicado e os seus complementos. Escrevi ainda com todas as letras – «*Afortunada, afortunada, tem fortuna e não quer nada...*» Muito antigo. Amarrotei a folha e enviei-a com um piparote para o canteiro do plátano.

«*Vous êtes fortunée, Madame! Les épaules, s'il vous plaît...*» – E se eu nunca mais fosse encontrar o que tinha achado? Dava que pensar. Era muito pouco. No mundo da fantasia das palavras, uma frase daquelas era literalmente nada, e no entanto, mesmo sendo nada, poderia ficar irremediavelmente perdido e então, o pouco que fosse perdido, seria muito. Dei uns passos para trás. A aragem fria da noite empurrava o papelote na direcção da grelha das águas pluviais, um pouco mais e sumir-se-ia no fundo. Eu quis lembrar-me da frase que lá estaria escrita e não me lembrava absolutamente de nada, nem sequer da palavra *Afortunada*. Pensei que aquilo que lá estava escrito poderia ser nada, e no entanto, uma vez perdido, pareceria um tesouro. Corri na direcção do papelote que não parava de se deslocar aos repelões na direcção exacta da grelha, a direito, para lá, movida por uma força de atracção como a bola de golfe na direcção do buraco. Ali ia a minha fortuna. *Afortunada*. Agarrei o papelote no último instante, desdobrei-o diante dos olhos e vi que estava intacto – *Afortunada, afortunada, tem fortuna e não quer nada*. Mas não estavam só essas palavras, não, alguém por mim tinha escrito – «*Tem amor, não tem amante / Tem morada não tem casa / Tem fortuna e não quer nada*». Uma mão divina tinha escrito o meu texto divino. Não eu, não eu. Eu só precisava de tornar visível o que estava escrito de forma invisível. Para isso, bastava correr para casa e bater à máquina o texto que me tinham oferecido. Com o papelote na mão, bem seguro no ar, aquele era o meu livro salvo a nado que eu erguia bem alto acima das minhas ondas. Meu Deus, que recompensa, a da minha corrida atrás da folha do bloco. Eu entrava em casa, eu estava tão contente, se alguém me visse, adivinharia a dimensão do meu achado só de me ver com o meu pequeno texto no ar. No entanto, o meu achado era tão mínimo que eu jamais o partilharia com alguém. Como poderia alguma vez na vida ter um amor, como poderia partilhar com alguém aquele meu vício de viver em miniatura o grande mundo dos heróis gráficos?

Que vergonha, que vergonha eu sentia do meu mundo privado. Assim, em chegando ao meu quarto, onde nenhum Murilo entraria, eu poderia passar a limpo os radiosos pequenos insignificantes versos que me haviam sido oferecidos, e ali estavam na folha, lisos, claros, invisíveis. Estendi o papelote sobre a mesa do quarto, e bati à máquina os versos oferecidos. O deus da pequena poesia entrava no meu quarto solitário e fazia tropelias com as minhas folhas brancas. O pequenino deus, do tamanho de uma carica, agitava-se no ar e falava por mim ao pequeno mundo que existe ao lado do mundo grande. O perro falava sem pausa nem interrupção. *Afortunada, afortunada*, dizia. Tem amor, não tem amante, tem morada, não tem casa, tem valor e não tem fama. *Afortunada*, tem amor, *afortunada*, tem valor, tem o mundo e não quer nada, tem morada e não tem casa, *afortunada*, tem morada, tem amor, tem valor, não tem cama, não tem fama, não tem grades nem senhor. Mas tem amor, tem valor, tem morada. *Afortunada, afortunada. Bastaria a liberdade para ser dela a namorada*. Não a sigas, não a persigas. A afortunada abre o mundo, e não quer nada.

O deus das pequeníssimas letras assim me tinha visitado. Mas para que serviria a sua oferta?

## DOZE

No primeiro dia de Março, a garagem encheu-se de gente. Gisela Batista avisou-nos que eram pessoas que traziam consigo saquinhos de ácido no lugar do coração. Mas ela sentia-se calma, tinha confiança absoluta nas suas peças de arte. Iríamos iniciar as nossas proezas diante deles, serenadas e calmas. Maria Luísa já havia retirado o suporte que lhe protegia o braço, Madalena Micaia perdera dois quilos e meio e isso via-se sobretudo no rosto. A sua pele escura brilhava, as suas feições tinham ressuscitado de algum formato anterior que desconhecíamos. Mas antes que alguém tivesse chegado, falámos da nossa castidade por um mínimo de palavras, apertando as mãos. Gisela tinha-nos abraçado. No meio da garagem, as cinco abraçadas. Víamo-nos no espelho. Estávamos esticadas, destiladas, com a música espalhada pelo corpo e o movimento do corpo espalhado pela música. Calmíssimas, como os estigmatizados. Podiam furar-nos os olhos, não sentiríamos nada. Pelo menos era o que pensávamos. Não sabíamos por que razão estava ali todo aquele friso de cabeças, mas isso não importava. «Avancem!» – disse o Capilé, sacudindo os cabelos enebados. Avançámos. Durante hora e meia, cantámos, movemo-nos, enrolámo-nos, desenrolámo-nos. Levámos a boca aos joelhos, os joelhos ao chão, balouçámos as ancas como se as quiséssemos desprender da cintura, e os nossos braços andaram num reboço de cá para lá, desenhando laços no ar. E cantámos, mais como sabíamos do que como queríamos, com Micaia a sustentar os baixos, e as irmãs Alcides nas melodias finas. Os espectadores mantinham-se calados, irónicos, o olhar cruel. Ao todo umas doze pessoas que ali estavam, algumas não saberíamos dizer quem eram. No final, alguém comentou – «Falta um daqueles números de cair de borco.

Estão a ver? Um número de fazer o fã cair de cu. Uma pessoa espera, espera, e nunca chega a ouvir esse número. É ou não é verdade?»

Era, naturalmente, Julião Machado quem falava, o oráculo, aquele que havia sido fadado para dizer a verdade. Na voragem dos comentários, até havia quem preferisse a letra do *Check-in* à sua substituta, a letra melosa de *Até ao fim do mundo*. Pois quem teria escrito aquilo? «*Lua, lua, derradeira*»? A música era horrível, a composição do Capilé. Mas João de Lucena não pensava assim. Segundo o coreógrafo, havia um arroubo lírico na letra que contrabalançava a música de cabaré que lhe ia no encalço. Pelo contrário, o que Lucena não podia aguentar era um *Check-in* em ritmo de tango argentino. Seria preciso ter muita paciência latina para aguentar tanto cruzamento. Ali dentro, ninguém era gentil com ninguém. Mas nós resistiríamos. Tínhamos ficado unidas em torno de Gisela, escutando, cumprindo o nosso papel. Mudas, resistentes. Pois faltava um tema redondo feito sobre o olho de uma só palavra. O som de uma palavra que entrasse, caminhasse, se enroscasse no coração do fã e nunca de lá mais saísse. Era ainda o Julião a falar. Eu senti o meu coração bater descontrolado. Desde domingo à noite que eu andava com uma palavra dentro da minha cabeça, uma letra achada. E se procurasse o meu caderno e de lá retirasse a folha dobrada sobre a qual eu tinha batido à máquina a jaculatória *Afortunada*? Se eu mostrasse, se eu tivesse a coragem? Não perderia nada. Olhei em volta e vi as caras fechadas de toda aquela gente dura e descontente. Retirei a folha do seu esconderijo. Ajuizar sobre os actos alheios, sob o pretexto de ajuda, permite exercícios bem sádicos. Estava disposta a suportar o embate. Aqueles sábios discutiam pormenores e datas com a ideia de que faltava uma faixa de cair de cu, segundo o ordinário. Comecei a olhar os circunstantes, um a um. De repente reparei que nas têmporas de João de Lucena havia uns fios cor de prata. Eu só tinha dezanove anos e vi uns fios

dessa cor a riscarem os cabelos do Lucena. Era incrível, tanta vez que ele tinha estado por perto, sobretudo quando alimentava entre nós o clima de sedução, e no entanto eu nunca tinha reparado que a formiga do tempo havia depositado o seu estrago no cabelo de João de Lucena. A minha mão começou a tremer. Ele olhou para a minha mão – «Mas o que tens aí? Deixa ver...» Cantiga era a palavra usada para desvalorizar uma canção. Foi essa que usei. Foi assim que lhe entreguei a *Afortunada*.

Se ele leu ali mesmo? – Sim, o coreógrafo leu. Mas não entendeu o que eu lhe propunha. Verdadeiramente, eu não propunha nada. Aquela letra tinha-me sido dada pelo deus da pequeníssima poesia, tinha vindo de um papelote que havia estado à beira de desaparecer num ralo. O que procurava eu? Gisela encontrava-se ao fundo do recinto. Vi o João de Lucena, que afinal tinha uns cabelos brancos nas têmporas, levar nos dedos o meu papel, e entregá-lo ao Capilé. O Capilé entregou-o ao Saldanha, o Saldanha passou-o ao Julião, e o Julião foi na direcção de Gisela Batista. O Julião estendeu a folha sobre a aba do piano e deu uma palmada sobre ela. Francisco Capilé sentou-se ao piano. E eu fui na direcção do lavabo.

Preciso omitir o que a seguir se passou à volta do piano. Não tenho palavras para falar do assunto. A felicidade é um corpo que não se decompõe nos seus elementos, nomeia-se mas não se descreve e por isso tão poucas são as narrativas sobre esse estado de alma. Eu era uma miúda e eles compunham, em conjunto, um andamento que servisse aquelas minhas palavras ditadas pelo deus das caricas, das vacas e do estrume. E era tudo.

João de Lucena perguntou – «Para onde vais? É para o Campo Pequeno? Tem graça, é para lá que nós vamos.»

Havia três carros, e não dois. Eu até poderia entrar em qualquer um deles. Afinal, todos os ocupantes viviam para as bandas do Campo Pequeno e nunca tínhamos dado por tal. Eles não tinham dado por mim, eu não tinha dado por eles, e o mundo era tão pequeno e o Campo Pequeno, pequeníssimo. Uma rua ali, a outra acolá, e tudo tão perto. O Monumental tão próximo, o Galeto junto, o Apolo 70 pertíssimo, a Universidade Nova era mesmo junto de toda a gente, e a Gulbenkian? Meu Deus, os jardins da Gulbenkian viam-se de todas as varandas e quintais daqueles que seguiam no carro. Eles iam ao estrangeiro, regressavam, e encontravam tudo sempre tão igual, tudo tão próximo, tão imóvel, uma aldeiazinha, com os sinos da Igreja de Fátima a fazerem tlim, tlão, a acordarem toda a gente à mesma hora, logo pela manhã. Alguém sabia o que se comia agora na Versailles? Francamente, eu não sabia quem eram aqueles que o diziam, mas lá que diziam, diziam, e de repente a cidade através da qual voávamos no comboio formado pelos três carros velozes, como se não houvesse engarrafamentos, não era a cidade que eu conhecia vista através das vidraças sujas do 49. E assim, quando chegámos em frente da Praça de Touros e me convidaram a participar num jantar, eu recusei, eu não saberia dizer nada aos amigos dos amigos de João de Lucena. Muito menos a João de Lucena. Ele é que desceu do carro e me disse, de braço erguido – «Se te arrependeres, estamos além...»

A situação só se desencadeou dois dias depois.

Aprendo com esses dias o que toda a gente aprende, mas nem toda a gente sabe. Que só o nada, e em abstracto, é estático. A vida humana, errante, a relação entre nós todos, errática. Lutar contra essa deriva é o mesmo que tentar parar o vento com um chapéu de palha. O amor é esse chapéu de palha. Tudo começou assim – João de Lucena, naquele dia, cinco de Março, viria a ensaiar a coreografia para *Afortunada*. Ele entrou, discutiu o seu plano com Gisela, e de seguida sentou-se ao meu lado e falou-me do esquema da

coreografia. Depois, quando ficámos em linha, começou a demorar-se junto de mim.

Desses primeiros momentos, lembro-me das suas mãos nodosas sobre os meus ombros e sobre o meu pescoço que ele desejava mais elevado quando pronunciasse *afortunada*, todos os movimentos mais rápidos nas passagens à minha esquerda. E a cintura? A cintura, ele queria-a mais móvel. Os problemas em relação à cintura, naquele dia, pareciam só existir comigo e com Madalena Micaia. Mas Madalena Micaia era colocada na ponta avançada, e eu estava sempre no meio da formação, porque o meu corpo, tal como a minha voz, era uma espécie de mínimo denominador comum, uma transição entre as outras. Nada em mim era pronunciado, nada demasiado alto, nada demasiado baixo, nada demasiado volumoso, até o cabelo estava na altura exacta para crescer ou para ser cortado, conforme necessário. Nani já havia dito que eu era uma figura de plasticina, poderia moldar-me a qualquer formato. Neutra. Talvez por isso nunca tivesse existido luta corpo a corpo com João de Lucena, como se registara com as minhas companheiras, nos momentos em que nos tinha mostrado o valor da sensação de voar. Agora sim, eu parecia representar alguma coisa para João de Lucena. Durante aquele ensaio, cheguei a ficar confundida, e essa impressão de atordoamento só desapareceu no fim da sessão, quando eu vi o coreógrafo abalar sem se despedir. Afinal nada se passava de importante, pensei entre desilusão e descanso. Porém, ao aproximar-me da paragem do autocarro, o grande automóvel conduzido pelo José Alexandre parou junto ao passeio, e ouvi a voz de João de Lucena chamar por mim – «Solange, vem cá!»

*Assim mesmo, Solange, vem cá.*

Avancei devagar, sentia as pedras da calçada passarem de robas a esféricas, e eu rebojava sobre elas. Fui muito devagarinho,

colocando os pés um atrás do outro com cuidado para não escorregar, e quando cheguei junto do carro, entrei, não podia deixar de entrar. Lá dentro, estavam o José Alexandre e a rapariga que tinha os dedos escuros de fumar. Atrás, sentava-se uma outra pessoa que eu nunca tinha visto, e o próprio João de Lucena. Dentro do carro, sem eu perceber porquê, falavam inglês. Ao Saldanha, a rapariga de trás saiu, despediu-se, em inglês, e dentro do carro passámos a falar português. João de Lucena explicou – «Foi minha colega na Juilliard School, dança agora na Companhia Nacional, fui eu que fiz o contacto, trouxe-a comigo, é uma americana enjoada. Um género que há por toda a parte.» Quando o carro se ia a aproximar do Campo Pequeno, Lucena disse – «Pára, pára, pára aí adiante...» O José Alexandre fez uma guinada para a direita, e nós fomos largados sobre o passeio, enquanto o carro arrancava.

Lucena acenou-lhe – «Lá vai ele com a Ana Foggy, aquela rapariga, uma outra chata. Não é o teu caso...» E encaminhámo-nos assim mesmo, na direcção da Ideal das Avenidas. Ele tinha trinta e quatro anos, e eu tinha dezanove. Ele fora bailarino e agora era coreógrafo, eu era uma estudante. Ele tinha um nome, eu era uma rapariga que faltava às aulas. João de Lucena parecia ler os meus pensamentos. João de Lucena disse-me que tínhamos muito tempo para nos apresentarmos. Em nosso redor a conversa era alegre, interrompida por gente que entrava e saía, pessoas que faziam João de Lucena levantar-se do seu lugar para lhes dizer isto e aquilo, e ele ria para mim como se eu fosse sua amiga desde o berço – «Esta é a Solange, muito jovem, ainda só tem dezanove anos. Uma menina, mas não calculam o que vai por dentro desta sua cabeça...»

Eu tinha a sensação de que não era realidade o que se passava à minha volta, que não era eu a pessoa de quem o coreógrafo falava. João de Lucena não se dirigia a Solange de Matos, mas a uma sombra vaga que por acaso usava o meu nome. Naquela noite, eu duvidei da minha existência. Cheguei a pensar que tinha morrido e

que era uma alma com o meu nome quem estava no centro das atenções daquela mesinha junto à janela da Ideal das Avenidas. Em determinado momento, João de Lucena foi abordado por um casal de meia-idade, ambos riam encantados ao reconhecerem-no, e os três levaram-me a casa. Falavam do Ballet Bolshoi augurando uma catástrofe, duas, três catástrofes, e mesmo assim riam. Parecia que falavam de tragédias reais como se fossem representação. Riam muito. Lucena disse-me com simplicidade – «Dá-me o teu número de telefone.» Como se nos tivéssemos conhecido desde crianças, acabássemos de mudar de morada, e actualizássemos endereços. Ele esperou que eu abrisse a porta do prédio e espreitou para dentro. «Moras numa casa em muito melhor estado do que a da minha mãe. Se visses a casa da minha mãe...» Mesmo diante do casal risonho, que falava da ruína em que iria transformar-se o Bolshoi, João de Lucena encostou-me ao seu ombro e perguntou – «No ensaio de terça ou antes?»

Eu não podia responder.

«Deixa estar. Eu telefono amanhã.»

O amor. Quem não fizer essa experiência da ordem do absoluto nunca ficará a saber como nasceram as flores. Lembro-me dessa primeira noite em que eu fui visitada pelo aceno do amor. Entrei e fiquei encostada à porta, trancando-a com as costas, incapaz de me mover. Tudo o que eu tinha lido e nunca havia experimentado estava comigo desde algumas horas atrás. Era um tumulto semelhante ao efeito de um susto. Mas seria verdade? Eu não estaria a ser assaltada pela fantasia típica da sombra que foge, a alucinação criada pelo desejo que faz amantes ausentes baterem às portas, e noivas mortas aparecerem a acenar diante de soldados em campos gelados? Não, não era esse o caso. João de Lucena telefonou no dia seguinte e a sua voz era real. E o carro do José Alexandre parou à porta do prédio e trazia o mistério consigo, tal como eu tinha sonhado – À frente sentavam-se o José Alexandre e a rapariga que

fumava sem parar, e atrás ficávamos nós dois, afastando o fumo com as mãos. João de Lucena dizia – «Querida Ana Foggy, fumo deste nem à volta das fábricas da Wheeling-Pittsburgh Corporation, nos anos sessenta...» E soprou sobre a coluna branca. Em breve as minhas mãos estavam dentro das mãos nodosas de João de Lucena, e todo o seu corpo deveria ser nodoso, pois quando ele me fazia encostar ao seu peito, eu sentia uma carapaça de músculos. O formato de uma armadura romana. Quando a terça-feira seguinte chegou, estávamos à beira de nos tornarmos íntimos.

Mas ainda não.

O Inverno prosseguia, rigoroso. Na garagem o aquecimento não combatia a humidade. Andávamos cansadas, tossíamos muito e, dia sim, dia não, tínhamos ameaças de anginas que não nos deixavam cantar. Alguém estava atento à circulação do ar. Quando chegávamos, já havia café preparado sobre um tabuleiro e a água do chá fervia sobre lamparinas continuamente acesas. Numa dessas terças-feiras, sem que nos tivesse sido sequer sugerido, acabámos por chegar ao local com uma boa meia hora de folga, e Gisela, em vez de nos conduzir à balança, pediu que nos sentássemos em volta do piano. Essa alteração da rotina fez-me sobressaltar. Seria para mim que ela olhava? O que responderia eu, se por acaso me interpelasse? Se assim fosse, não me apanharia desprevenida. A minha decisão sobre o assunto já tinha sido tomada, e agora, na iminência de que Gisela me interrogasse, reforçava-a – Eu não diria uma palavra.

Não diria. Ao longo daqueles últimos dias, tinha-me decidido. O meu raciocínio era linear. Eu não havia feito mal a ninguém, não tinha ofendido pessoa alguma, a minha vida apenas tinha agora um novo rumo, e eu jamais iria tocar num assunto de tal modo intocável que nem eu mesma ainda tinha encontrado um nome adequado

para ele. A *maestrina*, regressada aos fatos-de-treino brancos, ali estava diante de nós. Com receio de falar, cerrei os lábios, olhei para o chão. Mas os meus receios, para já, eram infundados. Não era a minha pessoa que Gisela Batista pretendia interrogar. Então quem era?

Gisela tinha-se posto de novo a fumar. Ela reconhecia que uma vocalista não deveria fumar mas, em determinadas ocasiões, fumava mesmo, e sem pedir licença. Por entre o seu fumo ruidoso, eu ouvia os nomes das minhas companheiras a serem interpelados, um a um. Ouvia as perguntas e ouvia as respostas. Ouvia Nani dizer que sentia vontade de regressar às aulas, que tencionava voltar a estudar, aproveitando tudo o que fosse intervalo. Dizia que, de repente, lhe passara pela cabeça fazer ao menos uma cadeira, agora que podia aproveitar o tempo. «Sinto-me uma pessoa livre. Agora que me libertei é que sei o que é a liberdade...» Eu afundava-me no banco. Nani falava, falava, mas, de mim, a *maestrina* não iria arrancar uma palavra. E Maria Luísa? A voz de Maria Luísa parecia a de uma criança indefesa. A *mezzo* tinha-se posto a explicar que se encontrara cara a cara com o Eugénio e que nem lhe dera o bom-dia. Que ao passar pelos Jerónimos, reconhecera-o pela sombra, mas ela erguera o rosto e olhara ostensivamente para o lado. Maria Luísa explicou – «Levantei a mão, para que ele perceba de uma vez por todas que nem o sinal da sua sombra eu quero ver por perto...»

Em suma, as duas irmãs tinham as vidas mais lisas do que a tampa do piano e expunham-nas. Mas eu continuava firme, acontecesse o que acontecesse, não iria abrir mão do mais pequeno pormenor que dissesse respeito à minha união com João de Lucena. Estava convencida de que era esse o ponto a que Gisela viria ter, mas fazia todas aquelas voltas de propósito, até chegar à minha pessoa. «E tu, Madalena Micaia?» – Ouvi Gisela perguntar. A rapariga que tinha vindo das praias do Índico, e andara de terra em

terra pela costa de África até chegar a Lisboa, dez anos antes, aproveitou para dizer que mal dava conta da sua vida – «Eu, santo Deus! Mas que pergunta...» E enumerou pelos dedos – Vendo bem, morava na Amadora, chegava às onze ao restaurante, saía às duas e meia, dirigia-se para o ensaio, abalava dali às horas que todas sabiam, e aos fins-de-semana regressava ao restaurante e só de lá saía às três da madrugada. Até já nem ia cantar *Gospel* na associação do seu bairro. Acaso tinha tempo para pensar em vagabundos? Além disso, Madalena Micaia estava ralada porque ainda não havia acertado o novo horário com o patrão, e para ser franca nem tinha aberto o envelope oferecido por Gisela. Se Gisela quisesse o envelope, ela até o tinha ali consigo. Se o mostrasse, Gisela veria que ainda estava tal como lho havia entregado. Mas a *maestrina* não estava interessada nessa discussão.

Seria, agora, a minha vez? Sim, eu iria ser a última. Preparei-me. Mas quando eu pensava que a *maestrina* tinha aterrado sobre o meu caso, e eu iria resistir não dizendo uma única palavra a propósito, ela ignorou a minha presença e regressou a Nani – «Ouve, Nani, agora que já todas falaram, não queres reconsiderar?»

Perguntou assim mesmo, como se a minha pessoa não existisse. Toda a atenção recaía sobre a pessoa de Nani Alcides. As perguntas recaíam em catadupa sobre a soprano, e eram muitas. Passava-se o seguinte – Ela, Gisela Batista, não acreditava nas palavras da mais nova das irmãs porque alguém a tinha visto, não com o rapaz da Kawasaki, o ruidoso, mas com o silencioso, o pedestre. Tinham andado a passear de um lado para o outro, à beirario, e mesmo com o frio que fazia tinham-se deitado na relva. Na relva marcada pelos cães das redondezas. E ela com o pedestre a rebolaram-se, de cabeça tapada pelos anoraques, a beijarem-se e a moverem-se, indecentemente, na relva húmida onde os cães faziam o mesmo. Era ou não era verdade? Era ou não era verdade, Nani?

«Diz a verdade!»

Nani não baixou os olhos mas corou. Gisela ordenou, sem desviar os seus, que ela repetisse o que lhe ia dizer. Colocada entre ambas, eu comecei a tremer. Retiradas as circunstâncias, aquelas perguntas eram-me dirigidas. Eu tomava o lugar de Nani. «Repete, Nani...» – disse Gisela. E depois ouvi palavras soltas, que dificilmente poderei reproduzir. Encontrávamo-nos em plena brincadeira de crianças vendadas, tínhamos na mão o poder do fogo e não sabíamos. Eu ouvia dizer, ou então eu mesma julgava ouvir dizer – Se eu mentir, o meu remorso há-de ser tanto que não há-de sobejar momento em que eu não queira arrepender-me. Ouvia dizer claramente – «Repete...» Vou ficar dia e noite concentrada na minha actuação, porque eu só penso naquele momento em que tudo darei de mim mesma... «Repete...» Sim, Gisela, tem calma, repito, isso não se passou assim. A soprano repetia. Aquele momento em que eu irei enfrentar uma multidão, para a encantar, seduzir e vencer... «Repete mais uma vez...» E Gisela falava, falava, e Nani repetia, deixando palavras para trás. Gisela repetia mais devagar e Nani repetia o que Gisela repetia. Porque eu vou vencer, eu vou aniquilar quem se opuser, porque eu estou munida duma força que não é só minha, mas quem ma dá exige, em troca, toda a minha concentração, a minha determinação, a minha abstinência... «Repete...» E Nani repetia. A minha abstinência, a minha castidade, a minha discrição, a minha paciência, a minha determinação... «Repete, Nani, repete...» Nani repetiu a própria palavra *repete* e perdeu-se. As duas irmãs abraçaram-se e Maria Luísa saiu do abraço da irmã e gritou – «Pára com isto, Mimi, se a minha irmã se limitou a deitar-se na relva com um dos seus conhecidos, mesmo que se emarmelassem, porque a castigas assim? Eu conheço a minha irmã. Ela não merece este suplício...»

Gisela disse – «Repete, tu também.»

Durante um momento enfrentaram-se. Maria Luísa levantou-se, ainda fez um passo em frente, porém, hesitou e depois,

cambaleando, obedeceu também. Ouvia-lhe as palavras pronunciadas uma a uma. Eu estava ali, mesmo ao lado. As minhas mãos tremiam dentro das mangas do fato-de-treino onde eu as tinha encolhido. As de Nani e Maria Luísa tremiam também. Estávamos concentradas, paradas, sentadas em semicírculo, atadas umas às outras. Não éramos capazes de sair dali.

Felizmente que em dado momento começámos a ouvir o ruído dos carros que traziam João de Lucena. Ouvimos as portas baterem e vozes em algazarra. Atordoadas, levantámo-nos, sacudimos o cinzeiro, corremos para os nossos lugares, preparámo-nos para a sua chegada. Não era preciso mais nada. Até Madalena Micaia dispensou o seu exercício de aquecimento vistoso. Lembro-me perfeitamente. Sentimo-nos tão eficazes, depois do que se tinha passado, que eu pensei que em breve poderíamos escorregar para um lugar sem regresso. Poderíamos abrir a mão e largar o fogo. Mas esses eram pensamentos tolos.

Para já, o esquema que João de Lucena trazia era tão fácil de executar, e nós dançámos tão determinadas que o *parquet*, sacudido sob as nossas patadas, parecia saltar. Cantámos tão bem, a execução correu tão fluida nessa tarde, com as árvores do Inverno a agitarem os braços despídos rente aos vidros, e o chá de Gisela, o café de Gisela, os biscoitos de Gisela souberam tão bem durante as pausas, que eu compreendi que o céu poderia ser alcançado através de veredas que atravessassem campos onde as árvores, sozinhas, caminhassem falando. Só determinadas pessoas tinham acesso a tais caminhos. Pelo menos era o que eu pensava, nesse fim de dia, enquanto esperava pelo 49, na vigésima posição de uma longa fila.

Mas não esperei muito.

Passado pouco tempo, o carro do José Alexandre surgiu e parou rente à fila, mesmo junto ao local onde eu me encontrava. Vinha com a rapariga chaminé sentada à sua direita, e o amplo espaço do banco traseiro era ocupado por João de Lucena. Quando entrei no carro, Lucena, envolvido em animada conversa, nem parecia dar importância a que eu me tivesse sentado a seu lado. Alguns semáforos adiante, porém, percebi que fora a seu pedido que haviam estado à minha espera, durante mais de meia hora. Quem o disse foi a Foggy, a quem Lucena também tratava por Ana Fumaça. A partir daí, tilintaram campainhas anunciando a realidade. Os subterfúgios falavam como frases feitas. Ao longo da 24 de Julho, eu ia fazendo as minhas contas. – Isto é então um namoro declarado. Lucena confidenciou ao José Alexandre o nosso caso, ambos acharam que não era conveniente misturar os planos, ambos terão decidido esperar pela namorada de João de Lucena bem longe da garagem, tudo para proteger a namorada de João de Lucena, e eu não quero acreditar, mas a namorada dele sou eu. «Sou eu, Solange de Matos...»

Eis a felicidade – Vou-o dizendo aos candeeiros, aos semáforos, às filas das portas de vários metros de altura que dão acesso a lúgubres palácios junto dos quais deponho a minha festa. E eles falam, falam de pessoas que não conheço, mas que devem ser conhecidas de toda a gente. O José Alexandre fala do seu tio Alexandre, e de muitos outros cujos apelidos, na altura, eu já ouvi referir em algum lugar mas não identifico quem sejam. Avenida da Liberdade acima, João de Lucena aperta a minha mão na sua mão nodosa, para me fazer sentir que está a falar de um universo onde ainda não entrei, mas estou em vias de entrar. Está decidido, eu nunca hei-de dizer uma palavra sobre nós a Gisela Batista. Haja o que houver, no interior daquela garagem. Por mim, nem uma única palavra.

## TREZE

Eu deveria pensar na Noite Perfeita, na sua luz intensa, no seu clima de brevidade, nos olhos minúsculos gigantes a olharem para nós. Mas em vez de me ficar por esse aconchego próximo e sedutor, carregado de coerência, a imperfeição da vida, tal como ela foi, levanta-se sem ruído e vem ter comigo falando-me das questões de escala. O que posso fazer contra isso? Por esses dias, as noções de grandeza tinham-se alterado em meu redor.

Quem alguma vez teve ocasião de contemplar um cenário miniatura, daqueles que emprestam a sua cómoda dimensão aos realizadores de cinema a braços com cenas de grandes proporções, e tenha visto como a ninharia de uma pequena bolota pode ser transformada num potente míssil, poderá compreender a questão de escala a que o meu mundo se tinha reduzido por aquela altura. Duas palavras bastam para resumi-la. Tudo o que dissesse respeito a João de Lucena assumia uma proporção gigantesca, tudo o que não passasse pela sua figura não tinha importância alguma.

A parte de África, de onde eu viera, e os campos do Sobradinho, ou os países da Europa, como a França e a Itália que eu atravessara de comboio, ao contrário do que antes acontecia, assumiam na minha imaginação dimensões miniaturais, e mesmo Lisboa se tinha transformado numa paisagem liliputiana. Nessa dimensão de quase inexistência encontrava-se a Universidade, Murilo, e até a própria hospedaria funcionavam como um cenário diminuto. Aliás, de um momento para o outro, Murilo nem existia. Encontrávamo-nos e não nos falávamos. O estudante de Sociologia parava, e eu percebia que ele ficava à espera que eu quebrasse o silêncio. Eu não quebrava.

Murilo tinha passado a ser duas mãos coladas ao taipal de um camião de caixa aberta. O mundo miniaturol estava cheio delas, as de Murilo eram apenas mais duas. E eu ainda ouvia o meu pai dizer, quando recordava a nossa fuga, que só dispondo de uma vida nunca daremos resposta àqueles que exigem que nos separemos em partes que são inseparáveis. Não podemos ser de dois mundos. Era o que a imagem do meu pai me dizia, de catana levantada, disposto a cortar as mãos do aluno dilecto. Um assunto sem solução que regressava, de novo, para resolver o caso de Murilo. Ali ia ele andando na direcção da Avenida de Berna, carregando a pesada pasta cheia de papéis, e eu tinha a ideia de que o carteiro do mundo continuava a distribuir correspondência por toda a parte mas já não existia na minha vida. Via-o sem pena, sem paixão. Gisela Batista tinha-me conquistado. Na contenda entre os dois, ela havia vencido. Sabia como proceder.

E continuava a saber. Agia na perfeição.

Na hora daquela espécie de confissão em voz alta a que nos submetia antes de cada ensaio, Gisela passava por mim sem me interrogar. Por vezes eu chegava a pensar que ela não só não reparava na minha ligação com João de Lucena, como havia tomado Murilo por uma pura invenção. No entanto, a *maestrina* não só mantinha comigo um grau de proximidade feito de pequenas preferências e partilha de subentendidos, como dirigia o seu controlo cerrado não sobre a minha pessoa, mas sobre as irmãs Alcides. Em relação a Madalena Micaia, a chegar agora cada vez mais atrasada, precisamente no momento em que tinha cessado o seu trabalho no restaurante, a situação era diferente. Gisela ficava preocupada – «Que é isso, *African Lady*? Não sentes o calendário a andar? Olha bem para esse papel e lê o que tens à tua frente. Achas, então, que podemos perder mais tempo? Em pleno mês de Março?»

Por essa altura, Gisela tinha colocado um calendário perto da máquina do café, e agora os números estavam sempre a anunciar, dia após dia – Menos um, menos um. Madalena Micaia, envolvida no seu fato-de-treino escuro, desdenhava do calendário – «Ora, ora, mais um calendário. Cada pessoa já tem um no fundo do seu coração. Para quê mais outro? Se chego atrasada é por causa da vida da família, pai, mãe, todos sem nada, depois daquela calema que lhes levou a casa, naquela costa de São Tomé. E agora até o meu irmão chegou a Lisboa e também não tem casa. Ando a tratar da vida dele. O que é que eu posso fazer?»

Mas Madalena Micaia pousava os seus pertences atrás do reposteiro do fundo, punha-se a entoar aquele *Aleluiah! Aleluiah! I zee God*, juntava-se a nós, nós iniciávamos a cantoria, e era a voz dela que incendiava o estúdio. Havia sobretudo um solo no início de *Onde vamos morar*, em que ela fazia elevar o canto com um balanço de tal forma bem modulado, que nós próprias a achávamos perdida na interpretação daquele conjunto de músicas a que muitas vezes, com a delicadeza que lhe era reconhecida, Julião chamava foleiras. Um solo magnífico. E quando ela cantava o refrão da *Afortunada*, o timbre da sua voz destacava-se do conjunto das restantes, alguma coisa do seu sopro volumoso começava a subir e a enrolar, a desenrolar, e depois a morrer com um fio de aragem de tal modo controlado e raspado no fundo do peito, que nós nos calávamos. Aquela passagem fora escrita ao piano de propósito para a sua garganta. Aliás, o Capilé tinha tido a ideia de que a *The African Lady* deveria ficar com o micro dum lado, a capitoa do outro, e naquele momento em que *Afortunada, afortunada* saía da boca poderosa de Madalena Micaia, ela mesma deveria designar com a mão a figura de Gisela Batista, avançada, na parte direita do palco, e nós três, as restantes, ficaríamos atrás a dar à cauda, segundo a linguagem polida de Julião Machado. Ou por outras palavras, a Micaia chegava tarde, mas recompensava.

Sim, naquele final de Inverno, a cada dia e a cada hora, qualquer acontecimento ganhava uma densidade de batalha. Em meados de Março, já tínhamos ensaiado duas vezes com instrumentos vivos no Estúdio Nepomuceno, João de Lucena já estudava movimentos de ligação e Gisela havia aligeirado a pressão sobre nós. A figurinista aparecia aos saltos, retirava a almofada do interior do saco e começava por Gisela, rojando-se-lhe aos pés – «*Quelle élégance, meu Deus! Quelle élégance! Ça vous pique, les épingles?*»

Embora a figurinista estivesse a fazer cortes demasiado clássicos. A mestra da tesoura imaginava decotes delicados, fendas de alto a baixo por onde as pernas de Gisela aparecessem desenhadas como colunas góticas. Julião queria saias de palmo, tufos, mangas com brilhos, linhas soltas de modo a que o corpo pudesse ondular, e tinha mesmo deixado escrito um papel sobre o piano onde se lia – *Por favor, deixem-lhes as pernas à vela!* Naquele dia, a figurinista moveu a tesoura, fez cair diante do espelho grandes pedaços de tecido, e amontoou-os a nossos pés, bastante contrariada como se tivesse dado tesouradas no seu bom gosto e na sua própria alma. Ela achava que a grosseria tinha passado a ser transversal a todas as actividades deste mundo. E exibia no ar os desperdícios. Depois entregou-se por completo aos fatos de Gisela, e ali ficou a cochichar um tempo infinito junto da sua orelha, rebolando grandes olhares. Lá estavam as duas, num enlevo de entendimento, junto ao espelho. A figurinista tinha mesmo conduzido Gisela até ao fundo do recinto e não parava de falar. Era como se a modista quisesse fazer amor com ela. De resto, nós estávamos bem treinadas, éramos capazes de mover os quadris em sincronia perfeita e, em termos de linha, tínhamos alcançado as medidas previstas.

Mas a vinte e seis de Março Gisela lembrou-se da balança.

Porque iríamos de novo para a balança?

No dia anterior os fatos tinham-nos servido na perfeição, havíamos passado muito tempo em pé diante do espelho, e agora vinha mais aquele capricho. «Pesar!» – ordenou Gisela, sem nos olhar, como sempre acontecia quando suspeitava que poderíamos desobedecer. «Pesar!» Eu coloquei os dois pés na balança e dei um salto para trás. O capricho da rainha estava cumprido. Seguiram-se as irmãs Alcides. A cada uma, um salto para trás, como numa aula de ginástica. Madalena Micaia não parecia muito interessada em subir à balança. «Pesar!» Em vez de se pesar, *The African Lady* dirigiu-se ao calendário da parede e começou a contar os dias. Contava-os e recontava-os em voz alta, agrupando-os em semanas, de costas viradas para nós. Não se pesava. Até que Gisela perguntou – «Estou aqui com um certo sobressalto, Madalena Micaia. Ouve lá, por acaso tu não me tens andado a enganar?» Como a rapariga não se movesse, Gisela elevou o tom, estrangulou a voz, ameaçou – «Madalena Micaia, Madalena Micaia, tu tens estado a aprontar-me alguma!»

*The African Lady*, como se fosse míope, juntou a cara ao calendário, contando de novo os dias que faltavam para a gravação e para o concerto ao vivo. Contando as semanas e as quinzenas, uma e outra vez. E permanecia junto da parede, a falar em voz alta, como se o calendário estivesse a mostrar-lhe sinais sub-liminares que só ela visse. Gisela soltou um grito doloroso – «Madalena, diz-me a verdade, afinal tu não fizeste o que prometeste! Tu andaste a trair-me, tu dormiste com homens, Madalena...»

Madalena Micaia, sempre de costas voltadas para nós, respondeu – «Calma, não se passa nada de grave, Mimi. Está previsto para quinze dias antes, mas até vai antecipar, por causa da lua cheia...»

Da lua cheia? Mas que lua cheia? De que datas estava aquela rapariga a falar? De que quinze dias? As palavras de Madalena Micaia pareciam ter perdido o sentido. Falava alto com o rosto colado ao calendário e tartamudeava frases onde a lua aparecia

sempre. A chuva de Março que estava a cair lá fora tinha começado a cair ali dentro. Ninguém compreendia a invasão que se verificava. O silêncio era de água e multiplicava-se no espelho. Alguma coisa se liquefazia sob os nossos olhos, que não conseguíamos fazer parar.

«Meu Deus! Vai então tudo por água abaixo?» – perguntou alguém.

«Já se foi tudo por água abaixo, meus amores.»

E Gisela sentou-se ao piano, colocou a cara entre as mãos e ficou durante muito tempo a soluçar.

Lágrimas corriam sobre a tampa do Yamaha, pingas gradas que Gisela limpava com a manga. Então a *maestrina* dirigiu-se ao calendário onde Madalena Micaia ainda parecia procurar um dado lunar capaz de inverter a coincidência das datas e a tensão subiu no espaço e tomou-nos pelo pescoço. Ninguém conseguia falar. Madalena ainda disse – «Não se passa nada, Mimi. Nasce por esta altura, eu volto três dias depois. Vão ver que não se passa nada...» Gisela, porém, virou a cara morena bem escura da *African Lady* para si, olhou-a nos olhos, e esbofeteou-a. Diante de nós, a cara de Madalena Micaia andava de um lado para o outro como se fosse um pêndulo imparável. Gisela gritava de fôlego perdido – «Sua selvagem, não volte cá mais. Você mentiu, você gozou-me, você andou a fingir como uma traidora e uma galdéria. Você disse que chegava atrasada por causa do patrão, por causa do pai e da mãe, e era tudo falso. Você jurou que estava a dizer a verdade e era tudo mentira. Você, você...» E ela própria arrebanhou os pertences de Madalena, o saco, o guarda-chuva, a gabardina, as botas altas enlameadas, pegou em tudo isso num braçado, como se fosse um monte de lenha ou um saco de bosta, e foi depositá-lo na porta da garagem – «Não, não, não volte cá mais.» E Madalena, empurrando um volume que até aí ainda nenhuma de nós havia

notado, saiu para a rua, sob o efeito demolidor daqueles brados – «Não voltes cá mais!»

«Nunca, nunca mais!»

Sentadas no chão, nós sentíamos que tinha entrado na garagem um planeta instável de dimensões incalculáveis. O que fazer de uma situação tão surpreendente? Como consertá-la? A catástrofe tinha um rosto e tratava-nos por tu. Antes que se fizesse noite, era necessária uma reunião de emergência. Eu ia a sair, queria afastar-me, sentia um peso no peito, parecia-me que parte daquele terrível incidente fora criado por mim. As sopranos deveriam experimentar alguma coisa de semelhante porque, mal assistiram aos primeiros telefonemas, encaminharam-se para a porta. Mas Gisela pediu-nos que ficássemos. Disse que se sentia sozinha e perdida como nunca antes, e achava que só nós podíamos testemunhar a hipocrisia de que fora vítima. Ficámos.

Lembro-me como se fosse hoje.

A chuva fustigava os vidros, a própria porta da garagem quando se abria devolvia a imagem de uma cortina de água caindo, oblíqua. Cerca das sete horas, os homens começaram a chegar. Ao mesmo tempo, Julião Machado e Francisco Capilé, de seguida o Saldanha, muito contrariado, e por último João de Lucena proveniente de um táxi. O momento era tão tenso que eu nem olhava para Lucena.

Mas Gisela, apesar da tensão, mantinha-se prática. Fez sentar os presentes em volta do piano e em poucas palavras resumiu o que se tinha passado ao longo daquela tarde. Agora a questão era tão simples e linear quanto isto – O que poderíamos fazer sem Madalena Micaia? E falou das datas apresentadas pela rapariga africana. Gisela admitia, porém, que tudo aquilo que a outra previa com um prazo bem antecipado, viesse a acontecer em cima do próprio prazo. Os quatro homens, ali sentados, a escutarem semelhante exposição,

pareciam ofendidos com o teor do assunto. Ainda por cima a questão das luas, naquele contexto, parecia-lhes um elemento tão aleatório como o efeito de um bruxedo sobre decisões de Estado. Como poderíamos viver ao ritmo dos primitivos? Entreolhavam-se sem saber o que dizer. A grande questão continuava sem resposta. Até que Gisela foi muito clara – «Puxem pela cabeça, não sairemos esta noite por aquela porta sem uma solução. Uma resposta partilhada...»

As irmãs Alcides e eu mesma não fazíamos parte daquele comité de decisão, estávamos ali para testemunhar, se fosse necessário, mas o local onde eu me havia sentado era suficientemente próximo para ver que Gisela, apesar do seu bom método de exposição, continuava lívida, desorientada, reduzida a alguém que procurava nos olhos dos outros um alento que até então só ela tinha. Inconsolável. Afinal Madalena Micaia tinha-lhe aprontado um encobrimento, uma deslealdade. Porque lhe mentira aquela mulher? Porque não a tinha avisado, ela, que havia acompanhado as alterações de data, tanto quanto as outras cantoras ali presentes? Mas porquê? Ainda por cima, enganara toda a gente com todos aqueles detalhes relativos à família, um descaramento sonso, uma desfaçatez indigna, uma brutalidade disfarçada de risos e grandes gargalhadas. Tudo traição, tudo mentira. Sim, Gisela confessava que tinha perdido a cabeça e lhe tinha ido à cara, mas para que serviam umas boas estaladas, senão para consolo de quem as dava e humilhação de quem as recebia? Quanto a efeito prático, nenhum, essa é que era a realidade.

A atmosfera da noite chuvosa pesava ali dentro. Ouvia-se a bâtega de encontro aos vidros dos janelins. Éramos oito pessoas sentadas à volta do piano, e muito fumo. De repente tornava-se necessário abanar o fumo para nos vermos uns aos outros, e esse clima adensava a solenidade. O Saldanha pôs-se a enfiar um palito no ânus de um charuto, conforme a linguagem polida do director

artístico, ali mesmo ao lado. Nervosismo, era o que era. Pois em matéria de dinheiro, já alguém havia contabilizado os custos? Então o maestro Capilé emitiu uma opinião serena – «Porque não havemos de acreditar que a rapariga possa parir na altura prevista? Entre vinte e oito de Abril e vinte e sete de Maio? É simples. A rapariga pare depois da gravação, e por certo já pariu antes do espectáculo. Não se esqueçam que entre a gravação e o espectáculo decorre praticamente um mês...» O maestro naquele início de noite tinha o cabelo lavado, e havia clareza no seu discurso. Por um momento, trinta dias pareceu um prazo razoável. Pois o que não poderia acontecer durante um mês? Em trinta dias, dava para o mundo mudar a face.

Mas Julião Machado, naturalmente, sentia-se pessimista. Quem sabe da arte vê sempre mais longe do que quem a faz, e era o seu caso, ele sabia. Ele presumia que Madalena Micaia não tivesse a certeza de nada. Tratava-se de uma mulher africana, e ele, pessoalmente, tinha a pior impressão do compromisso africano. A sua ideia provinha da experiência da vida. Os africanos podiam passar a juventude nos bancos das universidades, podiam vir a ser figuras de grande relevo e de elevada competência neste ou naquele domínio, mas quanto ao ritmo do compromisso com o tempo real, continuavam a ser primitivos, estivessem onde estivessem, continuavam a encontrar no nascer e no pôr do sol, no zénite e nas luas cheias, as suas verdadeiras agendas de bolso. Se todos eram assim, como se poderia confiar nas contas de uma africana a trabalhar num restaurante de segunda categoria, uma cozinheira que cantava para empreiteiros que se imaginavam num *Cotton Club* de New Orleans, e iam lá ouvi-la imitar a Mahalia e a Ella nas noites de sábado? Por ele, encarregado de colocar sobre a mesa as contas que seriam apresentadas ao Saldanha, ali a seu lado, ou se procurava rapidamente uma outra pessoa, ou se preparava o grupo

para enfrentar o vinte e oito de Abril e o vinte e sete de Maio em formato de quatro.

«Ou adiar» – disse João de Lucena. «Em toda a parte do mundo se adiam espectáculos e o céu não cai.»

«Adiar? Mas adiar para quê?» – perguntava o Capilé. «Confiem nas pessoas, caramba. Se ela diz que vai acontecer, acreditem nela. Quinze dias antes do concerto nasce a criança, ela passa a criança à família, a uma avó ou uma tia da criança, e já está. Entre africanos há laços inexplicáveis. Filhos e sobrinhos convivem igualmente como se fossem nascidos do mesmo pai. Por mim, é de deixar a rapariga desembaraçar-se, que alguém ficará com o resultado desse desembaraço. Mas digam-me, como é que vocês não deram por nada, nem sequer a modista?»

Gisela não sabia como explicar.

«Pois foi precisamente a figurinista quem deu pelo caso. Ela tinha aquilo escondido no vão das ancas, e até continuava a perder peso. Dá para compreender? Foi precisamente ela quem ontem me chamou de parte e me disse à queima-roupa – “*Madame*, está a acontecer alguma coisa no corpo daquela mulher, além...”

Mas eu demorei um dia inteiro a admitir que poderia ser verdade o que a figurinista estava a querer meter-me pelos olhos dentro. Demorei uma tarde, uma noite, um dia inteiro para compreender o que ouvia. E mesmo ouvindo as palavras saídas da sua boca, eu não queria acreditar...» – Gisela, perplexa, e ansiosa, como nunca antes, continuava lívida, sob a ameaça de ter de adiar o projecto. João de Lucena e as irmãs Alcides eram pelo adiamento e eu só pensava o que João de Lucena pensava. Mas o Saldanha, que tinha de partir para outra ceia, onde o seu dinheiro também estaria em causa, pensou, pensou, enrolou o resto do charuto num papel cor de prata e decidiu – «Não se adia coisa nenhuma. Para já, gravem o famigerado vinil. Agora o que vai ser necessário é gravá-lo. O que é preciso é ter um objecto material, palpável. Depois se verá...» Dito

isso, o Saldanha ficou à espera, e naquele momento todos os olhares incidiram sobre a figura de Gisela. A mão direita de Francisco Capilé brincava sobre a tampa do piano, mas o seu gesto escondido era outro. O seu dedo polegar contava dinheiro. Eu mesma tive a certeza de que ela iria dirigir-se ao telefone preto. Gisela já lá estava. Todos se levantaram e começaram a deambular pelo recinto aonde chegava o som de uma valente bâtega.

Gisela já lá estava, perto do telefone. Ouviu-se nitidamente o rugido dos números, e depois a pausa e o silêncio. O telefonema demorou uns longos minutos, não se ouviu uma única palavra, apenas se via o fumo do cigarro ondular. Ao fundo, já perto da porta, Julião Machado ainda pretendia dissuadir o plano do Saldanha que avaliava como irresponsável – «Já viram o ritmo que vai ser necessário imprimir naquele estúdio para se conseguir que o objecto fique pronto num prazo tão apertado? Não lembraria ao diabo. Um tiro no escuro...»

Eram as três encarnações dos vícios humanos, a falarem perto da porta, à espera. Nesse momento, Gisela atravessou o recinto.

Na sua mão o cigarro ainda tremia, mas a sua face estava tranquila, ou pelo menos parecia apaziguada. Continuava a referir-se à traição. Ela não deixava de avaliar a conduta de Madalena Micaia como alguma coisa de repulsivo, fazia-o agora, contudo, num cenário de menor dramatismo. E durante a conversa que entretiveram no limiar da porta da garagem, percebia-se que a paz da sua voz se espalhava em volta, envolvendo todos. O que queria dizer que, no fundo da cadeia de comando, se encontrava o Saldanha e se encontrava Gisela. E atrás deles, ligando o interruptor decisivo, estava o Senhor Simon. Era dele, daquele homem que usava chapéu como um cavalheiro dos anos quarenta, que provinha a paz que nos unia. E era dele também que provinha o carro da *Simon&Associados* que nessa noite me levaria até ao Campo

Pequeno. Continuava a chover, era o Inverno a não querer despedir-se, mas eu nem dava por isso. Só me apercebi que a chuva regressava porque foi através do vidro embaciado do carro da empresa do Senhor Simon que eu acenei a João de Lucena. Ainda estávamos diante da Casa Paralelo. Comportávamo-nos como se não nos conhecêssemos. João de Lucena seguia num táxi. Atravessámos a cidade em transportes separados. Despedidos os carros, abraçámo-nos à chuva, na porta da hospedaria. Éramos felizes.

Se este episódio teve influência sobre a minha ligação com Lucena? – Não teve importância nenhuma.

Para nós dois, nem era uma circunstância quanto mais um episódio. Na altura, o caso da Micaia não passava de um incidente com a sua porção de cómico e o seu quê de irreverência. A prova é que nos dias que se seguiram eu corria pelas avenidas levada pela mão de João de Lucena, sem me importar que a *maestrina* nos descobrisse. Ao fim da noite, quando o meu namorado me levava a casa, antes de abrir a porta, ele despedia-se beijando-me os lábios. Unia os braços aos meus e punha-se em bicos dos pés, erguendo-me junto a si como se fôssemos voar. Eu imaginava que eram movimentos de bailados do tempo em que tinha trabalhado com o Misha Baryshnikov. Depois ficava a balouçar-se comigo nos braços, ali sobre o passeio, ao alcance do olhar de qualquer um, eu via-lhe os fios de prata que lhe assomavam aqui e ali entre os cabelos castanhos, e a minha vida era uma harpa incendiada. Ele afastava-se para me ver e dizia que a minha boca ficava vermelha quando me beijava. Voltava a beijar-me.

Não deveria eu, então, entrar pela garagem dentro e contar a Gisela Batista o que se passava? Não era meu dever falar-lhe do nosso entendimento? Evitar qualquer descalabro parecido com o de Madalena Micaia? E de repente, se eu e João de Lucena nos

deitássemos um com o outro, em qualquer lado? Não seria meu dever pô-la a par, antecipadamente? Ainda por cima, eu já tinha avistado Nani escarranchada na Kawasaki, e nem ela nem o condutor levavam capacete. Afoitos, iam assim, de cabeça ao léu, os dois unidos, pareciam um estandarte. Isto queria dizer o quê? Aquilo que eu já suspeitava – Que a traição é uma condição tão comum quanto sobreviver. Para mim mesma eu dizia – «Devíamos contar-lhe, devíamos, devíamos...» A outra parte da minha pessoa respondia – «Nem penses, nem penses...»

E Madalena Micaia?

Penso em Madalena Micaia e, na minha lembrança, a chuva de fim de Março ainda está caindo lá fora, e a garagem encontra-se iluminada mesmo durante o dia. Eu mantenho o hábito de chegar com um bom tempo de avanço e de ficar encostada ao muro da Casa Paralelo, a olhar para o Tejo e para a História em formato liliputiano, e por isso várias vezes assisto à chegada de Gisela. Umas vezes ela desce da carrinha *Simon&Associados*, outras vezes sai do Mercedes preto conduzido pelo motorista. Tudo como antes. Maria Luísa vem a pé, de guarda-chuva aberto, seguida pelo Citroën Pallas, ela ainda não entrou pela porta daquele carro onde o seu braço ia ficando esmagado, mas irá entrar. Pela rua Duarte Pacheco Pereira acima, o carro do Eugénio vem-lhe roçando a saia. E Nani chega à garagem completamente molhada. Não é preciso dizer uma palavra. Eu sei porque vem a irmã mais nova a correr desde a rua de Alcolena. Ao longe, ainda se ouve o ruído pomposo da mota preta fazendo o seu giro triunfante. Eu vim de 49, já tomei dois cafés e fumei um Marlboro pesado. Todas nos encaminhamos para lá. Todas, sem excepção. Naquele dia, à porta, com os sacos na mão e o capuz de plástico pela cabeça, também está *The African Lady*. Regressou sem que a chamassem, regressou a rir. O que vamos

fazer? Como vai proceder então a nossa *maestrina*? Terá sido Gisela quem a chamou? A verdade é que Gisela abre a porta e diz – «Entra.» Age como se ignorasse tudo o que se passou. Provavelmente obedece à estratégia consertada naquela noite. Só não sei se fará parte da estratégia o facto de também ter mudado de trato connosco.

Para já, nos últimos dias, Gisela Batista deixou de nos exigir a confissão detalhada. Agora, entramos, acomodamo-nos, sentamo-nos no *parquet*, unimos as mãos e procedemos à nossa sessão em silêncio. Como se não se passasse nada, Gisela pede-nos, umas vezes de forma explícita, outras de forma mais velada, que a acompanhem, e nós dizemos, de olhos baixos, que sim, que a acompanhamos, mas ela fica em silêncio, e nós ficamos em silêncio. Ela não diz nada, nem uma palavra, mas é fácil de deduzir que Gisela está a querer que digamos com ela certas palavras, mesmo que não as pronunciemos. Ela está a pedir para reforçarmos a nossa fortaleza nos momentos da adversidade, está a dizer que devemos forrar de aço a nossa perseverança para não sermos invadidas pela instabilidade, está a pedir que continuemos unidas pelas mãos e pelos passos, pelo pensamento, pelo objectivo, isto é, unidas a pensar no triunfo da noite que nos espera, dentro de tão pouco tempo, uma união sem a qual não haverá triunfo. Gisela está por certo a tentar evitar o esbanjamento das nossas forças, a instigar a nossa contenção, a pedir que guerreemos o amolecimento da nossa inteligência, o estiolamento da nossa vontade, o amorfismo do nosso corpo, o apelo dos nossos sentidos. Agora que Madalena Micaia nos colocou no caminho do ridículo, ela já não pronuncia as palavras, mas nós ouvimo-las e conhecemo-las. Eu dou-lhe razão, estou com Gisela, compreendo-a, ainda que atraçoando-a. Atraçoando-a, sem remédio. Mas em troca faço tudo o que ela pede e sugere, sigo-lhe os pensamentos. Em seguida Gisela abandona a sua evasão muda, e

quando emerge dessa viagem que tão bem conhecemos, dirigida ao reino das súplicas, indica-nos a balança. Agora já não o dizemos em voz alta porque o exemplo de Madalena Micaia o impede, mas sabemos que estamos a passar ao juramento de que nos manteremos concentradas, guardando a nossa libido dentro de um saco bem atado de modo a emprestar essa força explosiva às nossas canções *pop-swing*, conforme está combinado. Porque nesse dia arrasaremos todos. Arrasaremos tudo. Vejam alto, vejam longe, vejam mesmo à distância, uma enchente em Tóquio, outra em Nova Iorque. Era assim que ela, até há uns dias atrás, dizia, e agora, não o pronunciando, di-lo também. Sabemos que Gisela o diz convicta de que não se trata apenas de falar de uma esperança, mas sobretudo de um método. O silêncio durante o qual tudo se diz demora cerca de uns infinitos cinco minutos. Infinitos, porque o pensamento é leve e a palavra é pesada. Apesar dessa distância, também Madalena Micaia participa, com paciência, como se nada fosse. E todas nós participamos, em silêncio, também como se nada fosse. No final, eu tenho pena de Gisela Batista, tenho vontade de chorar, ela acaba de passar por uma decepção e já sabe que todas nós andamos a decepcioná-la. E, sobretudo, ela julga que sabe tudo sobre todas, e de mim não sabe nada. Gisela não sabe quanto eu amo, e como amo, João de Lucena. Se ela soubesse que eu amo aquele que entra pela porta da sua garagem para nos fazer dançar, magnífico como um deus, irrequieto como um fauno. Aquele por quem todas as cantoras, incluindo Gisela, no princípio se enamoraram. Ah! Que coincidência! Se ela soubesse. Porque não me atiro aos seus pés e não lhe conto o que se está a passar? Porquê? Não me atiro só porque não posso. Não valeria a pena. Sempre haverá duas mãos agarradas ao taipal de um camião que o condutor em fuga conduz, à frente da guerra. Já percebi que viver é atraíçoar. Sobreviver implica trair. Devo aprender com Madalena Micaia. Claro que não é simples e a dúvida atormenta-me mesmo quando entramos no Estúdio

Nepomuceno e ensaiamos com os músicos, e alguma coisa de decisivo parece aproximar-se da nossa vida. Mesmo aí, no meio da turbulência dos instrumentos, a dúvida cria uma dor. E eu amo tanto João de Lucena que não considero legítimo aproximar a sua figura de qualquer representação dolorosa. Eu só tenho dezanove anos, eu não quero associar o rosto do amor a qualquer ideia ou imagem relacionada com sofrimento. Não interessa. Depois de alguns momentos de silêncio, finalmente, começam os ensaios.

Por esses dias ensaiamos quase todas as tardes, porque está em causa a iminente ausência de Madalena Micaia.

Madalena Micaia, de um momento para o outro, pode ter de faltar. Está cada vez mais pesada. Mas em *Esta noite, deleite*, um dos temas matreiros do Capilé, escrito de propósito para fazer sacudir as pulgas, na formosa linguagem de Julião Machado, a cantora jazzística aprimora-se. A gravidez não a incomoda. Ela faz todos os movimentos com requebro tropical, sacode as ancas como nós sacudimos, empresta à voz uma espécie de timbre aberto, nota-se que em vez de estender um manto de veludo onde as nossas vozes se apaguem, ela cria uma rede lassa sobre a qual as nossas vozes se acamam. Naquele dia, estamos só a ensaiar a parte vocálica, estamos animadas, como se nada fosse. Estamos estafadas de tanto dançar «*Esta noite, deleite*», de tanto gingarmos para a esquerda e para a direita, voltas atrás, corridas em frente. Rodopios. Cada vez mais magras. Estamos na garagem diante do espelho, sem coreógrafo, sem director artístico, sem empresário, sem maestro, sem figurinista, só nós, os nossos corpos suados, a nossa voz unida. As cinco. O nosso entendimento perfeito. Durante aquela pausa de silêncio, fazia-se de novo silêncio. Só a chuva, como num postal, continuava a cair na copa das árvores. Estamos sentadas no soalho, encostadas à parede, ping ping, lá fora. Descansamos, de olhos

fechados, conforme exige a nossa *maestrina*. De súbito, um suspiro e era Madalena Micaia a dormir, sentada no chão, encostada à parede. *The African Lady* dorme e suspira.

É um momento estranho, um momento solene.

Gisela aproveita para nos perguntar se por acaso sabemos quem é o pai da criança de Madalena Micaia. Nós não sabemos de nada, sabemos tanto quanto ela. Porque não se pergunta à grávida? Ouvia-se a respiração da grávida a dormir. Nani falou em voz baixa – «Se calhar não tem pai. Quem sabe?» Gisela também está encostada, estirando as pernas – «Não tem? Queres dizer que fez inseminação artificial? Ou queres dizer que o pai desapareceu na atmosfera?» Estamos a falar em surdina e a escutar o rumor do sono da cantora negra. O que pensar? O que dizer? Entre nós, Nani é quem tem os argumentos. Nani diz – «Tenho para mim que alguém lhe fez o filho e deu à sola. E aposto que é maluca a ponto de nem ter procurado o pai. Às tantas, nem o pai sabe que é pai...»

Chove lá fora, corre água pelos janelins. A atmosfera está húmida, a temperatura subiu. Durante um intervalo, apetece dormir. Num caso desses, o sono atinge sobretudo uma mulher se está grávida. É o que se passa com Madalena Micaia que dorme, pelas quatro da tarde, ruidosamente. Gisela levantou o cabelo para a nuca, quis libertar-se de um peso. Ela diz – «Estou mesmo a ver a vida futura desta pessoa. Ai estou, estou. Armadilhou-a bem.» «Mas ela pode vir a ter uma vida boa, Gisela, ela pode...» – diz Nani, elevando a voz. Gisela não desviava os olhos do enorme volume que de um dia para o outro tinha passado a encher o colo da Micaia. Aquele volume onde a Micaia tinha as mãos e para onde a sua cabeça encharcada de suor e sono pendia. «Meu Deus! Uma vida boa...» A nossa *maestrina* abanou a cabeça, os cabelos caíram-lhe do alto, rodopiavam pelos ombros, de um lado a outro em sinal de negação.

A vida de Madalena Micaia deveria parecer-lhe uma afronta ao entendimento humano. «Uma vida boa! Com que então, uma vida boa, dizes tu?» Gisela, ressentida, a falar em voz alta – «Minhas queridas, é mesmo caso para dizer – Uma boa vida, então não?» Gisela uniu as mãos, recitou com voz de reza – «Olá, Madalena, cheia de desgraça, ninguém está contigo, infeliz vais ser tu entre as mulheres, e não será bendito o fruto do teu ventre, nem sequer se chamará Jesus. Filho de ninguém, agente da violência, é o que se espera...» Gisela fez uma pausa. «Já agora, ámen.» Ouvia-se ping ping lá fora.

Estávamos sentadas no chão, encostadas à parede. Nani desencostou-se. Levantou-se de um salto – «Repete lá, se és capaz! Repete, Gisela...» Madalena Micaia tinha acordado, olhava para Nani, de olhos muito abertos. Gisela respondeu mais alto – «Já agora, ámen. Aprendemos todas pela mesma cartilha, não é verdade?»

Nani também se pôs a gritar – «É uma ordinarice isto que estás a fazer à Micaia. Estás a dizer a Ave-Maria ao contrário, e pensas que não percebemos. Sabes o que isso é? Sabes o que se chama a isso? Uma ordinarice de todo o tamanho. Uma blasfémia. É demais, é demais. Quem quiser que tome o meu lugar...» E Nani ficou muito corada e rebentou num choro, e ainda se encaminhou na direcção da porta, muito lesta, mas depois acalmou-se e voltou a sentar-se junto da irmã. Percebia-se que uma nova tensão poderia explodir ali dentro. Já tínhamos compreendido. Habitávamos o interior duma granada. Éramos uma bomba armadilhada, feita de nitratos, pregos, vidros, ácido, carne humana, tudo isso, à espera de uma detonação. Seria aquele conflito que ali se passava, a detonação?

Não, não iria ser. Madalena Micaia tinha-se levantado, sacudido, acordado de vez, e andava agora a arrumar os seus pertences para se ir embora, mas não comentava, como se aquela disputa não lhe dissesse respeito. Era horrível terminar assim.

«Uma vez só *Onde vamos morar?*»

«Uma vez só» – disse Madalena Micaia.

E a rapariga africana cantou o seu solo – «*Quem sabe, quem sabe, onde vamos morar / Se na paixão, se no mar.*»

## CATORZE

Madalena Micaia.

Com a imagem de Madalena Micaia preenchendo o meu espírito, corri para a Ideal das Avenidas e precipitei-me para a porta vidrada, pensando em João de Lucena. Era ali que nos íamos encontrar ao fim da tarde. Ali passávamos uma, duas horas, lanchando em vez de jantar. Depois, partíamos de mão dada na direcção dos espectáculos que houvesse em Lisboa. João de Lucena parecia conhecer toda a gente e a todos tinha o dever de contar o que havia feito e por que motivo tinha regressado de Nova Iorque. Na Ideal das Avenidas, por aqueles dias, quando as pessoas pronunciavam o nome da cidade de Nova Iorque, ficavam mais altas do que eram na realidade. Havia quem dissesse – «Fazes bem, os portugueses são assim, aproximamo-nos do Século Vinte e Um e ainda nem sabemos movimentar uma cadeira em palco. Fazes muito bem em dar o teu contributo. Que cauda, mas que cauda esta, onde vivemos nós...» E admiravam-se muito que ele não tivesse trazido sotaque. Havia quem o usasse e nunca tivesse vivido lá. Ao fim da tarde cada um tomava o sotaque que mais lhe conviesse. Terminados os espectáculos, e as ceias que se lhes seguiam, regressávamos de metro, ou no carro do José Alexandre, umas vezes com a Foggy outras vezes sem a Foggy. No final, João de Lucena conduzia-me até à porta de casa e à despedida beijávamo-nos como se ninguém nos visse. Mas por esses dias deu-se uma coincidência. Numa cidade conhecida por não ter Inverno, continuava a chover. Era um fim de tarde, já do mês de Abril, enquanto aguardava por João de Lucena, reparei que na mesa ao fundo se encontrava o Murilo.

Era ele mesmo, o Murilo Cardoso?

Naquele preciso momento, eu deveria ter pegado no meu guarda-chuva e saído para a rua, desaparecendo avenida fora. Esse gesto ter-me-ia ficado bem. Deveria ter evitado o encontro dos dois homens. Deveria. Ou pelo menos poderia ter desviado o olhar, e isso seria o mínimo que me pediria a prudência, mas em vez desse gesto decente, num ataque de triunfo e pura irresponsabilidade, saltei do lugar, abandonei os meus pertences à cadeira, e fui na direção do Murilo – «Olá, Murilo! Sou eu.»

O Murilo falava com um companheiro de mesa, e nem se moveu, foi o companheiro quem me convidou a sentar. O que há de repulsivo na felicidade é a rapidez com que esse estado transforma a pessoa por ele tocada numa ilha de triunfo. Sentei-me e entabulei conversa, e não me lembro bem do que disse, mas provavelmente terei falado das letras das canções com a simplicidade dos triunfantes, da gravação que iria acontecer, da capa do disco sobre a qual alguém iria desenhar o meu nome, e tudo isso deverá ter gerado em meu redor um clima de basófia sem medida, pois recordo o rosto impassível de Murilo fixado na parede, e o olhar surpreendido do seu companheiro. Lembro-me, sobretudo, que a dado momento se desenrolava na mesa uma lição de discricção e comedimento e eu nem reparava que me era dirigida. O amigo de Murilo tinha três chávenas de café sobre a mesa e dizia-me – «Lá, do outro lado, as pessoas são reservadas. Dizem que são melancólicas mas não são. São estóicas, serenas, discretas. Todas lêem os grandes mestres e ninguém anuncia. Todas executam música, ninguém alardeia. Assim como pelas ruas, ninguém pede esmola, ninguém morre ao relento, a ninguém falta a saúde, a ninguém falta a escola nem o divertimento. No entanto, pessoalmente, ninguém fala em triunfo...»

Eu já tinha ouvido esse discurso ao Murilo, e era curioso como ambos usavam os mesmos termos. Porque repetia o amigo as mesmas palavras? E porque acrescentava outras e todas elas me

pareciam severas? Aquela animosidade seria para mim? Para mim, que estava à espera de João de Lucena e que iria ter o meu nome escrito na capa de um disco e a minha voz gravada numa redondela de vinil? O companheiro de mesa dava um exemplo – «Aquele mundo tem uma lógica diferente. Por exemplo, tu chegas a Budapeste e não tens hotel, mas há sempre um hotel para ti. Se não te excitares com a espera, em breve alguém te indicará uma cama onde dormirás. Podes não ter mais nada, mas sempre terás uma refeição frugal e dois lençóis lavados entre os quais estendes o teu corpo e passas uma noite em paz. Lá, tu podes vacilar, mas ninguém te deixará cair. Lá!»

O companheiro de mesa era mais velho do que Murilo, mas na forma como se expressava parecia mais jovem. Olhava para mim e explicava que lá não era preciso colocar jarras sobre os móveis, garrafas de refrigerante chegavam. Uma flor campestre colocada na boca de uma garrafa de refrigerante, que beleza, que símbolo fantástico contra o desperdício. «Ouça, menina...» – disse-me ele sem me conhecer. «Se isto tudo acabar, acaba a mais linda utopia que jamais houve à face da Terra. Se isto tudo acabar. Mas não acaba, pelo menos enquanto houver pessoas esclarecidas como o seu amigo Murilo. Você conhece o valor do seu amigo Murilo? Você imagina?» Sim, ele devia conhecer-me através de alguma confissão do Murilo. O companheiro de mesa ergueu-se na direcção do amigo e bateu-lhe no ombro, deu-lhe umas valentes palmadas por cima do casaco de cabedal, estoirando com a mão sobre a superfície de coiro, enquanto dizia – «Ele aqui não é nenhum imbecil, ele descobriu uma bactéria nova que anda por aí a multiplicar-se nos jornais, e deu-lhe um nome, sabe? Um *imposturococo pandémico*, que você nem sabe o que é mas um dia vai saber. Ele descobriu a bactéria, isolou-a, viu-lhe o rosto pela primeira vez, mas o seu antídoto, esse já estava descoberto há muito, sabe? Remédio certo. E ele vai para lá, aplicá-lo lá, que bem precisam, porque o *imposturo*

tem asa, põe ovo e já lá está. E já lá está porque, ao contrário do que você pensa, a Terra não pode ser redonda, a Terra tem de estar dividida em duas calotas e uma não pode encontrar-se com a outra. É preciso separar as águas, separar o chão, é preciso prolongar o Muro de Berlim à volta da Terra. Senão, minha menina, dentro de duas, três décadas, tudo isto vai pelos ares. E é para evitar que em breve o planeta expluda que ele aqui, o Murilo, como um verdadeiro soldado da paz, vai para lá, para o outro lado, vai impedir que se desmorone um sonho ameaçado por um sério perigo. Vai ajudar a impedir. Por acaso, você dá conta do que se está a passar no mundo? Não dá. Agora veja aqui o seu amigo...»

E o companheiro do Murilo deu-lhe uma outra pancada sobre o ombro, e eu não reconheci o Murilo. Então, o que estava eu ali a fazer? Sentada entre aquelas duas pessoas que me eram desconhecidas, eu não estava a fazer nada. Deveria, pois, sair da confeitaria e ir ao encontro de João de Lucena para que os três homens não se avistassem. Mas no momento em que ia começar a despedir-me, senti uma vontade imensa de que o meu namorado surgisse e os dois pregadores pudessem olhá-lo. Eis que o deus da vaidade veio ao encontro do meu desejo. Nem cheguei a levantar-me.

O meu namorado já entrava pela porta, já olhava para a cadeira onde eu havia abandonado os meus objectos, já os reconhecia, já olhava para a mesa onde eu me sentava, e agora era só chamá-lo – «Lucena! Vem cá conhecer o Murilo!» E na minha inconsciência, eu apresentei Lucena, derramei sobre as cabeças daquelas duas pessoas todos os traços biográficos que enalteciam o coreógrafo, entre os quais, a referência à cidade de Nova Iorque e a Manhattan ocupava o pico das alturas, e nomes como Martha Graham, Baryshnikov e Gelsey Kirkland apareciam no meu discurso como outrora, nos sermões, se invocavam São Tiago e São Francisco. Esse foi um dos mais insólitos espectáculos de que fui intérprete, nos dias

da minha vida. Eu, muito feliz, muito solta, a explicar que nos tínhamos conhecido nos ensaios, a fornecer detalhes pessoais com uma insensibilidade de crime. Os dois amigos, sentados, a olhar no vago.

Lucena, foi ao ponto de dizer – «Apareçam, amigos, ao fim do dia estamos sempre por aqui. Façam-nos companhia. A nossa mesa preferida é aquela, além...» Abraçou-me pelo pescoço, beijou-me a nuca e levou-me consigo para o nosso poiso. Enquanto Murilo ficava sentado na sua mesa, ruminando desgraças com o seu companheiro de exílio. A pança da sua pasta, cheia de libelos contra as mentiras, ocupava a cadeira onde eu me havia sentado. Porque não sabia Murilo Cardoso ser um homem feliz?

Eu sabia ser feliz.

Foi naquela mesma noite chuvosa, diante do Nascimento e da Foggy, que eu escrevi *Uma casinha em Nova Iorque*, a cançoneta que viria a substituir o tema *Esta noite, deleite*. João de Lucena mostrava fotografias pedestres das suas deambulações por Manhattan, e fazendo bravata com a perspectiva *a voo de pássaro*, ia mostrando como aquelas avenidas, vistas a voo de gente, até se pareciam com as de toda a parte, mas nas fotografias tiradas lá de cima, podia ver-se como tudo era diferente, inigualável. Ah! Vistos a voo de águia, como os *buildings* eram altos, inexpugnáveis, muralhas de renda, inconfundíveis. Renda de cimento e aço inatacável, indestrutível. A cara inviolável do poder das sociedades modernas encontrava-se lá. Só que eu pensava nas viagens que iríamos fazer entre cá e lá, e imaginava uma casinha portuguesa em Nova Iorque para criar uma atmosfera de ironia. Alto contraste. A casinha portuguesa de que tanto trocávamos, a do fado da boa gente, da andorinha de porcelana e do pão duro sobre a mesa, colocada lá. Lá, do outro lado. João de Lucena olhava para a Foggy

e dizia – «Uma casinha portuguesa, um burrinho e uma carroça, lá. A lareira portuguesa, lá. Dois braços à tua espera, lá. Uma invasão ao contrário... Passa-te alguma ideia pela cabeça para ajudares a Solange?»»

Não, a Foggy não tinha nenhuma ideia, o José Alexandre tinha duas ideias mas não as queria dizer. Bastavam, no entanto, as suas presenças para o assunto correr de feição – Não tem quem quer, tem quem pode, uma casinha portuguesa em Nova Iorque. «*Oh! Não tem, não tem!*» Para substituir *Esta noite, deleite*. E eu pensava naquelas palavras rimadas, porque estava cheia de triunfo, insensibilidade, basófia atirada por sobre os ombros curvados do Murilo, sobre a sua tristeza e também a sua fuga. Na altura, eu ainda não sabia que metade da beleza, mesmo quando de segundo grau, é indiferente ao mal e ao bem, indiferente à compaixão de quem quer que seja. Por regra, as histórias que explicam os poemas de amor costumam omitir o que retiram ao amor. Na noite em que eu compus aquela letra, eu julgava-me Whitman, Kavafy, Pessoa, a minha basófia transbordava do meu riso. Por incrível que pareça, escutando a letra, passados vinte e um anos, nada se nota. Mal passam cinco anos, um ano, seis meses e nada se nota. Nada se sabe. Uma inscrição sem tempo, como um epitáfio, cem anos depois da morte. Mas na altura não sabíamos, e por isso nos ríamos a bandeiras despregadas.

Aliás, Murilo e o seu companheiro passaram pela nossa mesa enquanto nos ríamos, e nem nos olhámos. Sentada no carro do triunfo, eu escrevia no guardanapo, como os génios, que sempre escrevem nos guardanapos, segundo consta. Escrevia – «*Aquela casa com que tu / Sonhaste um dia / Cheia de rosas, café e maresia / Existe, existe*». Escrevia rápido, a olhar para uma hipotenusa traçada entre o Foggy e o José Alexandre. Eu escrevia. «*Levaste para lá a casa portuguesa / E colocaste-a a meio da avenida / Onde tu vives, dormes / Fazes arte, ressuscitas, morres / Todos os dias*».

Nesse momento, Murilo ainda estava na porta, de guarda-chuva aberto, protegendo o companheiro, e eu nem olhava para lá, poderia ter de me despedir. Também não olhava para João de Lucena, à espera dos frutos da minha esperteza compositora, e eu fazia-lhe a vontade. Escrevia num outro guardanapo de papel – «*Ai quem me dera ter/ Essa casinha americana / Na lusa terra portuguesa / E o meu café ferver na tua mesa*». E a Foggy, num assomo de inspiração disse – «*Ou então, Ai quem me dera ter / Essa casinha americana / E a tua rosa abrir na minha cama*». Eu respondi definitivamente –«Não!» Na mesa todos compreenderam que eu tinha razão. «Não, Foggy, não...»

Tão longe do amor, não é verdade, aluna verzejadora?

Mas nem tudo eram versos.

Mesmo envolvida em leviandade, por esses dias, a aluna verzejadora pensava no grande volume de Madalena Micaia, e pensava também na história que existia para além daquilo que nos era dado conhecer. Pensava que seria agradável ligar-lhe, dizer-lhe bom-dia. A sua situação ao mesmo tempo atraía-me, e ao mesmo tempo atemorizava-me. Acaso a Micaia teria telefone em casa para onde se pudesse ligar? O problema era esse, ela não tinha. Nem uma cabine pública eficaz a funcionar por perto ela tinha. A que havia, segundo costumava contar, infelizmente, avariava muito. Se funcionava pela manhã, já não funcionava à tarde. Quase nunca Madalena podia ser contactada, como a maior parte das pessoas, neste mundo, então, não podia. Embora houvesse o restaurante por onde ela, quase todos os dias, ainda passava. Então, para quê mais?

Sim, para quê mais se o final da gravidez de Madalena Micaia corria de forma perfeita? Ela não sentia nem azia, nem enjoos, nem tristeza, só inquietação, por causa do grupo a que ela continuava a

chamar *ApósCalipso*. A Micaia gostava da palavra. Mas o calendário continuava a ser justo. Gravámos na Valentim de Carvalho, durante os dias vinte e sete e vinte e oito de Abril. O registo ocorrera sem incidentes. A única tensão resultava da expectativa. O espectáculo para lançamento do disco iria ser a vinte e sete de Maio, a sala estava aprazada. Para que tudo corresse bem, seria necessário que a criança nascesse entre dez e quinze. As nossas contas pareciam os cálculos da NASA. Mas até os voos do vaivém espacial estão sujeitos aos efeitos da meteorologia. Ainda bem. Quando um dia deixarmos de ter esses imponderáveis ou seremos deuses ou seremos animais, e a tendência inclina-se mais para os segundos do que para os primeiros. Grandes filósofas. Éramos nós a falar, para apaziguar a *maestrina*. Lembro-me como se tivesse sido hoje. Estamos na garagem e fazemos contas diante do espelho. Está combinado que Madalena Micaia não ensaiará no Estúdio Nepomuceno enquanto a criança não nascer. Ordens de Gisela, que serão cumpridas. Tal como foram cumpridas as ordens para não sermos fotografadas abaixo dos ombros, durante a gravação, assim também é preciso não ser divulgado que *a voz* do grupo está grávida, antes do primeiro concerto, antes do início da tournée, antes do que quer que seja. E agora, por sinal, chegou o dia sete de Maio e *The African Lady* não está.

*The African Lady* está atrasada.

«Atrasada?» – pergunta Gisela Batista. «Será então que já aconteceu?» Mas como iremos saber se aconteceu ou não? «Meu Deus, se calhar já aconteceu...» – Nós quatro, em fila, subimos para cima do banco mocho e começamos a olhar pelos janelins da garagem. Faz vento ali, na encosta do Restelo. Há dois dias que faz vento em Lisboa. A cidade está cheia de lixo e papéis que andam pelos ares. Ficamos as quatro a admirar as evoluções do lixo

parando contra os pés das árvores. Folhas inteiras de jornais vêm abertas como asas e enredam-se nos troncos. Gisela diz em voz alta, cheia de esperança – «Sábado, sete de Maio e ela não vem. Foi tê-lo, se calhar já o teve, e nós não sabemos...»

Mas no meio dos papéis e das folhas que andam pelo ar, nesse movimento de dobadoira, surge ao portão da Casa Paralelo a figura de Madalena Micaia, a sua silhueta já pesada, fincando-se no chão com as duas pernas fortes, na posição do colosso de Rodes, umas pernas bem grossas, bem afastadas. À sua volta o lixo a passar e o vento a pousá-lo e levá-lo de novo. À entrada da garagem, Madalena está risonha por nos surpreender, mas Gisela Batista, que lhe abre a porta, não está risonha, está surpreendida. A *maestrina* tem de ultrapassar a decepção. Durante meia hora alimentou uma esperança que se transformou em certeza e agora a esperança desfez-se.

Gisela tem o braço levantado e ele é mais eloquente do que as suas palavras gritadas, mais forte do que a mudança de tratamento com que se dirige à Micaia. Toda ela é desapontamento e indignação – «Como assim? Outra vez? O que está você aqui a fazer? Ouça, você veio mas você não canta. Você não pode. Você já entrou em trabalho de parto. Se não foi ontem, foi hoje, se não entrou, vai entrar. São sete de Maio, compreende? Sente-se aí...»

E a *maestrina* dirigiu-se a um saco de onde retirou outro saco, e de dentro dele uma carteira de onde retirou um punhado de notas, contou-as no ar, uma a uma, meteu-as num sobrescrito sobre o qual escreveu umas palavras, e entregou o envelope a Madalena Micaia – «Escute bem. Você tem aí um endereço. Você apanha um táxi, dirige-se para esse endereço e leva consigo esse dinheiro. Você entra na porta indicada. Entra e está lá uma pessoa que se chama doutora Aguiar. Você pergunta pela doutora Aguiar e diz que vai da minha parte que ela, nessa altura, já sabe que você precisa de entrar em trabalho de parto. Não esteja a olhar assim para mim,

*African Lady*. Você tem um compromisso, você não precisa para nada de esperar pela lua cheia. Ela até já passou. Você confia no que eu lhe digo, não confia? Vai ser bom para si, para mim, para todas as suas companheiras que aqui estão à espera. Aqui, empatadas, à espera de si. Você sabe quanto pode custar um hipotético atraso da sua parte? Quanto está em causa? Você não avalia, você não sabe...»

«Calma, criatura de Deus. Amanhã ainda é oito de Maio, ainda há duas semanas pela frente» – disse Madalena Micaia, sentando-se sobre uma cadeira.

«Não, não há semana nenhuma. Repare bem, mulher, você não está a compreender. O que está em causa é que nós queremos mudar a música neste país, e muito, muito mais. Queremos fazer esquecer tudo o que está para atrás, condicionar tudo o que estiver à nossa frente. Está tudo preparado para que assim seja, e há muito dinheiro investido. Há pessoas que há meses não fazem mais nada senão isto, trabalhar para isto. Ninguém, mas ninguém mesmo iria lembrar-se de uma coisa destas, de engravidar de modo a dar à luz no dia em que vamos apresentar o nosso trabalho ao mundo. E você, o que está a fazer, nesse dia, *African Lady*? Parindo.»

Gisela Batista agitou o envelope – «Aqui tem o dobro daquilo que numa situação normal seria necessário. E aqui tem para o táxi. Vá e volte para sua casa de táxi depois do que lhe acontecer. Mas aqui não apareça mais nesse estado. Vá, vá. Você vai lá amanhã de manhã. Você tem médico? Tem, mas não tem? Não interessa. Vá lá, respeite os seus compromissos. Quer que a leve lá? Quer que alguém vá consigo? Não quer? Não precisa? Só abana a cabeça? Não fala, não responde. O gato comeu-lhe a língua? Se quiser é só dizer. Tem o meu telefone, o telefone daqui, da garagem e o de casa, é só dizer se quer companhia. Se precisar, tem. Mas agora vá andando. Hoje não há ensaio para você. Não há mais ensaio com você enquanto não soubermos que cumpriu isto...» E a nossa

comandante, nossa *maestrina*, tomou Madalena Micaia pelos ombros e conduziu-a até à porta da garagem, depois conduziu-a até ao portão, pegando-lhe nos sacos, compondo a grávida, ajudando-a a atravessar os detritos que andavam no ar, objectos leves, inomináveis, que na altura se soltavam dos caixotes de lixo de Lisboa, ainda sem tampa nem numeração. Conduziu-a no caminho de um transporte, depois de lhe dizer que tencionava telefonar para aquele lugar onde estaria a doutora Aguiar, hora a hora, de olho e ouvido nela, a Mahalia Jackson da Amadora. Segui-la-ia de perto, durante os dias seguintes.

Era difícil gerir uma barca daquela dimensão. Se era. A minha admiração por Gisela não tinha limites. As irmãs Alcides também se renderam. Nós três cercámos Gisela e perguntámos o que poderíamos fazer para ajudar a superar as dificuldades daquele momento – «Minhas amigas, sentem-se no *parquet*. Só precisamos, agora, de um pouco de silêncio.»

E aqui, invocando o silêncio da garagem, eu gostaria de regressar à Noite Perfeita, aquela noite minuto que engoliu estes dados, os apagou do mapa da nossa história, e não posso. Não tenho esse poder.

## QUINZE

Entretanto gostaria de nomear todos aqueles que conduziam ou simplesmente viajavam nos três carros que levavam e traziam João de Lucena entre um destino e outro destino, passando pela garagem da Casa Paralelo. Na altura sabia identificá-los um a um, apenas pelas vozes, como se fôssemos elementos de uma mesma turma. Mas agora já quase não me lembro dos seus nomes, para além daqueles que hão-de ficar para sempre – o José Alexandre e a Ana Foggy, ou Ana Fumaça, como alguns diziam, quando ela acendia o trigésimo cigarro do dia e os dois dedos castanhos ficavam em exposição, como dois gravetos.

Havia também uma Natividade, um João e um Paulo e um Marco António. A esta distância, porém, seria incapaz de associar os seus nomes aos apelidos de família. Acresce que todos conduziam e todos ocupavam os três carros, indiscriminadamente, e a ideia que tenho é a de um belo bando desfrutando a plenos pulmões dos benefícios de viver em estádio gregário. O que faziam, era vago. Sei que dispunham de muito tempo livre e bastante dinheiro. Por vezes, João de Lucena aborrecia-se de tanta algazarra e chamava-lhes diletantes. No dia em que Madalena Micaia foi instada a desembaraçar-se do seu estado, levando um envelope no bolso, os três carros faziam círculos na proximidade da paragem do 49 para me levarem até à Ideal das Avenidas, aonde mais tarde, diziam, iria reunir-se João de Lucena. Era uma atenção tão vistosa que me transcendia. Mas já instalada nessa espécie de benefício ofertado, eu aceitava a benesse como um dado adquirido. Ali ia o comboio dos três carros galgando ruas, engarrafamentos, semáforos, até que parávamos junto à confeitaria. Se na garagem se vivia um clima de

expedição, quando entrávamos na Ideal das Avenidas, a atmosfera que se instalava era de banquete régio.

Os diletantes.

Ainda hoje eu vejo os três carros parquados em espinha na Avenida da República, e em redor das várias mesas que uníamos perto da janela, o friso dos diletantes. A ocupação que fazíamos era ruidosa. Por essa altura já havia aqueles que dispunham de um grande telefone portátil e chamavam alto pelo interlocutor como se fosse um *walkie-talkie*. Havia os que já usavam fax e tinham deixado de comunicar por qualquer outro meio menos limpo. Havia aqueles que tinham secretária electrónica e falavam da sensação fantástica de regressarem ao fim do dia e ouvirem os recados em directo, como se a casa estivesse habitada por uma multidão etérea. E nós achávamos que o telefone portátil e o gravador de chamadas não eram apenas aparelhos destinados à comodidade, eram o anúncio de uma mudança que caminhava na nossa direcção como uma massa de ar imparável. Todos os que estavam à mesa, naquele dia, aguardavam por essa mudança.

Aguardavam como seus legítimos destinatários, sem que fosse necessário os próprios moverem a rótula de um joelho. Bastava desfrutar. A mudança, por si mesma, viria ter connosco. Lembro-me em especial daquele diletante que havia rapado o cabelo, esse que tinha o nome de Marco António. O nome lendário permitia-lhe desenvolver uma oratória dirigida a um *tu* majestático que impressionava muito. O facto de o seu crânio brilhar como uma cebola, também. Naquele fim de dia, enquanto esperávamos por Lucena, Marco António falou sobre a mudança que se faz *sem ti*. Disse que a mudança, calmamente, viria ter comigo e contigo quer quisesse quer não. Que ela avançava enquanto tu dormias. E quem estaria a fazê-la? Perguntava. Deveríamos estar descansados que

alguém já estava encarregado dessa tarefa e não precisava de ser nomeado. O que tinha de ser vinha por si. Não te incomodes, dizia. Quando tudo isto mudar, quando uma pessoa puder atravessar a Terra de ponta a ponta, e a liberdade de deslocação for total, o único cartão que terás de mostrar será o bancário. De resto, ninguém precisará de te identificar. Todo o cidadão poderá ser anónimo, se assim o quiser. Nessa condição, tu entrarás num país e sairás no outro com a mesma facilidade com que andas de bicicleta na ciclovía sem que ninguém te pergunte de onde vens nem para onde vais, e isso será a liberdade, dizia. E na ponta do seu discurso instigante, a liberdade adquiria a forma de uma bicicleta imaterial, sobre a qual se deslizava de país em país como o dedo indicador sobre uma carta geográfica.

Aliás, não só esse Marco António, mas vários outros diletantes da Ideal das Avenidas, naquele dia sete de Maio, pensavam que dentro de escassos anos todo o chão seria internacional, que dentro de pouco tempo não haveria mais distinção de nações nem bandeiras, porque as bandeiras nacionais, afinal, não passavam de panos encharcados de sangue diante das quais se diziam loas e se mostravam espadas. Resquícios do tempo das fronteiras. Ora o futuro, segundo os diletantes da Ideal das Avenidas, preparava-se para erradicar as fronteiras. Essas eram algumas das profecias que os amigos de João de Lucena proferiam à volta das mesas reunidas, e que eu bebia avidamente como verdades, ao mesmo tempo que ia pensando na triste figura de Murilo. E porquê o Murilo?

O meu coração sobressaltava-se. Pela simples razão de que ali, a uns escassos dois metros da mesma mesa onde havia estado o estudante de Sociologia, mudo, a resistir dentro do seu casaco de cabedal, sentava-se agora aquele belo friso de rostos, entre os vinte e os trinta anos, que falava sobre o generoso futuro em permanente expansão de bem-estar. A Foggy e eu encarregávamo-nos de iluminar o espaço com as nossas chaminés de fumo azulado. Eu

pensava em líricas impronunciáveis, tais como *Tão veloz será / O futuro passarinho / Num continente, os ovos / No outro, o ninho*, e sentia-me tão confiante entre os confiantes, que só não pronunciava os meus versos em voz alta porque João de Lucena acabava de entrar pela porta da Ideal, tão intenso, tão liberto, tão solar quanto o mundo que os diletantes imaginavam. «Ali vem o Lucena!» – diziam. Finalmente o coreógrafo chegava, atirava o saco de ombro para o centro da mesa e ilustrava o que as pessoas daquele bando tinham estado a dizer – «Meus amigos, acabo de colocar trinta pessoas a dançar sobre um palco. Um trabalhão. Bela cena!» Alguém perguntava, esmagado pela ideia de se desenvolver uma perícia capaz de dominar semelhante número – «Trinta? E como é possível fazeres com que trinta figurões levantem ao mesmo tempo os braços e as pernas? Como fazes?»

A actividade de João de Lucena interessava a todos os elementos do grupo. Todos queriam saber onde, como, com quem, em que cena. Uma aura de encantamento que se desprendia do coreógrafo confirmava esse bem-estar que vinha a caminho, aferida pela mão da Arte. Nesse movimento de admiração, eu também me sentia uma diletante, também eu participava desse sentimento eufórico – «*Tão feliz será / O futuro passarinho*». Eu estava a olhar para João de Lucena, a ver-lhe os fios de prata que se entremeavam nos cabelos castanhos quase claros, quando João de Lucena disse – «Solange, amanhã, finalmente, vamos à casa de Sete Rios. Mas peço-te que, enquanto lá estivermos, não fumes.

A minha mãe detesta cigarros. Ela é muito maçadora, a minha mãe. Vamos, Solange? Estás preparada? Amanhã?»

Semelhante pedido diante dos diletantes funciona como um anúncio de união formal. À mesa, feita da junção de várias, ouvem-se palmas. De súbito, os cenários do futuro encerram-se e todos regressam ao presente. Naquele momento, nós dois somos o centro desse presente. «Beijem-se lá!» – diz um outro, também sem

cabelo, mas que não se chama Marco António. O meu coração é um cavalo – Iremos, então, a casa da tua mãe? Amanhã mesmo? E a que horas? Os amigos de Lucena estão tão excitados com a ideia de um casal ir visitar a mãe, com todo o aparato que uma cerimónia desse tipo encerra, que se oferecem para nos levar de automóvel. Lucena, porém, sabe o que faz. Ele anunciou ao grupo a sua intenção, mas pretende que a nossa visita decorra em privado. «Queremos ir sozinhos» – diz João de Lucena.

«Eles querem ir sozinhos...» – Ouve-se pelas mesas.

Fomos no dia seguinte.

Encho-me de cerimónia e temor reverencial para ir ao encontro dessa mãe tão anunciada. Tenho feito exercícios de antecipação a partir daquilo que conheço e, de facto, a pessoa que nos espera na casa antiga que olha para Sete Rios é o rosto de João de Lucena em formato de mulher.

Já chegámos, já entrámos. A mãe é uma senhora distinta que não me parece velha. Na altura eu ainda não aprendera a avaliar a idade senão pelas inscrições mais visíveis, mas a figura que se ergue do fundo dum sofá de veludo azul-turquesa parece-me ter mais anos do que a minha mãe, e com pose de pessoa grave. De longe vejo-lhe as mãos tratadas, penduradas no sofá, onde brilham unhas cor-de-rosa. Tudo em volta me parece distinto, comprado há muito tempo. Então uma outra mulher entra na sala, essa bem mais velha, a avó, e apesar de a anciã ouvir mal, ambas falam muito baixinho entre si. O próprio João de Lucena fala baixinho com elas. Também têm o telefone exposto na casa, mas é achatado e branco. A avó vai ao telefone, disca demoradamente o número e de seguida diz muito alto – «Clarisse, vem cá, o João trouxe com ele uma jovencita. Sim, está aqui, na sala...» E a avó pede que me sente na sua frente e

inspecciona-me sem dizer nada, enquanto a filha fala baixo com o seu neto, João de Lucena.

Clarisse não tarda a chegar, mas com ela traz mais três pessoas da idade da avó. Estabelece-se uma discreta azáfama doméstica. Lanchamos em casa da mãe de João de Lucena. Sentadas à mesa, diante de um enorme bolo e um chá que não termina, estão duas mulheres de cinquenta anos, e quatro com perto de oitenta, as quatro de cabelos brancos azulados, a olharem para mim. Eu já disse que me chamo Solange de Matos, João de Lucena também chama pelo meu nome, mas elas tratam-me por jovencita. A jovencita quer mais bolo? Quer leite ou limão, no chá? A jovencita onde vive? Veio de África? Ah! O meu marido fez campanha em África. E na parede, há tantos retratos de homens como de mulheres, mas todos morreram já. Um deles, com quépi da marinha, em ponto grande, foi o pai de João de Lucena. Curioso. Eu tenho a ideia de que não existe diferença entre nós que lanchamos e os fotografados, que estamos todos na mesma condição, e no entanto estar no meio dessa indefinição, entre mortos e vivos, é sereno e é bom. Aquelas mulheres de cabelos azuis levam-me para um lugar de sonho que eu nunca tinha experimentado. Um limbo em que o tempo se apaga, a energia é uma forma remanescente que ultrapassa o abrir e fechar dos olhos. Eu olho para Lucena e sinto que não estamos vivos, e é muito bom não estar. Nem tenho impulso de o beijar nem de me entregar ao seu corpo, como tanto desejo, cada vez mais desejo. Mas não agora, que a sua mãe, a sua tia, a sua avó e as suas três tias-avós estão à volta da mesa, a sorver chá, devagarinho, com as pontas dos lábios, para onde convergem milhares de rugas. Reparo que João de Lucena não fala muito, aliás, por vezes nem responde às perguntas zelosas que a mãe lhe dirige – «Comes bem, filho? Onde comes? Cautela. Na tua profissão, nem álcool, nem fumo, nem gorduras, nem droga...» João de Lucena não lhe responde. Como seria natural – na altura eu

ainda não sei interpretar esses laços – espanto-me que João de Lucena exerça sobre aquelas mulheres uma espécie de alta sobrançeria. A mãe, a dado momento, pergunta-me se é verdade, se eu escrevo letras, e faz-me dizer uma delas chamando-lhe poema. Eu começo a recitar, com a consciência do ridículo que é reproduzir uma letra sem a música, mas elas gostam de ouvir. «Que talentosa é a jovencita!» – comenta a avó, junto de quem eu tenho de repetir muito alto o refrão da letra.

«Que lindo, mas que lindo poema!»

A mãe de Lucena, porém, tem pena pelo filho, acha que ele se perdeu em Nova Iorque. Foi lá que ele começou a ser um artista híbrido, a deixar o bailado clássico. O João deveria ter-se mantido na dança clássica. Ela tinha ido ver o Baryshnikov em *Giselle*, e tinha ficado muito reconfortada por que o seu filho estivesse associado àquele enorme sucesso. Agora, porém, ele anda a coreografar tangos e a encenar zarzuelas, a organizar uns bailaricos, uns forrós eléctricos, ela nem sabe de que se trata. Não é assim? João de Lucena não responde, só pede que a mãe, quando falar sobre a sua vida, não aumente nem diminua, que diga a verdade. Clarisse não concorda, a tia nova quer que o sobrinho, acima de tudo, seja livre de decidir. As tias velhas e a avó chamam por mim ao mesmo tempo. «A jovencita vai voltar cá? E quando? Venha, jovencita, venha...» – diz uma das tias-avós enternecida a olhar para mim. De repente, eu desejaria ficar naquela casa para sempre. Muito riem as tias. Mas é a mãe de João de Lucena e a tia Clarisse, as mais lestras, aquelas que me vêm levar à porta, e me desejam grandes sucessos na vida artística.

«Trabalham juntos para um espectáculo? Não é?» – Ainda pergunta a mãe, junto ao bengaleiro da entrada, para se certificar dos laços que nos unem. E João de Lucena conforta-me junto ao seu

peito e diz – «Mãe, meta isto na sua cabeça, é muito mais do que isso...»

Saímos de casa abraçados, mas não nos viramos. Temos a certeza de que pelo menos a mãe e a tia vêm atrás de nós com o seu olhar.

Ele julga que eu estou chocada com semelhante tratamento e diz-me, já depois de nos afastarmos – «Desculpa a minha mãe. É burra, burra. São todas muito burras, sabes? Desculpa as palavras duras que estou a usar...»

Mas eu não avalio assim. Uma série de acontecimentos estão a cavar uma fundação inexplicável na minha nova alma. O Sobradinho, o tempo das vacas, da ramada, dos melros, já é apenas um longínquo cimento que paira ao fundo de umas estradas. África, o Monte Namuli e a sua senda, um mundo miniatural que se apaga. Agora a minha vida mudou. De regresso à hospedaria, decido que é urgente avisar Gisela Batista. Avisarei amanhã pela manhã, amanhã pela noite, ou talvez ainda esta noite mesmo.

Enquanto hesitei, Gisela adiantou-se.

Gisela telefonou para a hospedaria pedindo-me que me apresentasse na garagem meia hora antes do costume. Grande raiva de mim própria. Porque não tomei eu mesma a iniciativa? Porque adiei? Ao telefone, a sua voz parecia lisa, mas eu não deixei de ler nessa neutralidade o disfarce de uma ameaça. Preparei-me para o combate. Na minha ideia, a *maestrina* já sabia o que se passava e iria, pura e simplesmente, confrontar-me com os factos. Fosse como fosse, sentia um forte alívio ao pensar que finalmente poderia cair-lhe aos pés para lhe revelar o que tanta gente sabia. Mas não foi esse confronto que eu encontrei, ao entrar no nosso recinto.

Francisco Capilé tinha estado a ensaiar com Maria Luísa em substituição da Micaia, e pelas cadeiras havia vestidos espalhados, e o espelho multiplicava uma garagem atafalhada de luzes, caixotes,

estojos, roupas várias. Até uma bateria com bombo, chimbau e pratos lá estava. Muita gente por ali deveria ter passado, mas agora, no recinto, além de Gisela, não havia mais ninguém. Desde o Natal, era a primeira vez que ficávamos a sós e, no entanto, era curioso que entre nós nada tivesse mudado. A porta fechou-se, Gisela sentou-se no banco do piano, olhámos uma para a outra, e eu percebi que continuávamos próximas como duas irmãs geminadas, unidas por uma razão que nos ultrapassava. Gisela, no entanto, parecia de novo desfigurada. Se a magreza lhe dava leveza ao corpo, em contrapartida roubava-lhe alguma coisa de fundamental à alma, isso via-se-lhe nos olhos. Era o que eu pensava. Eu sentia pena de Gisela Batista, pois também eu lhe provocava desgostos, e em parte o seu abatimento teria em mim uma das suas causas. Ainda balbuciei uma frase. Ainda cheguei a pronunciar o nome de João de Lucena. Mas afinal ela queria ter uma fala comigo e o assunto parecia ser outro. «Senta-te» – pediu-me. Sentei-me.

Então, já ambas sentadas, aquela a quem chamávamos de *maestrina* começou a dizer-me que era natural que eu não aceitasse o que me vinha propor. O assunto era o seguinte – Por muito que lhe custasse, eu não poderia assinar todas aquelas letras. Havia o Capilé que as tinha escrito antes, e ele estava na expectativa de que o seu nome surgisse não só na composição da música mas também na criação das palavras. Quintessências da autoria que ela não poderia contrariar. Para encurtar razões, o que me propunha é que eu assinasse apenas três. O Capilé assinaria todas as que tinham sido retocadas mas cuja estrutura se havia mantido, e para as restantes, eu escolheria um pseudónimo para não ofender o Capilé. Três ficariam em meu nome. Percebia-se que Gisela já havia pensado em todos os detalhes. Gisela segurou as minhas mãos entre as suas. Disse-me – «Desculpa-me.»

Mas as exigências não tinham terminado. Gisela pediu-me ainda que usasse nomes de homem para as letras que eu não iria assinar.

Ela pensava que sendo uma banda de cinco mulheres iríamos precisar de um suporte masculino de retaguarda bem forte. Na verdade a população humana não era epicena, tinha dois géneros, mas ela não acreditava que se confiasse na capacidade das mulheres. Mesmo que estivesse errada, seria preciso provar que já assim não era. Na dúvida, adiaría essa prova e, desta vez, pelo menos, não iria arriscar. Cinco mulheres no palco, um exército de homens por detrás e que essa proporção ficasse bem vincada. Em relação às letras, era assim também. Então, se eu estivesse de acordo, dar-me-ia a escolher. Gisela estendeu-me a maquete – «Quais escolhes, Solange?»

Fiquei imóvel, diante do reportório, treze títulos alinhados sobre a maquete da capa. Eu ainda não sabia bem se estava a agir correctamente, apenas sentia uma espécie de furto à mão armada que me faziam contra a minha vontade, mas ao contrário do aperto na garganta que me inibia a fala, pacificamente, escolhi três. Gisela encurtou caminho – «E que nomes vais criar para a autoria das outras seis?»

Nomes? Pois que nomes?

Eu estava em pé, o reportório continuava alinhado sobre a folha colocada em cima da tampa do piano, e não era capaz de inventar nomes para mim mesma. Nenhum nome digno me acudia ao cérebro. No entanto, eu compreendia Gisela Batista, compreendia a justeza de tudo quanto ela me pedia. Vendo bem, cada letra fora um acaso, as letras haviam-me sido dadas pelo deus das caricas, das ervas e das vacas, nem tinha sido eu quem as tinha escrito. Pois que autor imaginar para atribuir às letras que me haviam sido oferecidas? Era uma angústia ter de procurar nomes para a autoria das minhas rimas. Nunca me passara pela ideia que alguma vez me fosse feita semelhante exigência. Mas também não era necessário

angustiar-me demais, Gisela já tinha pensado no assunto, poderia ajudar-me. Ela disse – «Por exemplo, João Nunes e João Vaz. Eu acho dois nomes interessantes, e não colidem com figuras do meio. E tu, agora, ficas com três nomes, Solange de Matos, João Nunes e João Vaz. Francisco Capilé assina a música das restantes letras. Ficam quatro para ele. O que achas?» – perguntou-me Gisela.

Sobejavam três. Eu achava bem. Eu tinha conseguido salvar *Era um porto, era uma gare, Uma casinha em Nova Iorque*, e sobretudo *Afortunada*. Nem o Capilé nem o Vaz nem o Nunes, pelo menos até àquele momento, tinham roubado essas minhas três letras. Eu ainda pensei que isso pudesse suceder, que esses fantasmas de um momento para o outro surgissem para me roubarem aquelas de que eu mais gostava, mas felizmente que Gisela me puxou para si e me fechou nos seus braços. Ela avaliava a gravidade daquilo que me pedia, e mostrava-mo dessa maneira. E tive a certeza de que havia ainda outros subentendidos. Por certo que ela sabia que eu vivia de amores com o seu coreógrafo e fingia ignorar, poupando-me. Eu não sabia porquê, mas ao longo daquela conversa, como se houvesse uma informação parasita que me fosse dada às escondidas, ia compreendendo que ela sabia muito bem que eu só ainda não tinha dormido com o meu namorado, porque tudo o resto tinha acontecido, estava na minha cara. Acaso ela não queria, a troco de não falarmos desse assunto, chamar mais um outro fantasma que me levasse as três últimas letras? Na verdade, naquele momento, para não lhe falar da minha relação com João de Lucena, eu ter-lhe-ia oferecido essas três também. Mas dava a impressão de que não iria ser necessário. Eu via o nosso abraço reflectido no espelho, e ouvia a nossa *maestrina* respirar de alívio, e era isso que importava. Não, não tinha sido um mau acordo para Gisela Batista, nem para mim tão-pouco. E depois Gisela disse – «Somos tão parecidas! Deus nos livre de alguma vez virmos a lutar pelo mesmo pedaço de carne...» Era aquela a forma que Gisela tinha

de falar. Ignorando o futuro, eu assegurei – «Querida Gisela, isso jamais acontecerá na vida.»

Agora, sim, Gisela respirava de alívio.

Querida Gisela.

Nesse mesmo dia, no Estúdio Nepomuceno também a ouvi respirar de alívio entre os instrumentos que os músicos afinavam, e isso acontecia porque tanto o Julião quanto o Capilé tinham chegado à conclusão de que se Madalena Micaia não voltasse a tempo, a harmonia das quatro não constituiria um escândalo. Seria uma perda séria, mas não um descalabro. Afinal Maria Luísa aplicava o seu rastro de *mezzosoprano* para preencher os solos e quase conseguia perder a vibração clássica. Não se saía mal. Faltavam onze dias, ainda havia espaço para uns certos apuramentos, alguns acertos. Agora acelerava-se, como não poderia deixar de ser, e os factos desencadear-se-iam por si. Segundo Julião Machado, as raparigas apresentavam-se razoavelmente entrapadas, as partes nuas eram vistosas, mexiam-se muito bem, deslocavam-se lindamente coordenadas, os quadros eram graciosos, a barulheira dos instrumentos estava boa, o que mais seria necessário? Gisela, porém, insistia – «A verdade é que falta a Micaia. Já cá deveria estar e nunca mais volta.»

Julião sacudiu a grande cabeça de onde costumavam jorrar as palavras delicadas – «De vista não faz falta nenhuma. Até destoa, cria um acidente antropológico, desnecessário. Convosco só, fica mais harmonioso ao olhar. Não te esqueças que a música é sobretudo para ver, música para olhar..» E avolumou o corpo no local onde as mulheres têm os seios. Arredondou o volume com as mãos.

Gisela estava demasiado magra, demasiado vulnerável, enervou-se, eram muitos os combates. Perdendo a paciência, a *maestrina*

gritou, a meio do Estúdio Nepomuceno – «Malcriado. Pois eu até acho o contrário. Acho que o acidente antropológico nos faz falta. Sabes, eu não tenho só ambição, eu tenho visão, eu tenho uma boa conexão com a realidade. Eu tenho, Julião. Eu tenho tudo isso e tu não tens nada. Eu vejo bem e muito mais longe do que tu. O acidente antropológico de que tu falas em breve vai ser moda, e logo vai ser norma. Em breve, o acidente antropológico é sermos todos da mesma cor em cima de um palco. Mete isso na tua cabeça. Tu és tacanho e brutal. Eu não sou. Eu sou uma mulher inteligente, uma pessoa prática...» Discutiram acesamente. No entanto, não valia a pena discutir, muito menos de uma forma incendiada, já que o dia seguinte encarregar-se-ia de trazer consigo a decisão definitiva.

Refiro-me a Madalena Micaia.

## DEZASSEIS

Aconteceu a dezassete de Maio. Ao contrário da Noite Perfeita, e do seu relato, coerente como uma peça acabada, eu penso na manhã do dia dezassete de Maio daquele ano, quando tudo ainda estava para acontecer. Regresso a essa manhã, e julgo mesmo que houve um momento em que a vida era só expectativa. O mundo estava à nossa espera, nós estávamos à espera do mundo, para o início do futuro chegar, só faltava uma pessoa. Mas também essa pessoa por quem nós tanto aguardávamos desceu de um táxi, à porta do Estúdio Nepomuceno, eram dez horas e um quarto. Ali vinha ela.

Madalena Micaia surgia, depois de dez dias de ausência, e regressava em triunfo. Tinha tido a criança, um menino. Era a primeira vez que o deixava com alguém e muito lhe custava, mas regressava porque tinha prometido e não era pessoa para faltar à palavra. Como combinado no dia anterior, sim, ali estava. Tinham sentido a falta dela? Falta nenhuma. Passavam bem sem ela, mas uma vez que havia prometido, cumpria, até porque Gisela a sustentava agora daquela forma tão generosa. Nota atrás de nota, dentro do envelope branco. Durante aqueles dias todos, não havia dado um passo a pé, e tinha comprado do melhor que havia para o seu menino. Agora ali estava ela, cheia de genica para dar tudo o que tinha para dar. Madalena Micaia colocou o saco no chão, estendeu os braços, apertou os punhos e pôs-se a dançar como se quisesse fazer um jogo de boxe com a aragem da manhã – «Aqui estamos, comadres! Eh! Mulherio, regressei!»

Falava para as irmãs Alcides e para mim, que a tínhamos ido esperar. Quando Gisela Batista, que se encontrava entre os

instrumentos, nos avistou à porta, saudou-nos a nós e a ela, efusivamente – «Então, *African Lady*, at last you're here!»

«Agora é que é, minha gente!» – respondeu Madalena Micaia.

Eram dez horas e um quarto da manhã, nós já havíamos chegado, o maestro Capilé também e o Julião Machado iria passar por ali, mais tarde, mas os instrumentistas nem vê-los. Parecia que se tinham combinado. O tempo começou a passar e nós continuávamos paradas. A Madalena disse que não tinha o tempo todo da vida, acabara por deixar o bebé bem longe de casa, e por isso não dispunha do dia inteiro, ao contrário do que se imaginava. Então aproximámo-nos dos micros e começámos a apurar algumas frases que necessitavam de revisão, em particular a passagem do bicho da saudade que tinha de ser melhor swingada, e na repetição da passagem sobre a morte do bicho, ocupámos um belo par de minutos, com muito sucesso. Era um encanto. *The African Lady* havia mais de dez dias que não cantava. Agora, ali estava ela de novo, e de facto quando a sua voz entrava no conjunto, tudo parecia diferente. Apesar do empenhamento das sopranos, nós quatro não passávamos de uma espécie de coro dançante, que cantava para acompanhar Madalena Micaia. O problema era o seu corpo. Segundo Gisela, aquele corpo exigia que a senhora africana se cuidasse muito bem. Ainda estava bastante inchada, o rosto tumefacto, e de repente tinha ficado demasiado pesada. Como é que iria dançar? – «Vamos lá experimentar as coreografias, enquanto eles não chegam. Vamos lá.»

Madalena Micaia começou a gingar diante do seu micro, e gingava bem, contorcia-se com destreza, embora aprisionada pelo volume que havia adquirido. Balouçava em volume o que as irmãs balouçavam em agilidade. Nós também. A certa altura a Micaia lembrou-se de pedir um intervalo de cinco minutos – «É que eu até comia qualquer coisa...» Gisela indignou-se – «Recomeçamos tudo

de novo? Você continua a querer comer, e esta gente, um, dois, três, quatro, cinco músicos, não estão, e são onze e meia da manhã. Em que ficamos?» Naquele momento, chegava o baterista sem dizer palavra. Montou no seu selim e desatou a fazer ruídos sobre os tom-toms. Os pratos e o bombo, na sua frente, pareciam ter enlouquecido. Gisela perguntou – «Capilé, o que é isto?»

«Deixe trabalhar as pessoas, mulher, não queira controlar tudo.»

«Mas eu não controlo nada.»

«Controla, controla, você está sempre a controlar.»

Quando Gisela se virou, Madalena Micaia estava a comer uma banana. Gisela retirou-lhe da mão o pedaço de banana que lhe restava.

«Não vê, Gisela, que eu estou a fazer leite?»

«Vejo que você está a fazer banha...»

Nessa altura entrou o rapaz da viola e procurou o seu assento. Mas nem mexeu no instrumento, parecia ausente. Trazia um olho ligeiramente inchado. Faltava o sax, o baixo e o piano, embora o Capilé substituísse o piano. Era meio-dia e nenhum deles tinha chegado. Nani, em dado momento, gritou – «Madalena, você tem a blusa toda molhada!» *The African Lady* observou-se e disse – «Não faz mal, é o leite.» À medida que o seu corpo oscilava, as nódoas do leite na malha da blusa azul iam-se ampliando, e a certa altura alguma coisa esbranquiçada jorrava. «Mas você está insensível, mulher. Qualquer coisa está a acontecer na sua blusa...»

Gisela perguntou – «Madalena, o que pode você fazer para parar com isso?»

«Eu tenho uma bomba dentro do saco, vou lá fora e retiro leite para dentro de uma mamadeira. Alivio a pressão e guardo para a minha criança tomar quando eu não estiver presente. Posso ir?» Os restantes músicos não chegavam, só o baterista de vez em quando sentia aquelas fúrias e atacava o tambor alto, espancando-o, atirava as baquetas contra os pratos como se os quisesse deflagrar, depois

esperava. Nós tínhamo-nos dispersado. Maria Luísa aproveitou para ir até à porta, e Nani até outro qualquer lugar. Nessa altura, chegaram juntos o sax e o contrabaixo, cheios de energia, movendo-se com muita agilidade. Um deles, que desejava atacar de imediato, perguntou ao Capilé – «Onde estão elas?» O Julião que já tinha chegado disse muito alto – «Uma delas está no quarto de banho a ordenhar-se, e as outras estão a ver!»

Eu estava sentada na borda do estrado, ao lado de Gisela, e sentia a sua ansiedade ainda que ela permanecesse imóvel. Gisela olhava para o relógio quando gritou muito alto –«Eu, as minhas quatro vocalistas e o Capilé estávamos aqui às dez em ponto. O baterista chegou às onze, o viola às onze e vinte, vocês acabam de entrar por aquela porta ao meio-dia e um quarto, o piano ainda não chegou, e vocês insultam as pessoas. Porquê? Eu vou destruir-vos, eu vou pôr-vos na coroa da lua....»

O piano chegava, não sabia porque estavam em zaragata, mas mesmo assim achava que nunca na sua vida tinha visto nada de igual. Ele chegava com duas horas e vinte minutos de atraso, e por isso não sabia o que se passava. Gisela disse – «Faltam dez dias para o nosso concerto, mas mesmo assim vamos abandoná-los. Quem vos paga não é o Julião, sou eu, não é verdade? De hoje em diante, não tenho mais nada a pagar-vos. *Ciao...*»

Gisela conduziu-nos na direcção da porta, e a partir daí, de braços no ar, começámos a chamar por táxis. Uma vez nos táxis, iríamos para a garagem, e Gisela, ela mesma, de caminho, encomendaria refeições convenientes para a nossa condição, e depois iríamos pensar na nossa vida em paz. Estava decidido. Ou aqueles tipos lhe pediam perdão até ao dia seguinte, ou ela iria buscar quem os substituísse nem que tivesse de ir desencantá-los a Espanha ou ao Brasil. Estava farta de lutar contra a inércia, a imbecilidade, a tirania de quem tinha um saber, por mais rasteiro que fosse, sobre a pessoa que dele precisasse.

«E eu?» – perguntou Madalena Micaia.

«Você esteve ausente durante dez dias. Você ou está conosco ou não está. Deixou leite ao seu filho para quanto tempo?»

«Dois biberons assim, mas não sei se come.»

«Come, come. Quem tem fome, sempre come.»

Quando Madalena Micaia se dirigiu de novo ao quarto de banho, Maria Luísa falou da sua repugnância – «Gisela, olha aqui. A maternidade deveria ser como nós cantamos, quando dizemos o *Magnificat*, como a Solange disse naquele dia. Palavras, palavras, palavras cantadas. Mas está visto que não é assim, a maternidade não são cânticos, a Madalena cheira a leite e a sangue que tresanda. A rapariga fede. Não se pode estar ao pé dela...»

Isso já todas nós tínhamos notado, só que havia ali um tema cruzado com aquele, que era muito mais premente. Em relação à questão de higiene, ela chegava a casa, lavava-se e pronto, passava a cheirar bem outra vez. O segundo caso era bem mais complicado. Viria um telefonema com a retractação daqueles tipos ou não? Iríamos continuar com eles ou não? Gisela olhava para o corpo do telefone, ali pousado, à espera, e ele retiniu. A *maestrina* precipitou-se sobre o aparelho, e sim, era o Saldanha que tinha sido informado do sucedido. Todos eles pediam desculpa, não tinham palavras à altura. Sim, reconhecia que os rapazes tinham sido muito ordinários, mas eram dos melhores músicos da praça. Então, dali em diante, teriam ensaio durante o dia inteiro, teriam ensaio até à véspera, ele estava muito empenhado, não compreendia aquele desleixo. Nunca mais aconteceria. Assim ele não se chamasse Saldanha da Cunha.

Gisela estava contente, tinha agido bem, enfrentado aqueles gandulos que se portavam mal, e em seguida troçavam da pessoa, usando palavras menos próprias quando se referiam a Madalena Micaia. Tinha que ver, então não tinha? E a propósito, acaso não queria *The African Lady* tomar um duche? Como assim? Então a

Micaia ainda não tinha reparado que havia um chuveiro lá ao fundo, atrás do móvel onde guardavam a roupa? E que havia um desvão, e que a meio do pavimento havia um ralo? E que lá estavam todos os objectos de higiene em miniatura? Aquela garagem era uma caixinha de surpresas, tinha um pouco de tudo de que se precisasse. Claro, eram duas e meia da tarde, Madalena tomaria um duche quente ou morno, conforme preferisse, e depois de bem seca, juntava-se a nós, já lavada, perfumada, limpinha. Se o bebé tinha duas garrafas de leite, ela poderia ficar até ao fim do ensaio, pois naquele dia precisavam de percorrer o reportório inteiro. Mas claro que sim, claro que precisavam. E se ela quisesse retirar mais leite e colocá-lo na garrafa para dispor dele dali a dois dias, quando ensaiassem a preceito, no Estúdio Nepomuceno, também podia. O que não podia era ficar a tarde inteira lá metida, no cubículo do fundo, a lavar-se. Entretanto, se Nani, Maria Luísa e Solange de Matos quisessem ir até à rua fumar, ou ver fumar um cigarro, também podiam. Não valia abusar, mas podiam. Disse Gisela Batista, e eu fui fumar para debaixo das árvores, enquanto as sopranos se passeavam pela relva espontânea da Casa Paralelo, e quando regressámos, ensaiámos ao lado de Madalena Micaia, que cantava divinamente, e depois do banho até se movia com maior destreza. Inclusive, havia retirado aquela blusa azul e vestira uma outra que pertencia a Gisela, uma peça estirada, fruto de uma lavagem errada, que por ali tinha ficado, num saco, a um canto da garagem, e assim por diante. Quando terminássemos, Madalena Micaia iria de táxi para casa. Por isso poderíamos ficar até às seis e meia, sete horas. Havia o entrosamento na última canção, aquela de *Uma casinha em Nova Iorque* em que o tom saltava do lugar e ia bater a uma outra cidade. Não era? Perguntava Gisela. Madalena Micaia ria – «Vai bater a outro continente, rainha, lá isso é que vai...» E Madalena encheu o seu vozeirão e cantou em tom swingado – «*Não tem quem quer,*

*tem quem pode...»* Um solo que não lhe competia, era só para mostrar que a sua voz ia bater a outro continente.

Mas às seis, ninguém podia mais.

Gisela foi para o telefone e nós três sentámo-nos encostadas à parede, de olhos fechados. Depois esticámo-nos no chão e fizemos alongamentos. Apetecia dormir. *The African Lady* não saía do quarto de banho, demorava e já lá estava outra vez. Lembro-me que Gisela continuava ao telefone, falando baixo. Estávamos todas tão cansadas que a *maestrina* não poderia ser uma excepção. Gisela também teria de estar muito cansada. O fio da sua voz a correr, lá ao fundo, e nós deitadas no soalho, a descansar. Mas por baixo do cortinado cinzento do vestiário, eu vi alguma coisa de inesperado. Um fio escuro, grosso, no chão, a aumentar de volume. E ao lado, caía um pingo vermelho. O pingo fazia clip, clip, criando uma espécie de poça. Eu tive uma percepção muito lenta de que se tratava de alguma coisa que não deveria ali estar, mas não conseguia perceber o que via, parecia uma mancha de Rorschach que o acaso estivesse a mostrar-me para eu decifrar o sentido. Quando chamei por Maria Luísa Alcides, ela confessou que estava a ver o mesmo que eu. Ficámos ali, as três, a Nani, a Maria Luísa e eu, deitadas no chão a olharmos, intrigadas, até que uma de nós se levantou, foi até lá e não voltou. Então aproximámo-nos em conjunto, e era verdade – Sobre o banco do vestiário, o velho canapé de palha, Madalena Micaia estava deitada, com um dos braços debaixo da cabeça, o outro tombado ao lado, e do seu corpo pingavam aqueles líquidos. A Micaia estava quente e se lhe tocássemos o seu corpo movia-se. Tentámos acordá-la, chamá-la a si, antes de irmos ter com Gisela, mas a nossa patroa aproximou-se sem ruído – «O que se passa aqui?» – perguntou, debruçando-se para a Micaia.

Na verdade não se passava nada. Nem a mais leve aragem conseguíamos que passasse através da sua boca. Era simplesmente horrível e inacreditável.

Um planeta desconhecido tinha entrado na nossa vida. Ninguém sabia como caminhar sobre a sua superfície. Sabíamos, porém, que o seu solo era uma terra de absurdo. Voltávamos para trás e o dia inteiro parecia-nos um ser antropomórfico com máscara, o dia inteiro tinha sido uma gargalhada que não tínhamos ouvido. Não conseguíamos decifrar o sentido dos nossos passos desde aquela manhã. Gisela movia as mãos de Madalena Micaia, apalpava-lhe o pulso, pedia-nos serenidade, chamava a pessoa pelo nome, balouçava-lhe o corpo. Apesar de tudo, a sua cabeça começava a funcionar de forma bem mais rápida do que as nossas, paralisadas pelo pânico. Ela própria também entraria em pânico, mas de forma gradual, passo a passo, lentamente, entrando devagar no mistério da *terra incognita* do terror, onde nós já tínhamos mergulhado. Gisela, ainda movida à corrente da eficácia, gritou – «Primeiro passo – telefonar à doutora Aguiar.» Nós estávamos em pé, fascinadas, a olharmos alternadamente ora para o seu rosto ora para o rosto de Madalena Micaia, e julgávamos que daquele telefonema sairia uma solução qualquer. Não ouvíamos nada.

Ouviu-se só, a determinado momento, Gisela pousar o telefone e dizer-nos – «Inacreditável, não querem tomar conta do caso. Inacreditável, dizem que a criança não nasceu há dez dias, mas há três. Dizem-me de lá que ela não quis provocar. Dizem-me que quem a matou fui eu. Minhas queridas, estão a dizer que fui eu. Tudo isto é inacreditável...»

Perguntei – «Mas nunca chegou a telefonar a essa pessoa chamada Aguiar?»

«Não, nunca telefonei, eu tinha passado para a mão da Madalena um montão de dinheiro, depois ela mesma telefonou a dizer que já

tinha nascido a criança. Afinal não tinha nascido, afinal só veio a nascer há três dias. E afinal mentiu-me para não ter de provocar o nascimento, e afinal veio ter connosco quando não devia, e afinal...»

Olhávamos para o dia que tínhamos vivido e eram só gargalhadas à nossa volta. O dia surgia tingido de vermelho-álacre, todos os nossos gestos nos pareciam outros, como se os tivéssemos feito estando nuas, com as partes pudendas à mostra no meio da praça pública, e não o soubéssemos. A verdade é que Madalena Micaia se encontrava estendida, coberta pelo *cardigan* de uma das irmãs Alcides, e não sabíamos que passo dar.

«O restaurante, Gisela, por favor, telefona para lá, Gisela, pode ser que venha uma ideia...»

Gisela, porém, disse-me – «Vais ver, Solange, que o acaso está consertado. Vais ver que de lá vão dizer-me que há muito tempo que não sabem dela. Talvez até me digam que *The African Lady* é uma invenção minha, que não é deles. Queres ver?» A *maestrina* discou aqueles números, falou, disse que só queria saber onde morava a Madalena Micaia, porque não tínhamos o seu endereço, e queríamos contactar urgentemente com alguém da família. Escutávamos o que se dizia como se cada uma de nós tivesse o auscultador nos ouvidos. Do outro lado, a voz de um homem respondia – «Está a falar do espectáculo? Quando vai ser esse espectáculo? Sabe se vão depois em digressão pelo estrangeiro?» Havia um desencontro naquela conversa. Não, no restaurante não sabiam de nada. Tratava-se do restaurante onde existia a fotografia de Madalena Micaia, aquela que lhe dera o epíteto de *The African Lady*, conforme estava escrito sob o seu nome, mas agora não sabiam de nada. O patrão queria saber em que sala iriam actuar. Muita gente que frequentava o restaurante estava interessada. Ia reproduzindo Gisela Batista para nós ouvirmos, atordoada, até que desligou. Uma lousa caía a nossos pés. O corpo de Madalena Micaia tinha-se transferido para dentro de nós em forma de absurdo e

aniquilava a nossa capacidade de discernimento. Sobejava a lei do instinto e ele iluminava em nós os impulsos da nossa própria salvação. Naquele momento, tínhamo-nos tornado caçadoras e ao mesmo tempo objectos de caça. Divididas por esse instinto de sobrevivência, precisávamos de nos desembaraçar da paralisia que nos estava tomando. As irmãs Alcides não saíam do perímetro da pessoa estendida, eu ainda tive a ideia de ir buscar um balde com água. E agora? Gisela veio na minha direcção e eu fui na sua direcção. Encontrámo-nos. Agora eu sabia qual iria ser o terceiro passo. Provavelmente deveria ter sido o primeiro, o único. Gisela ligou aqueles números cuja cadência eu já conhecia de cor, e falou. Falou pouco. Desligou. O seu terceiro passo deveria ter sido o primeiro. Passados vinte minutos, o Senhor Simon entrava na garagem. Gisela correu para ele e ficou muito tempo encostada ao seu ombro. Tanto tempo, que a certa altura o chapéu rolou e uma cabeleira farta, escura, revelou existir dentro do senhor Simon um homem mais novo. O local por onde o debrum do chapéu aderira à cabeça criava um vinco no seu cabelo. A grande mão do Senhor Simon consolava as costas trementes de Gisela Batista. Mas eu sentia vontade de me punir pela observação. A dois passos, atrás de um cortinado, uma pessoa tinha deixado de viver. Uma companheira nossa. Como era possível que os meus olhos se perdessem, naquele momento, naquela tão precisa e detalhada observação? Porque me entregava eu a essa cena de caça?

«Uma cadeira» – pediu o Senhor Simon.

Depois é que veio o advogado que não quis ver o corpo, apenas se interessou pelo saco de Madalena Micaia, que mandou esvaziar, e os seus documentos foram estudados. Cada objecto foi observado, sopesado, individualmente, expostos um a um, sobre o banco corrido como se tivessem sido capturados pela Judiciária. A situação

foi avaliada. O advogado, cheio de sangue-frio, disse que estávamos com um berbicacho entre mãos, e não era pequeno. E só passados muitos minutos e vários telefonemas a partir do seu telefone portátil, falou de uma solução.

Quando o advogado desapareceu, o Senhor Simon colocou o chapéu sobre o piano e acalmou-nos. Sim, a situação era deveras melindrosa. Sim, ele mesmo iria procurar a família da vocalista. Sim, só depois ele falaria com a polícia. Sim, convinha não se dar publicidade ao caso. Sim, convinha que não se falasse absolutamente nada sobre o assunto. Ele iria providenciar para que a família tomasse conta do problema. A família saberia como proceder. As famílias africanas sabiam muito bem como proceder com os mortos. Com os vivos, também. Quanto a nós, ele compreendia-nos. Éramos demasiado jovens para vermos morrer uma pessoa, uma companheira, e assim, naquela situação. Falava como um emigrante que andou por terras longínquas e apanhou vocábulos daqui e dali. Um português das roças de café, emigrante na África do Sul, emigrante no Brasil e depois no Canadá francês. Palavras distorcidas, uma daqui outra de acolá. Não importava, em semelhante situação, ele era apenas aquele que nos vinha salvar, mandando-nos para casa antes que fosse tarde, antes que as famílias dessem pela nossa ausência. Sim, dizia o Senhor Simon, ele não nos queria por perto. Jovens, tão jovens, não deveriam confrontar-se com uma situação tão dura. Acaso compreenderíamos o berbicacho em que estávamos envolvidas? Era preciso tomar cuidado. Ah! Muito cuidado. Ele tinha ali o carro e ia levar as irmãs Alcides a casa das suas tias, e depois voltaria para conduzir Solange de Matos até ao Campo Pequeno. Lamentava conhecer-nos em semelhante situação, mas tinha de ser. Mesmo junto da família, nem uma palavra, nem uma palavra, nem uma palavra. A menos que não se tivesse nenhum amor à própria pele, bem como ao projecto que

nos envolvia. As irmãs, lívidas, encostadas à parede, faziam a sua promessa de mudez. Eu também fazia. A pessoa morta, também. Os objectos espalhados, classificados, também. O próprio espelho, também. O silêncio cortava-se à faca. Aquele homem não precisava de repetir outra vez os seus conselhos, nós todas compreendíamos. Mas a partir daqui, é preciso omitir o que se segue.

Omitir, tal como aconteceria vinte e um anos mais tarde, ao longo da Noite Perfeita. Omitir até a realidade se transformar numa superfície lisa, parecida com uma folha em branco.

É preciso omitir a prontidão do Senhor Simon a conduzir as irmãs Alcides a casa, e a regressar para junto de Gisela, e Gisela a pedir-me que não me fosse embora. A apertar a minha mão na sua mão. É preciso esquecer a noite inesquecível. Nós duas dentro da garagem, aliás, nós três, pois Madalena Micaia continuava atrás do reposteiro. O advogado e o Senhor Simon iam e vinham, tinham de trabalhar durante a noite naquele assunto. Recebiam e faziam chamadas a partir dos portáteis do tamanho de canhões.

Pois como não? Como é que no dia seguinte poderia estar tudo pronto? Percebia-se que era necessário esperar pelo horário normal de trabalho. Assim foi. Oito horas da manhã. Uma carrinha de transporte chegou, só trazia o condutor e um ajudante. Ambos tinham rostos absolutamente normais. Primeiro carregaram as cadeiras, com uma grande azáfama, depois carregaram os caloríferos e uns bancos. A seguir, tentaram levar o reposteiro vermelho, contendo lá dentro Madalena Micaia. Mas o pano era frágil, não envolvia o objecto como se pretendia, as formas do objecto ficavam à vista. Foi necessário colocar esse volume dentro da carpete, enrolar a carpete, fazer o transbordo, cautelosamente, para o interior da carrinha da *Simon&Associados*. Ao sair pela porta, a carpete enrolada com o objecto lá dentro, parecia uma jibóia que

tivesse ficado empansada com a sua presa. E outras figuras do mesmo género que me passavam pela cabeça. Por isso mesmo, é preciso esquecer a grande carrinha a abalar rua fora, esquecer Gisela diante do frigorífico aberto, com uma garrafa de leite amarelado lá dentro, encontrada na primeira prateleira, já depois da saída daquele mobiliário. Esquecer Gisela a tapar os ouvidos, já que ouvia uma criança de três dias a chorar com fome daquele leite. De repente, os elementos mais comezinhos e banais assumiam proporções extraordinárias. É preciso esquecerê-los. Contados resultam patéticos. Vividos, inesquecíveis. Em suma, não podem ser referidos. Tal como na Noite Perfeita. Tudo deve terminar rápido, sem consequências. Ainda que, na minha memória sobre o que se passou há vinte e um anos, eles girem num círculo infundável. Gisela sentou-se diante do espelho, a olhar para a sua figura reflectida, e não queria sair da garagem.

Gisela só cancelou o espectáculo no Coliseu passados dois dias.

Foram as irmãs Alcides quem insistiu para que Gisela, ela mesma em pessoa, fosse ao telefone e dissesse que, uma vez que Madalena Micaia pedia um adiamento, nós adiávamos por ela. E havia alguma coisa de verdade nessa formulação da mentira. Era uma forma de prolongar a vontade que a Micaia sempre tinha tido de nos fazer companhia. Era uma forma de a mantermos viva. Mas as irmãs Alcides nunca chegaram a conhecer a verdade sobre o que se passou ao longo daquela noite. Elas próprias, desorientadas, nem se questionaram sobre a ausência dos móveis e as marcas do rebuliço que havia passado pela garagem. Julgaram que toda aquela família africana, expulsa pela onda da calema, estava com ela. E ela com a família. Gisela sabia que não estava. Eu também sabia.

Por que razão essa família nunca nos procurou?

Por que razão nunca surgiu alguém com uma criança à porta da garagem para nos acusar? Porque nunca houve um mandato de captura sobre Gisela Batista? Por que razão, nos primeiros dias de Outubro, o disco foi lançado e o espectáculo teve lugar no Coliseu, e o disco era melhor do que nós, e Gisela diria que infelizmente Madalena Micaia, *a voz* que tão bem se destacava nos solos, se tinha cansado de nós? Que havia desistido de nos acompanhar? E toda a gente achou natural, e nunca houve uma pergunta sobre o local onde estaria a viver Madalena Micaia, *The African Lady* do restaurante do Bairro Alto? Por que razão nunca ninguém apareceu a dizer – Minhas senhoras, é preciso rever este caso. Há aqui uma história muito mal contada. Porquê? Ao fim e ao cabo, porque as pessoas não valem nada, não são nada. Mesmo depois de uma vida intensa, e donas de uma boa voz, as pessoas podem desaparecer de um dia para o outro sem deixar rasto. Ou deixam um rasto que ninguém quer ver. Acontece a qualquer um, mesmo àqueles que tudo fazem para esculpir esse rasto. Mas eu só o soube muitos anos mais tarde.

## DEZASSETE

Se insisto na questão do esquecimento, é talvez porque nenhum outro assunto tenha sido tão importante quanto esse, ou talvez porque nem mesmo haja outro assunto. Na verdade, penso nos dias que se seguiram ao episódio decorrido no interior da garagem da Casa Paralelo, e creio que desse tremendo descuido, seguido de sonegação, não sobejou o mais ligeiro motivo que nos leve a concluir em sentido contrário.

Mas o que mais me intriga, passados vinte e um anos, é que todos tenhamos estado tão próximo dos mesmos factos, que cada um de nós sobre eles tenha tido acesso a informações diferentes, e que nunca esses dados se tenham cruzado. Já sobre o momento, essa era a preocupação que me preenchia os dias. Gisela sabia que o corpo havia saído da garagem envolvido numa carrete, por sua vez todo esse volume seguira entalado dentro de uma carrinha, entre várias peças de mobiliário como se se tratasse de uma mudança, e que os objectos pessoais da Micaia haviam sido colocados dentro de um saco de plástico, com as bandas agrafadas, tendo-se ouvido a porta da carrinha bater, por fim, de modo a confundir-se o seu rumor com os ruídos próprios da manhã. Eu sabia porque tinha assistido. A partir desse ponto, porém, só restavam perguntas.

Aquele embrulho tubular teria sido entregue a quem, depositado onde, em que condições? Eu suspeitava de vários cenários, todos eles extravagantes e incompatíveis com o que se deseja para o género humano. De resto, tudo o que Gisela dizia desconhecer, eu desconhecia de verdade. As sopranos julgavam que Madalena Micaia havia sido entregue à família, embora tivessem de dizer, para conveniência de todos, que a cantora dos *blues* havia desistido,

participando assim de uma outra forma de mentira. Por sua vez, Gisela explicou ao Saldanha, com o pedido de que difundisse como entendesse, que a cantora acabava de se despedir por questões relacionadas com a sua família, da qual faziam parte mãe, pai, numerosos irmãos e, por último, um filho. O Saldanha acabaria por dizer – «Boas razões tinha o Julião para suspeitar daquela pessoa...» O maestro entrou em estado de fúria, soltando punhadas em frente do piano. Ninguém deveria ter adiado coisa nenhuma. João de Lucena não soube mais do que o Saldanha e do que o Capilé. Mas soube por mim, e leu nos meus olhos que havia alguma coisa mais que eu não queria dizer. De resto, caminhando pela Avenida da República, de mãos dadas, ele achava que tinha sido um bem, adiar. Em toda a parte do mundo se adiam espectáculos e o céu não cai.

E assim terminava a ronda da informação sobre os factos.

No essencial, porém, nós quatro conhecíamos a circunstância e o corpo da catástrofe, rondávamos à sua volta atraídas pelo perigo que representava, e por isso quase não saíamos da garagem. E à conta de encobrirmos uma situação tão melindrosa, acabámos por trocar entre nós alguns dados que até então pareciam irrelevantes ou despropositados. Só por esses dias, por exemplo, acabei por perceber que a designação daquela casa se referia ao Paralelo Dez, em homenagem às terras de Cuanza-Sul. As roças de café arábico que haviam feito o seu proprietário próspero, nos anos cinquenta, eram atravessadas por esse círculo geográfico. A *Simon&Associados* estava encarregada da recuperação do prédio, tal como eu tinha previsto. E como sempre acontece na vida, aquilo que existia disperso e por acaso fechava-se num círculo a que se poderia, com algum discernimento, atribuir um significado. Assim, ao longo daqueles dias, esses e outros assuntos aleatórios começaram a ser invocados a despropósito. Fechadas na garagem, à espera que

surgisse um dado que esclarecesse o que havia acontecido, eu falei das mãos do aluno do meu pai agarradas ao taipal do camião, lá no Gurué, na madrugada da fuga, e da catana, essa arma que seria esperada nas mãos do aluno e não nas mãos do meu pai. Passado tanto tempo, estupidamente, eu sentia uma pena sem medida tanto pelo meu pai como pelo aluno que não sabia ler o *x*, e em vez de chorar por Madalena Micaia, soluçava pelo meu pai. A minha única consolação era a *Balada do chazeiro*, que num momento de fraqueza cantei junto ao piano. As minhas lágrimas chegaram a deslizar pelo verniz pretíssimo da caixa do instrumento, e a esse acto de consolação se chamava fazer o luto.

Em resposta, as irmãs Alcides contaram como, em setenta e cinco, tinham fugido num jipe, pela rota do Lobito, trazendo consigo apenas algumas roupas e um saco com mantimentos. Contaram como a cozinheira, a pedido da sua mãe, lhes havia metido um bom punhado de pedrinhas escuras dentro de um pão de farinha de trigo, e assim haviam passado as barreiras que os independentistas haviam erguido ao longo da estrada. Como haviam regressado a Luanda com esse pão endurecido, e como esse mantimento fora a salvação da família. Lembrava-se de terem partido o pão, numa pensão em Luanda, e de o gume da faca encontrar a resistência das pedras. Lembrava-se do grito de espanto da sua mãe que não acreditava que a cozinheira lá as tivesse colocado.

O seu pai, o Dr. Alcides, não tinha a certeza se deveriam tocar nos diamantes. Nani disse que alimentava a ideia de que um dia ainda alguém haveria de compor uma ópera intitulada *Pão com diamantes*, de que elas ambas haveriam de ser as intérpretes legítimas, em que a figura adjuvante haveria de ser aquela cozinheira que a distância havia tragado. Nani sentia saudades dessa pessoa de quem recordava a voz grossa e a barriga redonda, a entregar-lhes dois pães dentro de um saco de pano. Se ela e a irmã tinham feito o Conservatório e se encontravam ali, fora graças àquela cozinheira,

contava. Dez anos mais tarde, o seu pai e a sua mãe acabariam por ter tido um acidente, nessa mesma estrada, quando, estupidamente, tinham ido matar saudades dos seus lugares com uma câmara ao ombro. Porque tinham ido? Para que toda a gente, agora, pudesse dizer que o Dr. Alcides e a sua mulher andavam em busca de diamantes? A realidade nunca era uma esfera, por vezes era uma poça. Também choravam as duas irmãs, pelas suas próprias vidas em vez do motivo próximo. Ou então era o seu contrário – «Sim, *Pão com diamantes* deveria chamar-se a nossa história...»

«Porque não?»

E durante um momento as duas irmãs sentiam alegria. Maria Luísa lembrava-se de ter lido em alguma parte que tudo termina em canções. O fim natural de todos os episódios colectivos, alegres ou trágicos, são canções. Mas logo as irmãs Alcides reentravam na depressão. Entretanto, Gisela, aterrada, sentada ao piano, mostrava dificuldade em falar. Depois de um prolongado silêncio, a *maestrina* apenas contou como a sua mãe havia encontrado o Senhor Simon, quando tinham resolvido sair do Cuanza em direcção à África do Sul. Porque o seu pai, esse, a pessoa que lhe havia tirado aquela fotografia, quando ela era criança, ficara estendido uns metros à frente do terreno onde se projectava a sombra da palmeira. E Gisela apontava para a fotografia que revestia parte da parede do fundo. Ah! O passado, o passado que se cala e nunca está mudo.

Como vamos sair daqui?

Era final de Maio, a Primavera surgia radiosa iluminando a cidade, e nós ali dentro, naqueles dias que se seguiram, desenterrando o passado a propósito de Madalena Micaia. Gisela estava tão magra que parecia ter diminuído de altura. Ao falar do assunto, balbuciava – «Muito injusto. Já todos fizemos as pazes uns com os outros, há tantos anos, que este episódio que nos aconteceu aqui dentro mais

parece um fantasma vindo do futuro. Mas aposto que, se alguns soubessem desta tragédia, ainda haveria quem dissesse que foi uma história de vingança entre colonos e colonizados. Tudo termina em canções? Não, infelizmente, tudo termina em clichés. Vocês são testemunhas de que foi apenas uma história de gente, a história de um grupo vítima de uma mulher estúpida e sem escrúpulos, e essa mulher sou eu...» E Gisela queria punir-se, lembrando as exigências a que havia submetido Madalena Micaia. A balança, colocada sob a fotografia, apontava-lhe um dedo venenoso, uma agulha afiada na direção da *maestrina*. «Mas por quem esperamos?» – perguntava eu às vezes, imaginando Lucena a caminhar Avenida da República abaixo e eu ali. «Não seria melhor cada uma de nós voltar para sua casa, e pensar na sua própria vida?» As minhas companheiras achavam que sim e, contudo, permaneciam imóveis, à espera de um sentido para o que nos tinha acontecido. O clima tornava-se insalubre. O sentido não vinha em nosso socorro, eu deixava o sentido em paz, eu queria respirar ar puro.

Reagi, queria viver de novo. Queria fazer a prova de que havia mundo lá fora. Acaso o mundo miniaturizado não teria desaparecido de todo à força de ser esquecido? – Saía da garagem, regressava à hospedaria, o mundo ainda existia.

Passados dois dias, olhei para o relógio e o calendário puxou-me para dentro do mostrador persuadindo-me de que havia outra vida, ali a dois passos. Na Universidade, era a época de se medir a ciência acumulada ao longo dos meses, provas que resultavam em repetições dos pensamentos dos outros, exercícios que não passavam de cópias do que fora escrito há muito. Fui até lá. Dei uma volta pelo pátio, aquele mesmo onde as irmãs Alcides me tinham procurado oito meses antes, e senti que o território que vinha encontrar já não era a minha pátria. Como poderia eu invocar,

sobre aquelas folhas pautadas, uma história tão viva quanto a de Gisela Batista? Como poderia escrever as palavras necessárias para chamar de volta por Madalena Micaia, sobre as folhas que me estendiam, destinadas a que mostrasse os meus conhecimentos? Os meus conhecimentos, naquele final de Maio, eram da ordem de um outro mundo. Assim, quando o professor Castilho se acercou da minha mesa, eu estava a pensar no peito do meu amado, e na camisa branca que ele usava desapertada, onde eu agora enfiava o nariz para fungar devagarinho por causa do adiamento. Naquele momento, João de Lucena dizia-me ao ouvido – «A vida até tem perder, quanto mais adiar. O que é isso de adiar um espectáculo? Um adiamento não significa grande coisa...» E eu respondia-lhe enfiando mais e mais o meu nariz no seu peito. O professor perguntou-me – «Não escreve nada?»

«Uh! A minha vida, professor!»

«Vê-se, vê-se. Há quanto tempo não passava por cá? Escrever uma linha que fosse, seria uma ofensa...»

Pedi-lhe desculpa, esperando a sua severidade. Ele retribuiu. Recebeu a folha onde eu havia escrito *desisto* e fingiu-se distraído, enquanto a guardava na pasta. Era como se me dissesse – De facto, já não pertences a esta pátria, tornaste-te estrangeira. O meu nariz encontrava-se no peito do meu amado. Quando saí para o pátio, vi caminhar na minha direcção Murilo Cardoso. Vinha a ler um papel, muito interessado, dava passadas largas, muito lentas, andava, parava e andava, passou junto de mim sem levantar os olhos, no entanto, eu tinha a certeza de que havia dado pela minha presença. A sua indiferença era propositada. Quando saí pelo portão ainda ele estava parado a meio do pátio a decifrar alguma coisa e a sombra curta das quatro da tarde criava uma auréola gráfica em torno do seu corpo grande, suspenso do qual continuava a pender uma pasta. A sua figura esganada tornava-se mais densa, mais sólida, mais agarrada ao chão. Pensei nele como o carteiro do mundo, um

homem com duas pastas, carregando numa delas os libelos contra as mentiras, na outra a correspondência para avisar dos perigos, e corri pela Avenida de Berna fora à procura de um canto onde me sentasse. Mas a vida persistia em ser uma mestra explicadora, mostrando-me alguma coisa de surpreendente, com uma ordem exposta perfeitamente à vista, pois sentado na cadeira para onde eu me dirigia, estava João de Lucena.

Era claro, lógico, algébrico como uma raiz quadrada, que um número mágico me empurrava para João de Lucena. Dei um grito à porta do café, tão exagerado que o meu namorado se levantou da cadeira e veio tomar-me pelos braços. Ouvia-o dizer – «Vejo que andas abalada por causa do adiamento, mas isso não é nada. Adiar é apenas ter oportunidade de apurar. Tu vais ver. Toma isto, bebe isto, senta-te direita, olha para mim. De onde vens? Eu estou aqui à espera do José Alexandre para irmos buscar o seu tio. Que boa coincidência. Como se tivéssemos combinado...»

«Sim, uma boa coincidência.»

Ali mesmo, eu encostei de verdade a cabeça no seu peito e meti o nariz na abertura da sua camisa, de onde provinha o cheiro doce da sua pele, e dos pêlos do seu corpo, e dos músculos rijos da sua figura, um cheiro intenso, onde havia feno humano casado com o mistério dos bosques. Que botão, que estame, que noz havia em João de Lucena que me embriagava assim? Em que lugar do seu corpo estava encerrada essa substância que de si irradiava e me chamava de tão longe, com tanta força que me fazia passar pela Universidade, entrar numa prova de exame, desistir da prova, deparar com o meu antigo namorado de modo a despedirmo-nos para sempre, e de seguida entrar no café onde ele e esse íman poderoso estavam sentados, à minha espera? Tudo isso encadeado, de propósito para nos encontrarmos? Seria uma força desse tipo que orientava os pólos da Terra? Feita da atracção que mantém a inclinação Norte-Sul? Mas pára, pára, Solange, pensava eu. Ergue-te

do peito dele, levanta o nariz do tecido da sua camisa, e conta-lhe o que aconteceu.

Conta-lhe.

Ele vai dizendo – «Que boa coincidência. Vamos ficar aqui, à espera do José Alexandre. Aquele homem não sabe dar um volta sozinho, e hoje falta-lhe a Ana Fumaça. Então lá vou eu. Tem de tudo, o José Alexandre. Tem hotéis, cafés, lojas na Rua do Carmo, carros, casas, chorudas contas bancárias cujo volume de milhares aumenta todos os dias, e agora tem uma quinta que vai transformar em pousada. Ele não tem, mas tem o tio que fez dele filho. E como se costuma dizer, ao sobrinho farias o que ao filho não darias. Era para irmos os três, assim vamos os quatro. O que me dizes? – Eu tenho a minha cara encostada ao seu peito e digo-lhe, naturalmente, que sim.

Pois, como não? A minha vida é um intervalo e eu quero preenchê-lo com a matéria mais luminosa que existe neste mundo. O amor. A umas centenas de passos, faz-se uma prova sobre os efeitos dos amores de um tal Petrarca sobre a população do Ocidente e o sortilégio da moldura de catorze versos dentro da qual esse homem aprisionou os seus arroubos e suspiros, mas eu sei de outro amor, do vivo, porque ainda não escrevi, e ainda não morri, ainda existo. Eu posso preencher o meu intervalo com o amor, aquele que decorre no tempo e se pode tocar com a mão, acender, soprar, queimar, uma chama. Claro que lhe digo que sim. Pois o que hei-de dizer? Mas eu ainda não o disse, quando o grande carro do José Alexandre encosta no passeio, João de Lucena atira uns escudos sobre a mesa do café e ambos desatamos a correr para a viatura parada com os sinais intermitentes acesos. Também nós nos atiramos lá para dentro, e desta vez eu vou sozinha atrás, porque Ana Fumaça não veio. Ainda antes de arrancarmos, pergunto pela

Foggy. O José Alexandre responde – «A Foggy não veio, tem uma tia acamada. Lá foi ajudar.»

«Faz falta, a Foggy» – diz Lucena. «Faz-nos falta o seu fumo.»

«E o seu mau feitio, também. Às vezes é impossível, aquela rapariga. Ainda um dia destes cada um de nós vai ter com a sua mãezinha. É muito ansiosa, já viram os dedos dela? Todos tismados? Eu fumo, tu fumas, ele fuma, mas ela arde, é demais...»

Lembro-me como se fosse hoje.

Ali vai o grande carro a avançar lentamente entre os lentos, mas arrancando a grande velocidade mal tem uns metros livres, arrancando e parando sem o mínimo sobressalto. João de Lucena colocou uma mão atrás da cabeça e faz-me sinais. Eu sei o que quer dizer – Conversa de milionário. E eu vou bem. Tenho nos olhos a ressurreição impossível de Madalena Micaia, e tenho aquele olhar fingidamente indiferente do professor Castilho. Mas o que é isso comparado com a mão ossuda, feita de nervos rijos, que se volta para trás e aperta a minha mão? Não é nada. Eu não nasci para aquilo. Eu nasci para isto, diz a minha alma em estado de ebulição. De tal forma que nem dou por que estamos diante de um grande hotel da Avenida da Liberdade à espera que o tio apareça. É muito maçador o tio do José Alexandre, combina e depois falta. Então o grande carro vai passando do hotel que olha para a Avenida da Liberdade ao hotel que olha para o Tejo, e depois de apartamento em apartamento, e o tio nunca está. O pesado telemóvel anda na orelha do José Alexandre a tentar captar as coordenadas do tio, sem obter resposta. Por mim, podemos continuar, que eu sou indiferente à cidade que há muito se me tornou liliputiana. Que vão falando. Essa pessoa que tratam por tio meteu-se-lhe na cabeça apresentar ao mundo uma quinta com um soberbo casarão que irá transformar em pousada, combinou com o sobrinho irem verificar os trabalhos, e

agora não responde? Deixá-lo. Por mim, durante essa deambulação, só penso no direito indiscutível que Madalena Micaia teria de ressuscitar. Ainda aterrada, ainda estupefacta com o sucedido, penso que ninguém deveria morrer e deixar um filho de três dias. Um crime, um crime do Ordenador. Um crime sem perdão possível. Porque havemos de dizer que só os homens praticam crimes? A desordem onde nos encontramos metidos não será o fruto de um descuido equivalente a um crime? Claro que estou pensando em tudo isso, e ao mesmo tempo vou pedindo perdão pelo meu pensamento sacrílego. Porque não consigo afastar a imagem de Madalena Micaia? No fundo, tenho tudo para não precisar de continuar fixada naquele acontecimento da garagem, porque tenho comigo o meu amado, e os amigos do meu amado, e não consigo afastar o episódio em que estamos envolvidas. Mas devia. Agora mesmo o José Alexandre está a elogiar-me, e a desfazer um tanto inconvenientemente de Ana Fumaça, está a expor os seus defeitos numa forma indelicada, a falar da sua preguiça, da sua soberba, da sua mania de fumar demais para atrair sobre si os olhares. Está a dar-me como exemplo de discriminação, até no fumo. A Foggy precisava de apanhar um susto, eles precisavam até de se separar durante uns tempos. A solução seria ir cada um para a sua mãezinha – «Já tens vinte anos, Solange?»

«Faço em Agosto.»

«Ah! Agosto, o mês dos vencedores. Fazes vinte anos, eu faço quarenta e um.»

A Foggy, pois, em que mês faz anos a Foggy? O José Alexandre quer recordar-se e só se lembra dos aniversários das namoradas precedentes. João de Lucena conhece-me, já colocou a sua mão atrás da cabeça e oferece-me. Eu encosto a minha cara à sua mão, e nem dou por que nos aproximamos da hospedaria ao Campo Pequeno. O que eu queria era poder contar a João de Lucena o que se passou na garagem, mas não posso. Ele diz-me – «Todo o juízo

do mundo, nesta cabeça, todo o juízo...» Encoraja-me Lucena, amável, paterno, compreendendo que existe um desgosto qualquer para além do adiamento – «O que se passa contigo?» Eu não falo do sucedido, não só porque não devo, mas também porque não quero que se misturem no meu pensamento duas realidades opostas – A morte que levou a Micaia dentro de uma carrinha, e a vida que irradia de uma pessoa chamada João de Lucena. Nem tão-pouco no interior duma frase eu os quero associar. Se escrever Micaia numa linha, terei de escrever João de Lucena numa outra linha, de uma outra página. Talvez por isso eu tenha dado um salto de alegria quando João de Lucena anunciou – «Solange, amanhã venho buscar-te para irmos a Sete Rios. Vamos?» E o meu namorado anuncia que não vai ser agradável porque se trata de ir ajudar numa tarefa muito concreta, uma ninharia simbólica que se transforma, segundo o mundo da mãe, num dos doze trabalhos do Atlas. Enfim, uma coisa de jardim, uma tolice. Vamos, vamos, sim.

Ele não pode imaginar a dimensão da minha alegria.

Fomos. Lucena não avisou e é o rebuliço. Só a mãe está vestida e arranjada, a avó não está, são três da tarde e ainda vagueia em *robe de chambre* pelo quintal da casa. Damos logo por isso pois o quintal é o local para onde nos dirigimos, e de onde vimos expulsar a avó, apanhada em desalinho. Mas João de Lucena tem alguma pressa. O jardim é sombrio, a parede de trás é alta e por ela amarinham molhos de trepadeiras e há tufos de roseiras embalsadas. Esse é o problema da mãe. Há muitos anos que o seu filho não está em Portugal pela Primavera, ela acha que foi desde a *Giselle* com o Baryshnikov, mas agora que ele está em Lisboa, ela quer pedir-lhe que faça o que é necessário fazer – que pode aquelas roseiras.

«Mãe, não pode ser, elas estão em flor.»

«Mas tu podas, filho, tu podas cortando assim, assim...»  
«Não podos, mãe, tu já não me ensinas nada nesta vida, mãe...»

Ouços-os discutir, e ainda que tudo se passe em voz muito baixa, percebo como são semelhantes, como são firmes. Graças a Deus que vim. Eu, que estou preparada para limpar o jardim, munida da vassoura e do alcofão para as folhas, sinto-me feliz. Eu queria ouvir durante toda a vida aquela discussão, aquela luta entre mãe e filho. Tão bela, aquela batalha. A treliça já foi verde mas agora está castanha, e agarradas ao xadrez das tábuas estão folhas secas. Nas mãos de Lucena aparece um escadote, mais duas tesouras de jardim, e nós dois entregamo-nos à limpeza das folhas mortas. É difícil reproduzir essa tarefa doméstica, impossível falar da minha alegria, da alegria da mãe ao ver as gavinhas velhas caírem, ao ver reunidos os ramos de rosas de tocar que rescendem a Primavera, aquele é o dia mais feliz da vida. Eu conheço odes, algumas delas lia-as como exercício, e que me lembre, no seu conjunto, todas elas acabavam por aconselhar a colher o dia.

Colhe o dia, colhe aquela tarde. A avó já lá está em baixo, arrumada à bengala, a ver-me subir e descer. Quando passo por perto, na azáfama da poda, ela olha-me no rosto, como se a minha cara fosse uma agulha e nele a avó pretendesse enfiar uma linha. Quando subo, espreita-me de olhos fechados, como se estivesse na praia a olhar para os barcos. A certa altura, ao descer, passa-me a mão pelas pernas. Lucena perde a compostura e começa a gritar – «Avó! É demais, não é? Não se pode dar confiança à minha avó que ela abusa.»

A mãe de Lucena afasta a sua mãe devagarinho na direcção da mesa de ferro que já foi branca e está presa ao chão no centro do jardim. A mãe de Lucena está a colocar cadeiras à volta da mesa. A avó telefonou e agora aí vem a sua filha Clarisse com as tias. Não tarda muito que a irmã da mãe e as três irmãs da avó surjam na

porta do quintal e se sentem à mesa. Um friso de cabelos azuis está exposto ao sol da tarde. A avó exhibe o nosso trabalho – «Eu não disse à Clarisse que a jovencita estava cá? Vocês é que não acreditavam. Pois aí têm. Podem ver o trabalho que ela fez. Sabem? A jovencita foi camponesa...»

«Pare com isso, avó!» – grita o meu amado.

As seis mulheres reclinam-se sobre a mesa onde existe agora um jarro com uma limonada, e uns bolos de arroz em papel enfaixado. Várias vozes dizem ao mesmo tempo – «Ah! Desculpa.» E faz-se silêncio. O meu namorado está irado, olha para mim como se quisesse retirar-me da leprosaria. Está visto. Ele exerce uma tirania sobre aquelas mulheres, aquelas mulheres exercem uma tirania sobre ele, mas eu gosto daquela relação vivaz. Ela é justa e amável, ela canta alguma coisa que me invoca um friso familiar numa marcha nupcial. Eu gostaria de ficar presa para toda a vida naquele jardim onde os limos verdes do Inverno estão passando a cinzento, e as rosas resplandecem de encontro à treliça, ouvindo as vozes daquelas mulheres apresentando-me o seu príncipe. Eu coloco os meus dedos sobre os lábios do meu amado, e ele consente que lhe cale a ira. Fecha os olhos. A avó não se contém ao ver-nos nessa intimidade. Como se fosse uma criança, bate as palmas e só pára porque a sua bengala sai da mesa e rola pelo chão.

«Pam!» – faz a bengala da avó.

É então que a avó diz às irmãs – «Manas, contem aquilo à jovencita.»

«Jovencita, está a ver além aquela janela do primeiro andar? Dali nos vieram retirar os bombeiros, já lá vão quase trinta anos...»

«Ah! Sim?»

«Sim! Venha connosco, vamos mostrar...»

As três tias-avós levam-me pela escada e pelos corredores até ao mencionado quarto e aí começam a explicar, como se estivéssemos perante um cenário de batalha que fosse preciso designar peça a peça – «Quando perdemos os maridos, começámos a vir para cá, para Sete Rios, para a casa da nossa irmã. Vínhamos ao sábado, regressávamos à segunda. Eu ficava aqui. Ela ali, aquela outra minha irmã, além, as três neste quarto. Numa segunda-feira acordámos e estávamos trancadas por fora, não podíamos sair do quarto. A chave não estava em lugar nenhum. Eu aqui, ela ali, a minha irmã além. Esperámos três horas, aqui fechadas, até que vieram os bombeiros retirar-nos pela janela. Perdemos o comboio. Sabe onde estava a chave? Tinha-a o João levado com ele, para a escola, para nós não nos irmos embora. Estou a vê-lo, muito pequenino, a meter a mãozinha no bolso, e a mostrar a chave – «A chave está aqui!» Porque fizeste isto, João de Lucena, porque levaste a chave das tias-avós? Perguntou-lhe o pai. E ele respondeu – «Porque eu gosto muito das minhas tias...»

«Eu dormia aqui, tu ali, e ela além...»

«Vá, vá lá para baixo, jovencita, que o João não gosta que lhe lembremos o seu passado...»

Mas antes de descermos, as anciãs querem perguntar-me alguma coisa de muito especial. Cercam-me, tocam-me, uma delas pergunta-me – «Quantos filhos vocês querem ter?» Estamos as quatro entaladas entre portas, e elas insistem, em voz baixa, agindo clandestinamente. Entre dentes, uma pergunta – «Dois? Três? Mais de três não, que eles dão muito trabalho, agora os filhos custam muito dinheiro. Uhh!..» Os seus rostos estão fixados no meu, um deles tem severidade até, dois deles estão embevecidos, presos das minhas palavras. Os lábios de uma das tias treme – «Ainda não falaram no assunto?» À medida que eu lhes respondo, em voz baixa, elas vão acalmando, vão repetindo o que lhes digo, vão preparando as bengalas para descerem as escadas, vão devagarinho. «Muito

bem!» Uma delas conta à jovencita – «Aqui há uns meses, uma americana veio atrás dele, até dançava com ele lá na Companhia Nacional de Bailado, ela não o largava, mas ele não a quis...» Lá em baixo, no *hall*, há quem desconfie de tanto sussurro. O que se passará lá em cima? A tia Clarisse encontra-se aos pés da escada para me entregar um embrulho com um resto de bolos. A mãe de João de Lucena está junto da porta, com o grande ramo de rosas que nós tínhamos colhido para as suas jarras, mas faz questão de ficar apenas com umas quantas hastes – «Levem para vocês! Vá, levem, levem...» Como se nós fôssemos dormir para o mesmo lugar.

É tão cedo e já temos de partir?

Não me apetece ir embora. Porque temos de ir? Na casa de Sete Rios, nós dois estávamos no mesmo lugar. Ali, a casa era tão grande, havia tantos quartos, os lençóis tinham tantas rendas com monogramas bordados, havia porcelanas para todas as ocasiões, havia sofás, cadeiras geminadas, havia aqueles olhos todos fixados em nós, alguns deles com manchas brancas sobre a íris, a enviarem-nos infintos recados de amor. Porque não ficávamos ali, porque não íamos dormir sobre a cama que fora da sua mãe e do seu pai? Que estava abandonada, intacta, como um trono parado, no meio dum quarto forrado de papel com flores? Mas porquê? Porquê, Solange? Por que razão ele não se decide? Eu estou vestida com umas calças de ganga e uma blusa de riscas, mas não é verdade. Eu estou deitada no chão, nua, descalça e enfaixada como a jovem do fotógrafo Manuel Alvarez Bravo, *La Buena Fama, Dormiendo* desde 1938. Há exactamente meio século. Estou à espera de João de Lucena. Tenho as mãos atrás da cabeça, tenho os olhos fechados.

Mas João de Lucena desespera diante da mãe e da tia, fica farto da casa de Sete Rios, precisa de caminhar, correr. Sempre que dali sai tem a ideia de que nunca mais vai voltar. Naquele momento, ele

gostava de ir viver para a cidade mais populosa da Terra e também a mais distante de Sete Rios. Qualquer coisa como Tóquio, Hong-Kong, Ulan Bator, cidades mais longínquas e estranhas do que Nova Iorque, só para não ouvir a sua mãe e a sua avó. E engrandece a palavra *chatas* atribuindo-lhe o papel duma granada. Chatas, chatas, não pode mais. No entanto, à medida que caminhamos, a ira de João de Lucena desvanece-se, ele começa a rir do assunto. Deixá-las lá estar. Esquece. João de Lucena concentra-se sobre o que o rodeia, diz que a marcha é o melhor exercício que existe para a mente e para o corpo. Onde ele tem habitado, as pessoas levam para o trabalho os ténis pendurados ao ombro para poderem trocar de sapatos ao fim do dia e marcharem uns quantos quilómetros, quando à noite regressam a casa. Nona Avenida afora.

«É mesmo?»

A linguagem de João de Lucena é saborosa, e à vista nós devemos ser agradáveis. Percorremos as avenidas, ao fim do dia, e os transeuntes com quem nos cruzamos encurtam o passo para nos verem passar. Levamos connosco o ramo de rosas da mãe, e quem segura nas flores é ele. Passamos pelo engarrafamento do Campo Grande cerca das oito horas. Contornamos os carros, caminhando uns trinta centímetros acima do solo. Estamos treinados, não tocamos o chão com os pés.

Nesse dia, como nunca antes, custa-me desprender-me daquele homem. Porque não sou franca, porque não lhe conto a verdade? Não lhe digo que tenho um saco pronto, à espera que ele me chame? Ouço-o dizer – Minha querida, hoje mesmo, esta manhã, esta noite, vamos sair só os dois, vamos passar um dia aqui, ou além, ou naquele outro lugar? Longe dos diletantes, longe dos três carros, longe de toda a gente? À espera que isso aconteça, dentro do saco, eu tenho objectos que imagino úteis para uma fuga dessa natureza. *La Buena Fama, Dormiendo* tem-me dado boas ideias. Mas vestir-me-ei de branco por baixo e de preto por cima? Ou devo vestir

ao contrário? Preto por baixo, e branco por cima? Por vezes, tenho pena de não me vestir de branco por cima e por baixo como as noivas de antigamente. Tenho pena de ter alguma roupa por cima, tenho pena de não estar nua. Na realidade, estamos a despedir-nos diante da hospedaria e ele entrega-me aquele molho inteiro de rosas – «Toma, são tuas, são para pões no teu quarto.» Eu tenho a ideia de que estamos sobre um palco e que toda a improvisação é permitida.

«Mas onde moras tu?»

Pergunto-lhe à queima-roupa, assim, sem aviso prévio.

Eu própria estou surpreendida, porque não só nunca lhe fiz a pergunta, como também nunca me interessou saber onde morava João de Lucena. Quem ama só vê o essencial, e o essencial dispensa as circunstâncias grosseiras como seja o local onde a pessoa se deita. Aliás, a pessoa que amamos não se deita, apenas passa algum tempo dormindo. E agora, ali estava a estúpida pergunta que eu não deveria ter feito, repassada de coscuvilhice e mal disfarçada ansiedade. Ele segurou-me no braço com força. Pela forma como me segurava, eu percebia que João de Lucena sofria – «Imagina, Solange, que não me pagam na CNB, nem no São Luís, nem em parte alguma. País de caloteiros, país de pedintes e desavergonhados. Se não fosse a Gisela, eu já teria voltado para o Upper West Side, lá no meu canto. Grandes ladrões, grande cambada...» João de Lucena estava muito ralado. Indignado, fazendo passos para cá e para lá, em frente da hospedaria. E eu, porque lhe tinha eu feito semelhante pergunta? Como era possível que eu tivesse cedido assim, abruptamente, no final daquele dia, à minha torpe curiosidade? Desculpa, João de Lucena, desculpa. Estávamos diante da porta entreaberta, e eu não conseguia separar-me daquele homem, não conseguia entrar – «Não tens culpa nenhuma, minha querida. Para mim, desde que te conheço que estás perdoada. Mas se queres saber, moro com a Foggy e o José

Alexandre. E aqueles dois dão-me conta da cabeça...» Que bom que me tenha dito. Eu não precisava de saber, mas já que contou, contou. É como se não tivesse contado. O meu amado vive dentro de mim, não mora em lado nenhum. Fechei a porta devagarinho, uma frincha estreita, vendo o seu braço acenar.

Eu amava João de Lucena.

## DEZOITO

Durante a noite, eu permanecia nua, enfaixada, deitada no chão à espera, e mesmo assim o dia seguinte chegava. Agora, quando o telefone da entrada tocava já não era o Murilo Cardoso quem me vinha chamar entregando-me o aparelho. Eu mesma ia atender, despida, nua, deitada no chão, à espera, pensando que era João de Lucena. Mas daquela vez quem estava ao telefone não era ele, era Maria Luísa Alcides. É preciso encarar a realidade.

Quem fala do lado de lá é a *mezzosoprano*, marcando encontro na garagem para daí a dois dias, e querendo saber se eu irei estar presente ou não. A pergunta justifica-se porque Nani continua a sentir-se em pânico, e ela própria, Maria Luísa, também ainda não se reconciliou com os factos. Como eu também não me reconciliei, ficamos muito tempo a trocar palavras vagas, carregadas de omissões e silêncios. Ali, ao telefone, não o posso dizer, mas continuo a rever todos os passos daquela noite e daquele dia dezassete de Maio como num filme em sessão contínua, e sempre chego à conclusão de que eu mesma teria procedido tal e qual como Gisela Batista – No seu lugar, eu teria retirado a banana da mão da Micaia, atirando-a para o lixo, ter-lhe-ia dado uma refeição frugal ao almoço, teria pedido que se entregasse de alma e coração ao canto, ter-lhe-ia exigido que tomasse aquele banho prolongado para seu conforto e de todas nós. Sim, eu teria procedido da mesma forma. Por isso, se Gisela se sente culpada, eu também me sinto, também eu posso gritar que a matei, também eu posso querer chamar a polícia e pedir que se erga em frente da garagem uma forca para o meu pescoço. Não admira que no dia seguinte eu sinta uma tristeza sem fim, ao avançar na direcção da Casa Paralelo e, nesse

sentimento, não me encontre sozinha. Quando entrei na garagem, encontrei Gisela e as irmãs Alcides desfeitas em lágrimas. Apaguei o cigarro. Pus-me de joelhos. Juntei-me ao coro pranteado. As minhas palavras misturaram-se com as suas. Gisela, sobretudo Gisela, estava inconsolável, dizendo que chorava por Madalena Micaia havia oito dias consecutivos – «Ela foi dormir durante duzentos milhões de anos, foi dormir para todo o sempre.» Disse Gisela, completamente arrasada. Nani ergueu os seus olhos e também estavam vermelhos – «Pois é esse *todo o sempre* que uma pessoa não consegue aceitar. Se houvesse ao menos alguma coisa que interrompesse essa eternidade, se houvesse...» Estávamos todas roucas, incluindo Nani. O silêncio tomava-nos.

Passado algum tempo, ouviu-se dizer na garagem – «Sem dúvida que tem de haver alguma coisa que possua o poder de interromper a eternidade. Pelo menos, se desejamos muito, ela tem de existir. Se não, como se justificava o nosso desejo...» Era Gisela chorosa, procurando lenços nas algibeiras da sua blusa e nos punhos das suas mangas. Depois a *maestrina* assoou-se, e nós assoámos-nos, ela passou um toalhete pela cara, e nós fizemos o mesmo e encarámos-nos, desfiguradas. E agora, o que nos espera?

– Perguntámos-nos em voz baixa.

Gisela tomou alento.

Recompôs-se. Estávamos sentadas em frente do piano e os nossos corpos apareciam reflectidos no espelho. Se pensávamos nessa duplicação, o nosso sentimento de culpa também duplicava. O espelho era um objecto de tortura. Gisela chamou a si a força da razão, a sua capacidade de coerência, o seu discernimento, e pediu que procedêssemos de igual modo. Naquele caso, uma de nós tinha desaparecido e talvez fosse necessário, agora, colocarmo-nos na sua perspectiva transfigurada, para compreendermos alguma coisa da

nossa própria vida. Talvez fosse essa a melhor homenagem que poderíamos fazer a Madalena Micaia, tentar ver o mundo a partir do seu olhar esclarecido pela desencarnação.

«Mas como, como?» – perguntou Nani.

Gisela não sabia como, apesar de tudo, ela supunha que se nos concentrássemos, talvez conseguíssemos ver um pouco mais claro. Ela disse – «Vamos por partes. Se pensarmos de forma lúcida, o que poderemos concluir? Que se uma de nós morreu, e todas nós sentimos que morremos um pouco com a sua pessoa, então ela ainda está viva para nós, e por isso em parte ela sente como nós, e logo em parte ela quer o que nós quisermos. Mas nós ainda estamos confundidas, ainda não sabemos o que queremos. Ela, a parte dela em nós que não morreu, ela sabe. A perspectiva da nossa companheira desaparecida diz-nos que uma pessoa que foi capaz de se entregar a um sonho da forma tão exclusiva como ela o fez, é porque acreditava em si mesma e em nós, e tinha feito da nossa música a sua própria causa. Ela diz-nos que não podemos continuar de braços cruzados.»

Levantámos a cabeça, encarámo-nos.

Sim, era muito belo o que dizia Gisela e, no entanto, demasiado confuso. Parecia que uma parte da pessoa desaparecida estava em nós, e uma parte de nós estava nela, como se isso fosse possível. Ela tinha falecido ali, naquele preciso local, o seu corpo tinha abalado e nós tínhamos ficado, logo, nós não éramos ela. Era difícil de compreender. Eu perguntei – «Pelo amor de Deus, o que queres dizer com isso, Mimi?»

A *maestrina* demorou a responder, assoava-se – «Estou só a tentar sugerir que se nos colocarmos na perspectiva de Madalena Micaia, ou se pelo menos nos imaginarmos junto dela, ouvi-la-emos dizer para não baixarmos os braços, para continuarmos, para não prolongarmos esta pausa. É isso que a sua imagem além, naquele

lugar, nos está a dizer...» Gisela estava abatida, acabava de fazer trinta e um anos, mas naquele momento parecia ter muitos mais, e percebia-se que era tão genuíno o seu sofrimento como genuína estava a ser a sua decisão. Pois a decisão que ela imputava a quem havia desaparecido era a sua decisão e aquela era a forma de nos convocar e nos fazer reagir. Gisela era uma mulher admirável. Como sempre, o desgosto abatia-a mas não a impedia de ser inteligente. Nós, em fusão com a companheira desaparecida, e ela em nós, formávamos uma bela metáfora.

«Tão complexo...» – disse Nani.

«Tão simples» – disse Gisela. «O que eu quero dizer é que a presença da nossa companheira encontra-se por toda a parte, e está a perguntar – “Ainda não recomeçaram? Então para que serviu a minha vida?” E a sua sombra vem até nós e pede-nos explicações. Pela minha parte, estou pronta para lhe dizer – “Atrasámo-nos um pouco, *African Lady*, mas já aqui estamos.” E vou sorrir de encontro à parede de onde parte a sua voz, e vou levantar a minha chávena à altura dos olhos para que a sua sombra se reveja na nossa alegria e se faça luminosa. E em seu nome deveríamos rir-nos umas para as outras. Mas eu compreendo que vocês possam não sentir o mesmo que eu. Somos diferentes, e a diferença vê-se muito mais perante a infelicidade do que na hora da alegria. Eu sei bem.»

Maria Luísa recomeçou a chorar – «Eu também quero dizer o mesmo. Eu também quero recomeçar e quero ter coragem. Já tinha posto de lado o *cardigan* com que a cobrimos, mas agora vou voltar a usá-lo. Se me distribuírem os seus solos, irei fazer o meu melhor, irei sim. Porque ela está aqui, está ali, está a olhar para todas nós...»

Tudo se passava rápido. Não tínhamos connosco nenhuma bebida alcoólica nem copos adequados, mas fizemos um gesto de libação, alegres de tão tristes. Atrás dos copos imaginados, estavam os nossos olhos lacrimosos, e os olhos de Gisela surgiam vermelhos e

desmesuradamente grandes. Eu não queria observar esses detalhes, naquela circunstância, mas não podia deixar de ver que ela tinha perdido pestanas e as que possuía, embora fartas, eram agora mais longas e finas. Como se estivessem esticadas e coladas umas às outras pelo sal das lágrimas. Todo o seu aspecto era o de alguém cujos pigmentos da juventude tivessem desmaiado, de modo a defenderem-se por um tempo indeterminado. Havia uma espécie de hibernação do seu fulgor corporal. E contudo, a minha convicção era a de que a sua parte anímica, por contraste, se reforçava. O meu olhar vagueava em volta e encontrava sinais desse reforço em vários cantos da garagem.

Sim, havia vários sinais.

O que significava que a sua reanimação não acontecia naquele momento, já vinha de dois ou três dias atrás, pois os cortinados vermelhos haviam sido repostos e a fruta exalava perfume na cesta da entrada. Até a cafeteira, sempre rodeada de borras, tinha sido arrumada e limpa, e parecia nova. Os móveis que haviam partido com a carpete jibóia, todos tinham regressado, à exceção da carpete. Isto é, Gisela tinha-se prevenido. Incluindo aquele discurso no qual a invasão do corpo transfigurado fazia explodir uma nova lógica, havia sem dúvida sido preparado. A minha admiração por Gisela Batista, que sempre era imensa, crescia. Eu olhava para a fotografia impressa ao fundo, onde Gisela surgia em formato de criança, só para tentar ver se descobria nela os traços prévios do vencedor, e até os via. Via-os no rostinho largo sorrindo debaixo da aba do chapéu, protegida do sol a incidir sobre a parede branca. Via-os na sua boca rasgada e carnuda anunciando uma relação intensa com o mundo. A sua força ali estava, mais uma vez, atestando-o. Não, não. Gisela estava enlutada, mas não parecia abalada, e muito menos vencida.

A prova é que Gisela nos estendia taças de chá, e entre elas surgia alguma coisa revestida de cartolina em formato quadrangular. Surgia assim, sem anúncio nem alarde. Aquela a quem chamávamos *maestrina*, e não havia outra palavra à altura que melhor a designasse, retirou o conteúdo do interior daquele envelope ainda improvisado, e levou-nos até ao *pick-up*. Nós compreendemos de que se tratava. Sim, era isso mesmo – Estávamos diante de uma das primeiras cópias do nosso disco ainda por encapar. Não falávamos, sucumbidas de solenidade e de medo pelo confronto com a realidade. Sentadas diante da caixa de música, ouvíamos-nos em silêncio. O silêncio, a circunstância, a tragédia que aquele recinto testemunhava deixava-nos sem fala, mas no fundo estávamos, sobretudo, emocionadas com o nosso trabalho e o nosso próprio talento. Apertámos as mãos, sentadas no chão, diante da aparelhagem de tampa levantada. «Ouçam» – disse Gisela «Ouçam o que se segue...»

Gisela pedia atenção para a voz de Madalena Micaia fazendo solo em *Era um porto, era uma gare*, e para o destaque no refrão cantado em ritmo travado, bem swingado, em *Quero que o bicho / Da saudade / Tenha uma morte feliz*, e assim por diante, até que chegou a vez do tema a que chamávamos *Afortunada*. Reforçado pelas manigâncias electrónicas, o texto surgia fino, a orquestração translúcida, som e letra eram só um, a simplicidade de um fio de água de que tanto se fala e tão pouco se alcança, e evidentemente que ainda íamos a meio e já sabíamos que não poderíamos parar. Aquela a quem chamávamos Mahalia Jackson da Amadora reclamava-o ali, mais do que em alguma outra frase de qualquer outro tema. A sua presença, durante um instante, foi onnipotente. Gisela abriu os seus longos braços e perguntou, dirigindo-se a nós como a crianças – «Para alguma de vocês ela partiu?»

«Não!»

«Para alguma de vocês *The African Lady* vai voltar?»

«Ela está sempre a voltar, ela não partiu.»

«Então amanhã, às três, aqui, neste mesmo recinto.»

Claro que ela não partira. Havia vários outros traços evidentes a atestarem como não partiria – No vestiário, naquele mesmo lugar onde eu tentara apagar a prova do nosso delito, munida de uma esfregona, e os baldes de água castanho-rubra haviam sido muitos, a figurinista já tinha vindo pendurar os nossos fatos. Metidos em invólucros de plástico, eles dançaram nos cabides quando afastámos a cortina cinzenta. Supostamente, Madalena Micaia queria que assim fosse. Estava certo, era lógico como dois e dois serem quatro. Quando chegou a esse ponto, e os fatos pendurados nos devolveram uma estranha imagem de Carnaval, Nani ainda se sobressaltou, perguntando se o que estava a acontecer seria justo, se acaso não estaríamos a vampirizar o que restava de Madalena Micaia, se aproveitar uma suposta mensagem da pessoa desaparecida para prosseguir como se nada tivesse acontecido, não seria injusto. A dado momento, Nani tinha dito que caminhávamos alegremente sobre um cadáver e não nos importávamos, e quis saber como tinha sido a reacção da família africana, e onde estava o bebé. Havia mesmo chegado a detalhes pouco próprios, como exigir saber que leite tomava a criança, e onde dormia, e onde era o seu domicílio. Era incrível, aquela Nani. Quando a situação já estava em vias de serenar, Nani punha-se a dizer – «Eu exijo uma explicação, eu quero lá ir ver com os meus olhos...» E parecia excitar-se com as suas próprias dúvidas, como se tivesse de súbito rodado o manípulo de uma torneira dramática que até então se encontrasse vedada. Ali vinha a volúvel com uma intenção de inquérito pericial, inclusive com a ideia peregrina de que poderia vir a dar com a língua nos dentes, poderia vir a dizer em público que a Micaia não se tinha ido embora para a sua terra, mas sim que tinha morrido ao sair de um banho prolongado nos lavabos da garagem.

Nós estávamos aterradas com aquele desmando de Nani. Depois de tanta conversa em voz baixa, tanto choro, tanto chá, tanta música por nós mesmas cantada, depois de tudo isso, Nani, a volúvel, a não fiável, já quase no final, queria inverter toda a pacificação alcançada. O espelho do fim do dia de Junho, liso e brilhante, a superfície de um lago, multiplicava a nossa apreensão. Maria Luísa Alcides dizia – «Irmã, tu tem tento na língua, tu vê como falas...» Mas Gisela Batista, temporariamente envelhecida, não precisava de muitos mais argumentos para além daqueles que já lhe eram conhecidos. Tomou o comando, pressionou-o e a porta começou a escorregar. Abriu-se de par em par. A tarde de Junho entrou por ali dentro, formosa. A rua era uma pintura metida num quadro, uma pintura com árvores. A porta estava escancarada para a rua. Quem quisesse sair, seria só dar um passo, virar as costas e ir-se embora. Gisela não falava, mas era como se dissesse – Aqui não se prende ninguém. Quem desejar ficar, conhece as regras. Ainda não deu nada quem ainda não deu tudo. Quem para si guarda uma parte que deveria dar, começa por a si mesmo se roubar. E assim por diante. Eu sabia, eu conhecia Gisela Batista. Ali estava ela, em pé, no vão do quadro pintado pelas árvores a exigir de novo o nosso compromisso. Gisela falava, falava na direcção de Nani.

Eu só me perguntava onde iria Gisela buscar aqueles discursos tão sólidos. Em que colégios teria estudado? Era uma formação adquirida na África do Sul? Num colégio de Montréal onde se ensinasse um método para o discurso? O raciocínio que acabava de expor, no vão da garagem aberta, apresentava-se-nos indestrutível como uma emanção radioactiva. Que alguém experimentasse destruí-lo por compressão de milhares de toneladas, não conseguiria. A própria Nani deixou-se ficar. Não se moveu. A porta voltou a fechar-se diante daquelas árvores, o nosso mundo duplicado pelo espelho refez-se, e nós entrámos de novo no espírito

da expedição. No final, alguém disse – «Querida Gisela, ainda bem que recomeçámos. Uf! Já tardava.»

Quem o disse, fui eu.

Então o pano começou a correr sobre Madalena Micaia.

O luto em redor da nossa companheira com voz de *jazz* passou a ser muito mais uma questão de pânico pela mentira em que envolvíamos o seu desaparecimento, do que pela ausência da sua pessoa. A pressa de encontrar substituta ocupou o espaço que pertencia à sua imagem. Em breve nós ficámos envolvidas na ansiedade da sua substituição, e até mesmo Lucena, que ignorava o que se tinha passado no lavatório da garagem, estará presente na audição de uma nova cantora e aprovará.

A substituta é uma rapariga baixa e forte, que provém do Conservatório mas também deseja fugir do eco dos seus corredores sombrios. Escutando-a não se poderá deixar de pensar que é uma substituição razoável, quando Gisela estender o braço e disser ao mundo que ela está ali em vez de Madalena Micaia. Lucena, porém, mudará a coreografia ao longo do mês de Junho, porque a nova composição revela uma outra morfologia dos corpos e obriga a reajustamentos drásticos. Lucena e o maestro Capilé estão de acordo – A grande novidade é que Gisela, o corpo de Gisela, a pose madura de Gisela, levará a que a *maestrina* se isole como primeira figura no palco. Nós estaremos todas de acordo, temos sete meses de trabalho em conjunto, já somos uma velha guarda, a questão será a expectativa criada ao novo elemento proveniente da formação clássica e que não gosta de corredores sombrios mas também recusa a designação de vocalista. No entanto, como se move mal, e nem aprendeu a andar trinta centímetros acima do chão, nem a voar

pela garagem antes de dançar, como nos aconteceu a nós, acaba por aceitar o lugar que lhe é proposto. Cá atrás, na fila do coro.

Estamos no Estúdio Nepomuceno, lembro-me do entusiasmo que paira no meio dos instrumentos, todos concluem que afinal se ganhou em adiar, até a menção da substituição de uma *African Lady* pelo novo elemento contribuirá para o êxito que esperam alcançar. Nesse dia há uma boa notícia para a aluna letrista. Julião Machado prevê que o rosto do álbum seja dado pela canção *Afortunada*, e o meu coração baterá desordenado. Sobre o que se passou na garagem, a dezassete de Maio, continuarão a correr informações diversificadas entre os vários elementos do grupo. Isto é, em menos de quinze dias, o que era complexo demais começa a ser linearmente simples. A morte e o esquecimento caminham de mãos dadas, mesmo quando se trata de uma morte como a de Madalena Micaia. Agora, quando cantamos no Estúdio Nepomuceno, a barulheira, como lhe chama o Julião, fica boa, e o rebanho, como Julião chama ao nosso grupo de cinco, executa os números com correcção. Aceleramos, desaceleramos, transpiramos, limpamos a cara com toalhetes e ficamos soltas, sentimo-nos livres, a paz desceu sobre o rebanho. Até Gisela Batista deixou de promover a sua vigilância apertada. Ao longo do Verão, desapareceu aquela espécie de confissão, bem como o acto de contrição que se lhe seguia, e até mesmo a exortação. Só ficou a pesagem, em regime voluntário. Acrescente-se ainda que toda a gente já notou o meu entendimento com João de Lucena. Já toda a gente nos surpreendeu abraçados no canto duma sala. Gisela Batista, naturalmente, também já sabe o que se passa. Num desses dias de Junho, eu disse – «Gisela, eu e o João de Lucena...» Gisela olhou-me, serena, sorridente. Tudo acontece num instante. As irmãs Alcides olham-me, sobressaltadas.

Gisela pronuncia – «Chiu!» – Levando a mão aos lábios. E eu calo-me. Lembro-me perfeitamente.

As árvores lá fora estão frondosas, debaixo de cada folha parece haver um pardal, tamanha é a chilreada. E de súbito, «Chiu!» Nós estamos sentadas no chão, ela curva-se para mim e passa a sua mão pela minha cabeça. Obrigada, Gisela, eu compreendo. Eu compreendo tudo. A minha exaltação amorosa tem a aclamação dos outros. O nosso amor é tão claro, tão evidente, tão puro, que todos tomam conhecimento dele e ficam mudos. Causamos ao mesmo tempo admiração e recato, como *O Beijo* de Rodin.

*O Beijo* de Rodin.

Nas deambulações em grupo que fazemos pelo Bairro Alto, naquelas noites de Verão, sinto que nos transformámos numa espécie de objecto de culto. Formamos um par respeitável. Onde está Lucena e a sua namorada, está alguém que se preza, a quem pedir opinião e conselho, determinação sobre se devemos subir ou descer a calçada, entrar no Trindade ou no São Carlos. Num desses dias, um fotógrafo surpreende-nos à saída da Taberna do Galego, fica a falar em inglês durante uns quinze minutos com João de Lucena, e uma semana depois a nossa fotografia aparece a ilustrar o conceito de como se pode ser feliz na noite de Lisboa, essa cidade a que chamam triste. O título é esse mesmo – *Artistas convivendo en la triste ciudad del fado*. A breve reportagem não favorece a cidade, e no entanto, nós dois aparecemos, rosto com rosto, sorrindo abertamente. As nossas cabeças juntas, o nosso riso rasgado. A diferença de idade conforma-nos como uma imagem ideal, em que o homem assume esteticamente os seus poderes paternais. É o José Alexandre quem compra a revista no aeroporto, mas depois ela fica aberta sobre as mesas da Ideal das Avenidas para quem quiser folhear. Os nossos amigos trazem vários exemplares debaixo do

braço, sentem-se bem representados. Caramba! Na cinzentez de uma cidade triste, eis alguém que tem um riso limpo. Risos desses valem ouro, num país de macambúzios. Sobretudo a rapariga, muito jovem, a rir, de olhos quase fechados. Sobretudo ela, merece tudo.

Pergunto-me, regressando a casa – «Eu sou aquela?»

Sim, eu sou aquela, mas sou porque João de Lucena me estendeu a sua bela mão ossuda e aos dezanove anos me retirou da vida anónima, o que na altura eu acho tão importante quanto ser baptizada, e eu não sei como lhe agradecer. Não quero exigir nada, nem pedir nada, nem ofender, nem suspeitar, tudo o que ele me indicar para fazer eu farei, eu agora percebo o que significa ser serva, essa expressão que sempre me tinha parecido ultrajante. Eis aqui a serva do Senhor, a humilde serva do Senhor, como cantava a minha mãe no coro da igreja do Sobradinho. Eu sei que lá, diante do altar com uns anjos de ouro, a servidão é outra, mas seja como for, a palavra é a mesma, e agora compreendo muito bem a magnitude que a pessoa *serva* pode atingir, em concreto. Quem não amou como eu amo João de Lucena não pode entender o que eu estou a dizer, ao entrar no quarto do Campo Pequeno e ao trancar-me por dentro. Irei conseguir dormir meia hora? Preciso de ligar para a casa dos meus pais, preciso de os ouvir. Há muitos meses que não vou visitar as pastagens nem o estábulo, nem vou passar a mão pela pelagem branca e preta daqueles corpos pré-históricos que dão leite, nem escutar o silêncio das ervas, observar o seu crescimento lento, fêvera a fêvera. Sobretudo, há muito tempo que não atravesso o pátio da casa onde eles passam as tardes. Ligo, espero – «Pai? Chame a mãe. Não, não, mãe! Eu sou tão feliz, tão feliz, desculpe não ir a casa, mas estou tão ocupada com esta vida. Felicidade...»

O meu pai substitui a minha mãe ao telefone – «Filha, não te deslumbres, sê honrada e põe-te no teu lugar...»

A minha mãe toma o telefone – «Filha, lemos a revista. Não te deslumbres, filha, lembra-te que nesta vida não somos nada. Somos apenas o bem que fizermos aos outros, o resto não vale coisa nenhuma...»

O meu pai fala de novo – «E do que precisas? Diz o que precisas, nunca te desonres por precisares de alguma coisa. Não aceites nada que não mereças, filha, olha que demasiada oferta deve merecer a nossa suspeita...»

Sim, mãe, pai – «Estão lá?»

Eles têm medo. Mas medo de quê? – «Não tenham medo de coisa nenhuma... Mãe, pai, já perceberam que eu perdi o ano?»

«Sim, já percebemos. Pois o que se há-de fazer? Com tanta coisa sobreposta na tua vida, alguma coisa teria de ficar para trás. Vá, deixa isso para lá. Não te percas a ti mesma, que o resto não interessa nada.»

Pouso o auscultador sobre o corpo do telefone preto.

No dia seguinte, à porta do quarto de Murilo Cardoso encontram-se alinhadas duas malas e um saco e ele está a sair com a pasta. Ele vai partir e eu quero despedir-me do estudante de Sociologia, mas ele não quer olhar para mim. Não importa, a Europa, a África, o Médio Oriente, os Cárpatos, os Estados Unidos da América e a Rússia, no futuro, irão enviar-me notícias dele. A cada dia, pelos telejornais, irei sabendo de Murilo, da vicissitude e do humor de Murilo. Há pessoas assim, nasceram para se espalharem pelo mundo, e é através dele que nos chega o seu recado particular. É a retribuição por ele ser o carteiro do mundo. Lá vai entre as malas. Ele recusa-se, não vira a cabeça. Como nos adeuses da juventude, uma pessoa diz *Adeus, Murilo*, e só passados muitos anos a nossa mão estremece e acena.

## DEZANOVE

Estou diante de uma janela aberta sobre uma praça com árvores. A mesa deve estar limpa, a resma deve estar baixa, a mão direita deve ter as veias inchadas. A dúvida sentou-se na cadeira ao lado – Devo ou não devo recuar até ao fim de semana, nove/dez de Julho de oitenta e oito? Não seria melhor ficar por aquele momento da Noite Perfeita, vinte e um anos mais tarde, quando, já fora do programa convencionado, uma chuva de nomes e uma fita de estrelas começou a passar pelas alças da minha blusa e pelas costas do seu casaco? Não deveria ser aí que eu deveria permanecer, rodopiando, no corredor do Cine-Teatro? Quantos reis morreram sem que tivessem desfrutado de um único momento assim, quantas princesas que dormem nos túmulos carregados de inscrições a cinzel não teriam oferecido parte do seu dote para viverem como eu naquele momento invulgar? No entanto, recuo até àquela manhã de sábado, entro na confeitaria Ideal das Avenidas, e na mesa que habitualmente ocupamos, vejo umas páginas de jornal abertas e dois homens encobertos por elas. Lucena e José Alexandre desviam o rosto das páginas e sorriram. «Olá!» – Eis, pois, a vida tão serena, tão comum, tão banal. E aqui reside a minha dúvida. Recuo, ou avanço na direcção da Noite Perfeita?

Ao sábado era costume João de Lucena aparecer para o pequeno-almoço ainda com o cabelo a pingar. Naquela manhã, só o cabelo do José Alexandre pingava. O cabelo de Lucena, muito liso, com alguns laivos loiros e fios prateados, estava bem seco e brilhava à luz da manhã como o de uma criança nórdica. Foi o amigo de Lucena quem falou primeiro – «Vê só o que acontece, estávamos para ir os quatro até à pousada do meu tio, e a cretina da Foggy inventou uma desculpa para faltar. Ultimamente, na hora de saída, ela sempre

apronta alguma contrariedade. É uma dor de cabeça, uma tia doente, a pata de um dos seus cães onde está cravada uma enorme carraça. Enfim, para ela qualquer coisa serve de desculpa. Mas eu avisei-a – Não vais tu, mas eu vou na mesma, até porque me comprometi com a Solange e o Lucena...»

«Comigo não te comprometeste.»

«Comprometi-me com o Lucena, que é o mesmo. E sendo assim, tu tomas alguma coisa e vamos lá. O que tomas?»

Inspeccionei-me e estava pronta para tudo. Estava vestida, calçada, tinha o meu saquitol com a minha tralha ao ombro. Ninguém me havia avisado, mas eu iria, sim. Nem era preciso passar pela hospedaria. Eu já ali estava. A minha disponibilidade era total. Fomos. Não demorámos a alcançar o carro, estacionado uns metros à frente, e o José Alexandre continuava a contestar – «Com a Ana Foggy, nunca se sabe. Desta vez é a carraça na pata do Labrador, amanhã é a pulga na orelha do gato persa. Nunca se sabe o que se pode contar com aquela mulher. Mas agora vamos fazer assim. Vocês vêm os dois atrás, e eu vou sozinho, como se a Foggy viesse aqui ao meu lado.» Ainda antes de entrarmos no carro, iniciou-se uma luta porque João de Lucena entendia que deveria ser ao contrário, eu passaria para a frente, ele ficaria sozinho atrás. A discussão não passava de uma brincadeira, um jogo de salão transposto para o interior de um carro. E assim iniciámos a viagem, o José Alexandre à frente, e nós dois atrás. Mas João de Lucena, antes de chegarmos ao Marquês, começou a clamar – «Que disparate, pára aí, pára...»

O carro parou e João de Lucena pegou-me pelo braço e conduziu-me para o banco da frente. Sentado atrás, o meu namorado tinha-se posto a rir e a falar muito alto, e de vez em quando passava-me a mão pela cabeça, enquanto o José Alexandre se referia a Ana Fumaça com a desfaçatez que já lhe conhecia. Que pacto haveria

entre os dois, para se acusarem tanto e se entenderem tão bem? O José Alexandre dizia – «A Foggy tem vinte e nove anos, mas tu só tens dezanove. Ela é que deveria ter juízo...» E por vezes também me passava a mão pela cabeça e deixava-a pousada nos meus cabelos. Mas então, onde íamos? Iríamos finalmente inspeccionar as obras na pousada desse tio?

Não, essa fase já estava ultrapassada. O tio Alexandre tinha resolvido abrir a quinta a uma centena de pessoas, como se houvesse algum festejo especial, só para mostrar essa última menina dos seus olhos aos seus amigos mais próximos. Caprichos. E para isso fora necessário gastar uma boa soma de dinheiro. Iria haver um almoço volante, e um jantar para quem quisesse. E dormidas também. Só o casarão, numa semana, tinha ficado apto a receber umas vinte pessoas bem contadas. Edifício central e vivendas haviam estado fechadas durante catorze anos. Tinha que ver. O tio era generoso, a recepção, informal, e a doida da Foggy acabara por ficar em casa. José Alexandre não parava de falar. João de Lucena, sentado atrás, também, mas mesmo assim segurava a minha mão, e eu mantinha a minha mão na dele, porque de vez em quando o condutor sublinhava o seu discurso tocando-me no braço. Contactos que não demoravam um segundo mas juntavam pele com pele. João de Lucena perguntou – «Como se tornou tão rico o teu tio?» Eu fiz um ligeiro movimento com a mão pendida para trás, e ele segurou-me pelo pulso. O nosso entendimento era tão perfeito, tão completo. Nunca havíamos discutido, desconhecíamos a roda atijadora do amuo, do ciúme ou do despeito, e enquanto eles falavam, eu ia-o pensando dentro daquele carro.

O José Alexandre explicou – «Sobre a fortuna do meu tio, correm dos maiores dislates. Consta que em tempos teria gerado uma criança mongolóide e que a teria esganado ao nascer por suas próprias mãos. Que em seguida ter-se-ia divorciado e nunca mais teria casado nem feito filhos. Tudo falso, tudo mentira. O meu tio

apenas tem trabalhado. Pobre de quem dá um passo à frente do seu tempo, nesta cidade. Quem der um passo à frente será perseguido por umas razões, por quem fica atrás, por outras, por quem vai à frente...»

«E como explicam a preferência por ti?»

«Sobre mim, o que dizem não sei nem me importa, mas a verdadeira razão é simples. Pela mesma razão pela qual, no teu ramo, te preferem a ti, que estiveste na Juilliard e na Graham, a uns bailariqueiros que por aí andam aos saltos. Isto é, por uma questão de competência. Nem a Foggy, por vezes, entende isto bem. Eu e a Foggy somos assim. Às vezes penso que cada um de nós deveria ir parar a casa da sua respectiva mãezinha...» – O carro fez uma ruidosa travagem. João de Lucena sorria para mim, como quem diz, caprichos do diletante. «Vamos ou não vamos?» – perguntou Lucena. «Agora vamos.» Desatravancados, em menos de nada, o carro galgou as estradas rectas, depois as enroladas, depois as estreitas, e, finalmente, chegámos a um portão que se encontrava aberto de par em par, e entrámos num recinto fortemente arborizado.

Por todos os lados havia sinais dos cuidados recentes e ao fundo um edifício dos anos trinta, longe de estar em ruínas, surgia em clima de festa. À medida que nos aproximávamos, encontrávamos vasos com flâmulas de boas-vindas e enormes carros parqueados à sombra das árvores e, entre eles, um Jaguar estendia a galga pelo chão impondo um respeito milionário. Pessoas em trajes estivais vagueavam pelos jardins, guarda-sóis amplíssimos pousavam sombras mesmo onde elas já existiam. Numa construção que deveria ter sido um forno, alguém controlava um fogo de carvão de onde soprava um fumo azulado. Uma mulher e um homem com bonés iguais, atiçavam-no. Quando descemos do carro, nós dois não conhecíamos ninguém, o José Alexandre também não. Nem o tio estava por perto. «O meu tio tem cada ideia! Uma manada. Não quis

que eu interviesse, e agora é assim...» De facto, as pessoas que por ali andavam não deveriam ter relacionamento entre si, faltando quem as entrelaçasse. Ou então o tio teria apostado na liberdade de movimentos dos seus visitantes e a regra de convívio era assim mesmo, cada um para seu lado pesquisando os recantos onde se tinham depositado os efeitos do tempo. E nós três, um tanto isolados. A partir daquela espécie de forno de onde exalavam cheiros de gordura queimada, iam saindo pratos repletos de peixes que as pessoas retiravam e iam comer nas sombras. Assim se manteve o ambiente, até meados da tarde, quando alguém soltou uma ordem.

Ouviu-se por toda a parte – «Todos nus à piscina!»

Toda a gente ficou alerta. Onde estava a piscina? «Além!» – disse alguém. Seria aquilo a piscina? Era, sim.

A uns trinta metros de distância da grande casa, desbotado entre as cores circundantes, repousava um grande tanque rectangular com sua cabeceira alçada de onde uma carranca de boca aberta, de lábios descaídos, escorria água. Em volta, silvados. Toda a gente começou a dirigir-se para lá, mas todos iam vestidos. Toda a gente se ria com a partida. Ah! Ninguém estava nu. Era muito engraçado. Quem tinha lançado a atoarda? Aliás, a piscina até estava cheia de água, mas o fundo era verde limoso. Percebia-se que alguém, recentemente, teria tentado limpar os bordos sem atingir o fundo. Tinham passado catorze anos, os ramos das árvores haviam alcançado o perímetro do grande tanque, ainda não tinham sido cortados, e agora a superfície espelhava-os no seu aço imóvel. As sombras dos convidados reflectiam-se naquele espelho. Mas se olhássemos bem, os saltões lá dentro não paravam de rodar na sua dança miniatura, e lá estavam, milhares, milhões, a moverem-se, a dominarem a piscina feita um lago estagnado. Os comentários

começaram a surgir. Alguém disse – «Uma pessoa que ali entrasse ficaria com uma micose!»

Em volta do lago quadrangular, ouviram-se gargalhadas – «Eh! Eh! Voz sagrada de médico. Onde está o médico está o agoiro. Eu acho que não. Sair e entrar daria para fazer uma micose? Claro que não daria...» Daria sim, diziam outros, e os rostos debruçados para a água constituíam um friso que se reflectia no espelho verde. Se alguém metesse a mão lá dentro e cheirasse, veria como até cheirava bem. Nem lixívias, nem cloro. A vida vegetal e a água, na sua relação primitiva e pura. Quando nos tínhamos separado da Natureza? Quando? As larvazitas navegavam na água parada como as boas bactérias na água que bebemos. Nisto, ouviu-se um brado – «Eh! Tirem-se da frente!»

«Afastem-se. Afastem-se!» Todos se afastaram, a superfície daquela água oscilou. Um homem baixo e pesado uniu as mãos, investiu como um toiro, deu um salto e enfiou-se na água, tendo ido surgir mais adiante respirando e cuspidando um forte jacto.

«Formidável!» – gritou. «Estupenda! Quente e saudável! Olhem só!» E o homem que tinha deixado a roupa e as sandálias sobre os silvados, fez umas braçadas.

Então ouviu-se outro grito – «Afastem-se!» E um outro homem, alto e pançudo, também se atirou à água, com um enorme ruído e salpicos verdes, que pareciam de azeite. Veio à superfície e também deu uns berros – «Está cheia de bichos pequeninos. São mesmo aos milhares, aos milhões. Se mergulharmos são capazes de nos entrar para os olhos.» Mas ele continuava a mover-se com grande entusiasmo, indicando o sítio onde se acumulavam as colónias mais populosas. E uma mulher de meia-idade, muito elegante, despiu-se, enrolou o longo cabelo num pesado *chignon*, e também saltou para dentro. Entrou num lado, surgiu no outro – «Maravilhoso, magnífico! Que bela é a Natureza! Ah! Vocês, venham daí, venham!»

À volta, sobre os silvados, viam-se roupas e chinelos dispersos, e gente entrava e saía em alegre algazarra. Uma mulher volumosa erguia do fundo da piscina um objecto estranho, mas não tinha importância nenhuma, não era cortante, sacudidos os limos, era um pedaço de pneu. E uma sombra branca deslocou-se na direcção da carranca e quando surgiu na mão de uma outra mulher, era um pano. «Um pano, aqui dentro!» – E desdobrou o pano. Eu tinha colocado a mão na cintura de Lucena, e não falava, não sabia o que dizer. Lucena também não estava a ser expansivo, parecia ainda não ter formado a sua ideia sobre aquela cena de treino própria de um exército de *rangers*. Lucena ali estava a observar. Mas o José Alexandre apareceu de súbito e instigou – «Vamos? Coragem!» «Vamos lá!» – respondeu Lucena. E ambos se desembaraçaram das roupas, calças e camisas, e tal como estavam lançaram-se à água. O *slip* do José Alexandre era escuro, mas o do Lucena era claro, e quando saltava e se movia era como se estivesse nu, tal como vários e várias que se tinham lançado para dentro daquilo que me parecia ser um charco. Lucena era menos encorpado do que o José Alexandre, mas ambos pareciam peixes deslizando dentro daquele aquário. Alguém perguntou – «Aquele não é o João de Lucena?» E alguém, ali mesmo ao lado, confirmou que era, enquanto José Alexandre gritava a partir da cabeceira da piscina – «Solange, anda, despe-te e atira-te, mulher!»

Não, eu não me atiraria, eu não podia, não queria. «Vem, Solange, vem!» – chamava João de Lucena.

Eu sentia uma repugnância indescritível por aquela água esverdeada, e embora as mesmas pessoas que haviam grelhado os peixes estivessem agora a segurar em mangueiras e a atirar fortes jactos de água limpa sobre os banhistas daquela inexplicável piscina para onde a carranca deixava escoar o seu fluxo de baba intermitente, eu não queria participar de semelhante banho lustral. Eu não. «Então, Solange, não te atiras?» – Não, não, não posso,

teimei, quando os dois companheiros me vieram dar a mão para eu entrar. Ali ao lado, ouvi alguém dizer – «Se tem vergonha de se despir, atire-se assim mesmo que seca de pronto, vai ver.» Mas eu não podia, embora eles me chamassem. Umas quantas pessoas resolveram gritar – «Atira-te, Solange! Atira-te...» Eram-me desconhecidos e chamavam pelo meu nome. E eu cada vez mais tensa, mais grave, mais firme, na borda da passadeira de pedra onde vinham debruçar-se as silvas, ameaçava tornar-me um caso. João de Lucena percebeu, trepou a borda da piscina, e veio recuperar-me. Com naturalidade, cobriu-se com uma toalha que por ali apareceu. O meu namorado disse-me ao ouvido – «Tens de ultrapassar certas inibições, Solange, minha querida. Olha, vai entrando em casa, naquela sala, além. Eu deixei lá os meus jornais sobre um sofá, o do canto. Podes ir-te entretendo. Não faças caso. Certo tipo de pessoas metedidas existe em toda a parte do mundo.» E ele mesmo, de toalha à cintura, me encaminhou para a porta e regressou para brincar com as duas águas, a verde onde havia saltões e pneus, e a água das mangueiras, grandes esguichos diante dos quais aquelas pessoas riam perdidamente. Lucena e José Alexandre, também.

Sim, eu entrei na grande casa. Quem haveria de dizer?

Entreí, e ali a dois passos o mundo era outro. Sentei-me com a intenção de cumprir o que me havia sugerido Lucena, mas naquele canto sombrio, ao contrário da luz que fazia lá fora, projectava-se um cone de penumbra que não encorajava a leitura. A ideia de que tudo aquilo acabava de ser recuperado de catorze anos de silêncio e poeira punha-me os sentidos em alerta. Em vez de me prender às páginas, eu varria com o olhar os cantos daquele espaçoso salão povoado de sofás e mesas. E grupos de pessoas sentadas, pessoas mais velhas. Talvez o problema fosse esse, talvez aquele alarido em

torno da água estagnada fosse apenas um entretém próprio de pessoas de outra idade, pessoas que teriam tido passados difíceis, como os meus pais, e agora procuravam fazer prova da sua antiga coragem, diante de obstáculos que não o mereciam. Nessa altura, eu não encontrava outra explicação para o que se passava em torno da piscina. Não tinha outros dados. Assim fiquei durante algum tempo sem me mexer, só a pensar e a enxergar em volta. Lá fora soavam gritos de prazer entre água e sol, ali dentro, duas mulheres e um homem jogavam *poker*, e de vez em quando olhavam para mim. Eu gostava deles porque não se tinham metido dentro daquele tanque, e naquele momento, segundo o meu entendimento, esse era o único critério de separação dos convivas. Também sentia simpatia por aquele outro que estava entrando, que eu vira sempre vestido de blusa indiana, e que não se tinha enfiado na água nojenta. Aquele e os outros eram do meu *team* e por isso, se me chamassem, como tudo estava a indicar – pois de vez em quando olhavam na minha direcção – eu iria juntar-me ao seu grupo.

Não demorou muito. A certa altura eu ouvi dizer – «Solange, venha cá!» – Precisamente, era o homem da blusa indiana a chamar-me como se me conhecesse de há muito. «Sente-se aí.» Eu fui e sentei-me, sentindo-me incluída, talvez reconhecida, talvez estimada. De facto, durante um momento, os olhos do grupo pousaram sobre a minha pessoa, de tal modo que fui obrigada a desviar os meus. E não era mau, era bom. Ainda bem que me tinham trazido. E alguém até me colocava um copo diante. Mas uma das mulheres que estava à mesa admoestou aquele que me havia chamado – «Você não vai fazer uma pergunta dessas à rapariga, ou vai? Quanto vou apostar como não vai?» E tirou-lhe o copo da mão. Então a conversa precipitou-se. O homem que me havia chamado reclinou-se na cadeira, mostrando-se ofendido. Falou muito alto – «Calma, a aposta que eu quero fazer não é consigo, minha amiga, é

com ela mesma. E não espere pela resposta, que a pergunta vou fazê-la já, para você tirar os cavalinhos da chuva. Quer ver?»

«Não faça!»

«Faço, sim.» – E concentrando-se em mim, o homem da camisa indiana perguntou em voz muito baixa – «Aposto o meu pescoço como conheço a resposta, mas é você mesma quem vai responder – Você é senhora ou menina?»

«Você é cá um indecente!» – disse a mulher, devolvendo o copo.

Eu sentia-me muito lenta, creio que nesse momento ainda inspeccionava móveis e estudava-lhes os traços da poeira, e não compreendia o que me perguntava aquele homem. Não fazia parte dos códigos da minha geração semelhante diferença, a menos que fosse uma metáfora, e era-o sem dúvida, pois descendo ao nível dos subentendidos, e tendo em conta a repugnância manifestada pela mulher, e uma vez que os presentes tinham os olhos cravados em mim, eu começava a atingir o alcance de semelhante distinção, e balbuciei alguma coisa, por certo ininteligível. Mas tanto ele quanto a mulher indignada pareciam estar à espera que eu pronunciasse palavras audíveis. Acabei por dizer que não iria revelar nada sobre o assunto porque não o conhecia de parte alguma.

O homem que me interpelava parecia estar à espera da minha resposta para agir em conformidade. Respondeu rápido – «Não somos assim tão longínquos. Até já andámos pelos mesmos corredores, minha filha...» E segurou-me pelo braço. E riu muito.

«Aposto que você já foi visitar as sete mães. Confesse lá.» Os quatro que ladeavam a mesa soltaram uma gargalhada em uníssono, incluindo a mulher que aparentemente se lhe opunha. Todos riam, mas o homem da camisa indiana era quem mais ria.

Sete mães? Como assim? – A minha mente estava cada vez mais vazia, mas se aguardasse um pouco, alguma parte de si produziria a luz que haveria de alumiar o meu entendimento. Ali estava a faísca e

o seu brilho incandescente. A faísca iluminava o meu cérebro e incitava-me associações extravagantes, escrevia no escuro equações de terceiro grau que falavam sozinhas – «Sete mães?» – Acabava de ter uma ideia. «Você está enganado. Não são sete, mas seis. Já agora, conte bem, por favor...»

O homem da blusa indiana começou a contar, como se envolvido num complexo problema de cálculo, e no final desdobrou-se em gargalhadas – «Sim, claro que são seis. Sabe o que foi? Confundi com Sete Rios...» Parou de rir para me dizer – «Mas olhe que você também não fez as contas bem. Se somar o rapaz à família, verá que a soma é diferente...»

Aí, a mulher voltou a indignar-se – «Isso, agora, já é demais. Você às vezes tem graça, mas é um homem muito, mas mesmo muito, ordinário. Isto não se faz a ninguém...» Levantou-se num rompante alcançando a rua e os outros dois ocupantes da mesa foram atrás dela, rindo. Eu também queria segui-los, mas estava colada ao assento, a olhar para aquele homem que me enviava ao entendimento uma espécie de relâmpagos lentos. Curioso, eu estava na sua frente, sentia-me fulminada, incapaz de reunir as migalhas em que me havia separado, e não me doía nada. O homem percebeu a minha perturbação. Tínhamos ficado sós. A palavra que eu procurava no meu vocabulário não existia sob a lentidão dos fachos brancos, mas agora ela aparecia e era lúbrico.

*Lúbrico.* Pensava no som dessa palavra quando ele me apresentou o seu próprio cálice e me disse – «*Limoncello*, Nápoles, não conhece, pois não?» E meteu lá dentro a ponta da sua língua vermelha, bebendo diante de mim, como se fosse um bichano. Depois acrescentou – «Olhe à sua volta e pense nisto – Apesar de tudo, ainda há aqui uns cinco ou seis tipos, que guardam debaixo das roupas o suficiente para resolverem o seu problema. Não há assim tantos, mas eu sou um deles. Juro-lhe. Pense nisto...»

Eu pensava. Eu era um pensamento. O homem continuava a falar, e eu ia ouvindo. Eu não podia manter-me ali por mais tempo. Também não podia levantar-me.

Como deveria proceder?

Era preferível estar lá fora a ver o rescaldo daquela invasão da piscina, e levar comigo a tarefa de encontrar uma palavra que rimasse com *lúbrico*. Era impreterível. Em frente do pátio, rodeada de olhares, uma mulher ainda com aparência de jovem oferecia a longa cabeleira aos borrifos da mangueirada e sobre a borda da piscina, mais adiante, lá estava o meu namorado. Encontrava-se de costas, na sua indumentária de nada, e no entanto, vestido de opróbrio. Essa era a palavra. *Opróbrio*. *Lúbrico* e *opróbrio*. Como encontrar as palavras adequadas? Ia jurar que não haveria rimas ricas que se lhes emparelhassem. *O meu amado*, palavras que eu nunca tinha proferido em voz alta, o meu amado, lá estava. Praticamente nu, na borda da piscina.

Ele dizia alguma coisa, e tinha-se posto a andar, impaciente, cá e lá, sobre a borda de pedra, entre os silvados. Mas quando o José Alexandre surgiu de um salto, Lucena virou-lhe as costas e começou a dirigir-se para o local onde eu me encontrava. Aí vinha o meu amado. Que surpresa. O que lhe tinham posto sobre o corpo? Lama? Escarros? Ossos de galinha perfurando os seus lábios? Fuligem dos fornos crematórios sobre a testa? – No entanto, aproximava-se e ao ruído da sua voz o meu corpo estremecia, porque tudo estava intacto. Era estranho, era o meu primeiro amor.

«Solange, responde...» Ele existe. A prova é que estou a falar com ele sem precisar que me responda. Agora mesmo eu digo, pensava eu. Aqui estás tu, à luz da tarde, no meio de gente, e eu a olhar para ti pela primeira vez. Acaso não precisarás de um banho, tu, que tens a tua única peça de roupa que te separa da nudez, cheia de

fiapos verdes e pintas pretas? Filamentos? Acaso serão saltões que se te colaram à pele? Girinos pretos que vieram morrer nos teus ombros? João de Lucena? Como os teus lábios sabem àquela água verde onde foste mergulhar a cabeça, pensava. Vamos embora daqui? Vamos imediatamente? Intactos? – E o olhar da aluna letrista passava pelo dicionário das rimas e só encontrava *ódio* para *opróbrio*, e *cúbico* para *lúbrico*. Não fales agora comigo, João de Lucena. Mas João de Lucena fala sim, ele quer saber se eu desejo pernoitar ali, para no dia seguinte irmos a pé, em algazarra até ao mar. Não estava previsto, mas ficamos esta noite cá, ficamos aqui mesmo, no edifício principal. Aceitas? Ele fala bem, fala com a voz exactamente igual àquela que na minha imaginação me tem perguntado ao longo dos últimos meses – «Vamos os dois? Trazes a tua bolsa?» E eu iria buscar o saco *La Buena Fama, Dormiendo* e tomaríamos o Metro, ou um táxi, e abalaríamos para um lugar onde houvesse um pomar ao fim do dia. Claro que não é isso que está a acontecer. Naquele momento, estamos rodeados de gente, o José Alexandre também já chegou, salpicando água. É o José Alexandre quem diz – «Olha, miúda, estão dois quartos ao fundo, além, são os nossos. Se quiseres dirigir-te para lá, vens agora. Se não quiseres vir ainda, nós vamos andando que estamos a precisar de um banho com sabão, isto não vai só de manguelrada. O que achas?»

Eu digo – «Pois vão vocês andando.»

O José Alexandre insiste – «E tu, Solange, quando quiseres vai lá dentro e põe as tuas coisas no quarto. Dá-mas aí, que eu levo-as já. Só o teu saco, e os jornais do Lucena? Pouca coisa. Então vamos nós andando. Vamos Lucena?» – Desapareceram os dois na porta de vidro que levava aos quartos. As minhas montanhas estatelaram-se nos desertos e eu ainda não entendi como vai ser feita a travessia. Talvez que os únicos camelos que me ofereçam o seu dorso sejam as palavras. Olho para o largo e procuro. De momento, para *lúbrico*, só encontro parelha em *público*, *único*, *cúbico* e *púbico*, por mais

voltas que dê à cabeça. Perto da porta de onde me tenho de afastar, porque há gente que não conheço permanentemente a entrar e a sair, não me vêm outras à ideia, esgotei a minha lista. O mesmo para opróbrio. Aí, só umas rimas pobres – *ódio, ópio, pódio*. Aqui estou eu a pensar. No pátio, sob os guarda-sóis, existem baldes de gelo e copos emborcados. De longe, o homem da camisa indiana faz menção de encher um copo para mim, mas eu recuso. *Ódio, ópio, sódio?* Sento-me por ali, se não encontro as palavras, não sou ninguém. Duas mulheres que falam ao ouvido uma da outra chamam-me, e eu vou. *Público, único, cúbico, púbico*. Reparo que dali se vê maravilhosamente o poente e que uma lista vermelha fecha a linha do horizonte atrás das árvores. Um brilho rosado banha tudo em redor. Ainda bem que eu vim. Um sentimento de euforia contamina-me. Os convidados andam aos pares, nessa hora do pôr-do-sol. Possivelmente, será assim o paraíso.

«Solange de quê?» – pergunta uma das pessoas mais velhas estendendo-me o braço. Diz-me o seu nome, que eu já ouvi, e conheço a sua cara. «Eu, Maria Lucarno, em tempos cantei, mas você ainda nem era uma hipótese de pessoa, sabe? Solange de quê?»

«De Matos» – e para enfeitar coisa tão pouca, acrescento uma fórmula decalcada dos textos do passado – «Uma sua criada...»

«Ah! Uma sua criada, que graça, que graça, minha filha. Esta minha amiga chama-se Bete. Bernardete. Ela também gostava muito de a conhecer. Ouvi dizer que escreve letras para a Mimi Batista. Será?»

«Tal e qual.»

«E vão ter um disco, e o grupo chama-se *Apocalipse*. Será?»

«É o que parece.»

«Minha filha, sente-se aí. Se eu fosse a si não dava um passo em direcção a ela. Sabe que ela dorme com o pai?»

«Com o pai? Com o Senhor Simon? De modo nenhum. O Senhor Simon não é o pai, é o marido da mãe, e Gisela não dorme com ele.»

«Dorme com ele. Roubou-o à mãe e mesmo antes de a mãe morrer, já dormia com ele. Nabokov em *Lolita* inspirou-se neste caso, mas...» Maria Lucarno apertou os lábios entre os dedos – «Ela pensa que está tudo em segredo mas não está. Não sabia? Fique sabendo. Tudo isso aconteceu há uns bons anos atrás, quando eles estavam na América, os dois dormiam lá numa pensão, e o Nabokov conheceu-os. Ele um velho, ela uma miúda. É do domínio público. Escreveu letras para ela e não sabia?»

De facto, eu não sabia. Junto daquelas senhoras, eu sabia tão pouca coisa. Eu era mesmo uma ignorante, eu até imaginava que a história de *Lolita* fora inventada antes de Gisela ter nascido, mas se calhar estava enganada, ela provavelmente terá nascido num dia, e no outro já teria treze anos, ou Gisela seria tão perversa que teria encontrado forma de o seu tempo correr às avessas, e tudo isso era possível, tudo isso poderia acontecer, minhas senhoras. E os Estados Unidos da América acaso não fazem fronteira com o Canadá? Tudo igual a tudo, tudo tão igual. Não era verdade, por exemplo, que os meus dois amigos se demoravam lá dentro, que eu ainda não sabia com qual dos dois iria dormir, e apesar de tudo, não estava eu ali, a ouvir os gemidos e sussurros da senhora Maria Lucarno e da senhora Bete, ambas a prenderem-me o corpo pelo pulso, como se eu fosse uma ovelha e as senhoras o meu dono?

«Oh! Ela só tem dois discos pequeninos, dois disquinhos de trampa e este não vai ser melhor, e você envolvida nisso, minha filha, livre-se disso, desse castigo...»

Vou ser salva, pensei. Um copo cheio de líquido vai vir ao meu encontro, e quem mo entrega, neste momento, vem mudo.

Tudo como previsto.

Finalmente, o homem da camisa indiana perguntou – «Soda ou água tônica? Se é água tônica, então já aqui tem.» Passou-me o seu próprio copo. E eu peguei naquele copo alto e fui ver montar uma geringonça para a qual era necessário um estrado. Gente a vaguear em frente do edifício que iria ser uma pousada. Pois agora os convidados dividiam-se entre aqueles que se entretinham a acarretar lençóis e sabonetes para as casinhas individuais semiabandonadas, onde se poderia passar a noite ainda tão bem que mal, e os outros, os que se aproximavam do estrado para assistir à montagem do telescópio. Porque alguém tinha ido buscar um telescópio para se poder ver uma chuva de estrelas agendada para aquela noite. Meteoritos iriam rasgar os céus. Mas então nós não líamos os jornais? Não sabíamos que o país iria passar a noite ao relento para assistir ao embate dos meteoros contra o dorso da atmosfera, e zumba, cada risco estelar a iluminar o céu? Zumba, zumba? Eram dois irmãos engenheiros geógrafos, fanáticos pelos astros, que ali se encontravam entre os convidados, e estavam a engatar os seus apetrechos que tinham trazido dentro dos grandes carros.

«Há fanáticos para tudo, estes são fanáticos pelos astros. Quem procura no Espaço é porque não encontra o que deveria desfrutar na Terra. Coitados...» – disse José Alexandre para o Lucena.

Mas só para mim, o José Alexandre disse depois, quando Lucena começou a andar à volta dos geógrafos – «Preparada? Esta noite não vais dormir um segundo.»

«Estou a ver que não.»

«Tu bem me entendes, Solange. Não te faças de parva.»

*Lúbrico, cúbico, público, público*, pois claro, ali andava eu às voltas, e agora até olhava para o céu escuro, a noite escura, noite que iria ser de estrelas, e nada, nada, nenhuma palavra mais que rimasse com público ou com cúbico, de modo a formar um arco de circunferência no mundo das palavras. Então, Deus existiria? Sim, eu estava preparada. Contado, é dum merdoso ridículo, vivido, é

determinante como a marca dum ferro sobre o dorso dum mamífero. Alguém já viu marcar um animal? O meu pai sempre anesthesiava o gado, dizia que um ferro em brasa não lhe atingia o pêlo mas a alma. O meu pai acreditava que todos os animais tinham uma alma, e nunca tinha lido Aristóteles. Há saberes que passam directamente da superfície da terra para a nossa alma através das plantas dos nossos pés e nós julgamos que são dados pela Filosofia e pela Ciência. Não são. Aquele conhecimento era só dele. Do meu pai. Lucena passou por mim a correr – «Querida Solange, e se fôssemos ver as estrelas, mas lá no monte, além? Atrás das acácias, está um monte...»

Alguns convidados que formavam círculo em volta do telescópio achavam que fora um erro iluminar a rua com as lâmpadas, e que se deveria desligar a electricidade para se poder ver as estrelas. Aquele que primeiro tinha entrado na piscina, também era agora o primeiro a ter uma ideia brilhante – Que cada um fizesse o que quisesse. Uns ali, outros no alto do monte. Não precisávamos de estar todos uns em cima dos outros. Às duas da manhã, ainda a chuva de brilhantes não tinha começado. Havia pessoas com mantas dispostas a esperarem para espreitar o infinito até de madrugada. João de Lucena era uma delas.

«E tu, esperas, Solange?»

«Eu vou esperando, vou lá para dentro, aqui, sinto calor.»

«Mas não está.»

«Mas eu sinto, Lucena, eu sinto.»

«Então vai que eu já lá vou.»

Mas como era possível saber-se antecipadamente o dia e a hora a que choviam meteoritos? Acaso o Cosmos enviava recados a alguém? Que contas era necessário fazer para se chegar até essa previsão?

O homem da camisa indiana não era indiano, era português, muito moreno como muitos portugueses são, e talvez ainda por cima estivesse bronzeado de alguma praia carregada de iodo ou de algum solário doméstico muito bem esgalhado. Além disso, tinha gostos como os meus – Não se havia metido na água suja nem estava disposto a passar a noite ao relento à espera de uma chuva de estrelas que choveria ou não. Duas atitudes opostas? Não, duas atitudes de prudência. É ou não é, Solange? Entrei em fúria – «Mas diga-me, porque se importa tanto comigo? A casa está cheia de gente e você embica comigo. Mas porquê? Porque anda atrás de mim, de um lado para o outro? Homem, desapareça...»

«É como diz, eu embico consigo por uma questão de consciência. Você não conhece a problemática da evolução das espécies. Você nunca leu Darwin no original, ainda não teve tempo. Se tivesse lido, haveria de deduzir que estamos em vias de insolvência. Veja só, Solange. No meu tempo, qualquer rapazola de treze anos resolvia o problema da prima, à pressa, num vão de escada, enquanto a família se preparava para assistir à missa. Agora, são precisos dois homens de trinta anos para darem conta de uma rapariga que ainda não é mulher. Mas não se engane, eles próprios não precisam de si, eles só a querem para manivela. Eu já lhe disse o que tinha a dizer...» – O homem não ria, falava muito a sério. Passado um pouco, o homem aconselhou – «Não vá para lá, vá para além, naquela direcção. O meu quarto é a terceira porta, ao fundo, mas fica deste lado, não do outro. Não se engane.» Eu comecei a desapertar as sandálias. *Lúbrico, púbico, porco, fosco, tosco*. Sim, eu irei. Prometo que irei.

A camisa indiana, muito branca, tinha nervuras e era longa, batia a meio da perna nua do homem de camisa indiana. Era belíssima a camisa. Uma vez no punho, transformava-se numa *écharpe* fina. As nervuras eram de seda. Como é que os indianos encordoavam tão

bem uma nervura? E sem que se notasse um único pesponto pelo avesso? Como é que os indianos punham aquele cheiro na roupa? A que cheiravam os seus tecidos brancos? A pimenta, a canela, a bosta de elefante? A whisky escocês? A gelo, a suor, a gordura da orelha? A sebo do cabelo? Como é que os indianos punham aquele cheiro nas roupas? E a macieza daquele tecido entre os meus dentes? Onde é que eles iam buscar aquele fio tão fino, aquele algodão sem peso? Aquele molho de roupa que eu tinha na minha mão? Era muito estúpido, mas pela janela do amplo quarto do fundo, fundo, entravam as verdadeiras estrelas a céu aberto.

E entrava também o raiar da aurora. Já o sol iluminava com a sua bola de fogo toda a Europa, e ainda só mandava uns raios para a costa portuguesa. Tudo ilusão, a Terra é que fugia em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio e oferecia alternadamente ora uma face, ora outra face, ao sol. A lição da aluna letrista. Isto é, a janela estava só entreaberta, mas já vinha a caminho a madrugada deitada sobre o seu coche dourado. O que eu gostava de palavras. E agora também vinha alguém pelo corredor adiante na direcção da nossa porta, e agora alguém batia – Pam! Pam! E depois batia com mais força, e depois ouvia-se alguém dizer para alguém – «Vais ver que a Solange está aqui dentro.»

Rumor de vozes. Era muito nítido o que diziam, e quem assim falava queria ser ouvido.

O José Alexandre berrou – «És estúpido? Não vês que o meu tio se enfeixou com a Solange e estão os dois, aqui dentro, a foder?»

«Abra esta porta, se não eu arrombo, tio!»

E arrombou mesmo. Ou melhor, a casa tinha estado fechada durante catorze anos e ao primeiro encosto a fechadura cedeu. No limiar da porta que se abriu com um estampido, surgiram João de Lucena e José Alexandre, de olhar atarantado, surpreso.

Mas o que queria José Alexandre que eu explicasse? Não havia nada para dizer. Estávamos nus, uns diante dos outros, e era tudo. Esse dia fora do tempo, e do lugar, aconteceu a dez de Julho de oitenta e oito.

## VINTE

Viajámos de regresso sempre em silêncio. Tudo o que havíamos dito no percurso para lá organizava-se em forma de comédia, no percurso para cá. Sentas-te à frente, eu sento-me atrás. E como enriqueceu o teu tio? E a preferência por ti, como se justifica? Ah! Aquela Foggy, tão cretina que não veio, a doença da sua tia e a pulga na orelha do seu gato persa. Passado um dia, a máscara tinha caído, e sob ela a realidade era uma figura bailarina que ria da nossa cara. Voltávamos humilhados. Quando chegámos à António Serpa, o José Alexandre queria parquear o carro, João de Lucena queria sair do carro, eu queria sair do carro e não queria falar nem com o José Alexandre nem com o João de Lucena. Por mim, deveríamos separar-nos assim. Não havia nada para explicar. Estávamos envolvidos os três num manto de cobardia que nos atava ao chão.

Porque não reconhecíamos a verdade?

Para nenhum de nós o que se tinha passado se revestia de grande importância, fora apenas um episódio lateral que em nada punha em causa o eixo mestre da vida de quem quer que fosse. A mim, pessoalmente, nada me tocava de muito relevante. Pois que diferença fazia Solange de Matos ter passado a noite naquele quarto do fundo, do lado do sol nascente, ou num dos quartos do lado oposto? Se a diferença era de uns metros, para quê todo aquele embaraço? Só porque eu tinha dormido com o doutor Alexandre tio, em vez de ter passado a noite entre João de Lucena e o doutor José Alexandre sobrinho? Aliás, até ao momento em que tivera lugar aquela invasão do quarto do tio por parte do sobrinho, eu nem sabia quem era o homem da camisa indiana. Nem se era doutor nem se

era Alexandre. Só soube, depois, quando tio e sobrinho se tinham posto aos berros, um diante do outro, e o sobrinho chamou libertino ao tio. Só nessa altura eu percebi quem era quem.

Mas acaso a identificação interessava para alguma coisa em semelhante matéria? A minha própria identidade interessava para alguém? O meu nome? As minhas letras? Aquilo que eu trazia às costas de mais importante não era, afinal, a imagem do meu pai levantando a arma do inimigo contra o seu amigo? Uma catana estrangeira na sua mão, pronta a decepar os dedos do seu aluno dilecto? Essa imagem ameaçadora que eu temperava com o som manso da *Balada do chazeiro*, e com as duas eu equilibrava o mundo? E no entanto, esse traço corpóreo que me identificava, meu verdadeiro gene, por acaso transparecia em alguma das feições do meu rosto? Não sei quando eu tinha aprendido a desconfiar da certeza, a aceitar o pouco, o pobre, a parte, o pequeno, o lateral, o duvidoso, o humilde, o restante, não sei quando. Isso identificava-me. João de Lucena sabia-o tanto quanto era possível alguém saber sobre alguém. Quando falávamos, não nos qualificávamos, mas descrevíamos as circunstâncias e isso bastava para nos identificar. Por que razão, João de Lucena, estando eu ainda sentada no sofá daquela sala, a enfiar a fivela das sandálias, me tinha dito – «Pára com isso, não sejas cínica, pára, pára. Parecias tão sólida, Solange. O que te passou pela cabeça?» E depois, dirigindo-se a José Alexandre – «Quero que nos vás levar de volta!» Era Lucena a falar com o seu amigo anfitrião, que ali andava, na grande sala, de um lado para o outro, a bufar ódio contra o tio, vinha o sol de Verão a romper no horizonte – «Ou nos vais levar, José Alexandre, ou eu chamo um carro e volto para Lisboa com ela...»

Era assim o amor de Lucena, eu via-o através das curtas palavras *nos* e *com ela*. Então, se assim era, não valia a pena aquele banzé, nada se tinha ganho, nada se tinha perdido. Nem valia a pena, agora, gritarmos palavras conforme uma suposta gramática que

afinal não servia de norma para nenhum de nós. O que teria acontecido se eu tivesse entrado no quarto de João de Lucena e lá estivesse José Alexandre em vez de João de Lucena? E se estivessem ambos no mesmo quarto? E se eles estivessem no mesmo quarto e eu não estivesse lá? E se a Foggy estivesse? E se a Foggy não estivesse? E se eu, naquela noite, estivesse em vez da Foggy, como tudo levava a crer? E se eu não quisesse para mim o papel da Foggy? E se João de Lucena quisesse, e não quisesse? E se José Alexandre só quisesse o Lucena? E se Lucena só quisesse o José Alexandre e a Foggy? Todas as combinações estavam em aberto, e pela minha parte, aquela experiência poderia ter sido bem mais desagradável do que fora na realidade. Pois eu só me tinha preparado para pegar no meu saco *La Buena Fama, Dormiendo*, mais no romantismo que o acompanhava, de mistura com perfume e com faixas brancas. Isso sim, teria sido de todo insuportável.

Insuportável se eu tivesse revelado o meu lado erva, estábulo, Sobradinho, altares da Nossa Senhora, *Magnificat Deo*. Mas, à revelia de toda aquela combinatória possível, surgira o dado salvador que não estava previsto – o tio. Foi o tio quem veio provocar todo aquele sururu que nos fazia regressar amplamente esclarecidos. O tio, o bom tio, o generoso, o revelador, aquele que permitiu que a ordem se restabelecesse. Pelo meu lado, tudo corria bem. É verdade que ainda no dia anterior eu tinha só dezanove anos, e passadas vinte e quatro horas, tinha cem. Como o tempo passa! Faz a sua diferença. Ainda durante a tarde do dia anterior, eu sofria ao ver que tinham desclassificado publicamente o meu amado, e isso tinha funcionado para mim, como uma tragédia grega, um golpe mais rude do que se eu fosse rainha e tivesse perdido um filho rei, um exército ou um estado. Mas isso fora enquanto eu tinha dezanove anos. Entre aquela noite e o dia seguinte, onze horas e três quartos da manhã, eu começara a ter um século. Mudámos de era durante

uma noite, mudámos a sequência dos factos, mudámos o conceito de verdade, a relação entre os géneros. Mudámos a concepção do género. A partir de agora, cada pessoa é um género humano. Sobre o amor, nem se fala. Mudámos. Cada tempo tem o seu interdito. Esta noite, dez de Julho, mudámos o interdito, precisamos, pois, de construir um outro. Uma nova muralha nos costumes que diga aos assaltantes que, se a transpuserem, haverá uma derrocada, nem mais pai, nem mais mãe, como no pior passo do Apocalipse. Por favor, um novo interdito. A minha pergunta, portanto, lá na Ideal das Avenidas, era a seguinte – Porque não se iam embora? Porque não iam parquear para outra avenida? Porque insistia João de Lucena em chamar-me cínica? Porque ficavam ambos, José Alexandre e João de Lucena, dispostos à volta da mesa redondinha, a olhar cada um para seu lado? Porque insistiam em folhear jornais, enquanto chamavam dissoluto ao tio? Eu estava bem, o coreógrafo estava bem, o tio tinha ficado muito bem, eu não compreendo isto. É verdade. Sentada à mesa, eu fazia versos, com a naturalidade com que outros fumam cachimbo. No princípio era o verso, pensava eu.

Mas nesse mesmo dia, o dia em que os três regressámos da grande quinta do tio, a aluna letrista também era capaz de descrever a realidade sem versejar. O dez de Julho não poderia terminar assim.

Naquele princípio da tarde de domingo, o autocarro de dois andares oscilava, vazio, escorregando ao longo do Tejo, mas deixou-me na paragem exacta. Ainda bem. Comecei a subir a Duarte Pacheco Pereira sem grande pressa pensando poder encontrar-me com Gisela Batista. Os factos não me desiludiram. Ao atingir o cimo da rampa, lá estavam vários carros estacionados diante da Casa Paralelo.

Toquei. A porta abriu-se. Entrei. Estava tudo em ordem. Gisela provava um vestido diante do espelho e a figurinista rojava-se-lhe aos pés, cheia de alfinetes entre os lábios. Sobre bancos e cadeiras,

vários vestidos encontravam-se expostos e a cada um deles correspondia um par de sapatos. O Capilé revia provas da capa e do encarte e ia fazendo perguntas em voz alta, envolvendo todos os presentes. E o mais extraordinário de tudo é que havia dois cabeleireiros discutindo a propósito do penteado de Gisela Batista. Nunca tinha acontecido. Quando ela me viu, quis libertar-se de todas aquelas mãos mas não foi fácil. Finalmente levou-me para um canto da garagem e mandou-me sentar. Deu-me um cigarro já aceso. Certificou-se de que estávamos a recato de todos aqueles artistas que entre si disputavam a certeza, e percebeu que sim, que estávamos até a recato do próprio espelho. Não tínhamos testemunhas, estávamos sozinhas. Era um assunto só nosso. Gisela ficou à espera. A minha firme ideia era de que Gisela esperava, há meses, por aquele momento. Mas eu não iria dizer-lhe uma única palavra sobre o assunto. Compreendia que estava à espera porque me interrogava, mas por mais que insistisse e imaginasse cenários para que eu os confirmasse – e ela imaginava-os e até bem detalhados – eu não confirmava. «Porque não dizes nada, Solange?» Eu não confirmava nem dizia as palavras que ela gostaria de ouvir. Ela perdeu a paciência – «Então o que vieste fazer, se eu não te chamei?» Estava ali porque queria vê-la. Só isso. Tanto encontro, tanta fala, e nunca tinha conhecido Gisela Batista. Pois agora eu só vinha confirmar que tudo possuía uma outra face. Gisela também.

«Não falas?»

Não, eu não falava. Em relação a nós dois, Gisela tinha participado de um silêncio cujo alcance só agora eu avaliava, mas os seus subentendidos nunca poderiam coincidir com as explicações que me desse. Ela tinha-nos visto fazer piruetas no arame, dois acrobatas sem rede, e tinha-nos abandonado. Ela não tinha intervindo, não tinha falado, e até mesmo na hora daquelas confissões profanas, ela

não havia deixado escorregar uma única palavra que fosse sobre o nosso caso. Ao contrário da vigilância férrea que mantivera com as minhas companheiras, nunca me tinha interrogado. Porquê? Num primeiro momento, as razões que eu havia encontrado para explicar aquele silêncio eram todas reles. Passado o primeiro impacto, esforçava-me por formular uma ou duas hipóteses que não o fossem. Teria sido por respeito por mim e por João de Lucena? Por respeito pela nossa história pública, ou pela consciência da nossa esterilidade privada? E como se perguntava isto mesmo a Gisela Batista? E como poderia eu ter a certeza de que fora uma estratégia de generosidade e não um processo de malícia? Toda a pergunta que eu formulasse seria incompleta, toda a resposta que ela me desse seria suspeita. Era um momento de acareação sem palavras. «Fala, fala!»

– Eu não falava. Eu só vinha confirmar que ela possuía uma outra face. Agora eu olhava para Gisela Batista, sentada a meio metro de distância, e via o seu rosto ao mesmo tempo, de frente, de perfil e de trás. Diante do espelho, os artistas do penteado e da indumentária continuavam à espera do corpo de Gisela, e eu ouvia o seu pensamento falar – Que estúpida coincidência. Tu, ou eles? Tu, ou eles?

Naturalmente, eles. Todos aqueles criadores estavam ali, por grande deferência, pois além de ser domingo, também era Verão, e eu tinha aparecido por acaso, embatucada e muda, atrapalhando tudo. Porque vieste? Um outro cigarro? Água fria? Então, o quê, meu Deus, o quê? – As minhas mãos mantinham-se entre as suas. Os seus olhos devoravam a minha cara. A sua voz tinha, ao mesmo tempo, um traço de professora esclarecida e de piedade – Compreende, minha querida, não me cabia a mim ensinar o que a ti te compete aprender. Nesse estado de alma ninguém tem o direito de intervir. Tudo conta, nesse estado de alma, minuto a minuto, segundo a segundo. Quanto mais encheres o teu saco, mais terás de

onde te alimentar no futuro. Olha que não acontece duas vezes. E a vida só tem interesse enquanto essa aventura existe, ou enquanto esperas pela aventura, ou enquanto te lembrares da aventura. Não quis roubar um segundo à tua provisão. Pena que tenha acabado. Mas que pena. Um dia, compreenderás que te quis muito bem. Tu, ou eles? E eu pensava que Gisela iria dizer – Estou farta, escolho-os a eles. Mas não foi o que aconteceu. Gisela resolveu a situação dirigindo-se ao telefone e chamando o carro da empresa. Não tardaria a chegar o Mercedes cinzento com as estrelinhas de prata. Nesse dia, Gisela disse – «Tu não podes regressar sozinha. Hoje, eu vou contigo.» Só quem conhecia a *maestrina* poderia avaliar o que significava despedir, naquelas circunstâncias, a figurinista, o maestro e os dois cabeleireiros.

Ao longo dos meses seguintes, a relação com Lucena também não mudou.

Publicamente, diria mesmo que se reforçou. Andávamos juntos por toda a parte, beijávamo-nos em qualquer lugar, e corria, segundo a convenção de então, que estávamos em estado de noivado. Éramos filhos daquela década, e injuriarei quem falar de hipocrisia. Nós não éramos hipócritas, éramos apenas crianças mudas a quem tinham dado o poder do fogo e não sabíamos usá-lo sem queimar o que não devíamos, no dizer de João de Lucena. Foi um tempo perfeito. Eu ia esperá-lo à Vítor Cordon, ele esperava-me em frente à hospedaria do Campo Pequeno, encontrávamo-nos na confeitaria da Avenida da República, e entrávamos abraçados onde quer que fosse.

Num desses dias de Setembro, ainda a folhagem dos plátanos estava em esplendor, os diletantes, regressados de férias durante as quais haviam adquirido pele de bronze e dentes de nácar, de súbito, começaram a discutir o lugar de Deus no futuro, dividindo-se em

dois grupos. Marco António entendia que, ficando em breve toda a população da Terra ao alcance da abundância, a figura de Deus iria ser dispensada. Segundo o diletante da cabeça pelada, a ideia de Deus nascia do sentimento do perigo ou dos prolongados estados de carência. Uma vez suprimidos ambos pela força do progresso, não mais se lidaria com a noção de divindade – «Quem consome duzentos gramas de proteínas por dia, não precisa de rezar» – dizia o cabeça rapada. Mas a rapariga diletante, com nome de Natividade, entendia precisamente o contrário. Segundo essa rapariga, quando todos dispusessem do indispensável, então existiria tempo livre, e as pessoas ficariam disponíveis até para observar as estrelas. A ideia de Deus relacionava-se, segundo o seu entendimento, com o tempo disponível que se tinha para pensar. Tempo de lazer, tempo para a arte, tempo para a busca da totalidade.

Discutiram e enfureceram-se. Uma das mesas redondinhas dançou sobre o seu pé. João de Lucena acalmou os seus amigos dizendo que o reconhecimento da existência de Deus não se poderia prever a partir de circunstâncias tão aleatórias. João de Lucena encontrava-se em pé, colocou as mãos sobre os seus ombros, e disse – «Meus amigos, para mim, a prova da existência de Deus é esta. A minha namorada existe...»

A frase celebrou-se entre os elementos do grupo, durante uns oito dias desse já tão distante Outono, e o curioso é que João de Lucena não queria que a tomassem como *boutade*. Então como queria que tomassem?

Aliás, esse foi também um tempo divertido.

Ao fim da tarde sempre aparecia o José Alexandre, a Foggy e João de Lucena, os três saídos do mesmo carro. Certa noite, o coreógrafo não tinha espectáculo nem ensaio. Pintámos a manta naquela confeitaria. Um dos diletantes havia composto um som, como eles

chamavam em abreviado à música, e queriam que eu escrevesse uma letra. Estenderam-me vários guardanapos. Eu ia inutilizando uns atrás dos outros, e enfiando os fiapos nas chávenas. A certa altura estava escrito sobre um dos papéis – «*No tempo em que o mundo era um / E a tarde era uma avezinha / Eu só tinha / Eu só tinha / Razão / pátria, canção / Eu só tinha...*» Lemos as palavras em voz alta, o diletante aplicou a letra ao som e funcionava. Então a Foggy teve uma ideia. E se se acrescentasse, *Pátria, canção / Mas agora uma linha de luz / Uma linha / Atravessa o meu coração?*

Várias vozes caíram sobre a Foggy – «Oh! Foggy, que maçada, então não vês que não pode ser?» Até José Alexandre o disse.

Mas eu acudi à Foggy, fui em socorro das suas palavras, eu defendia a namorada de José Alexandre com unhas e dentes. A minha simpatia ia toda para ela, sugerisse a Foggy o que sugerisse. As suas palavras serviam muito bem, elas adaptavam-se perfeitamente ao som que os diletantes me tinham dado. Estávamos em consonância, eu partilhava com ela o campo da criação. Éramos velhas companheiras e não sabíamos. A letra não fazia grande sentido, mas isso não tinha nenhuma importância. Desde quando uma letra precisava de ter sentido? Ali estivemos reunidos, à volta daquele som, até que o último empregado da Ideal nos mandou cantar na rua. E nós fomos, cantando, abraçados uns aos outros.

Outono de oitenta e oito.

Ainda visitei, por mais duas vezes, a casa de Sete Rios. Lembrome da primeira dessas visitas. A mãe estava exuberante como nunca antes, embora todas aquelas senhoras continuassem a falar num tom tão baixo que se tornava necessário repetir o final das frases, como se fosse obrigatório criar um eco ali dentro. A mãe perguntou a João de Lucena – «Mas então não voltas para o teu apartamento no Ansonia Building? No Ansonia Building? O que se passa?»

Lanchávamos a preceito, na sala de jantar, agora com menos luz, porque andavam a construir mesmo em face uma muralha de doze andares e o material betonado ainda estava em bruto. A sombra cinzenta do cimento entrava ali dentro e transformava-se numa luz esverdeada. João de Lucena respondeu – «Ora porque será? Porque a renda é insustentável...»

A avó queria saber – «Como disseste?» Falando muito baixinho, quando todas aquelas senhoras de idade ouviam mal. «Ele disse *insustentável*, mãe...» E a mãe de João de Lucena falou para o filho – «Mas então, diz-me, filho. Vais entrar no *Don Quixote* com o Baryshnikov e não suportas essa renda?» João de Lucena também falava baixo, mas esquivava-se a repetir as frases. A mãe insistia – «Não me digas que de noite vais actuar na sala mais importante da América, e de dia vais fazer de criado de servir dos demais...» João de Lucena nessa tarde carregava consigo uma paciência sem limites. Ele explica – «Mãe, lá é quase como aqui. Muitas vezes, para se dançar, ou fazer dançar num palco, é preciso servir ao mesmo tempo no fundo das cavalariças e ter uma força de cavalo. Compreenda, mãe...» As quatro senhoras mais velhas ouvem uma palavra antiga, *cavalariças*, sentem alegria e querem mais detalhes. A mãe fornece a explicação – «É assim, tias. Lá, o João vai ser responsável por determinados entrelaçamentos dos bailarinos no palco, mas em termos de finança, só sobrevive se for mordomo. É intolerável...»

«Mordomo?» – Estamos a lanchar o bolo mais suculento que já encontrei sobre uma bandeja, e o chá mais aromático que já vi correr pelo bico de um bule. Uma das tias quer que João de Lucena conte o que se passou, quando era mordomo e esteve a falar com Edward Kennedy, o sobrevivente. O que dizia ele? Por que motivos dizia ele que o irmão John tinha sido assassinado? Dizia que não era por uma razão política, mas por uma história de amor, não é verdade? O John Kennedy abatido, por uma bala enviada por aquela arma, e a partir daquela janela, mas por um caso passional. Aliás, a

bala se calhar nem seria para ele, mas para Jacqueline. Dependendo de quem encomendou o assassinato, se foi homem, se foi mulher. O triste é que nunca se saberá. As balas conhecem a história, mas não falam. A mãe pede um comentário – «Sim, conta lá tal e qual como contou o Edward, quando falaste com ele...»

Nunca tinha encontrado as seis senhoras tão faladoras, tão alegres, tão confiantes. O espectáculo de João de Lucena tinha sido muito bem visto, em Lisboa, ele tinha vindo cumprir o seu dever de cidadão, pagara o seu tributo à pátria humilde, e agora partia para Nova Iorque, para outros voos mais altos, e elas estavam felizes e falavam baixinho, excepto ao telefone. Eu percebia que ele poderia perder a paciência e soltar um grito no meio das vozes mansinhas, mas João de Lucena mantinha-se calado. Era a sua forma de se despedir, sem dar nas vistas, um preito que fazia ao esquecimento que o futuro anunciava. Ele só disse – «Eu ouvi essa conversa, mãe, enquanto rondava com uma taça de gelado no ar, isto é, enquanto o servia, sendo ele um convidado da casa onde eu prestava esse serviço na altura. Não diga o que não é verdade, mãe. Eu não tive nenhuma conversa com ele...»

«Ah! Uma taça, uma taça? À volta do Ted Kennedy?» Todas as falas, muito de mansinho.

Lembro-me como se fosse agora, como se neste instante mesmo o telefone branco tocasse, e a mãe de Lucena fosse atender. A mãe falou alto, ao telefone a mãe parecia outra pessoa, de feliz que estava. Quando regressou, João de Lucena também falou alto, não demasiado, mas com firmeza – «Mãe, por favor, não ande a dizer às suas amigas o que não é verdade. Meta isto na sua cabeça. Eu não vou fazer o *Quixote*, eu não vou ser o Basílio, nem sequer o

Gamache, eu apenas vou fazer uma assistência e talvez venha a trabalhar na companhia do Carvalho Branco, mãe...»

A mãe e a tia Clarisse sobressaltam-se – «Na Companhia do Carvalho Branco?»

Mãe e filho estão frente a frente. João de Lucena soletra – «Mãe, provavelmente irá chamar-se *White Oak*, seguido de algumas outras palavras. Mas isso tem uma tradução, não é?»

A mãe suspira de alívio. Durante essa tarde, meados de Outubro, com o prédio em frente a empurrar as cores sombrias para cima da mesa, os retratos dos homens e das mulheres de família a olharem de mais longe, e as louças da Companhia das Índias a perderem o contorno das flores, a avó ainda consegue combinar os dias do regresso. A tia Clarisse entende que se devem acender as quatro velas do candelabro por causa da sombra verde, e dá a ideia de que o sobrinho só deveria regressar quando o imóvel em construção estiver pintado para que as cores claras possam ajudar a iluminar a mesa. Até lá iria ser sempre assim, uma sombra escura. Mas as tias idosas acham que ele há-de vir pelo Natal. De novo falam baixo – «Apanhando o Natal e o Ano Novo, é que seria bom. Mas pela nossa parte, se tiveres de escolher entre as duas datas, nós preferimos o Natal. Queremos o Natal. Sim, o Natal, quando ele chegar, o Natal... E aqui a jovencita, aposto que também quer o mesmo que nós.»

«Não é mesmo, jovencita?»

Da última vez que visitei a casa de Sete Rios, não me lembro de quase nada. Não me lembro das falas, nem da mesa, nem de como as senhoras se encontravam vestidas. Nem se estavam nos seus dias sóbrios ou nos dias exuberantes. Apenas me lembro daquele momento em que as senhoras de cabelos azuis me chamaram para junto de si e me colocaram um objecto de ouro na mão, já que João de Lucena, esse descuidado, ia partir para Nova Iorque e não se lembrava do mais importante. O João era assim, deixava aqui a

jovencita à solta, e não se lembrava de lhe oferecer um símbolo, nem disso ele se lembrava. O João não se lembrava de nada, não se lembrava de coisa nenhuma. O João era um descuidado.

E assim nos dispersámos.

## EPÍLOGO PARA MAIS TARDE

Na Praça das Flores, as folhas de plátano recomeçaram a voar para dentro do lago verde, e agora mesmo o ocupante do rés-do-chão entrou em casa embrulhado num casaco de Inverno e fechou a sua porta à chave.

Entrou sozinho, e quando isso acontece, é costume as mãos de Mahler levantarem-se da terra para virem incendiar de música o número 81 desta praça. Hoje, não parece ser esse o caso. A esta hora já ele deambula pelo corredor, ouço-o arrastar alguma coisa pelo chão, agora a torneira da cozinha espirra para cima do metal, agora uma outra porta abre-se, fecha-se, e os seus passos desaparecem nos aposentos do fundo. Refiro-me ao pequeno *living* com sofás de bambu que dá para um simulacro de quintal onde se pode abrir um cadeirão reclinável concebido para prolongados repousos. É possível, no entanto, que o ocupante não pare por lá muito tempo. Mesmo embrulhado no casacão de astracã, uma vez ao ar livre, o ocupante tem frio. Ele aí está. A cancela já se abriu, ele já reentrou, a porta de ligação ficou fechada, neste momento já ele afastou a cobertura da otomana, já retirou os sapatos, e agora já se deitou. Acaso terá ligado o candeeiro da mesa?

Talvez hoje seja um dia diferente.

A esta hora, o cirurgião inglês costuma entrar com o ocupante, e quando isso acontece é frequente ouvirem-se os sons vagueantes do *jazz*, e nos intervalos a chaleira fumega várias vezes. Mas a diferença no mapa dos ruídos só se acentua quando entra pela porta

aquele que a si mesmo se chama de negro, para dizer que a sua alma é expansiva e a sua pele é escura. Quando esse entra, os sons adormecidos que existem nas coisas acordam e os vidros vibram de uma outra maneira. Às vezes partem-se. Calculo que ao longo destes três meses a dúzia de taças-flauta que havia no armário do fundo já esteja reduzida a umas escassas três ou quatro unidades. Nesses momentos, ele grita –«*Sorry, honey!* Saltou-me das mãos.» E o ocupante acrescenta – «Mais um! Vais ter de pagar, vais, vais...» Se acaso necessitam de uma refeição fora de horas, e o brasileiro tem de subir ao primeiro andar com um tabuleiro nos braços, esse destruidor de louça gosta de contar em sentido contrário – «Está a ver, dona? Menos um...» E faz menção de levar aos lábios o copo que se foi ao ar. Durante as noites, costumam revezar-se junto do ocupante. Quando se encontram os três, ou mais – por vezes vem gente de que não conheço as vozes – nessa altura colocam no prato a *Canção Afortunada*, entalada entre Tchaikovsky, Grieg e o infalível Mahler. O que significa, sem dúvida, uma extraordinária cedência, sobretudo um cumprimento, e porventura uma chamada. Se está sozinho, pode acontecer que use o prato da aparelhagem para fazer rodar as treze faixas de música ligeira, uma, duas, três vezes, até que eu cedo e desço. Mas não demoro por lá muito tempo.

Quando subo, ele recoloca em andamento a mesma engrenagem, e eu fico a ouvir, através do soalho, temas que sei de cor. Nem preciso de escutar o segundo acorde para repetir palavras que em tempo foram tão populares que até os meninos que mal sabiam ler as cantavam nos recreios das escolas – «*Ah! Afortunada, afortunada / Por isso esta canção / Te dá tudo / E não quer nada...*» De resto, as palavras dessa cançoneta eram tão comuns, tão próximas do uso quotidiano e da frivolidade dos sonhos estivais, que as próprias adolescentes as tinham por divisa e as escreviam nos pulsos em forma de tatuagem. Depois houve adaptações mais ou menos livres. Numa delas, uma trompete substituía a voz humana, havendo quem

dissesse que desse modo a melodia se enterrava no coração da pessoa com muito mais eficácia. No entanto, na redondela recentemente reeditada, ainda são apenas as nossas vozes que a cantam como antigamente. Mas tudo isso aconteceu há muito tempo, e agora o que me interessa perceber é se alguém mais entrou no rés-do-chão desta casa, ou se o ocupante ainda se encontra sozinho.

Continuará às escuras?

Que eu desse conta, desde que voltou do quintal, ainda não acendeu nenhuma luz. Pelo menos eu ainda não vi o seu reflexo sobre as folhas da vinha virgem. O telefone da secretária costuma tocar por esta hora, e quando acontece, é o cirurgião anunciando que vem a caminho, se acaso não entraram juntos. Pois, hoje, que eu tenha dado por isso, o inglês também não chamou. O telefone móvel, esse toca muito pouco, e quando toca o ocupante nem sempre atende, e eu até gostaria que não atendesse nem esse nem outro qualquer. Gostaria que não atendesse nunca. Às vezes imagino que os telefonemas do segundo piso possam ser escutados lá em baixo e só essa suposição me inquieta. Para ser franca, receio que os telefones toquem no rés-do-chão, toquem aqui em cima, toquem no terceiro piso, toquem no fundo do saco, na algibeira da gabardina, que toquem ao sair de casa, que toquem ao fundo da rua, receio que toquem em qualquer parte do mundo. Defendo que a nossa vida, de vez em quando, deveria ser possuída pelo silêncio das árvores. Admiro o que penso ser a sua imóvel perícia, a sua respiração invisível, o seu repouso sem fala, admiro. Ou por outras palavras, receio os telefonemas de Gisela Batista. Receio que uma das linhas que a assiste troque o destinatário, ou que uma onda se propague segundo uma norma desconhecida, atravesse o tabique e vá incidir sobre o telefone do rés-do-chão. É que desde há dois

meses que Gisela persegue João de Lucena, ao contrário do que as suas palavras faziam supor no final da noite minuto. Gisela assegurava, à saída do Cine-Teatro, que não tinha reconhecido João de Lucena.

Eu reconheci-o.

A princípio, apenas me apercebi de que o coreógrafo vinha de branco. Se alguma peça da sua indumentária não era branca, seria por certo tão clara que parecia dessa cor. Sobretudo os sapatos eram muito brancos, muito grandes, sobejavam-lhe dos pés, e a roupa também lhe sobejava, e o colarinho, e as ombreiras, tudo tinha sido talhado para um João de Lucena maior do que ele mesmo. Ou era a minha imaginação ou a roupa, com a qual o coreógrafo surgia de forma inesperada, havia sido comprada para outra pessoa. Entretanto tinha-se dado a invasão do palco e eu fui permanecendo na coxia, observando os sapatos das pessoas a cruzarem-se, as pernas a agitarem-se, as luzes a acenderem, a apagarem, e no meio de tudo isso, Lucena saiu do palco para me vir falar. Falou. Era o que eu pensava, a sua roupa dançava demais no seu corpo. O resto aconteceu por acaso. No momento não dei pela brincadeira, mas consta que foi sobre as nossas costas que choveram as estrelas do programa, e por fim a longa fita do genérico começou a deslizar, mas a última voz que se ouviu ainda foi a do animador a lembrar que se estava a gravar para o mundo. O pequeníssimo mundo minuto em que a Terra se transformou. Depois apagou-se tudo. Chegámos separados à porta do Cine-Teatro.

Seria possível encarar o mundo, lá fora?

Suspeição desnecessária. A porta da sala de espectáculos, abrindo para a Avenida da Liberdade, permitia que aí se acumulassem os transeuntes. Foi então que Gisela me apontou um dedo ao peito –

«Pois olha que veio sem eu saber, e veio por ti, não por mim. Foi por ti que ele perguntou à produção.» Em seguida apareceu um tal Fernando a dizer que tinha tido a ideia de ligar para o Het Muziektheater, e a partir de lá haviam-nos posto em contacto – «Mas eu nunca imaginava, eu nunca imaginava. Grande impacto...» Abraçando-me, Gisela disse – «Grande choque...» E tinha voado para junto do seu grupo. Podia voar. Ela já havia assinado, datado, carimbado o documento de despedida em relação a João de Lucena. Desapareceu sem olhar para trás. As irmãs Alcides, essas, rondavam pelo passeio, com os olhos muito abertos, muito vermelhos, e ambas se dirigiram para dentro de um carro, sem dizerem uma palavra. Ao volante não estava o Eugénio, estava o rapaz da Kawazaki.

Depois foi tudo linear. Os táxis só não partiam porque ninguém conseguia atinar com o local ideal para a ceia. Um dos táxis havia sido chamado de propósito para Lucena. O coreógrafo já lá estava dentro, instalado com mais duas pessoas, dois homens, e os três acenavam-me. A porta do táxi mantinha-se aberta. Entrei no táxi. O hotel era mesmo em frente, mas eles tomavam um táxi para dar uma volta pela cidade. Antes de se dirigirem ao local da ceia, queriam ver se Lisboa continuava a ser uma aldeia que adormecia devagar. E os três, dentro do carro, comentavam aquilo a que tinham assistido dentro do Cine-Teatro. O cirurgião inglês sentia-se desapontado. Continuava a achar miserável a forma que tinham encontrado para Lucena se mostrar em público. Descer por uma escada de circo, para se lançar nos braços de uma madame em trajes de prostituta, era demais. Mas o próprio e o brasileiro, ambos riam a bom rir. O brasileiro dizia – «Foi muito interessante, você viu muitos dos seus amigos, e se mostrou a todos eles de uma vez só! Você deveria ter mais oportunidades destas, *honey*. Para quê guardar o seu corpo? Para entregar a Deus? Deus só quer o seu espírito, e só se você lho oferecer, que Ele não lho vem pedir, não.

Deixe para lá. Tão lindo você parecia, a descer por aquela escada. Você agora vai ficar conhecido à volta do mundo como o homem mistério, meu bem...»

Ambos riam dentro do táxi a ponto de o taxista não saber para onde se dirigir. «Você sabe, Solange, onde é a ceia?» Eu não sabia. Eu estava sentada entre João de Lucena e o brasileiro, e não me lembrava do local da ceia. Então Lucena pediu ao taxista que se dirigisse a Sete Rios, e o inglês impediu. Eu ainda não os conhecia, mas o cruzamento de falas passava-se de forma alegre, com um destino por cima a pairar, um destino de tal modo concreto que iluminava tudo em redor. Para quê a Sete Rios? O cirurgião perguntou em inglês se ele queria ir lá outra vez sofrer. Tinham arrasado tudo. No lugar onde existia a casa em que a sua mãe morava, estava agora um prédio de doze andares a olhar para a gente. Lucena não tinha ficado nem com uma fotografia de criança.

«Você vai querer sofrer? A menos que se sinta bem a sofrer, a chorar como um bebé, diante de um lugar que antes foi de uma casa onde morou a sua mãe...» – dizia o inglês em inglês.

O brasileiro colocou um monte de euros sobre o *tablier* do táxi e disse – «Apita, irmão, que não te vais arrepender...»

Eram três da manhã quando chegámos à Praça das Flores, e ainda havia gente a conversar, sentada em torno do pequeno lago.

As folhas dos plátanos à luz das lâmpadas ficavam cor de ouro, como no bosque do Toiro Azul. Nenhuma folha bulia. O número 81 era ali mesmo em frente. Três pisos, um deles vago. O rés-do-chão. Lucena disse que se tivesse onde ficar em Lisboa, ficaria. Se Lucena ficasse, o cirurgião inglês ficaria, e se ambos ficassem, o jovem brasileiro ficaria também. Um deles tinha-se aposentado, o outro não tinha emprego certo. Nenhum deles seria obrigado a voltar para lá, para Amesterdão, a cidade perfeita. Eles gostavam desta cidade imperfeita, uma aldeia que adormecia devagar. Pois estávamos em

face do número 81. Estávamos calados, todos de boca fechada. «Sabem o que estão a ver?» – perguntei. Eles não sabiam. «Pois olhem que não são doze janelas, um telhado e uma porta, são os dias de labuta do meu pai e da minha mãe que estão ali, naqueles três pisos. E uma fábrica de chá, e uma travessia desde África e assim por diante. A sua vida inteira...» Para amenizar, expliquei como aquela bela casa, para onde eles olhavam, eu não a merecia, era alguma coisa que eu devia às vacas, ao leite das vacas, e ao próprio estábulo. E ainda, para amenizar, deu-me para berrar como um bicho bovino. Múhhhh. Fiz eu, e o brasileiro, compreendendo-me, fez de chocalho. Tlim, tlim... Foi assim que entrámos no rés-do-chão do 81 da Praça das Flores. João de Lucena deixou-se tentar pela otomana coberta com um pano de seda entre azul e vermelho.

«E diz você, Solange, que arrendou isto a um belga? Meu Deus, que inveja eu tenho desse belga que vai viver neste luxo. Temos de desviar o seu avião, uma bomba nos sapatos dele. Qual diplomata belga, qual quê...» – O brasileiro fazia piruetas no meio da sala comum. João de Lucena sentou-se na otomana, e eu acendi o candeeiro que oferecia um halo rosado às faces. O brasileiro não desgrudava de João de Lucena – «Como você fica bem, meu bem. Aí encostado, com suas pestanas grandes, você agora é mesmo uma boneca, Lucena, uma linda boneca, desde que está doente. Esta noite, quem dera que você fosse belga. Você não voltava para o hotel, ficava já aí estendido a dormir...» Disse o rapaz, a tocar em objectos, a massajá-los, a espremê-los. «Lindos copos, lindos metais, lindos, lindos de morrer...» – dizia o rapaz brasileiro.

Eu tinha a ideia de que aquela noite não era uma noite, era aquele momento circular e totalitário de que falam as pessoas que uma vez estiveram à beira da morte e contam que, num ápice, reúnem numa só paisagem todos os pontos altos da sua vida, tudo o que viram e experimentaram, e todos aqueles que conheceram ficam

equidistantes de um ponto fixo aberto no coração, correndo diante do olhar e do pensamento de forma imparável. Dizem que o moribundo perde a noção da distância e do tempo, e que tudo é presente, e que isso já é o anúncio de que vai haver uma boa eternidade. Sim, ouvindo o falador e observando a reserva do inglês, a estreamos a minha mobília antes do diplomata belga, eu pensava que tudo poderia ser muito simples. Seria tão simples, tão simples. Pois seria só anular o contrato com a embaixada da Bélgica. Tão simples, tão simples. E isto, que também parecia natural ao brasileiro e até ao inglês que o acompanhava ia para dez anos, tão sisudo, tão formal, transformava-se num acto improvável aos olhos de João de Lucena. Começou por recusar. Achava que um gesto desses não era próprio deste mundo. Mas sendo assim, se não era natural que uma pessoa emprestasse uma casa a outra pessoa, então como se qualificaria este mundo?

Foi então que eu pensei em Gisela Batista.

A credulidade é um estado de alma que não se adquire e raramente se perde. Quando se é viciado nessa espécie de não prudência, ela se desfaz e logo se recompõe, persistindo sob a forma de uma natureza intrínseca. Assim, podrida de credulidade, segundo os meus cálculos, pensei que Gisela não voltaria a ligar tão cedo, depois daquela despedida sobre o passeio diante do Tivoli. Pensei mesmo que talvez não ligasse nunca mais na vida.

A antiga *maestrina* vira-me sair com João de Lucena, e as suas palavras tinham sido estas – «Que choque, que choque!», e deveria ter sentido que a situação estava liquidada por haver uma testemunha, logo ali, no momento exacto, com capacidade para esclarecer que não fora ela quem tinha chamado o coreógrafo. Ilibando-a, libertando-a de qualquer comprometimento, cedência, ou

simples perda de tempo. Não vou ao ponto de sugerir que não tivesse tido a incomodidade de um sonho mau. Isso não. De vez em quando, Gisela sonhava com o filho de Madalena Micaia feito um homem, e acordava alagada em suor. Neste caso, quero imaginar que eu bem poderia ter-lhe aparecido, no escuro da noite, agarrada ao seu pescoço para me livrar das mãos de um intruso, cuja cabeça pudesse ter o rosto emagrecido de João de Lucena. Calculo que durante esse sonho, ela tenha conseguido afugentar o intruso, libertando-me, libertando-se, e a sua catarse deveria ter ficado por aí. Mas a realidade foi bem diferente.

Em meados de Agosto, Gisela telefonou, e como se mais nada houvesse para tratar, disse que vinha pedir o contacto de João de Lucena. Pediu o seu número de telefone, no meio de uma longa conversa em que o tema da Noite Perfeita era predominante. Segundo Gisela, o segredo consistia em ser autêntico, inventivo e muito rápido, se acaso se queria vencer no império do reino minuto, império para o qual ela havia nascido e não sabia. Tanta viagem, tanto colégio, tanta tentativa, e só aos trinta e cinco anos o havia descoberto, por acaso. Depois da experiência da garagem, o Senhor Simon tinha feito transportar para junto dela, o Yamaha, o espelho, e mais importante que tudo, tinha-a apresentado à pessoa certa. O Senhor Simon. E agora, deixando esse assunto para trás das costas, ela gostaria de ter o contacto de João de Lucena. Mas desta vez Solange de Matos não estava desarmada. A malícia tem a boca pequena. «Não sei» – disse eu.

Gisela fez uma pausa do lado de lá. «Pois não tem importância nenhuma» – respondeu. «Se tu não sabes, vou procurar noutro lado.»

Terminou assim esse contacto feito à hora do jantar, e eu senti alegria por ter mentido a alguém a quem nunca tinha mentido. Coisa de nada. Uma espécie de coice de pulga sobre o abdómen

couraçado do paquiderme, e no entanto uma sonegação que muito me satisfazia. Mas passados dois dias, a conversa foi diferente. A vencedora da Noite Perfeita telefonou ao princípio da noite e a sua voz deixava transparecer uma certa fadiga. Afinal, vinha dizer-me que precisava urgentemente de um qualquer contacto de João de Lucena, que já só dispunha de dois dias para proceder a uma certa *démarche*, e então percebi que vinha ao meu encontro um território sobre o qual disputaríamos alguma coisa de igual para igual. Era só um endereço, uma informação, um símbolo, ela poderia obtê-lo de um momento para o outro sem a minha ajuda, mas eu mesma não lho daria, tinha-o comigo e fechá-lo-ia no interior do meu punho. A malícia tem a boca pequena – «E como, se não sei onde pára?» – perguntei. Uma vez que Gisela insistia, no pressuposto de que bastaria eu levantar um dedo para saber de João de Lucena – o que era mais do que verdade, pois enquanto falávamos, eu ouvia a música do rés-do-chão misturada com vozes, e uma delas era a de Lucena – comecei a jogar com os meus dados e a aniquilar os seus – «Já tentaste o 860 da Nona Avenida? Talvez ele tenha voltado para lá, tem o Roosevelt Hospital tão perto, não é? Ou o apartamento no Ansonia Building, onde deixou vários amigos. Ou Amesterdão, de que te posso dar os endereços, desde o de casa ao do teatro...» E Gisela, cansada, ia confirmando que por esses portais todos, mas todos, já ela havia andado. Até que a *maestrina* começou a libertar os seus dados para que eu entendesse o que estava em causa.

Tratava-se de um assunto importante. Ela iria desempenhar um papel de destaque num programa magnífico, a fina-flor da programação, a decorrer entre as dez e a meia-noite, e a produção não só pretendia a colaboração dela, Gisela Batista, como desejava que o próprio João de Lucena colaborasse. Se assim fosse, até as irmãs Alcides haveriam de sair do interior dos casamentos onde se tinham aferrolhado, para ressurgirem com o *Dueto das Flores*, ou algo assim, coisa breve, muito rápida, coisa que encantasse. E eu

também iria ser convocada, e até mesmo a outra, a gordinha do Conservatório, agora professora de crianças, já que não dava para mais nada, até essa haveria de vir, e durante uns minutos lá estaria dando o que tivesse para dar. Tudo muito simples, todos ao alcance da produção. Todos, menos João de Lucena. Não era cínico? Logo esse, que iria ter um papel de destaque, ninguém o conseguia encontrar – No rés-do-chão, por certo que a mesa estaria posta, pelo menos eu ouvia talheres e pratos tilintarem, deveria haver mais gente à mesa do que era habitual, naquele fim de tarde ainda de Verão, e eu, sentada à janela do primeiro andar, escutava mensagens provenientes dos dois lados. Tudo batia certo, tudo correcto, tudo exacto.

«Tu entendes isto, Solange?»

À medida que a *maestrina* ia expondo o assunto, eu ia compreendendo. Gisela pretendia ver João de Lucena sentado a seu lado, semana após semana, a propósito de uma conversa informal. Coisa simples, coisa genérica. Estar só para estar. Pensei. Depois perguntei e ela confirmou – «Exacto, eles estão muito empenhados na figura de João de Lucena. Ao longo de três meses, entre Outubro e Janeiro, treze sessões, uma fala de dez, quinze minutos, ou mesmo sem fala, só mesmo ele, a sua pessoa...» Mas o seu caso ainda não fora trabalhado senão à distância. Seria urgente, para já, a sua presença para uma avaliação detalhada. Um médico deveria observá-lo. «Não te esqueças que o público, esse juiz desmiolado, está sempre pronto a pregar partidas a qualquer um. E por isso, não se pode prometer e depois faltar...» E Gisela, filosofando à hora do jantar, começou a questionar o sentido da vida e o significado da morte. Disse que a ideia de uma pessoa desaparecer entre os mortos não assustava ninguém, mas ter-se a noção de que se pode desaparecer entre os vivos, isso sim, é sentido pelo próprio como intolerável – No fundo, Solange, como sabes, a eternidade somos

nós. Desaparecer entre os que nos conhecem, assim, como uma bola de sabão, é que não se consegue aceitar. Partirmos sem impressionar ninguém, isso é que é o verdadeiro óbito. Aliás, deveríamos perguntar-nos para que pode prestar aquilo que temos de mais certo, a nossa morte. Acaso uma forma de sermos úteis não seria partilhá-la, de modo a prolongarmos a nossa presença até ao fim, oferecendo-a aos outros? Ela tinha pensado demoradamente no assunto. Talvez um tal prolongamento da nossa vida fosse um dever, e bem apresentá-la em público, a manobra de uma arte. «Percebes o que eu te estou a dizer?» – perguntou, à hora do jantar, os pássaros lá fora numa chilreada, atravessando as copas das árvores. Era muito curioso. Ao escutar Gisela Batista, parecia que tínhamos regressado aos discursos da garagem. Havia alguma coisa de patristico na sua fala, uma espécie de razão indefectível tecida sobre um pressuposto de falsidade. Eu não podia responder. Naquele mesmo momento, alguém mais entrava no rés-do-chão, e eu ouvia distintamente João de Lucena cumprimentar a pessoa, e depois cruzava-se, mansa, a voz do inglês. Falavam e calavam-se. Água corria sobre a pia da cozinha. Acabei por interrompê-la – «Lamento, Gisela, não sei onde pára João de Lucena. O que mais te posso dizer?»

Gisela fez uma longa pausa – «Mas como é que não sabes dele? Então eu não te vi, naquela noite, entrar para o táxi? Onde o deixaste? Não me digas que lhe perdeste o rasto. E agora? Mas que estúpida que eu fui. Eu tive-o junto de mim, ainda o cumprimentei, estendi-lhe a mão e deixei-o escapar. Que atraso, que atraso!» Gisela, desesperada – «Solange, por favor, peço-te que faças qualquer coisa, dou-te oito dias para o encontrares. E eu que pensava podermos agendar, hoje mesmo, um encontro. É muito importante que uma equipa médica o possa controlar. Treze semanas seguidas. Querida Solange, hoje mesmo, não te demores. Fala...»

E o prazo foi-se dilatando.

Ao longo de dois meses os telefonemas foram-se intensificando. Gisela deveria ter a forte intuição de que Lucena não andaria longe, e percebia muito bem que eu poderia ter a chave, que a própria chave estaria muito perto de si, mas ela não conseguia acertar na forma de arrecadá-la. No início do Outono, chegava a telefonar duas e três vezes por dia. Eu colocava o telefone no modo silencioso, mas pelas oito horas da manhã o visor anunciava a sua investida – «Solange? Estás acordada? Repara no que te digo. Vamos recapitular. Naquela noite, tu saíste com ele, tu foste a última pessoa a segui-lo, toda a gente sabe, toda a gente viu. Digas o que disseres, é indesmentível que vocês desapareceram os quatro, num táxi. Ora nessa noite já ele não dormiu no Hotel Tivoli. Os dois acompanhantes vieram buscar-lhe as malas às tantas da madrugada. Esses ainda ficaram por mais três dias no hotel, mas o Lucena, não. Repara, Solange, que a produção pagava-lhe a diária e o tipo não estava lá. Para onde se dirigiu o tipo? Está apurado que naquela mesma manhã ele não tomou um avião, não aproveitando portanto o voo que estava marcado. Que voo tomou, então? Para onde? A partir dessa manhã, a produção perde-lhe o rasto. Sendo assim, diz-me, Solange, faz um esforço. Se vocês tomaram um táxi na noite anterior e andaram a passear por Lisboa, onde os deixaste? A que horas? O que disseram? Não acredito. Pelo menos alguma coisa ele te disse. Não me vais dizer que nessa noite andaram pela cidade os três atrás de ti, e não tinham língua, não falaram contigo. Juras, pois, que nunca mais o viste? Que ele nunca mais te ligou? Que ninguém mais te deu notícias suas? Fala alto, Solange, por favor...»

Oito e meia da manhã, Lucena deveria estar a dormir, no pequeno quarto ao fundo, eu falava baixo, respondia o mínimo. Grande pausa. Ela insistia – «Tenho para mim que tu sabes alguma coisa

sobre este assunto. Tu sabes para onde partiram e não me queres dizer. Não queres acrescentar nada? Não te ofereces para dar um passo?» Mas aquela que fora a nossa *maestrina*, e agora era uma mulher que falava para o mundo no universo do império minuto, ainda dispunha de outro tipo de argumentos. Como se tivéssemos regressado definitivamente à lógica da garagem, Gisela pedia-me – «Pensa nele, Solange, pensa que esta é uma oportunidade única, e ele vai perdê-la para sempre. Confesso que a minha pena é por ele, por ele ter uma última oportunidade ao alcance da sua mão e deixá-la fugir deste modo tão estúpido. Quando ele souber, tarde demais, não nos vai perdoar, nem a mim nem a ti. E isso vai ser horrível. Oh! Pobre João de Lucena, a pouca sorte bateu-te à porta e não há quem te queira valer. Meu Deus...»

Ao longo de dois meses, Gisela tentou todos os expedientes, lembrou-se de todos os lugares prováveis por onde pudesse ter passado João de Lucena, dirigiu-se à polícia, aos serviços de emigração, às agências de viagens, ao aeroporto, e nunca, mas nunca se lembrou de passar pelo rés-do-chão desta casa, ainda que tantas vezes tivesse desconfiado da minha sinceridade. De facto, a antiga aluna letrista esmerou-se na dissimulação. Sim, estávamos finalmente a disputar a mesma pessoa, o mesmo pedaço de carne, conforme ela mesma havia dito vinte e um anos atrás. E eu disputava-o agora, seriamente. Gisela Batista iria enganar-se comigo. Se queria mostrar em directo a decadência de João de Lucena, tê-lo-ia de fazer contra a barreira de desinformação que eu iria levantar de todas as formas possíveis. Com cuidado, sem fazer muito para não fazer demais. Deixar andar, deixar correr sem agitação nem alarde. A antiga aluna verzejadora viveu durante mais de dois meses sob o impacte dessa surda ameaça. Setembro e Outubro. Até que na quinta-feira passada, finalmente, Gisela desistiu. Oito e dez da manhã. O visor, a voz – «Acordei-te? Mas

estás bem? Podemos falar? Ouve...» Com um certo orgulho, Gisela anunciou que lhe tinham apresentado uma lista de oito bons candidatos para substituírem João de Lucena. Fora só estalar os dedos e ali estavam caídos aos cachos. Mas infelizmente nenhum deles tinha biografia. Ora, em seu entender, havia uma grande diferença entre presenciar em directo o definhamento de uma pessoa comum, e assistir à decadência de uma personalidade biográfica. Lucena encontrava-se em condições únicas, e ela tinha-o perdido – «Então, adeus, Solange, fica bem.»

Despedimo-nos *sine die*, sabendo que continuaríamos por perto. Mesmo que mais nada em comum nos viesse a juntar no futuro, bastaria o facto de sabermos que estávamos vivas, e de sermos em parte muito diferentes, e em parte muito parecidas, para não podermos dizer adeus. Mas senti um certo prazer em imaginar que o último contacto directo com Gisela poderia ter sido aquela noite passada a seu lado no Cine-Teatro da Avenida da Liberdade. A Noite Perfeita, a noite em que a minutagem acentuara a minha ideia de que tudo era cada vez mais para esquecer, esquecer cada vez com mais velocidade, até a vida de cada um se transformar numa história para contar num segundo. E a seguir, numa história para não se contar.

Era amargo e doce imaginar que tínhamos ficado sem data marcada para nos encontrarmos. Ao mesmo tempo, um alívio, pensar que finalmente ela tinha desistido. A pressão passara, agora podia-se respirar diante das árvores. Durante todo o dia de sábado, dei pelas saídas de João de Lucena, dei pelos seus regressos, pelos seus descansos, pela música cada vez mais dirigida pelo cirurgião inglês, meticuloso e solene. Às vezes eu pensava nos antigos diletantes, e perguntava-me se ainda seria capaz de reconhecer as suas vozes se acaso o viessem visitar. Talvez toda aquela animação

que ia pelo piso térreo, resultasse de algum balanço entre o que haviam sonhado à mesa da Ideal das Avenidas e a realidade circundante. Só a questão das fronteiras, que eles haviam imaginado para sempre apagadas do mapa, daria para rirem uma noite inteira. Até a própria Ideal das Avenidas, abatida, e transformada numa cratera no meio da Avenida, ia para duas décadas, daria para um riso que se ouvisse longe. Já para não falar da História, a tal seta disparada na direcção da fartura sem limites. Mas não, as vozes misturavam-se, e era raro uma delas isolar-se, uma gargalhada desprender-se das outras, e oferecer-se por um instante a uma identificação segura. Ainda que no fundo as minhas perguntas fossem de outra natureza.

Como estaria João de Lucena, naquele instante?

Estaria sentado à mesa, como os seus convidados? Estaria sentado na otomana? Teriam colocado o aquecimento no máximo da potência e ele encontrar-se-ia apenas coberto pelo pano de seda púrpura forrado de *drakalon* pelo qual se tinha encantado, no primeiro momento, quando o apartamento ainda se destinava ao diplomata belga? Ou teria vestido o casaco de astracã? A mim me parecia, pela luz que incidia nas trepadeiras, que a janela estaria aberta, e então ele teria vestido o casaco. A certa altura, tinham colocado música, e eu ouvia nitidamente as nossas vozes de raparigas berrarem para cima das pistas de gravação, aquele

«*Existe, existe / Levaste para lá a casa portuguesa / E colocaste-a a meio da Avenida / Onde tu vives, dormes / fazes arte, ressuscitas, morres / Todos os dias*». Ouvia, mas não era uma chamada por mim. Se fosse, o inglês teria insistido uma, duas, três vezes, e a casa estaria silenciosa. Mesmo que eles me chamassem expressamente, colocando uma, duas, três vezes as mesmas faixas, no meio daquele banzé que se fazia ouvir, eu não iria descer. O que

eu pensava, na noite de sábado, é que ele teria alguma coisa de urgente para me dizer e que iria chamar-me durante a tarde de domingo, quando a roupa, o pó e a loiça partida já estivessem acamados nos seus lugares. Da última vez, ele tinha-me dito – «Olha bem para mim. Achas que a minha vida faz sentido? Diz-me que não faz sentido. Se me disseres que não faz sentido, então esse será o sentido. E és tu quem mo vai dizer. Aí um dia, ainda tu vens aqui abaixo e dizes – Hoje, não tenho nada para fazer, posso ficar. Mas tu nunca tens tempo. És uma esquiva. Porque não tens tempo? Afinal, o que fazes, onde trabalhas tu?» Tinha perguntado João de Lucena, e esse encontro havia ficado adiado para um dia silencioso. Logo, aquele não seria o momento, e eu não iria descer, mesmo que o inglês viesse a colocar em andamento *Uma casinha portuguesa em Nova Iorque*, uma, duas, três vezes.

Naquela noite de sábado, não iria.

Pois eu ouvia os amigos de Lucena lá em baixo e pensava no que iria dizer sobre as circunstâncias da vida, circunstâncias tão importantes que se tinham transformado em verbos, pensava, pensava e não conseguia formular uma síntese para João de Lucena. Eu pensava que não conseguiria engatar o sentido de um episódio no sentido do episódio seguinte, não conseguia descortinar uma ligação entre os factos que me dissesse, afinal vocês percorreram este caminho nesta direcção. Não, cada coisa brilhava por si, mas elas não rodopiavam em conjunto segundo uma qualquer ordem legível. Nem o espelho da garagem, nem o amor de Murilo, nem o desaparecimento de Madalena Micaia, nem o meu saco *La Buena Fama, Dormiendo*, virado sobre a cama depois da visita à casa da piscina, nem o meu relacionamento prolongado, ao longo de anos e anos com o tio Alexandre, até que o homem das camisas indianas teve um acidente grave na estrada, levava ao lado uma rapariga que

faleceu, toda a gente soube, mas ela não era eu. Nem mesmo nesse facto eu descortinei um sentido. Porquê ela, e não eu? Não eu, que tinha abandonado os meus pais, os tinha enganado, tinha-me afastado das suas vidas para não lhes contar da minha. Então o que poderia eu dizer sobre tudo isso? Sobre os meus pais desgostosos, sobre tanta gente dispersa? Tanta gente escondida debaixo de pedras? Quando ele me chamasse, uma, duas, três vezes, eu iria limitar-me a dizer que duvidava que o meu percurso ou o dele pudessem ser amostras do que quer que fosse mais alto ou mais grave do que nós mesmos. E iria pedir desculpa a João de Lucena. Mas agora, não, eu não iria descer. Agora, eu ouvia os sons de festa no rés-do-chão, Duke Ellington a soprar no trompete, e pensava no pó de que falava Murilo.

Murilo Cardoso.

Porque às vezes eu sentia vontade de procurar o Murilo, achava que só ele teria escapado à febre de viver, e escutando as notícias sobre o desconcerto do mundo que nos coubera em sorte, ouvia-o rir, pois esse desconcerto dava-me notícias da sua pessoa concreta, como se ele tivesse tomado um avião e me fizesse uma visita, para me perdoar, e para me punir – Vês? Eu não te disse o que aí vinha? Eis-me aqui, nem triste nem alegre, nem optimista nem pessimista, apenas furioso. Furioso. Furioso de perfeição, ontem, hoje, amanhã. Quando ouvires as notícias da noite saberás por que motivo estarei furioso daqui a vinte anos. Dia a dia, os estados e seus negócios vis dar-te-ão sempre notícias de mim. Porque eu, ao contrário de vocês, pequenos lorpas, não vivo para mim. E pensar que o teu filho poderia ter sido meu, e parecer-se comigo, e tu não quiseste. Isso eu imaginava ouvir, da parte de Murilo, durante o serão de sábado. Ainda que a única vez que o carteiro do mundo me tivesse chamado não tivesse sido para dizer nada de semelhante. Pelo contrário. Ele

telefonou-me no Verão de noventa e oito. Não me disse onde se encontrava, mas eu percebi que falava a partir de um país longínquo. Ele disse-me – «Solange, quero descrever-te uma paisagem. Estou diante de uma planície, o céu tem a cor do céu, e a terra tem a cor da terra. Os pássaros voam por cima, e agora vou descrever-te a vegetação que cobre a terra. Nada. Mas se alguém tentar atravessar para além do arame, o solo oferece-te uma batata. Tu pões o pé e ela deflagra. Aqui, a fisionomia do corpo humano está a mudar. Os homens são seres de uma perna só. Às vezes sem nenhuma. A batata é de aço. Dentro do barracão, os tipos da ONU estão bêbados que nem uns cachos. Venho desejar-te um bom Verão, nas praias de Portugal. Será que continuas a ser uma rapariga pálida? E tu, lembras-te de mim?» Depois, eu soube pelo número gravado que Murilo falava a partir do Zaire. Mas poderia ter falado de vastas extensões da Terra. Porque tenho saudades das certezas de Murilo? Não do mundo de Murilo, mas do triunfo da sua razão? Tão certa, tão segura? – Isso, eu pensava, enquanto ouvia pela segunda vez *Uma casinha portuguesa em Nova Iorque*, o disco remasterizado, passando na aparelhagem que estivera destinada a ler a música preferida de um diplomata belga.

Era de um grande ridículo, eu tinha a mão direita inchada e a resma baixa, e o mundo distante comovia-me, e o mundo próximo, cinco metros abaixo dos meus pés, comovia-me também. Quando é que tudo isto iria parar? Ao longo deste serão, cheguei a julgar que de novo havia palavras que rimavam onde eu menos queria, e que um pouco mais de tempo livre, e eu faria versos. João de Lucena costumava dizer-me, nos seus dias maus, que, afinal, as vacas em vez de me darem *lyrics* tinham acabado por só me dar casas. E incitava-me a criar rimas. Eu não fazia caso. Sabia que existia uma mudança na química do seu cérebro que fazia o humor oscilar conforme os ácidos e os amidos se guerreavam ou entendiam. Alguma coisa se passava ao longo daquele serão que eu só ouvia

risos. Alguns convidados saíram ainda antes da meia-noite, outros houve que, às três da madrugada ainda falavam diante da porta do 81. Depois abalaram. Era tarde quando o brasileiro saiu. Finalmente, o dia seguinte iria ser pacífico. Se no dia seguinte ele colocasse *A casinha*, uma, duas, três vezes, eu teria de descer. Aliás, eu iria descer e estava preparada para dizer a verdade, dizer que não conseguia encontrar um sentido, mas que estava disposta a fazer um esforço para lembrar episódio atrás de episódio procurando encontrar entre eles um laço forte como outrora houve entre a vontade de Zeus e a ira de Aquiles, e em troca da minha sinceridade João de Lucena iria então contar-me o que tinha para me dizer desde o princípio dos tempos. Iríamos falar quando houvesse, outra vez, uma boa noite de silêncio.

Não foi assim que aconteceu.

Pelas oito horas da manhã, o pequeno *écran* iluminou-se sobre a mesa-de-cabeceira e era ela, Gisela Batista. Atendo? Não atendo? A cobardia tem o braço curto, eu estico o meu braço e falo alto – «O que queres?» E ela, do lado de lá, inicia uma cantilena – «*Stabat Mater dolorosa...*» E começou a rir. A rir ao telefone. Ai, ai, ai. Ria e ria, Gisela Batista, e eu, prudente, calada. A prudência tem o pé pesado, a mão parada. Então? Então Gisela diz – «*Mater Dolorosa*, queridíssima *Pietà*, a única diferença entre vocês é que ela segura o filho nos braços, e tu, foste colocar o teu sob os teus pés... Com que então, não sabias de João de Lucena? Com que então, chocando João de Lucena debaixo da tua saia e não sabias dele? Guardaste-o durante três meses, no rés-do-chão da tua casa... Fizeste mal, Solange... Se me tivesses dado o teu endereço, há dois meses atrás, o assunto ter-se-ia resolvido de imediato, e a resposta era a que tu querias, era não. E era não, antes de mais, porque aquele inglês que corta carne em fatias tão fininhas, que parece que as quer suturar

em vez de comer, esse inglês não o teria deixado. Aquele pedante do inglês do Royal College of Surgeons, e outras vaidades mais, opor-se-ia terminantemente. Só isso, Solange. Perdeste o teu tempo... Durante dois meses, não é verdade? Não faz mal. Eu compreendo. Ontem, aí, no rés-do-chão da tua casa, compreendi tudo. Afinal, ele foi o teu único amante. O brasileiro estava a cortar-lhe a ponta das pestanas, quando ele deu por isso. Chamou-me, mandou fechar a porta. Perguntou-me – “Ela foi-te dizendo que não sabia de mim? Mas porquê, se eu estava aqui?” E depois, à medida que a revelação se dava, que todos trocávamos datas e fazíamos o balanço do que fora uma tentativa cheia de boa intenção da minha parte, infelizmente, gorada, todo o *petit comité* que vive aí à tua volta compreendeu que ele foi o teu amante. O teu amante ficou tão tocado que já não deixou que lhe aparassem as pestanas. Um olho de pestanas longas, um olho de pestanas curtas. Uma boa figura, devo dizer-te. Rimo-nos a bom rir. Não dele, nem de ti, mas rimo-nos apenas porque a vida é bela quando temos um nervo forte cá dentro para enfrentar a hiena da vida. Tu tens um nervo forte aí dentro. Cantámos por duas vezes, por cima do nosso tema, o *Não tem quem quer tem quem pode...* Querida Solange, anda, fala, não desligues, diz qualquer coisa. Haja o que houver, vamos ficar por perto... Tu e eu ainda havemos de fazer grandes coisas neste mundo... Eu não vou mais parar. Deste-me sorte, aliás, tu sempre me trouxeste fortuna. Tu és o meu amuleto. Acredita, olho para ti e vejo o teu futuro – Letras, letras, letras. *Lyrics*, minha querida. Eu compreendo que hoje queiras desligar. Podes fazê-lo, eu compreendo. Da próxima vez, já será para combinarmos um encontro face a face. Nós duas estamos rodeadas de projectos por todos os lados...»

Coloquei o telefone sobre a mesa-de-cabeceira sem desligar. Ouvia a voz de Gisela ainda perceptível, depois afastei o aparelho e ouvia-a ainda mais longe, até que o objecto ficou fora do meu alcance, mas

ela lá estava. A sua voz a falar para o espaço, esse local para onde ela, afinal, pretende partir. Talvez a falar para as estrelas. Essa é a nossa grande diferença, afinal. Agora estou ciente que Gisela não pretendeu dominar ninguém, nem as irmãs Alcides, nem Madalena Micaia, nem o Senhor Simon, nem ele, nem eu, como durante muito tempo julguei. Gisela pretende atingir o próprio domínio, conhecer o poder, o caminho para o poder, pretende fazer parte dessa força obscura que vai à frente, sozinha, como a ponta de um diamante cego, rasgando o mundo na mira de um triunfo, seja lá isso o que for. Só por essa razão é tão perigosa. Parece desconhecer que tudo, mesmo que sejam as armas e os feitos do poder pelo poder, tudo um dia será esquecido. Ela desconhece que entrou na engrenagem que mais rapidamente faz esquecer. Deitada, imobilizada, oito e meia da manhã, deixei-a a falar para as estrelas, a sua voz a vibrar na mesa-de-cabeceira. Mas a partir de agora, não me escapa. Podemos conviver. Aprendi a combatê-la.

E depois? Depois, foi este dia longo.

Pois é domingo, e agora já anoiteceu de todo. Ouço os copos a serem pousados sobre o tabuleiro, os pratos a serem desempilhados. Alguém partiu um objecto de vidro. Alguém varre os pedaços. Ouço uns passos, uma tampa a abrir, uma tampa a fechar. Esta Praça é silenciosa. E agora espreito lá para fora e confirmo que as luzes da sala e do jardim já estão acesas, o seu reflexo cria uma penugem loira na trepadeira do quintal. Terá ele o pano púrpura pelos ombros? Arrastá-lo-á pela casa, fazendo-se de rei? Depois desse encontro com Gisela na noite passada, é possível que João de Lucena não peça mais ao cirurgião que coloque no ar a sua chamada favorita. Uma, duas, três vezes. Se era apenas sobre o meu sentimento que ele queria saber, já o soube por interposta pessoa. Mas se acaso me chamar, até que poderei descer, não

ficando por lá muito tempo. Está visto que o importante se encontra dito. A menos que se acrescente que passámos pela Terra, e vivemos mergulhados no fluxo do mesmo tempo. Talvez essa coincidência seja a maior intimidade que se possa ter neste mundo. E essa tivemo-la nós. Acabarei por lhe dizer, se me chamarem uma, duas, três vezes.

Lisboa, 23 de Novembro de 2009

# Índice

[Ficha Técnica](#)

[SOBRE ESTE LIVRO](#)

[NOITE PERFEITA](#)

[UM](#)

[DOIS](#)

[TRÊS](#)

[QUATRO](#)

[CINCO](#)

[SEIS](#)

[SETE](#)

[OITO](#)

[NOVE](#)

[DEZ](#)

[ONZE](#)

[DOZE](#)

[TREZE](#)

[CATORZE](#)

[QUINZE](#)

[DEZASSEIS](#)

[DEZASSETE](#)

[DEZOITO](#)

[DEZANOVE](#)

[VINTE](#)

[EPÍLOGO PARA MAIS TARDE](#)